

EDICC **12**

CADERNO DE RESUMOS
AUSÊNCIAS E
HORIZONTES DA
DIVULGAÇÃO





ÍNDICE

Sessões de Comunicação Oral

1 Divulgação Científica, Jornalismo e Redes Sociais.....	3
2 Tecnologias, Informação e Sociedade.....	23
3 Corpos, epistemologias e comunicação.....	41
4 Instituições, Memórias e Difusão Científica.....	56
5 Representações, Memórias e Política.....	75
6 Invisibilidades, Distâncias e Mudanças.....	90
7 Jornalismo e Divulgação Científica.....	104
8 Jornalismo, Comunicação Científica e Acessibilidade.....	117
9 Política, Redes Sociais e Representações.....	135
10 Ciências, Artes e Práticas Institucionais.....	152
11 Meio Ambiente e Sociedade.....	165
12 Cultura, Representações e Narrativas.....	182
13 Saúde, Meio Ambiente e Comunicação Pública.....	207



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 1

Divulgação Científica, Jornalismo e Redes Sociais

Debatedora:

Germana Barata

Autores:

João Vitor Venceslau de Almeida

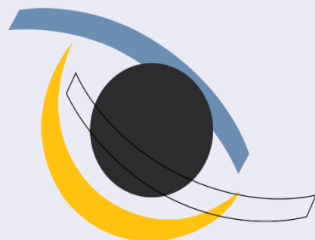
Eduardo Akio Sato

Mayara Luna Wancok da Cruz

Maria Vitória de Souza Fernandes

Eduarda Veiga Carvalho

Rodrigo Bastos Cunha

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS REDES SOCIAIS: uma
experiência na formação inicial de professores**

João Vitor Venceslau de Almeida¹
Rodrigo Bastos Cunha²

Produções de divulgação científicas podem promover diversas contribuições para o ensino, como a apropriação de conceitos, desenvolvimento de habilidade de leitura, escrita e argumentação, construção de conhecimentos sobre a Natureza das Ciências e desenvolvimento de um ensino contextualizado (ROCHA, 2012; BATISTELE; DINIZ; OLIVEIRA, 2018). Cabe destacar a importância de uma maior familiaridade com a divulgação científica na formação de professores, para que eles possam se apropriar de seu uso e desenvolver suas estratégias (DINIZ; ASSIS, 2021).

Nesse contexto, apresentamos uma experiência vivenciada em uma turma na disciplina de Estágio Supervisionado I, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), voltada às discussões sobre o pensamento crítico e a criatividade no ensino. A disciplina é ofertada para os cursos de licenciaturas da Unicamp em diversas áreas, promovendo o contato dos discentes com seus campos de atuação em contextos educacionais diversos. Ao longo do semestre, participaram da turma estudantes dos cursos de licenciatura em Física, Ciências Biológicas, Artes, Letras, Música e Educação Física.

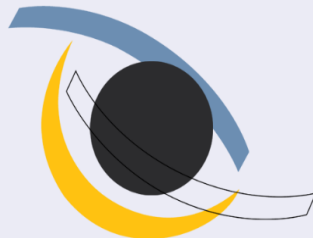
Além de compor o cronograma previsto para a disciplina, a aula também faz parte de uma pesquisa³ em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática – PECIM da Unicamp. A aula, com quatro horas previstas para sua duração e ministrada para 15 discentes, teve como tema o uso de publicações de divulgação científica em redes sociais como um recurso didático, a partir de uma perspectiva crítica e criativa. Essa atividade foi organizada em quatro momentos.

No momento I, os estudantes iniciaram sua participação compartilhando suas concepções prévias sobre divulgação científica. A partir das discussões, os discentes indicaram as problemáticas caso essa atividade ocorra de modo restrito e sem o estabelecimento de um diálogo com o público. Após isso, alguns aspectos relacionados

¹ Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: almeidajvv.bio@gmail.com.

² Docente do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rbcunha@unicamp.br.

³ Pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Unicamp (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE: 86795425.1.0000.8142).



ao meio de veiculação, ao público para qual se direciona e a linguagem empregada na divulgação científica foram apresentados.

No momento II, houve uma contextualização da divulgação científica no Brasil, apresentando a primeira edição da revista *Ciência Hoje*, publicada em 1982, e exemplos atuais de divulgação científica em redes sociais, com os perfis @nuncavilcientista, @raquel_bressanini e @opbarbarussa, no TikTok e no Instagram. Em seguida, os estudantes discutiram sobre problemáticas relacionadas às redes sociais, à veiculação de desinformação e ao papel dos algoritmos no lucro das plataformas.

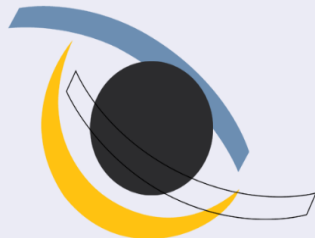
No momento III, os estudantes desenvolveram uma atividade, organizados em dois grupos, analisando a confiabilidade de exemplos de publicações que apresentavam informações seguras ou desinformação sobre ciências. O desafio dos grupos foi realizar sua análise observando aspectos como a presença ou ausência de conflitos de interesse, da expertise de quem realizou a publicação e de consenso científico. Em seguida, os estudantes também refletiram sobre a visão salvacionista, neutra e acrítica de ciências que muitas vezes é propagada em diferentes mídias.

Por fim, no momento IV, os estudantes concluíram a aula desenvolvendo uma estratégia didática, organizados em quatro grupos. Nas estratégias, os grupos deveriam indicar o tema central, o público alvo, os conteúdos previstos, os objetivos educacionais, a publicação escolhida, o motivo de escolha da publicação e as etapas previstas para o seu desenvolvimento. Após discutirem internamente e elaborarem um rascunho inicial, os grupos descreveram as estratégias idealizadas em um formulário online.

A mediação e articulação com o referencial teórico da aula conduziu os discentes para reflexões sobre a necessidade de se pautar uma divulgação científica crítica e contextualizada, considerando uma perspectiva dialógica com o público, conforme discutido por Caldas (2010; 2011). As discussões também se voltaram para um modelo de divulgação científica que considere e defenda a diversidade presente na comunidade científica e entre divulgadores, aspectos pautados por Reznik e Massarani (2023). Também houveram reflexões relacionadas a uma visão de ciências como atividade realizada de forma colaborativa, não neutra, processual e com características específicas baseadas na atuação da comunidade científica (OSBORN *et al.*, 2022).

É válido destacar que a limitação de horário e a quantidade de conteúdos previstos limitou o aprofundamento de algumas das discussões pautadas pelos estudantes, assim como a socialização final e discussão sobre as estratégias elaboradas no momento IV. Desse modo, compreendemos que a experiência apresentada seria mais exitosa caso fosse organizada em mais de um dia de aula.

À guisa de conclusão, mesmo com as limitações enfrentadas, destacamos que a perspectiva dialógica e contextualizada assumida na aula, a partir da valorização dos momentos de discussão, possibilitou reflexões a respeito da importância de uma divulgação científica pautada em aspectos históricos, sociais e culturais inerentes à construção dos conhecimentos, assim como considerações sobre os desafios relacionados à veiculação de informação nas redes sociais, culminando em ideias para o uso de publicações de divulgação científica como um recurso didático para o desenvolvimento de estratégias voltadas a um ensino crítico e criativo.



Palavras-chave: divulgação científica; redes sociais; formação de professores.

REFERÊNCIAS

BATISTELE, M. C. B.; DINIZ, N. P.; OLIVEIRA, J. R. S. O uso de textos de divulgação científica em atividades didáticas: uma revisão. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 11, n. 3, 2018.

CALDAS, G. Divulgação científica e relações de poder. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1esp, p. 31–42, 2010.

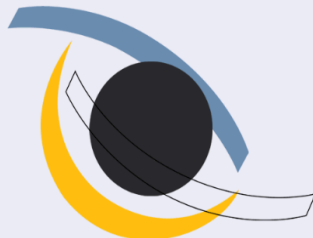
CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In: PORTO, CM., BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S.T., orgs. **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 19-36.

DINIZ, N. de P.; ASSIS, A. Uso de textos de divulgação científica na formação de professores: uma revisão (1997-2019). **EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR**, v. 21, n. 2, 2021.

OSBORNE, J.; PIMENTEL, D.; ALBERTS, B.; ALLCHIN, D.; BARZILAI, S.; BERGSTROM, C.; COFFEY, J.; DONOVAN, B.; KIVINEN, K.; KOZYREVA, A.; WINEBURG, S. **Science Education in an Age of Misinformation**. Stanford University, Stanford, CA. 2022.

ROCHA, M. B. Contribuições dos textos de divulgação científica para o ensino de Ciências na perspectiva dos professores. **Acta Scientiae**, v. 14, n. 1, p. 132-150, 2012.

REZNIK, G.; MASSARANI, L. Posicionar a divulgação científica em prol da equidade de gênero. **CTS: Revista iberoamericana de ciencia, tecnología y sociedad**, v. 17, n. 50, p. 181-185, 2022.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Criação e desenvolvimento do setor de Divulgação Científica
do Instituto Principia**Eduardo Akio Sato¹Erica Mariosa Moreira Carneiro²Wellington Barbosa de Souza³

O Instituto Principia (IP) representa, desde 2017, a nova identidade da Fundação Instituto de Física Teórica (FIFT), instituição pioneira na pesquisa em física no Brasil, estabelecida em 1951.

O presente relato de experiência busca descrever esse percurso histórico e o desenvolvimento das iniciativas de DC no âmbito do IP e seus resultados.

Nossa primeira iniciativa de DC foi o evento 'YouScience', realizado pela primeira vez em 2019. Concebido como uma série de palestras, o projeto tinha como público-alvo jovens com interesse em ciências e possuía um objetivo duplo: funcionar como um evento de orientação vocacional para carreiras acadêmicas e simultaneamente promover a ciência brasileira.

Em atendimento ao período de isolamento social instaurado em março de 2020 pela pandemia de COVID-19, o IP redirecionou suas atividades de DC para plataformas digitais, buscando também diversificar suas frentes de atuação.

Adicionalmente ao YouScience, foram implementadas novas iniciativas: a criação de um blog institucional, a produção de conteúdo audiovisual para redes sociais e a criação do evento 'Cinema Científico'. Este último consiste em um formato no qual um pesquisador é convidado a analisar os fundamentos científicos de um filme de grande alcance.

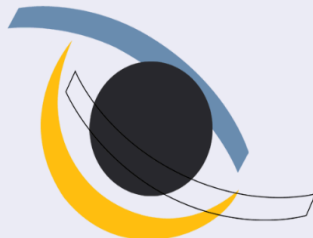
A retomada das atividades presenciais no instituto ocorreu no final de 2022. Nesse período, a organização de eventos, tanto acadêmicos quanto de DC, era de responsabilidade de uma equipe central, constituída por quatro profissionais da área científica e suporte audiovisual de uma empresa terceirizada.

As alterações realizadas pelo o Instituto entre o período pandêmico e seu retorno às atividades presenciais, evidenciou uma crescente escala das iniciativas de DC, mostrando suas necessidades operacionais específicas. Diante dessa constatação,

¹ Coordenador de Divulgação Científica e Comunicação do Instituto Principia, Doutorando do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas. sato@institutoprincipia.org.

² Assessoria de Imprensa do Instituto Principia, Doutorando do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas. imprensa@institutoprincipia.org.

³ Coordenador de Eventos Científicos do Instituto Principia, Mestrando do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de Física da Universidade Federal do ABC. welington@institutoprincipia.org.



em 2024, foi implementada uma reestruturação organizacional, segmentando a equipe de eventos em dois novos setores: “Eventos Acadêmicos” e “Divulgação Científica e Comunicação”.

A atual configuração do setor de DC e Comunicação conta com uma equipe plural, composta por um coordenador, uma designer gráfica, uma assessora de comunicação, dois analistas de mídias sociais e uma produtora de podcast.

Diante dos desafios enfrentados, tornou-se fundamental que a equipe refletisse sobre as diferentes formas de comunicação adotadas pelo Instituto: acadêmica, institucional e de divulgação científica.

A comunicação institucional, segundo Fonseca (1999, apud Kunsch, 2003), é composta por procedimentos voltados à divulgação das filosofias, políticas e práticas de uma organização, tornando-as compreensíveis ao público. Seu foco é informar sobre a instituição, suas atividades, eventos e diretrizes, sem necessariamente tornar os conteúdos científicos acessíveis ou debatê-los. Mesmo quando aborda pesquisas, não visa a discussão científica, tampouco tem a sociedade como público prioritário.

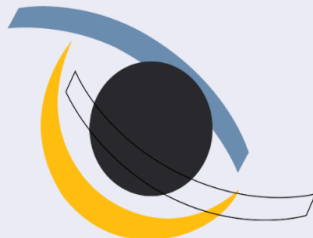
A comunicação científica, por sua vez, é voltada ao diálogo entre pesquisadores da mesma área, promovendo a troca de saberes técnicos e especializados. É fundamental para o avanço do conhecimento, como demonstrado durante a pandemia de Covid-19, quando a circulação ágil de informações científicas foi decisiva (CARNEIRO, 2023).

Já a DC, conforme Carneiro, Sosa e Arnt (2023), busca inserir a ciência no domínio público por meio de uma nova produção de sentido, que desperte interesse, compreensão e diálogo com a sociedade. Para isso, o divulgador deve ir além dos resultados, abordando conceitos, etapas e dilemas da ciência, tornando o conhecimento acessível e relevante para a tomada de decisões informadas.

Torna-se relevante a discussão sobre qual comunicação o IP realiza, uma vez que esta define diretrizes e práticas que orientam todo o processo de transmissão de informações. Isso envolve a identificação do público, a escolha de canais, linguagem e estratégias de engajamento.

Para fins de comparação, em 2019 realizamos 4 eventos de DC, já em 2024, primeiro ano de atuação do setor, foram 36 eventos DC realizados, 20 episódios de podcasts publicados e 266 postagens publicadas no Instagram. Entre as atividades realizadas, destacamos as realizadas em parceria com grupos de pesquisas de universidades como o “Concerto Sináptico” que foi um concerto para dois pianos onde um dos músicos teve a atividade cerebral monitorada e projetada em um telão durante a apresentação, o ciclo de palestras “Física para Todos” que comemorou os 70 anos do CERN com apresentações sobre os quatro experimentos do grande colisor de hádrons, o curso “As fronteiras da Terra e do Universo” que foi um conjunto de apresentações sobre geociências voltados ao público da terceira idade e a “2ª Mostra Brasileira de Filmes Polares” que contou com a projeção de diversos documentários e fotografias relacionadas às ciências feitas no Ártico e na Antártica.

Outro grande destaque foi o III Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciências que vem se consolidando como um dos principais congressos da área de DC reunindo diversos profissionais deste campo.

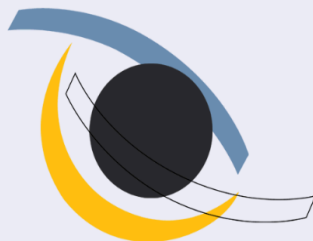


Essas iniciativas e parcerias em DC, recebidas e produzidas pelo IP, possibilitaram à equipe discutir e desenvolver com mais profundidade suas práticas e estratégias.

Palavras-chave: Divulgação Científica, Comunicação Institucional, Espaços Não-Formais

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Erica Mariosa Moreira. O que não é divulgação científica. Blogs de Ciência da Unicamp – Mindflow, [s.d.]. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/o-que-nao-e-divulgacao-cientifica/>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- CARNEIRO, Erica Mariosa Moreira; SOSA, Maria Clara Rodriguez; ARNT, Ana de Medeiros. A Ciência e os Conhecimentos da 'Cidade Invisível'. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 48, e124635, 2023.
- FONSECA, Abílio da Comunicação Institucional: contributo das relações-públicas. Maia/Portugal: Instituto Superior de Maia, 1999. p.140. apud Kunsch, 2003, p.163



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Informar para mobilizar: a saúde mental no jornal Maré de Notícias nos períodos pré, durante e pós-pandemia de COVID-19

Mayara Luna Wancok da Cruz¹

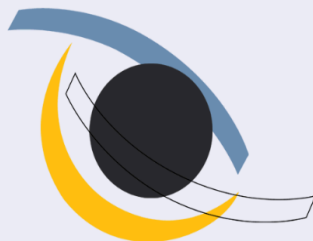
Rosicler da Silva Neves²

A saúde mental é um componente essencial do bem-estar humano, influenciado por uma interação complexa de fatores sociais, econômicos e culturais. No contexto brasileiro, essa complexidade se manifesta de forma ainda mais pronunciada nas favelas, onde uma série de desafios socioeconômicos e de segurança pública contribuem para o sofrimento psíquico da população. A escassez de recursos, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e a exposição constante à violência armada são apenas alguns dos desafios enfrentados pelos moradores das favelas em sua busca por bem-estar psicológico (Lemgruber et al, 2023; Silva et al, 2024). Há cinco anos, a pandemia de COVID-19 trouxe consigo uma série de desafios adicionais para a saúde mental dos moradores das favelas brasileiras. Algumas pesquisas destacaram o impacto significativo da crise sanitária global, do isolamento social e da COVID-19 na saúde mental, incluindo aumento dos níveis de estresse, memória prejudicada, sintomas de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), psicoses, comportamento suicida e outros transtornos mentais (WHO, 2022). Apesar de a crise da saúde mental ser preexistente à pandemia, é essencial reconhecer tanto seus impactos imediatos quanto os problemas estruturais subjacentes.

À vista disso, este trabalho investigou como a saúde mental foi abordada, antes, durante e após a pandemia de COVID-19, pelo *Maré de Notícias*, jornal comunitário de tiragem mensal que circula no Complexo da Maré, conjunto de 16 favelas localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Ao contrário das mídias hegemônicas, a comunicação comunitária é direcionada para públicos específicos, levando em consideração seus contextos sociais, experiências pessoais e características psicológicas, o que a torna mais inclusiva e pertinente. Sendo assim, a divulgação científica de questões ligadas à saúde mental em âmbito local, mediada por jornais comunitários, pode aumentar a conscientização sobre essa temática, desmistificar conceitos errôneos e promover práticas saudáveis de autocuidado. Dessa forma, este estudo pretende contribuir para o campo da divulgação científica ao explorar como a mídia comunitária pode ser utilizada para a comunicação de temas de ciências e para a promoção da saúde em favelas e comunidades periféricas.

¹ Mestranda em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (COC/ Fiocruz). E-mail: wancokmayara@gmail.com.

² Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz (NEDC/COC/Fiocruz). E-mail: rosicler.neves@fiocruz.br.

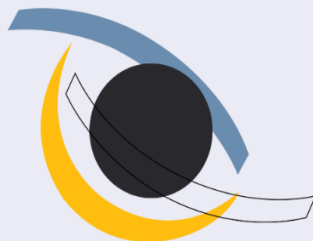


Os objetivos da pesquisa incluem identificar características da cobertura da saúde mental no periódico; analisar como as notícias que abordam o tema estruturam seus conteúdos em relação à relevância, enfoque, narrativa, tratamento, fontes consultadas e localização dos fatos; e investigar se a pandemia influenciou mudanças na abordagem da saúde mental no jornal e se essas mudanças permaneceram após o anúncio oficial da OMS do fim da pandemia. Para alcançar tais objetivos, foram selecionadas notícias publicadas pelo jornal nos meses de maio a outubro dos anos 2019, 2021 e 2023, abrangendo 18 edições. Após a leitura dessas edições, foram encontrados e selecionados 15 matérias que abordavam a temática. Para identificar as características explícitas desse material, como relevância dada à matéria, tratamento, narrativas e enfoque, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo (AC), seguindo uma abordagem metodológica qualiquantitativa e utilizando as categorias de análise desenvolvidas pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico (Ramalho et al., 2012).

Dentre os principais achados desta pesquisa, destacamos que, apesar da diminuição geral de matérias que abordavam a saúde mental no período pós-pandemia, houve uma estabilidade geral no número de matérias que a tinham como tema principal. A distribuição das matérias por diferentes editoriais demonstrou a multidisciplinaridade da cobertura da saúde mental pelo jornal, indo além do âmbito da saúde e alcançando áreas como arte, cultura, educação, cidadania e tecnologia. Os resultados também revelaram um aumento progressivo na profundidade e relevância da cobertura durante o Setembro Amarelo, campanha de prevenção ao suicídio. Embora a quantidade de matérias que versam sobre a temática tenha diminuído no período pós-pandemia, a análise revela uma intensificação progressiva na profundidade e na relevância dada à cobertura durante o mês de setembro. Além disso, a análise destacou uma mudança na perspectiva das matérias ao longo do tempo, sugerindo uma adaptação das matérias às necessidades da audiência. No entanto, há oportunidades de melhoria, como a inclusão de mais perspectivas e experiências da comunidade, conexões com fontes científicas confiáveis e maior interação com o público. Finalmente, o estudo forneceu hipóteses iniciais de como a mídia comunitária pode abordar a saúde mental, destacando seu potencial de veicular conteúdos mais contextualizados e inclusivos.

É importante enfatizar que este foi um estudo exploratório e não buscou oferecer resultados extrapoláveis ou conclusões definitivas, mas sim sugestões iniciais para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Divulgação científica; Jornalismo; Comunicação comunitária; Saúde mental; Pandemia.



REFERÊNCIAS

ALVES, F. J. O. et al. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. **The Lancet Regional Health - Americas**, Vol. 31 (100691). p. 1-11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100691>

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013. 123 p. (Coleção Temas em saúde)

ARAUJO, I. S. de; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 152 p. (Coleção Temas em saúde)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de atenção básica**, nº 34: Saúde mental. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 176 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Série F. Comunicação e Educação em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 86 p. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

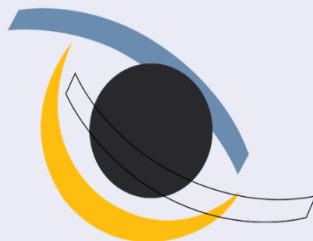
COMELLI, T. C. Lutando por novas narrativas em favelas e periferias: cidadanias complexas em meio a ativismos materiais e culturais. **Cadernos Metrópole**. São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 677-695, maio/ago 2021. DOI: 10.1590/2236-9996.2021-5110

GONDIM, G. M. M; MONKEN, M. Território e territorialização. In: GONDIM, G. M. M; CHRISTÓFARO, M. A. C; MIYASHIRO, G.M. (Org.). **Técnico de vigilância em saúde: contexto e identidade**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2017. p. 21-44. Disponível: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/39894>. Acesso em: 4 mar. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões**. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 113 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LEMGRUBER, J. et al. **Saúde na linha de tiro: impactos da guerra às drogas sobre a saúde no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CESeC, 2023. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/livro/saude-na-linha-de-tiro-impactos-da-guerra-asdrog-as-sobre-a-saude-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Projeto de plano de ação integral sobre saúde mental 2013-2020**. 66ª Assembleia Mundial da Saúde. A66/10 Rev.1. 70



Genebra: OMS, 2013. Disponível em: https://www.paho.org/sites/default/files/ce170-15-p-politica-saude-mental_0.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

PAIM, J. S. **O que é o SUS**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 148 p. (Coleção Temas em saúde)

PERUZZO, C. M. K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaboraões no setor. Palavra Clave [online]. 2008, vol.11, n.2, pp.367-379. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v11n2/v11n02a14.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2024.

RAMALHO, M. et al. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In: MASSARANI, Luisa (org.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ; Ciespal, 2012. 108p. ISBN 978-85-85239-81-7

SACRAMENTO, I; BORGES, W. C. **Representações midiáticas da saúde**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. 180 p. (Coleção Temas em saúde)

SILVA, C. R. R. da. Os tempos da Maré. In: OLIVEIRA, L.A. de. SILVA, C. R. R. da. VIEIRA, A. C. P. **A maré em 12 tempos**. Rio de Janeiro: 2020. 184 p.

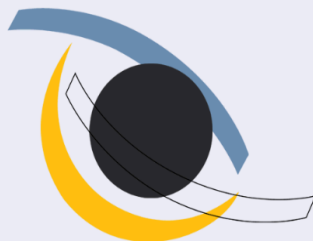
SILVA, E. S. et al. **Construindo pontes**: estudo com moradores das 16 favelas da Maré. Livro 1. Coleção Construindo Pontes. Rio de Janeiro: People's Palace Projects Brasil, 2021. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/LIVRO_01_CONST_PO NTES_ONLINE.pdf. Acesso em: 29 fev. 2024.

SOARES, I. DE A. **Comunicação e saúde mental**: a democratização dos meios comunicacionais como veículo de reconstrução identitária. Psicologia: Ciência e Profissão, 2004, v. 24, p. 12–21. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MxtJsdhvtHq3j754xbtBWLQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mar. 2024.

STEVANIM, L. F; MURTINHO, R. **Direito à Comunicação e Saúde**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2021. (Coleção Temas em saúde)

Thompson, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner Oliveira Brandão; revisão da tradução de Leonardo Avritzer. Petropolis: Vozes, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Mental Health and COVID-19**: Early evidence of the pandemic's impact. Scientific brief. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/352189/WHO-2019-nCoV-Sci-BriefMental-health-2022.1-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2023

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Desinformação sobre saúde: percepção dos profissionais da Atenção Primária de Campinas**

Maria Vitória de Souza Fernandes¹
Rodrigo Bastos Cunha²

A desinformação é um fenômeno que vem ganhando força nos últimos anos, tanto na política quanto na saúde. Durante a pandemia de covid-19, a circulação de informações falsas contribuiu para o aumento da hesitação vacinal. A desinformação também pode prejudicar a vacinação contra outras doenças, já que a indecisão de se vacinar ou não também pode gerar situações como atraso ou a recusa das vacinas recomendadas mediante o seu oferecimento nos serviços públicos de saúde, criando um desafio na hora de convencer a população indecisa em se vacinar (Sacramento; Paiva, 2020). Tanto a desinformação quanto as notícias “verdadeiras” veiculadas sobre a saúde da população são compartilhadas nas redes sociais e em aplicativos de mensagens como o WhatsApp (Cunha, 2020). As redes sociais facilitam o compartilhamento rápido de informações, o que contribui significativamente para que a desinformação tenha um alcance maior e, assim, se propague de forma mais ampla (Gamba; Righetti, 2024).

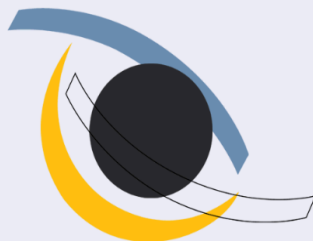
Justamente quando as pessoas passam a buscar informações, elas podem acabar acreditando em qualquer notícia encontrada em redes sociais sem ao menos checar se a informação é verdadeira ou não. Isso faz com que sejam disseminadas informações falsas e tratamentos milagrosos que não funcionam (Sousa Júnior *et al.*, 2020). “Esse tipo de conteúdo impressiona as pessoas que se encontram em um momento difícil, confuso e, por vezes, com um cenário de medo. Tais informações não verdadeiras acabam prejudicando ainda mais o cotidiano e a saúde das pessoas, além de provocar o caos e o desespero” (Sousa Júnior *et al.*, 2020, p. 342).

Assim, este projeto de pesquisa tem como os seus principais objetivos investigar a percepção de profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Campinas acerca da desinformação em saúde, buscando identificar os principais desafios vivenciados, compreender como a propagação de notícias falsas afeta a relação entre esses profissionais e os pacientes e propor mecanismos capazes de reduzir os impactos decorrentes da propagação desse tipo de conteúdo.

Trata-se de um estudo de caso descritivo-exploratório com abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE 85275624.0.0000.8142). A coleta de dados ocorreu entre março e maio de 2025, mediante o compartilhamento de formulário estruturado

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: mmavifernandes@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rbcunha@unicamp.br



no Google Forms contendo 18 perguntas com respostas fechadas e abertas. As perguntas com respostas abertas foram submetidas à análise de conteúdo temática com base na metodologia proposta por Bardin (2016). O formulário foi composto por um bloco de questões sociodemográficas com o objetivo de caracterizar a população estudada, e por um bloco de questões abordando a percepção dos participantes sobre desinformação em saúde no dia a dia da prática clínica, sobre o papel das instituições de saúde e dos próprios profissionais de saúde na mitigação dos impactos da desinformação na saúde pública.

Participaram do estudo 18 profissionais da saúde, sendo 5 médicos, 7 enfermeiros, 2 técnicas de enfermagem, 1 auxiliar de enfermagem, 1 dentista, 1 psicóloga e 1 farmacêutica.

A análise preliminar dos dados obtidos aponta que desinformações sobre vacinas e autocuidado são as mais frequentes, tendo em vista que a disseminação desses conteúdos tem comprometido a adesão dos pacientes aos tratamentos convencionais. Quando questionados sobre a frequência com que a desinformação prejudica a relação profissional-paciente, 22,2% responderam que prejudica com muita frequência; 33,3%, que prejudica frequentemente; e 44,4%, que prejudica eventualmente. Em relação às redes sociais, os participantes apontaram que o WhatsApp, o TikTok, o Instagram e o Facebook são as que mais contribuem para a disseminação de desinformação sobre saúde. Idosos, pessoas com baixa escolaridade e em situação de vulnerabilidade socioeconômica foram apontadas como as mais vulneráveis à desinformação sobre saúde, especialmente pela dificuldade e/ou falta de acesso à informação. Ao serem questionados sobre terem recebido algum tipo de treinamento sobre desinformação, 94,4% dos profissionais afirmaram não ter recebido qualquer tipo de formação específica sobre o tema, embora a maioria reconheça a importância dessa capacitação para a prática profissional e defenda que as instituições de saúde e os próprios profissionais adotem uma linguagem mais simples e promovam a divulgação científica de forma abrangente.

Tais resultados contribuem para evidenciar que a desinformação é um fenômeno que precisa ganhar mais atenção por parte das instituições de saúde, bem como pelo poder público. Sua ampla circulação nas redes sociais, bem como a ausência de treinamento adequado para os profissionais de saúde para lidar com a mesma na prática de trabalho trazem à tona o baixo investimento em ações de mitigação dos seus efeitos. Do mesmo modo, os grupos sociais que se encontram mais vulneráveis à desinformação, apontados pelos participantes da pesquisa, revelam quem mais precisa dessas ações de mitigação. Os resultados da pesquisa também reforçam a necessidade de o poder público investir na comunicação em saúde, na divulgação científica e na educação midiática.

Palavras-chave: Desinformação; Saúde Pública; Atenção Primária; Redes sociais; Informação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 225 p.

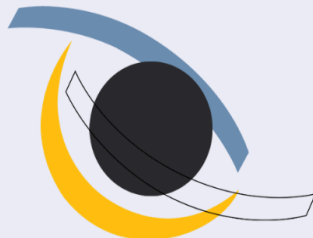


CUNHA, Wéltime Teixeira. Fake News: As consequências negativas para a saúde da população. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 81-102, 2020.

GAMBA, Estêvão; Righetti, Sabine. **MyNews Explica - Negacionismo científico e suas consequências**. [e-book Kindle]. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2024. 180 p.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020.

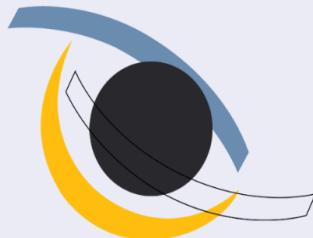
SOUSA JÚNIOR, João Henriques et al. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de prospecção**, v. 13, n. 2, p. 331-346, 2020.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Comunicar a ciência dos materiais nas redes sociais: experiência do projeto de Jornalismo Científico II no *Laboratório de Materiais Ambientalmente Amigáveis*.**Eduarda Veiga Carvalho ¹

Este relato apresenta a minha experiência como bolsista de Jornalismo Científico inserida no projeto temático *Materiais porosos e ecológicos para a recuperação e reavaliação de metais em água contaminada*, realizado no Laboratório de Materiais Ambientalmente Amigáveis (LMAA) na Universidade Federal do ABC (UFABC). O projeto se encontra em andamento e integra atividades de produção de conteúdo para as redes sociais, organização de canais de divulgação científica e elaboração de plano de comunicação, visando tornar acessíveis conhecimentos sobre contaminação da água, polímeros e métodos de remediação.

Nos últimos cinco meses atuei diretamente na continuidade e operacionalização do projeto de comunicação do “Professor Polímeros”, um personagem que se propõe a divulgar a ciência dos plásticos, inovação e soluções socioambientais conduzido pelo Professor Doutor Derval dos Santos Rosa, coordenador do Laboratório de Materiais Ambientalmente Amigáveis. Durante todo o período do projeto é de extrema importância a imersão na equipe e leitura técnica para traduzir conceitos científicos do dia a dia no laboratório. Para conduzir as redes sociais do “Professor Polímeros” foi preciso uma busca para entender como cada rede social reagia a um tipo de conteúdo, tanto no Instagram, quanto no Tiktok e Youtube. Atualmente estabeleço os conteúdos e calendários editoriais do Instagram e Tiktok, iniciando uma jornada recente no LinkedIn e no site do laboratório. Para além da produção de conteúdos é necessário monitorar as publicações no perfil, coletar feedbacks via comentários e directs, e documentar resultados em relatórios mensais; Também durante os meses iniciais fiz um portfólio para o Professor Polímeros e participei de palestras de divulgações científicas das quais o coordenador do laboratório foi convidado.

¹ Bolsista em Jornalismo Científico 2 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na Universidade Federal do ABC Paulista. Email: eduarda.carvalho@ufabc.edu.br



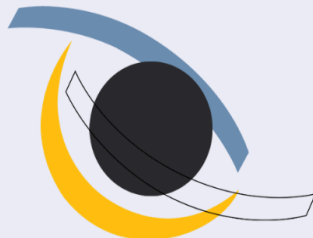
Também, por fim, conduzi, juntamente com o grupo de divulgação científica, uma rodada de avaliação e testes comparativos para definir padrões de postagens e engajamento no Instagram, a fim de identificar quais seriam as melhores maneiras de conduzir o conteúdo na principal rede social do projeto. Os conteúdos no Instagram foram organizados em blocos temáticos para orientar produção e análise: Reels Processo; Reels Processo Reciclagem; Reels falado; Reels mostrando inovação/evento; Estático; Reels Motivacional; Carrossel — Processo Academia; Divulga Vagas; Reels chamando para o YouTube/Podcast; e Reels narrado. Cada formato possui roteiros específicos. Tudo isso foi veiculado e consolidado no canal público do projeto - o perfil @professorpolimeros - que se mantém ativo e com grande alcance.

A experiência se insere num quadro amplo de transformação da produção e circulação do conhecimento científico, marcado pela emergência das mídias digitais como espaços centrais de mediação e aprendizagem: como já apontou José Carlos Vaz de Lima, “torna-se mister [...] uma maior divulgação das mais recentes conquistas do conhecimento científico, especialmente em sua modalidade informativa, voltada para o homem comum não-pesquisador” (LIMA, 1999), e essa abertura ao diálogo entre ciência e sociedade é hoje facilitada pela interação contínua entre público e redes digitais. Nesse sentido, evidências sobre tecnologias educacionais reforçam a capacidade das mídias digitais de promover acessibilidade, personalização e engajamento no ensino e na aprendizagem (TODINO, 2025), enquanto estudos sobre educação apoiada por tecnologia destaca seu potencial para ampliar equidade no acesso e envolver públicos diversos, embora ressaltem os desafios infraestruturais e de formação necessários (VENKATARAMAN; DHEIVAMANI, 2021). Dados recentes mostram que o Brasil já contava com 183 milhões de usuários de internet no início de 2025, com penetração de 86,2% da população, e figura entre os países com maiores índices de uso diário de redes sociais - contexto que torna estratégica a inserção da ciência nas plataformas digitais para a democratização do conhecimento (DATAREPORTAL, 2025). Assim, o trabalho desenvolvido no perfil @professorpolimeros conecta-se diretamente a essas demandas: busca traduzir avanços em materiais e remediação de água para o “homem comum”, aproveitar o potencial pedagógico das tecnologias digitais e contribuir para um diálogo público mais informado e na transformação que o conhecimento pode gerar na sociedade.

Palavras-chave: Ciência dos Materiais; Redes Sociais; Divulgação Científica; Educação; Ciência.

REFERÊNCIAS

ATAREPORTAL. *Digital 2025: Brazil*. DataReportal – Global Digital Insights, 2025.
Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil>. Acesso em: 28 jul. 2025.



LIMA, Jose Carlos Vaz de. *Divulgação científica e sociedade*. Revista Pesquisa FAPESP, ed. 45, ago. 1999. Disponível em:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/divulgacao-cientifica-e-sociedade/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PROFESSOR POLÍMEROS [perfil]. Instagram: @professorpolimeros. Disponível em:

<https://www.instagram.com/professorpolimeros/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

TODINO, Michele Domenico. *Educational Technologies*. Encyclopedia (MDPI), v. 5, n. 1, p. 23, 12 fev. 2025. DOI: 10.3390/encyclopedia5010023. Disponível em:

<https://www.mdpi.com/2673-8392/5/1/23>. Acesso em: 10 ago. 2025.

VENKATARAMAN, S.; DHEIVAMANI, A. *Potential of Technology-Supported Education for Promoting Equity*. International Journal of Advanced Multidisciplinary Research, v. 8, n. 12, p. 165–170, dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.22192/ijamr.2021.08.12.016>. Disponível em: <https://ijarm.com/pdfcopy/2021/dec2021/ijarm16.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Mulheres pesquisadoras são minoria entre entrevistados e articulistas da Folha de S. Paulo**Rodrigo Bastos Cunha¹

Desde o início das pesquisas sobre jornalismo científico no Brasil em cursos de pós-graduação, na década de 1980, vários estudos têm investigado a presença de pesquisadores e de suas instituições na mídia. A visibilidade dessa divulgação de pesquisas na imprensa tem impacto direto na percepção pública sobre a produção científica e tecnológica do país. De acordo com Andi e Fundep (2009), quatro veículos responderam por 25% das notícias sobre ciência, tecnologia e inovação em 2008: *Correio Braziliense*, *O Globo*, *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

Estudos recentes apontam o papel das estruturas de comunicação das instituições de pesquisa para divulgar sua produção e aumentar sua presença na mídia. Tôzo (2024) estudou a comunicação de 109 universidades públicas e sinaliza que quase metade das federais e 75% das estaduais investigadas não produzem jornalismo científico.

Os estudos sobre jornalismo científico também buscam mostrar as áreas do conhecimento que ganham mais visibilidade na cobertura jornalística e as diferenças que existem entre o número de pesquisadores homens e mulheres nas escolhas das fontes entrevistadas pela imprensa. Segundo Amorim e Massarani (2008), no *Jornal do Commercio*, predominam as Ciências Biológicas, em *O Globo*, se destaca a Medicina e na *Folha de S. Paulo*, a Física. Na investigação mais ampla feita por Andi e Fundep (2009), as áreas que mais aparecem na mídia são Ciências da Saúde, Ciências Biológicas e Ciências Exatas e da Terra.

Em relação à diferença entre homens e mulheres nas escolhas de pesquisadores entrevistados pela imprensa, Massarani, Castelfranchi e Pedreira (2019) mostram que apenas 25% das fontes de 188 reportagens sobre ciência do *Jornal Nacional* e do *Fantástico* veiculadas entre 2009 e 2010 eram mulheres. Damasceno *et al.* (2024) apontam que menos de um terço dos entrevistados em 48 reportagens sobre vacinas do *Fantástico* e do *Domingo Espetacular* veiculadas entre 2020 e 2021 eram mulheres.

Partindo desses estudos anteriores, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a presença de pesquisadores no jornal de maior circulação do país, a *Folha de S. Paulo*. O corpus investigado abrange não apenas as matérias da editoria de Ciência, mas as edições completas do jornal publicadas entre 1 de janeiro e 28 de fevereiro de 2025. A investigação é dividida em três partes: 1- pesquisadores entrevistados na editoria de Ciência; 2- pesquisadores entrevistados nas demais

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rbcunha@unicamp.br.



editorias; 3- pesquisadores que escrevem periodicamente ou esporadicamente como articulistas.

A metodologia utilizada é a Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003) e os pesquisadores entrevistados ou autores de artigos foram divididos em três categorias definidas a priori: a) sua instituição de pesquisa; b) sua área do conhecimento; c) seu sexo. Escolheu-se essa categoria porque os resultados são comparados com o Censo dos Grupos de Pesquisa do CNPq (CHIARINI; RAPINI; SANTOS, 2024), que divide os pesquisadores por sexo. A base utilizada para classificação dos pesquisadores na segunda categoria é a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq.

A análise das matérias publicadas somente na editoria de Ciência mostra que o jornal privilegia a cobertura de pesquisas feitas em outros países. Dos 70 pesquisadores entrevistados, 52,9% são de instituições estrangeiras, a maioria, dos Estados Unidos, com destaque para a Nasa. Entre as áreas dos entrevistados, 51,4% são das Ciências Exatas e da Terra, com 11 da Astronomia e 9 da Física. Apenas 27,1% dos entrevistados pela *Folha de S. Paulo* na editoria de Ciência no período analisado eram mulheres.

Nas outras editorias, 159 pessoas entrevistadas no período analisado tinham vínculo com instituições de pesquisa, das quais 36 são do exterior, 33 são de universidades federais, 27 são de universidades estaduais, 26 são de universidades privadas e as demais são de instituições de pesquisa não universitárias. A Universidade de São Paulo, destacada por Tôzo (2024) por sua estrutura de comunicação e por sua participação na produção científica, teve o maior número de entrevistados, 19. As grandes áreas com mais entrevistados são Ciências Sociais Aplicadas, com 31%, as Ciências da Saúde, com 25%, e as Ciências Humanas, com 21%. As áreas específicas com mais entrevistados são Medicina, com 28, Economia, com 20, e Ciência Política, com 17. Embora o Censo dos Grupos de Pesquisa do CNPq aponte que 52% do total de pesquisadores no Brasil em 2023 eram do sexo feminino, apenas 38% dos entrevistados pela *Folha* nas outras editorias são mulheres.

Entre os autores de artigos que têm vínculo com instituições de pesquisa, incluindo os colunistas fixos e os que publicaram artigos avulsos no período analisado, novamente se destaca a Universidade de São Paulo, com 20 articulistas, seguida pela Fundação Getúlio Vargas, com 18. As principais áreas dos articulistas são Economia e Direito, ambas com 16, Ciência Política, com 14, e Medicina, com 12. Apenas 37% dos articulistas que publicaram no período analisado são mulheres, percentual bem abaixo dos 48% de líderes de grupos de pesquisa do sexo feminino (CHIARINI; RAPINI; SANTOS, 2024).

Palavras-chave: Jornalismo científico; Áreas do Conhecimento; Mulheres pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

AMORIM, L. H.; MASSARANI, L. Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 1, n. 1, p. 73-84, 2008.



ANDI; FUNDEP. *Ciência, Tecnologia e Inovação na Mídia Brasileira*. Brasília, DF: Andi Comunicação e Direitos, 2009.

CHIARINI, T.; RAPINI, M. S.; SANTOS, E. M. *Revelando tendências: análise dos resultados do censo de grupos de pesquisa 2023*. Brasília, DF: Ipea, 2024.

DAMASCENO, D.; MEDEIROS, A.; CARNEIRO, M.; MASSARANI, L.; OLIVEIRA, T.; RAMALHO, M. Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia de Covid-19. *Contracampo*, v. 43, n. 1, p. 1-17, 2024.

MASSARANI, L.; CASTELFRANCHI, Y.; PEDREIRA, A. L. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. *Cadernos Pagu*, n. 56, p. 1-34, 2019.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

TÔZO, C. O. *A práxis do jornalismo científico: a experiência do Jornal da USP e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico*. 2024. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 2

Tecnologias, Informação e Sociedade

Debatedor:

Rafael Evangelista

Autores:

Irene do Planalto Chemin

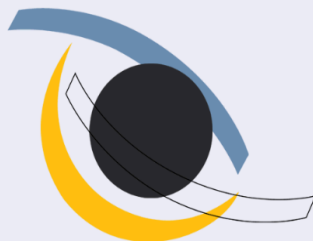
Mariana Vicente Zilli

Pedro Silva

Thais Farias Lassali

Letícia Rafaela Aristeu de Queiroz

Talita Bruno de Azevedo



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Conexão com adolescentes:

rastreando tecnologias e produzindo um podcast sobre educação digital

Irene do Planalto Chemin¹

Geovana Luna dos Santos²

Kauan Alves da Silveira Aristides³

Raylane Souza de Moura⁴

Samara Lopes de Oliveira⁵

Veronica Martins da Silva⁶

O intuito deste trabalho é apresentar resultados da Pesquisa de Iniciação Científica nível Ensino Médio, que teve como objetivo compreender a percepção de adolescentes sobre as tecnologias em suas vidas e produzir um podcast sobre educação digital. Além disso, buscamos compreender se, e como, através da produção conjunta do podcast, é possível promover o debate acerca da responsabilidade do desenvolvimento e utilização de tecnologias, especialmente as digitais. Esta pesquisa é realizada de forma engajada e colaborativa com cinco adolescentes que integram o PIBIC-EM vinculado ao Labjor da Unicamp. Juntas, produzimos a série Conexão, que foi veiculada no podcast Mundaréu. Com 5 episódios, a série aborda a tecnologia de forma ampla, passando por perspectivas antropológicas e técnicas (Haraway, 2009; Veraszto et al, 2009), assim como uma perspectiva figurada e lúdica (Le Guin, 2021; Dolphijn; Haraway, 2023). Assim, a série busca evidenciar as potencialidades e responsabilidades que as tecnologias trazem, especialmente os celulares e as redes sociais.

¹ Antropóloga e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Pronome de identificação: ela/dela. E-mail: iredoplanalto@gmail.com.

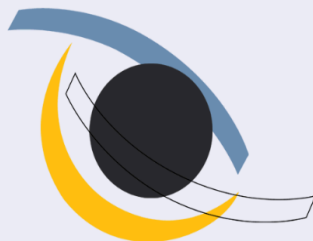
² Estudante da Rede Pública de Ensino Médio do Estado de São Paulo. Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio de 2024/2025. Pronome de identificação: ela/dela. E-mail: geovanaluna47@gmail.com.

³ Estudante da Rede Pública de Ensino Médio do Estado de São Paulo. Pesquisador no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio de 2024/2025. Pronome de identificação: ele/dele. E-mail: kauansilveira018@gmail.com.

⁴ Estudante da Rede Pública de Ensino Médio do Estado de São Paulo. Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio de 2024/2025. Pronome de identificação: ela/dela. E-mail: 993516836a@gmail.com.

⁵ Estudante da Rede Pública de Ensino Médio do Estado de São Paulo. Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio de 2024/2025. Pronome de identificação: ela/dela. E-mail: samaralopesdeoliveira07@gmail.com.

⁶ Estudante da Rede Pública de Ensino Médio do Estado de São Paulo. Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio de 2024/2025. Pronome de identificação: ela/dela. E-mail: veronicamartins8743@gmail.com.

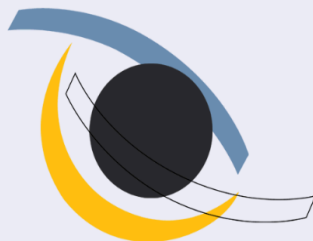


Ao longo de 12 meses, investigamos as tecnologias desde o imaginário (Felinto, 2003), o estudo da técnica (Veraszto et al, 2009), as infraestruturas visíveis ou invisíveis (Miller; Horst, 2015), as realidades sociotécnicas (Latour, 2001), os dispositivos corporificados, incorporados e cotidianos nas experiências de adolescentes brasileiras (Hine et al, 2020). Nos orientamos em torno do Estatuto da Criança e Adolescente, de legislações acerca da Internet e do desenvolvimento ético de tecnologias. Partindo de mapeamentos, passando por discussões teóricas e oficinas, até a produção da série Conexão, buscamos experienciar e refletir sobre as três dimensões da educação digital – cultura digital, tecnologia digital e pensamento computacional (Kaminski et al, 2021). A produção do podcast se coloca como uma experiência educativa, na qual exercitamos técnicas de gravação, edição, divulgação e organização de arquivos (Fleischer; Noronha, 2022; Chemin, 2023). Além disso, a produção do podcast ganha centralidade ao se colocar como uma metodologia de pesquisa, ancorada na observação participante, na pesquisa-ação e na antropologia digital. Assim, as etapas para produzir um podcast podem introduzir o fazer antropológico, assim como enriquecer uma etnografia que abarca relações presenciais e digitalizadas (Chemin, 2025).

Entre adolescentes, certas tecnologias parecem tão desterritorializadas, que inicialmente foi difícil identificar suas relações e funcionamentos. Uma forma encontrada para abordar as tecnologias de forma ampla e a educação digital foram figurações com “poderes tecnológicos”: conexão, invisibilidade, simulação, miniaturização e informação são alguns desses poderes, que foram associados a cada episódio da série, quais são: (1) tecnologias ancestrais – poder de conexão; (2) algoritmos – poder de invisibilidade; (3) economia psíquica dos algoritmos – poder de simulação; (4) plataformização da educação – poderes de miniaturização versus extensão; (5) tecnologias comunitárias – poder de informação. Nos consideramos como rastreadoras de tecnologias, atualização da ideia de coletoras de ficções proposta por Ursula Le Guin, e buscamos compartilhar esses poderes e conhecimentos com outras adolescentes através da nossa série de podcast. A série Conexão, publicada no podcast Mundaréu, leva o nome de um dos poderes rastreados pela equipe de pesquisadores. Nesse processo digitalizado, organizamos dados, analisamos, relacionamos e contamos, em um jogo de vozes hiperlinkado bastante vasto.

No primeiro episódio da série, a partir das tecnologias ancestrais aprendemos sobre o poder de conexão. Partimos da história do fonógrafo, o primeiro gravador e reproduzidor de áudio, para abordarmos sobre a importância de estarmos conectadas com a história de nossos familiares e ancestrais. No segundo episódio da série buscamos o poder de tornar visíveis tecnologias e histórias que parecem ser invisíveis, como algoritmos e a história de Ada Lovelace, a primeira programadora da história. O terceiro episódio aborda a construção narrativa em torno de “ser cronicamente online”, uma espécie de comunidade tipicamente digital associada ao conhecimento de memes e longo tempo de tela. A partir dessa temática, debatemos a simulação e as legislações em torno da Internet.

No quarto episódio da série conversamos com diversos estudantes do ensino médio público acerca da proibição dos celulares nas escolas e da utilização de plataformas de ensino, como a Sala do Futuro no Estado de São Paulo. Identificamos



diversos poderes, entre eles miniaturização e extensão. O quinto episódio da série aborda o movimento software livre, principalmente representado pela Casa de Cultura Tainã. O poder da informação traz a perspectiva do acesso ao conhecimento e à memória coletiva.

Refletimos juntas que fazer *podcast* é um ótimo jeito de aprender sobre tecnologias como gravação, edição de áudio, escrita de roteiro. Nos conectamos com pessoas muito legais ao longo das entrevistas e a cada conversa nos tornamos mais poderosas. Também fomos em uma escola de ensino médio e realizamos uma oficina de podcast e entrevistamos os estudantes. Essas atividades colaboram para desenvolver a criatividade, comunicação, socialização, aprender a olhar o mundo e as tecnologias de uma forma diferente. Foram experiências que exercitam a escuta ativa, a elaboração de pesquisas e perguntas para as entrevistas. E além de aprender, compartilhamos esses conhecimentos com outros estudantes. Assim, pretende-se apresentar os principais resultados analisados pelo grupo em relação à produção conjunta do *podcast* e o que a experiência proporcionou de aprendizagem sobre a educação digital, em suas diversas facetas.

Palavras-chave: Educação Digital; Tecnologias; Divulgação Científica.

REFERÊNCIAS

- CHEMIN, Irene do Planalto. “Aprender sobre a cultura e diversidade que existe na nossa escola”: produzindo e experimentando podcasts de Antropologia no ensino médio. 2023. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023b.
- CEMIN, Irene do Planalto *et al.* Pesquisa-ação com adolescentes: fazer podcast como metodologia de pesquisa. In: MANICA, Daniela *et al.* Modos de fazer e contar no Labirinto: metodologias in(ter)disciplinares, feministas e criativas, 2025.
- DOLPHIJN, Rick; SPITZNER, Caroline; HEAD, Scott Correll. Ficando com o Problema—Entrevista com Donna Haraway. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 25, n. 3, 2023.
- FELINTO, Erick. Novas tecnologias, antigos mitos: apontamentos para uma definição operatória de imaginário tecnológico. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 6, 2003.
- FLEISCHER, Soraya; NORONHA, Ana Luiza. Podcast, Educação e Antropologia:: uma revisão bibliográfica (2019-2022). *Revista Café com Sociologia*, v. 11, 2022.
- HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



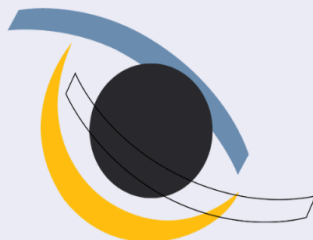
KAMINSKI, Márcia Regina; KLÜBER, Tiago Emanuel; BOSCARIOLI, Clodis. Pensamento computacional na educação básica: Reflexões a partir do histórico da informática na educação brasileira. Revista brasileira de informática na educação, v. 29, p. 604-633, 2021.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. Parágrafo, v. 3, n. 2, p. 91-112, 2015.

LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. Referência circulante; Um coletivo de humanos e não-humanos; Glossário. In: A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. (Trad.: Gilson C. Cardoso de Souza) Bauru: EDUSC, pp.39-96; 201-46; 345-56.

LE GUIN, Ursula K. A Teoria da Bolsa de Ficção. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

VERASZTO, Estéfano Vizconde et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. Prisma. com, n. 8, p. 19-46, 2009.



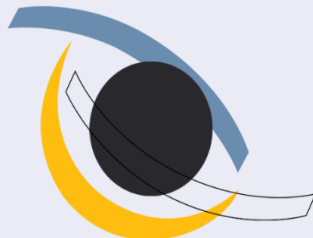
MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Chat GPT e a questão da autoria

Mariana Vicente Zilli¹

Procuo por meio desta pesquisa explorar como o conceito de autoria da Análise de Discurso materialista pode ser aplicado em relação ao uso de ferramentas de processamento de linguagem natural, como o *Chat GPT*, através do ferramental teórico na perspectiva discursiva, as diferentes formas de textualização dos sentidos em seu modo de formulação e constituição, levando-se em consideração sua circulação voltados para a compreensão dos processos linguísticos presentes nos sentidos constitutivos do sujeito e da enunciação. O estudo propõe-se a observar de que forma a autoria — entendida não apenas como assinatura ou produção individual, mas como efeito de um posicionamento discursivo atravessado por ideologias, memórias discursivas e relações de poder — se manifesta na interação com tecnologias capazes de gerar textos automaticamente. Dessa forma, analiso os processos linguísticos envolvidos na constituição dos sentidos e na inscrição do sujeito na linguagem, refletindo sobre o impacto dessas ferramentas na produção e circulação discursiva, bem como nas formas de enunciação que emergem dessa relação entre humano e máquina. A inteligência artificial (IA) está presente em nosso dia a dia até onde menos esperamos ou percebemos. Desde uma assistente virtual como a *Alexa*, dentro de nossas casas; comandando os aviões que conectam o mundo inteiro, sobrevoando nosso bairro; produzindo o texto que será lido em uma rede social, em nossos *smartphones*. A IA está na expressão de *on/life*, de Luciano Floridi, em outras palavras, está na maneira como vivemos e interagimos com o mundo. com o olhar do campo da linguística, em especial, na análise de discurso: se a IA está presente nos mais diversos meios, como iremos interpretar seus dados? Se os algoritmos são alimentados por dados, quem é o autor? Para compreender os efeitos de sentidos das tecnologias digitais, da não neutralidade das tecnologias, daquilo que está na base da constituição dos sujeitos, enquanto materialidade dos saberes, das práticas políticas, sociais e discursivas dos sujeitos, é preciso compreender o discurso digital (Dias, 2020). Orlandi nos explica que “na medida em que, pela informatização, a escrita se apresente sem exterioridade (histórica), a autoria se desloca de um sujeito histórico para um sujeito técnico” (2004, p. 144), mas diante do contexto atual em que temos algoritmos programados para construir textos, poderíamos desse modo dizer que há um deslocamento de autoria quando falamos de uma ferramenta de texto, como observamos no *Chat GPT*? O texto, sendo aqui, uma unidade significativa da língua, é algo aberto, proveniente de um autor e para Orlandi, este desempenha uma função do sujeito concebido na linguagem e na história, diferente do autor escritor de Foucault. O autor passa a ser - nessa perspectiva - uma das dimensões do sujeito,

¹ Mestra em Divulgação Científica pela Universidade Estadual de Campinas. marianavzilli@gmail.com

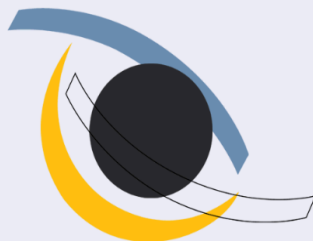


sendo esta determinada pela exterioridade (contexto sócio-histórico) e mais afetadas pela não contradição, coerência, responsabilidade, etc. Desse modo, podemos entender que o autor tem uma relação direta com a exterioridade e que isso está intrinsecamente ligada com sua condição de autor, sua autoria. O desenvolvimento e pesquisas acerca das inteligências artificiais não vão parar, muito pelo contrário, irão se expandir cada vez mais. Sabemos que o que estamos presenciando hoje é fruto de algo que começou há décadas atrás. O que quero dizer é que, apesar de parecer algo completamente futurista, as IA's já estão entre nós há muito tempo, mas o que podemos entender como “novo” é a sua popularização. O acesso ficou mais fácil e evidente. A questão do autor e da autoria frente às mudanças causadas pelas inteligências artificiais, em especial nos modelos de linguagem de inteligência artificial desenvolvidas para o processamento de linguagem natural, requer um olhar atento dos linguistas e, principalmente dos analistas de discursos, pois suas produções são uma aula de conceitos e exemplos a serem explorados. Até porque, “Os algoritmos de IA não estão desprendidos dos humanos” e nós somos falhas.

Palavras-chave: Chat GPT; Análise de Discurso; Linguística; Autor; Autoria.

REFERÊNCIAS

- Dias, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- Dias, Cristiane. Considerações sobre o texto pelo digital, *In*: Pfeiffer, Claudia; Dias, Juciele Pereira; Nogueira, Luciana (orgs.). **Língua, Ensino, Tecnologia**. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- OpenAi. GPT-3.5. Modelo de linguagem de inteligência artificial. 2023. Disponível em: <<https://chat.openai.com/>> Acesso em: 10 ago. 2025
- Orlandi, Eni P. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- Orlandi, Eni P. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- Santaella, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?**. São Paulo, SP: Edições 70, 2023.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

A dicotomia entre artistas visuais em revolta e a popularização da utilização de modelos de IA generativa

Pedro Silva¹

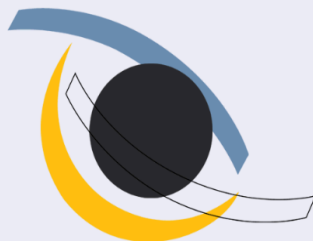
O projeto de pesquisa propõe investigar como a relação entre humanos e máquinas se manifesta diante da popularização de ferramentas de geração de imagens por inteligência artificial (IA) baseadas em aprendizado de máquina, como *DALL-E*, *MidJourney*, *Stable Diffusion* e o próprio *ChatGPT*, especialmente no campo de artes visuais. Esses sistemas, que produzem imagens a partir de descrições textuais, tornaram-se acessíveis e difundidos, gerando novas possibilidades estéticas e de interação com a tecnologia, mas também despertando reações negativas e resistência entre artistas. Enquanto alguns veem nessas ferramentas oportunidades criativas, outros as encaram como ameaças, principalmente pela apropriação de obras pré-existentes sem autorização ou crédito, prática comum no treinamento desses modelos.

O estudo pretende analisar essa dicotomia a partir de teorias críticas sobre arte, tecnologia e IA, explorando as implicações culturais, estéticas e técnicas dessa interação. A pesquisa se apoiará nas reflexões de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica e de Gilbert Simondon sobre o modo de existência dos objetos técnicos, além de contribuições dos “Estudos Críticos sobre Inteligência Artificial”, que investigam dimensões sociais e culturais da IA. Benjamin aponta que as tecnologias de reprodução transformam a arte e sua recepção, enquanto Simondon propõe que objetos técnicos possuem um modo de existência próprio e podem evoluir em conjunto com os humanos, rompendo visões de dominação ou subordinação.

A proposta busca compreender as motivações dos movimentos contrários ao uso de IA nas artes visuais e as razões para sua popularidade e eficácia, promovendo um debate interdisciplinar que ultrapasse análises simplistas de vantagens e desvantagens. A discussão se insere em um contexto de crescente repercussão pública, com casos polêmicos que geraram protestos e ações judiciais.

A metodologia prevê a coleta e análise de dados empíricos sobre a formação de movimentos de resistência, como as postagens feitas por artistas utilizando o lema “*Human Intelligence*” que circularam nas redes sociais, que defende produções feitas sem o uso IA; e de iniciativas pró-IA, como o projeto AMI da Google, que explora

¹ Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: p256252@dac.unicamp.br



colaborações criativas entre artistas e máquinas e a obra de artistas como Refik Anadol, que se popularizou a partir de suas exposições com uso de IA.

Como uma metodologia complementar à pesquisa, pretende-se incluir uma atividade integrada a um projeto já em andamento no CineVagalume, na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, em Limeira. O projeto originalmente prevê a exibição de sessões de cinema para estudantes secundaristas de diferentes escolas da cidade de Limeira, seguidas de debates sobre os filmes, cujo tema central é a tecnologia. É esperado, então, adicionar ao debate já proposto uma atividade de experimentação e aprendizado com ferramentas de IA para a geração de imagens, permitindo que os alunos tenham uma perspectiva sobre o funcionamento dessas aplicações e do contexto em que foram criadas. O objetivo é, simultaneamente, analisar as percepções e opiniões dos participantes sobre o uso de inteligência artificial na arte e criar um espaço de aprendizado sobre o funcionamento dos modelos de IA, incentivando uma compreensão crítica e aprofundada de suas implicações culturais, estéticas, ambientais e técnicas.

A justificativa do projeto ressalta a necessidade de ampliar o diálogo entre teoria e prática no campo artístico e tecnológico, de modo a problematizar conceitos como autoria, originalidade e reprodutibilidade no contexto contemporâneo. Ao integrar contribuições teóricas e empíricas, a pesquisa pretende oferecer uma nova perspectiva para o debate sobre a interação homem-máquina na produção imagética, propondo caminhos para compreender e, possivelmente, reconciliar as tensões entre a resistência artística e a popularização da IA.

Com os resultados da pesquisa executada, espera-se que seja possível entender de forma generalizada quais são as perspectivas postas no debate sobre a inteligência artificial no campo da arte, inicialmente a partir da análise da formação dos grupos e movimentos a favor ou contra o uso de inteligência artificial na arte, e posteriormente analisando se esses movimentos refletem de alguma forma as opiniões, anseios e expectativas coletadas nas sessões de experimentação e debate com os alunos de ensino médio

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Artes visuais; Cultura técnica; Resistência Artística.

REFERÊNCIAS

AGÜERA Y ARCAS, B. Art in the Age of Machine Intelligence. **MDPI Arts**, v. 6, n. 4, p. 18, 29 set. 2017.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. L & PM Pocket ed. [s.l.] L&PM, 2013. v. 1216

BUOLAMWINI, J.; RAJI, I. D. **Actionable Auditing: Investigating the Impact of Publicly Naming Biased Performance Results of Commercial AI Products**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <www.aaai.org>.



CRAWFORD, K. **Atlas of AI**. [s.l.] Yale University Press, 2021.

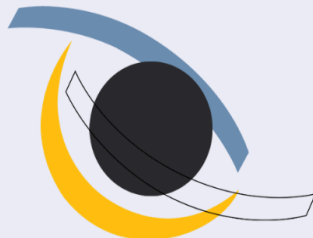
JOLER, V.; PASQUINELLI, M. **The Nooscope ManifestedFritz.ai**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://fritz.ai/nooscope/>>. Acesso em: 3 set. 2024.

KANASHIRO, M. M. **ChatGPT: o que não está se debatendo - Outras Palavras**. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/chatgpt-o-que-nao-esta-se-debatendo/>>. Acesso em: 3 set. 2024.

KATZ, L. **‘Human Intelligence’ Art Movement Takes Defiant Stand Against AI**. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/lesliekatz/2024/07/17/human-intelligence-art-movement-takes-defiant-stand-against-ai/>>. Acesso em: 3 set. 2024.

LOCH, V. C. **A Obra de Arte na Era da Inteligência Artificial**. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021.

SIMONDON, G. **Do Modo De Existência Dos Objetos Técnicos**. [s.l.] Contraponto Editora, 2020.

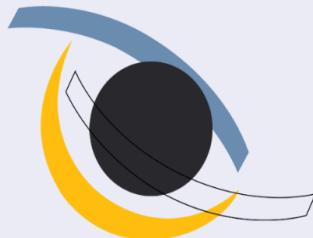
**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Guerra cultural e divulgação científica: Reflexões sobre a possibilidade de se disputar as plataformas digitais**Thais Farias Lassali¹

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as complexidades e as possibilidades de disputa (cultural, política e científica) em espaços digitais. Para tanto, parto de duas experiências correlacionadas em termos do meio digital em que ocorreram, porém distintas do ponto de vista de seus objetivos e finalidades. A primeira delas diz respeito à pesquisa de campo do meu doutorado, que se ocupou da recepção online do filme *Star Wars - Episódio VIII: Os Últimos Jedi* (JOHNSON, 2017) na plataforma de vídeos YouTube e resultou na tese intitulada “Guerra nas redes: a ameaça plataformizada - publicidade, plataformização e radicalismo na recepção de um blockbuster no YouTube” (LASSALI, 2024). Já a segunda se relaciona à experiência de atuar como jornalista de ciência, agraciada com uma bolsa Mídia Ciência da FAPESP, no Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia (GEICT), ligado ao Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp e liderado por Marko Monteiro.

Na pesquisa sobre *Os Últimos Jedi*, investiguei, dentre outras coisas, como a recepção do filme no YouTube foi instrumentalizada por agentes radicalizados de extrema direita, que transformaram as discussões sobre a compreensão coletiva da obra em campos de batalha ideológica. Através de uma análise discursiva dos vídeos, identifiquei estratégias de radicalização que se valem de narrativas de “guerra cultural”, onde a crítica ao filme serviu como pretexto para disseminar discursos antidemocráticos, conspiratórios e de ódio. Nesse contexto, as plataformas não funcionaram apenas como mero meio de difusão dos discursos. Pelo contrário, elas, por meio de suas estruturas computacionais e algorítmicas, atuaram como agentes invisíveis cruciais para a replicação e popularização do conteúdo radicalizado (CESARINO, 2022).

Esse fenômeno não apenas revela a capacidade das plataformas de amplificar conflitos culturais e políticos, mas também expõe como os algoritmos de recomendação delas, por um lado, agem com o objetivo de manter o usuário dentro da plataforma em questão. Com esse objetivo, por outro, acabam por reforçar e expandir nichos ideológicos que utilizam produtos de entretenimento como meios de engajamento (atingindo a finalidade das plataformas) e de radicalização. Com isso em mente, e inspirada pelo conceito de socialidade programa (BUCHER, 2018), estabeleço que o ocorrido com *Os Últimos Jedi* foi um exemplo de recepção programada, em que a compreensão coletiva do filme foi diretamente influenciada

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Mídia Ciência FAPESP sob supervisão de Marko Monteiro (DPCT/IG/Unicamp). E-mail: thaislassali@gmail.com.



pelos “arranjos programados específicos das plataformas de mídia social, e as atividades que são permitidas de ocorrerem nesses arranjos” (BUCHER, 2018, p. 4).

Paralelamente, como bolsista Mídia Ciência no GEICT, enfrento desafios igualmente complexos: comunicar ciência em um ambiente digital marcado pela plataformação (VAN DIJCK et al, 2018), pela fragmentação de audiências e pela disseminação massiva e sistemática de desinformação. Ao produzir artigos e conteúdo para o blog e para as redes do grupo, preciso realizar uma negociação entre a precisão acadêmica e a acessibilidade, evitando tanto o reducionismo quanto a alienação do público não-especialista nos Estudos Sociais em Ciência e Tecnologia. Mais do que isso, minha atuação se dá em um contexto em que a recepção de conteúdo funciona de modo programado, dependente dos arranjos pré-dispostos pelas estruturas computacionais das plataformas. Isso significa que conteúdos críticos e bem fundamentados competem por atenção em ecossistemas digitais projetados para privilegiar engajamento superficial, assuntos polêmicos e/ou polarizantes e mobilizar sentimentos extremados.

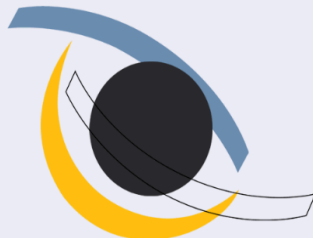
Ao mesmo tempo, o conteúdo que produzo para o Blog do GEICT não pode (nem tem o interesse) de se adequar completamente à lógica das plataformas, que frequentemente simplificam debates complexos ou os transformam em espetáculo. Essa tensão entre a necessidade de visibilidade e a manutenção do rigor acadêmico revela os paradoxos da divulgação científica contemporânea: como alcançar públicos mais amplos sem ceder aos mecanismos de plataforma que distorcem o conhecimento científico? Como produzir conteúdo crítico em formatos que resistam à captura algorítmica por sistemas projetados para monetizar atenção? Esses desafios evidenciam a necessidade de desenvolver novas estratégias de comunicação científica que sejam ao mesmo tempo tecnicamente competentes, politicamente engajadas e estruturalmente conscientes das dinâmicas de poder embutidas nas infraestruturas digitais.

Assim, ao contrastar essas duas vivências, acredito ser possível refletir sobre como os espaços digitais funcionam como espaços de disputa, mesmo que não sejam neutros. Se, por um lado, as plataformas de mídia social podem ser cooptadas para fins de radicalização, como minha pesquisa de doutorado demonstrou, por outro, também podem ser utilizadas para popularizar conteúdos informativos de qualidade, como diversos divulgadores científicos já têm feito. Ainda assim, o contexto digital reitera a importância de se pensar coletivamente em abordagens interdisciplinares que combinem estudos de mídia, análise crítica de plataformas e comunicação pública da ciência, visando não apenas compreender, mas também intervir de forma ética e estratégica nessas dinâmicas.

Palavras-chave: radicalização; plataformação; divulgação científica; ESCT; comunicação.

REFERÊNCIAS

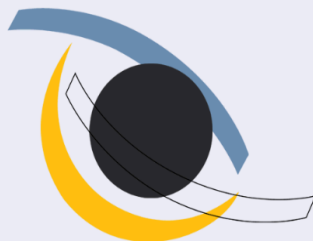
BUCHER, Taina. *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.



CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LASSALI, Thais Farias. *Guerra nas redes: a ameaça plataformizada - publicidade, plataformização e radicalismo na recepção de um blockbuster no YouTube*. 2024. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/18421.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas e DE WAAL, Martijn. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****O papel da ciência na credibilidade da influenciadora digital:
análise do discurso do autocuidado nas redes sociais**Letícia Rafaela Aristeu de Queiroz¹

Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa de dissertação que tem como objetivo a análise do funcionamento discursivo de vídeos sobre bem-estar, com foco nas práticas de autocuidado e rotina de cuidados com a pele. O tema possibilita a investigação das intersecções entre saúde e estética, e das tecnologias digitais na constituição de normas sociais e desigualdades. O recorte concentra-se na análise de conteúdos que circulam nas redes sociais e nos modos como se legitimam por meio de vocabulários científicos ou da autoridade de especialistas.

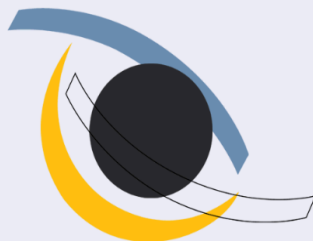
O corpo é constituído por uma articulação entre linguagem, história e poder, sendo regulado por práticas que disciplinam e normatizam sujeitos (Foucault, 2012). O discurso, atravessado pela ideologia, produz sentidos e silenciamentos que naturalizam normas, reproduzidas como escolhas individuais. Essa força discursiva molda a percepção, ação e identidade do sujeito, operando principalmente por meio da autorregulação interiorizada.

Na contemporaneidade, o corpo tornou-se objeto de vigilância e autovigilância, em nome da saúde, da estética e da normalidade, sendo tratado como projeto em constante melhoria. Ele se transforma em capital simbólico (Bourdieu, 1989), cujo valor está na aparência e performance. A forma como o sujeito cuida e apresenta seu corpo revela não apenas aspectos individuais, mas também sua inserção em redes discursivas que valorizam a eficiência, a juventude e a performance constante.

A pele, superfície visível do corpo, torna-se um dos principais alvos da lógica performática, funcionando como instrumento de conformidade a padrões estéticos hegemônicos. Mais do que cuidar, trata-se de exibir cuidado: a pele limpa, luminosa e jovem é constantemente associada à disciplina, ao controle e à excelência estética. O autocuidado, nesse sentido, é performado como um marcador de valor social, de pertencimento e de adesão a ideais normativos de excelência.

A lógica do bem-estar beneficia diretamente os interesses mercadológicos da indústria da saúde e da beleza, promovendo a mercantilização da saúde. Não se vendem apenas produtos, mas estilos de vida sustentados por rotinas de disciplina e vigilância. O consumo não se encerra na aquisição pontual de mercadorias: ele se infiltra no cotidiano, moldando hábitos, rotinas e modos de existir. Ser saudável, belo

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail da autora: aristeuletica@outlook.com.



e produtivo torna-se um dever individual, e um compromisso permanente com a performance.

Nas redes sociais, a lógica da performance se intensifica ao transformar a vida cotidiana em vitrine constante. A exposição de hábitos saudáveis, rotinas produtivas e práticas de autocuidado, muitas vezes mediadas por filtros, algoritmos e métricas de engajamento, reforça a ideia de que o valor do indivíduo está atrelado à sua capacidade de mostrar resultados visíveis e admirados. Esses processos evidenciam como as tecnologias digitais, ao organizarem os modos de visibilidade, engajamento e circulação dos discursos, operam como mecanismos que podem reproduzir opressões, desigualdades e exclusões simbólicas, sobretudo ao incidir sobre sujeitos em formação.

O *corpus* deste recorte é constituído por vídeos curtos, disponibilizados na plataforma *TikTok*, produzidos por influenciadoras adolescentes, com faixa etária entre 13 e 17 anos, com mais de 400 mil seguidores. Essa escolha se justifica pela relevância desse grupo demográfico tanto como consumidor quanto como produtor de conteúdos relacionados ao autocuidado e ao bem-estar, especialmente no que tange às práticas de *skincare*. Os vídeos analisados abordam rotinas, dicas, produtos e relatos pessoais, configurando-se como espaços privilegiados para observar as construções discursivas que permeiam as noções de saúde, beleza e performance corporal na cultura digital contemporânea.

A pesquisa, de natureza qualitativa e discursiva, tem como filiação teórica a Análise do Discurso (Pêcheux, 1988, 1995, 2006; Orlandi, 2007, 2012a, 2012b), articulada às contribuições de Michel Foucault (2012) sobre discurso, poder e subjetivação, além de diálogos com autores da análise do discurso digital (Dias, 2018, 2019). Com base na concepção de sujeito como efeito do funcionamento ideológico, a análise investiga os sentidos que se produzem nos dizeres dessas influenciadoras e as formações discursivas que os sustentam, e como o uso do discurso científico, ainda que descontextualizado, atua como mecanismo de validação do que é dito, conferindo credibilidade aos enunciados e reforçando sua força persuasiva no espaço digital.

Os resultados indicam a presença de estratégias discursivas que tornam os enunciados mais persuasivos, como o uso de expressões do tipo “dica de amiga”, que diluem as fronteiras entre publicidade, entretenimento e relações afetivas. Observa-se ainda o deslocamento da autoridade do discurso para especialistas, como dermatologistas, o que confere legitimidade aos discursos das influenciadoras. Soma-se a isso o fato de que muitas mencionam substâncias dermatológicas específicas, como ácidos ou retinóides, sem qualquer explicação técnica sobre seus efeitos ou riscos, apresentando-as como parte natural e desejável da rotina. Ao integrar tais ativos à linguagem cotidiana, confere maior credibilidade ao que é dito e ao próprio produto, reforçando a ideia de que seu uso é seguro, acessível e necessário.

Palavras-chave: Bem-estar; Autocuidado; Performance; Análise do Discurso; Redes Sociais.

REFERÊNCIAS



BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C. **Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes**. Rasal. Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos. Argentina, 2019, p. 55-74.

FOUCAULT, M.. **Vigiar e Punir**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

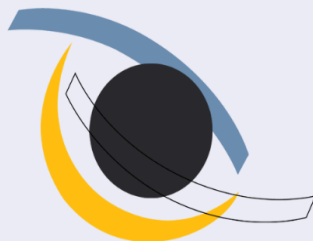
ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, E. P.. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, M.. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura**. 2.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p.55-66

PÊCHEUX, M.. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Tecnologias digitais e saberes afro-diaspóricos: percepções da preservação da memória ancestral em Campinas**Talita Bruno de Azevedo¹

Esta pesquisa visa analisar como tecnologias digitais - como plataformas colaborativas, repositórios audiovisuais e redes sociais podem influenciar a percepção pública sobre a preservação de saberes afro-brasileiros em Campinas (SP). Em particular, investiga-se de que forma a visibilidade e legitimidade cultural atribuída a práticas como benzimento, uso medicinal de plantas, cantigas tradicionais e manifestações orais afro-diaspóricas são afetadas por sua mediação digital.

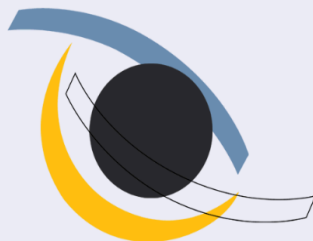
Partindo da constatação de que essas práticas estão historicamente invisibilizadas por processos de racismo epistêmico e apagamento cultural, o trabalho busca compreender como o uso das TICs pode transformar a compreensão e o reconhecimento dessas expressões como patrimônio coletivo. A perspectiva de “percepção pública da ciência e tecnologia” é mobilizada para explorar mecanismos em que audiências diversas: jovens, agentes culturais e moradores periféricos apreendem e reinterpretem saberes tradicionais a partir de conteúdos digitalizados.

Ancorada em abordagens teórico-metodológicas da decolonialidade e da comunicação pública da ciência, a pesquisa dialoga com autores como Santos (2009), ao tratar da justiça cognitiva e da valorização dos saberes subalternizados; Carneiro (2011), que analisa o racismo epistêmico e seus efeitos na produção do conhecimento; Gonzalez (2020), ao discutir a centralidade da cultura afro-latino-americana na constituição das identidades; e Sodré (2006), cuja reflexão sobre mediação cultural ajuda a compreender o papel das tecnologias na circulação simbólica. Esse referencial permite tensionar as fronteiras entre saber científico e saber tradicional, além de situar a mediação tecnológica como vetor de disputa de narrativas e reconhecimento cultural.

A metodologia é qualitativa, envolvendo dois eixos principais: (a) mapeamento e análise de plataformas digitais, páginas de redes sociais e repositórios que tratam de saberes afro-brasileiros em Campinas; (b) realização de entrevistas semiestruturadas e oficinas participativas com benzedeiros, mestres de cantigas, lideranças e participantes jovens. Nas oficinas, os envolvidos refletem sobre como percebem seu patrimônio cultural quando ele é representado em ambientes digitais, abordando noções de autoria, autoria coletiva e visibilidade.

Os dados a serem levantados incluem: métricas de engajamento digital (comentários, compartilhamentos, curtidas); narrativas de percepção - mediante

¹ Graduada em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação; contato.azevedotalita@gmail.com



aplicação de questionários qualitativos; e registros das oficinas documentais (áudios, vídeos, imagens). A análise será orientada por métodos de análise de conteúdo e leitura de redes sociais, buscando interpretar padrões de sentidos e representações construídos pelos públicos.

Espera-se que os resultados revelem: (1) o potencial das tecnologias digitais em fortalecer ou invisibilizar ainda mais saberes minoritários; (2) como líderes e comunidades percebem e avaliam essa mediação; (3) os impactos dessas representações na legitimação cultural e nas políticas locais de cultura e educação.

As contribuições previstas incluem: (i) diagnóstico sobre percepções públicas e mediação digital dos saberes afro-brasileiros; (ii) diretrizes para uso de plataformas de divulgação cultural e científica que garantam representatividade e justiça epistêmica; (iii) proposta de uma oficina educativa digital, co-criada com participantes, que possa servir de modelo para iniciativas futuras de letramento cultural e científico em contextos periféricos.

A proposta insere-se na linha Percepção pública da Ciência e Tecnologia, ao refletir sobre como as tecnologias influenciam a visibilidade e o significado dado a saberes tradicionais, contribuindo para debates sobre democratização da cultura, justiça epistêmica e políticas públicas de cultura e educação.

Palavras-chave: Saberes afro-brasileiros; Tecnologias digitais; Percepção pública; Justiça epistêmica; Memória cultural.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2009.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 2006.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

MOURA, Carlos. Dialética radical do Brasil negro. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

BORGES, Rosane. Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 2004.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 3

Corpos, epistemologias e comunicação

Debatedora:

Laís Fraga

Autores:

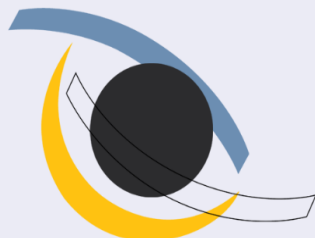
Fernanda Mariath

Laura Nice Dias da Silva

Bianca Cavichioli Schuermann de Barros

Laura Lino Mendes da Cruz

Wallace Franco da Silva Fauth



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Uma viagem pela célula: o podcast Feminista *In Vitro* como ferramenta para o diálogo interdisciplinar

Fernanda Mariath¹

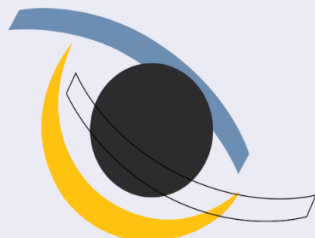
O Mundaréu tem explorado o podcast como ferramenta para tornar a pesquisa algo social, ética e politicamente informada, produzindo e comunicando conhecimento situado (Fleischer, Manica, 2021). É uma forma alternativa e criativa de produzir e reportar pesquisas científicas. Faço parte do projeto desde 2023, como voluntária, e atualmente colaboro como bolsista em Jornalismo Científico pela FAPESP. Experimentei a produção de uma série de podcast, intitulada “Feminista *In Vitro*”, como minha metodologia de pesquisa na minha dissertação do mestrado em Divulgação Científica e Cultural e a estou produzindo nesse momento.

A série e, consequentemente, a dissertação foram organizadas em torno de um exercício de figuração feminista (Haraway, 1997, 2000, 2021, 2023; Roy, 2018; Costa, 2024) de uma viagem de dentro para fora da célula. O corpo do homem branco, ao ser universalizado como paradigma na pesquisa biomédica, proporcionou uma sub-representação de mulheres e minorias étnicas na produção segura e efetiva de tecnologias da saúde (Castro e Fleischer, 2020). De células, a animais e a pacientes, os modelos definidos como masculinos são priorizados (Garcia-Sifuentes e Maney, 2021). Desde 2016, é obrigatória a inclusão de “ambos os sexos” em modelos experimentais em pesquisas com células financiadas por uma importante agência norte-americana (NIH, 2016). Será que esse é um caminho possível para avanços na saúde das mulheres e de corpos diversos? A interseccionalidade, incluindo questionamentos antirracistas e *queer*, é possível de ser incluída?

Ao visitar as estruturas celulares, encontramos obstáculos, becos sem saída e ciladas nesse caminho. Traçamos diversas possíveis soluções, como os modelos *queer*; o aumento do rigor nas publicações; a utilização de variáveis mensuráveis relacionadas ao sexo (Richardson, 2022); a postura antidualista quanto a sexo e gênero das neurofeministas (Nucci, 2018); e o desenvolvimento de tecnologias da humildade (Benjamin, 2013).

Na Mitocôndria, percebemos a importância do diálogo interdisciplinar da pesquisa biomédica com os estudos feministas. Essa organela é entendida, pelo discurso da biologia celular, como pequenos corpos internos à célula que captam oxigênio e

¹ Mestra em Divulgação Científica e Cultural e bolsista Mídia Ciência pela FAPESP, vinculada ao Labjor, Unicamp. E-mail: fermariath@gmail.com



fornece energia para as atividades da célula. Segundo a Teoria da Endossimbiose, consolidada pela cientista Lynn Margulis, o surgimento das células eucarióticas – incluindo, as nossas células – ocorreu ao englobar uma célula procariótica, que deu a origem à mitocôndria. A mitocôndria tem seu próprio DNA circular, e se forma por fissão binária, indicando uma origem independente do resto da célula. Com suas próprias instruções e maquinários específicos, a mitocôndria é responsável pela produção de energia, potencializando o funcionamento celular (Alberts et. al, 2010).

Os estudos feministas também têm suas próprias produções teóricas e métodos experimentais, como o DNA circular e o maquinário mitocondrial. Apenas englobando suas contribuições e conhecimentos por meio do diálogo interdisciplinar, é possível a construção de modelos e metodologias experimentais com células na pesquisa biomédica com inserção séria e robusta das categorias sexo e gênero, na direção do endereçamento de questões interessantes às mulheres e para diminuir inequidades na saúde entre homens e mulheres.

Já no Complexo de Golgi, que é responsável pela exportação para fora da célula, refletimos como exportar essa discussão. Propomos a série “Feminista *In Vitro*”, que será lançada dia 18 de fevereiro de 2026 pelo Podcast Mundaréu, e, de maneira geral, a Divulgação Científica como ferramenta para esse diálogo.

Palavras-chave: sexo; gênero; células-tronco; menstruação; tecnologias em saúde.

REFERÊNCIAS

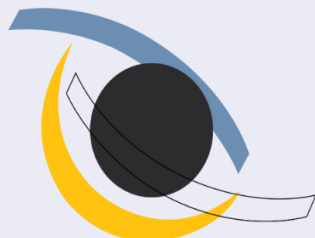
ALBERTS, Bruce; JOHNSON; LEWIS; *et al.* **Biologia Molecular Da Célula**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BENJAMIN, Ruha. **People’s science: bodies and rights on the stem cell frontier**. Stanford (Calif.): Stanford university press, 2013.

CASTRO, Rosana; FLEISCHER, Soraya. Scientific policies and ethical economies in the development of vaccines against Zika. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 22, n. 2, p. 63–95, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/67197>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

COSTA, Clarissa Reche Nunes da. Manchando: (o que) fazer (com) a menstruação. Estratégias e experimentos para vazar questões feministas através das tecnociências. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2024.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública. **ILUMINURAS**, v. 22, n. 57, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/118996>>. Acesso em: 24 ago. 2024.



GARCIA-SIFUENTES, Yesenia; MANEY, Donna L. Reporting and misreporting of sex differences in the biological sciences. **eLife**, v. 10, p. e70817, 2021. Disponível em: <<https://elifesciences.org/articles/70817>>. Acesso em: 1 fev. 2025.

HARAWAY, Donna Jeanne.

Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©Meets_OncoMouse: feminism and technoscience. New York: Routledge, 1997.

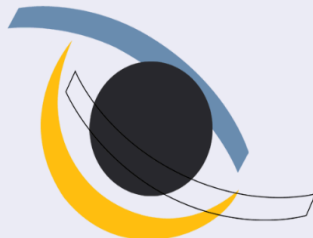
HARAWAY, Donna Jeanne. O manifesto ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthluceno.** Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2023.

NUCCI, Marina Fischer. **"Não chore, pesquise!": reflexões sobre sexo, gênero e ciências a partir do neurofeminismo.** 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

PAPE, Madeleine; MIYAGI, Miriam; RITZ, Stacey A.; *et al.* Sex contextualism in laboratory research: Enhancing rigor and precision in the study of sex-related variables. **Cell**, v. 187, n. 6, p. 1316–1326, 2024. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0092867424001740>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROY, Deboleena. **Molecular Feminisms: Biology, Becomings, and Life in the Lab.** Seattle: University of Washington Press, 2018. (Feminist technosciences).



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Título: Modos de Raurtsnem ou Modos de Menstruar: uma brincadeira antropológica sobre os próprios ciclos

Laura Nice Dias da Silva¹

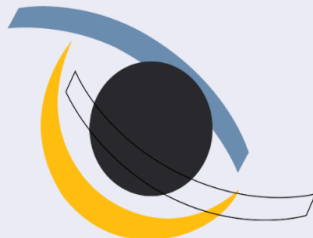
Durante os meses de maio e junho deste ano me debrucei sobre um projeto acadêmico que não poderia ter premeditado três ou quatro meses antes do seu início. Dediquei-me para a feitura de um ensaio antropológico e me surpreendi com o tanto que me diverti nesta tarefa tão desafiadora. A surpresa da dedicação e também dos resultados se deu por algumas razões. Apesar da formação acadêmica em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia e Sociologia, estava distanciada do fazer antropológico institucionalizado há mais de oito anos. E a reaproximação com o fazer acadêmico pelo mestrado se dá na intenção de desbravar outros espaços, debates e produções acadêmicas. No entanto, fui atravessada por múltiplas compreensões sobre algo tão banal e naturalizado na própria experiência individual e social, que precisei dar espaço à criatividade de maneira inovadora, a qual só foi sustentada pela revisão e retorno a um conhecimento teórico muito importante durante a graduação.

Vamos à contextualização: menstruar é uma experiência que normalmente é recortada a partir de contextos individuais, ou seja, a experiência tem sua compreensão fechada em planos únicos e privados. No entanto, com um distanciamento é possível expandir sua compreensão para outras esferas, como políticas, coletivas, culturais etc. Estas múltiplas compreensões foram evidenciadas pela disciplina “Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia: Feminismos, Menstruações e Direitos Reprodutivos”, do programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, oferecida no primeiro semestre de 2025, para os cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e Divulgação Cultural e Científica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A disciplina, oferecida na perspectiva da internacionalização, foi realizada em formato híbrido, oferecida por professoras vinculadas à Unicamp e da Universidad Nacional de Mar del Plata e estruturada para oferecer um panorama sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvidas sobre o tema, com foco no Brasil e na Argentina. A cada encontro uma pesquisadora convidada trouxe recortes da sua pesquisa, que após explanação era debatida coletivamente pela turma. As abordagens privilegiam perspectivas decoloniais e emancipadoras.

A partir dessas trocas semanais, foi proposto como entrega final algum material para compor uma revista *online* que seria construída coletivamente, seguindo a mesma linha temática da disciplina. Assim, nasceu a Revista Sangro, a partir do “desejo de sublimar a menstruação e as experiências que envolvem ser um corpo que

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas, pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. l136472@dac.unicamp.br



sangra em uma sociedade” (Sangro, 2025) que invisibiliza tantas pessoas, existência, resistências e conhecimentos.

Passei um tempo debatendo ideias internamente, pensando em como poderia contribuir com o projeto. Lembrei de uma conversa que tive um pouco antes de entrar no mestrado com uma amiga não-acadêmica e me ocorreu a ideia de resgatar um texto que tive contato em 2012, no início do caminho acadêmico. A partir do texto de Horace Miner (1976) criei um desdobramento permeando os Modos de Menstruar e escrevi um ensaio intitulado: Os modos de Raurtsnem: um ritual Sonacirema Sonital.

Os ritos corporais entre os Nacirema (Miner, 1976), a partir de uma abordagem antropológica clássica, descreve rituais e hábitos que circunscrevem a socialização, os sistemas de poder e cultura numa perspectiva distanciada e cientificista. Em uma leitura desavisada, o leitor pode se surpreender com o que é narrado achando os costumes inusitados e até esquisitos. Com o desenrolar do texto algumas práticas podem ser assimiladas como familiares, pois os Nacirema nada mais são do que os *American*. Esta brincadeira de imagens feita pelo texto (e pelos nomes espelhados ao contrário) evidencia a cultura norte-americana por outro vocabulário e perspectiva.

E foi este o movimento que resgatei no ensaio antropológico apresentado na Revista Sangro. A ideia foi trazer estranhamento sobre as nossas próprias práticas, hábitos e cultura, para pensarmos sobre o que fazemos e porque fazemos. Foi particularmente difícil e divertido escrever este texto. Revi minha formação acadêmica, repensei a rotina e as formas de existir no mundo como pessoa menstruante brasileira, latina americana e mais uma vez fui lembrada da potencialidade das Ciências Sociais de desnaturalizar nossa realidade e pararmos de entendê-la como única viável ou possível. Como provoca Manica (2003), o ensaio apresentado faz um movimento de antropologizar o Ocidente.

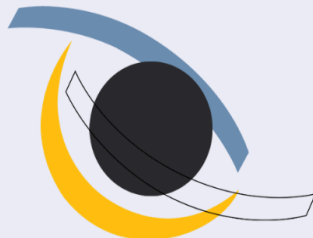
A feitura do ensaio antropológico permitiu brincar – de maneira comprometida e responsável – e articular duas frentes importantes: fazer ciência, pelo viés antropológico, e práticas e costumes que envolvem a menstruação dentro da minha própria realidade. A escolha de manter a textualidade antropológica clássica com poucos ajustes, inclusive pelo uso de termos desatualizados, procurou dar continuidade entre os textos e garantir o teor irônico de falar sobre nós, sem explicitar.

A partir desta reimaginação da realidade, colocamos em evidência as formas tradicionais de pensar e fazer ciência e tecnologia. A apresentação deste ensaio propõe, a partir da ironia, revisitar escolhas que diferenciam e aprofundam ausências históricas. E provoca as pessoas leitoras a pensar seu entorno por outros olhares e perspectivas.

Palavras-chave: Antropologia; Estudos Sociais; Menstruações; Cultura; Feminismos.

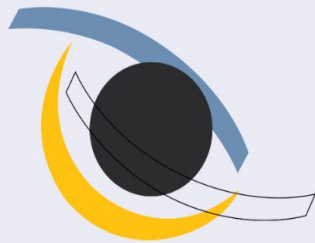
REFERÊNCIAS

MANICA, Daniela Tonelli. Supressão da menstruação: ginecologistas e laboratórios farmacêuticos re-apresentando natureza e cultura. Orientadora: Suely Kofes. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2003.



MINER, Horacer. Os ritos corporais entre os Nacirema. In: ROONEY, A.K.; VORE, P.L. de (Org.). You and the others: Readings in Introductory Anthropology. Cambridge: Erlich, 1976. p.01 – 06. Disponível em: https://www2.unifap.br/poscult/files/2018/08/Texto_MINER_Nacirema.pdf

SANGRO, Revista. Sobre a Revista. 2025. Disponível em: <https://www.labirinto.labjor.unicamp.br/revista-sangro/sangro-0-sobre-a-revista/>



Subjetivação e Agenciamento na Era Digital

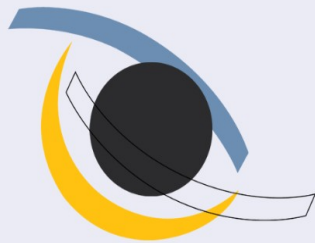
Bianca Cavichioli Schuermann de Barros¹

Este projeto de pesquisa visa compreender os agenciamentos que as tecnologias, marcadas por sua ubiquidade, exercem sobre a sociedade contemporânea, investigando como essas tensões modulam a subjetividade e as interações sociais dos indivíduos. Estaremos nos baseando nos resultados obtidos em uma pesquisa de iniciação científica e monografia, realizada no período de 2023 a 2024, ambas intituladas “Cronicamente online: as tecnologias de informação e comunicação entre ubiquidade e permanência digital”. Nesse primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico e de postagens em redes sociais (principalmente YouTube e TikTok) que continham o termo “cronicamente online” em sua descrição/conteúdo – pretendíamos compreender como esse fenômeno, de estar constantemente conectado às redes sociais e à internet no geral, é constituído discursivamente, enquanto concomitantemente contribui para uma estruturação cultural ao redor do próprio conceito. Como resultado, nos apropriamos de três categorias analíticas para descrever a constituição narrativa do fenômeno: distanciamento da realidade; caráter comunitário; e o que definimos como *estética digital*. Aqui, o conceito de estética se refere à estética como conceito teórico cunhado por Jacques Rancière (2005) para se referir ao mundo sensível que é, simultaneamente, regido pela política do sistema vigente e partilhado pelos indivíduos da mesma sociedade. Partindo deste conceito, procuramos desenvolver uma noção que abrange os agenciamentos do corpo humano para com objetos tecnológicos, e dos objetos tecnológicos para com os seres humanos; que geram inúmeras maneiras outras através das quais nós experienciamos nosso corpo e, por extensão, o mundo.

A relevância da investigação da interseção entre estética digital, farmacopornografia e construções teóricas sobre o corpo em relação com a técnica se destaca devido às transformações nas formas de subjetivação e controle que tecnologias contemporâneas promovem. Nesse cenário, a lógica farmacopornográfica se torna um elemento central para compreender como as tecnologias digitais e biotecnológicas se entrelaçam para regular e mercantilizar a subjetivação, configurando uma nova economia política do corpo e, conseqüentemente, da estética.

Neste projeto de mestrado, buscamos uma maior elaboração sobre a constituição teórica do corpo, sensorialidades e técnica. Através de uma análise que parte de uma ótica foucaultiana do exercício do poder na atualidade, busca-se examinar as novas técnicas e táticas para seu funcionamento, expressas nos discursos e práticas digitais, assim como na interação da sociedade com os objetos eletrônicos.

¹Mestrando(a/e) em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas) – b166894@dac.unicamp.br



Propomos uma estruturação teórica a partir das contribuições de Michel Foucault que influenciaram autores como o supracitado Jacques Rancière (id.), Paul Preciado (2023) e Byung-Chul Han (2018), utilizando conceitos como o já mencionado da estética, farmacopornografia e psicopolítica.

Inicialmente, para realizar esta investigação, esta pesquisa pretendia adotar a abordagem metodológica da cartografia sentimental, complementada por um estudo teórico que mobiliza as obras de Michel Foucault, Paul B. Preciado e Byung-Chul Han. A intenção era conduzir essa análise cartográfica sentimental (Rolnik, 2014), para examinar como as manifestações discursivas e visuais nas plataformas online refletem e reproduzem as dinâmicas sob lógicas farmacopornográficas e psicopolíticas. Entretanto, apesar do levantamento teórico ter sido/estar sendo realizado, tal abordagem metodológica, que seria realizada no ambiente virtual, vem sendo repensada. Pretendemos manter a cartografia, mas alterar o cenário – não mais no ambiente online, mas em modelo híbrido, privilegiando, também, o físico. Além disso, a Teoria Ator-Rede, desenvolvida por Bruno Latour (2025), oferece um aparato metodológico particularmente adequado para investigar como códigos, máquinas e pessoas se articulam na constituição do sensível (com)partilhado contemporâneo; assim como se mostrou imprescindível a integração das perspectivas metodológicas de Laymert Garcia dos Santos (2022) – que busca uma sociologia não-autocrática das máquinas – e Tim Ingold (2015) – que aborda o “estar vivo”, oferecendo dimensão metodológica que focaliza as experiências sensoriais diretas que emergem do engajamento corporal com o mundo.

Durante o primeiro semestre desta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico para melhor compreender qual é a construção teórico-conceitual contemporânea sobre corpo, corporalidade e sensorialidade. Tal objetivo foi definido quando compreendemos que não seria possível assimilar a noção de estética – e mais especificamente, estética digital – sem compreender como o corpo sensível adentra a discussão acadêmica e cotidiana. Para tal, a disciplina privilegiada foi a psicanálise. As corporalidades contemporâneas constituem-se através de sistemas comunicativos que operam simultaneamente através de registros prototáticos, subsimbólicos e algorítmicos, produzindo formas inéditas de experiência corporal (que haverão de ser destrinchadas na pesquisa de mestrado em andamento) que condensam sensorialmente e simbolicamente experiências relacionais complexas.

No limite, pretendemos obter maior compreensão e discernimento crítico sobre as contraposições e os agenciamentos que ocorrem entre tecnologias contemporâneas, a sociedade e a subjetividade; mais especificamente, entre as tecnologias contemporâneas e as sensorialidades e corporalidades possíveis.

Palavras-chave: Sociologia da tecnologia; Redes Sociais; Estética Digital; Sensorialidade; Tecnologia.

Referências:

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 1a. ed., Belo Horizonte: Âyiné, 2018



PRADO Filho, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013 A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013

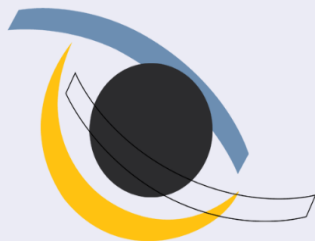
PRADO FILHO, Kleb.; LOBO, Lilia Ferreira; LEMOS, Flavia Cristina Silveira. A história do presente em Foucault e as lutas atuais. Fractal: Revista de Psicologia, v. 26, n. 1, p. 29–42, jan. 2014.

PRECIADO, Paul B. Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo, SP: Ed. 34, 2005.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a edição ed. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2014.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Título: O que (não) se fala sobre adolescentes que amamentam? Uma etnografia do campo da amamentação

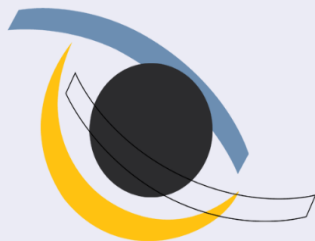
Laura Lino Mendes da Cruz¹

Pesquisas recentes revelam a dimensão do fenômeno: a cada 20 segundos uma adolescente dá à luz a um bebê na América Latina e no Caribe (ONU NEWS, 2025). No Brasil, dados de 2025 indicam que uma em cada 23 adolescentes entre 15 e 19 anos tem um filho a cada ano, o que representa mais de um milhão de jovens nessa faixa etária entre 2020 e 2022. Entre meninas de 10 a 14 anos, foram registrados mais de 49 mil casos — idade em que toda gestação é considerada estupro de vulnerável (NEXO JORNAL, 2025). Aproximadamente 1.043 adolescentes engravidam todos os dias no país (BRASIL, 2023). Embora a gravidez na adolescência seja amplamente tratada como um problema de saúde pública, associada a riscos biológicos, sociais e econômicos, a amamentação nesse contexto é pouco explorada. Estudos indicam menor prevalência de amamentação exclusivo entre adolescentes em relação às adultas, resultado não de escolhas individuais isoladas, mas de um conjunto de fatores estruturais: desigualdades socioeconômicas, acesso limitado a informações e serviços, fragilidade de redes de apoio, discriminação e os desafios em um período da vida de intensas transformações.

Ainda são escassas as investigações qualitativas que examinem como essas adolescentes vivenciam a amamentação, que apoios recebem ou deixam de receber, e como elaboram estratégias para amamentar — ou não — diante das condições concretas de suas vidas. O campo da amamentação articula dimensões biomédicas, culturais, políticas e morais. Ao mesmo tempo em que o discurso técnico-científico tende a reforçar benefícios universais do leite humano, pouco se problematiza como esses saberes dialogam (ou colidem) com experiências concretas marcadas por gênero, geração, classe, raça e território. Nesse sentido, a adolescência ocupa um lugar marginal tanto na produção acadêmica sobre amamentação quanto na agenda de eventos científicos e institucionais da área.

Este projeto parte da constatação dessa lacuna e propõe investigar de que forma a relação entre adolescência e amamentação é abordada — ou silenciada — nas práticas e discursos do campo da saúde, mais especificamente nos estudos sobre amamentação. O estudo tem três objetivos principais: (1) mapear a presença e o tratamento da temática da adolescência em teses, dissertações e artigos científicos e na programação de congressos e eventos especializados sobre amamentação; (2) analisar como esses espaços constroem sentidos, normas e ausências em relação a amamentação na

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: lauralinomc@gmail.com.



adolescência; e (3) contribuir para reflexões que ampliem a compreensão da diversidade de experiências e necessidades das adolescentes que amamentam.

A pesquisa será desenvolvida em duas etapas articuladas. A primeira consiste em uma revisão bibliográfica sistematizada sobre adolescência e amamentação, utilizando bases nacionais e internacionais (como, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, SciELO, LILACS e PubMed), a fim de identificar tendências temáticas, lacunas e abordagens metodológicas predominantes. Serão incluídos artigos publicados a partir dos anos 2015, com atenção especial a estudos qualitativos e análises interseccionais.

A segunda etapa envolve uma etnografia de eventos científicos nacionais nas áreas de pediatria e amamentação. Essa etapa prevê a etnografia em congressos, simpósios e encontros de relevância reconhecida no campo, registrando a estrutura da programação, as temáticas das mesas e conferências, a composição de gênero, raça e titulação dos palestrantes, bem como as interações e discussões suscitadas durante o evento. Também será analisado o material institucional e de divulgação produzido nesses espaços — como anais, folders, redes sociais e campanhas — para compreender como o tema é visibilizado ou invisibilizado. Eventualmente, serão realizadas entrevistas.

A escolha por essa estratégia metodológica busca compreender a produção de sentidos sobre a amamentação na adolescência não apenas nos textos acadêmicos, mas também em espaços de circulação e legitimação de saberes técnico-científicos. A análise será orientada por referenciais da antropologia, dos estudos de gênero e da saúde coletiva, permitindo articular as dimensões simbólicas, relacionais e políticas que atravessam o tema.

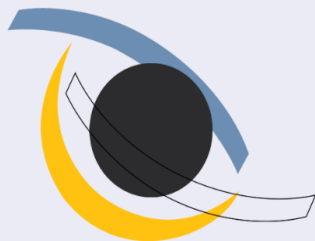
O estudo pretende, assim, caracterizar o lugar que a amamentação na adolescência ocupa no campo institucional da amamentação no Brasil, oferecendo elementos para repensar políticas públicas, práticas de cuidado e estratégias de formação profissional. Ao enfatizar a perspectiva das lacunas e silêncios, a pesquisa busca subsidiar uma abordagem mais situada, plural e sensível à diversidade de contextos, histórias e desafios enfrentados por adolescentes que amamentam. Embora não se proponha a avaliar práticas individuais de amamentação, o projeto se coloca como uma investigação sobre como se constrói — ou se nega — a legitimidade desse lugar na agenda científica e política da amamentação.

Palavras-chave: Adolescência; Amamentação; Antropologia.

REFERÊNCIAS

CREMONESE, L. et al. A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 6, n. 3, p. 317-326, 2016.

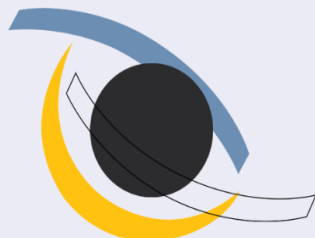
GIORDANI, R. C. F. et al. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 8, p. 2731–2739, 2018.



KALIL, I. R.; AGUIAR, A. C. de. Silêncios nos discursos pró-aleitamento materno: uma análise na perspectiva de gênero. *Estudos Feministas*, v. 25, n. 2, p. 637–660, 2017.

NUCCI, M.; FAZZIONI, N. Amor ou risco? Refletindo sobre sentidos, regulações e orientações a respeito do leite materno a partir de casos de “amamentação cruzada”. *Horizontes Antropológicos*, n. 61, p. 291-322, 2021.

FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.



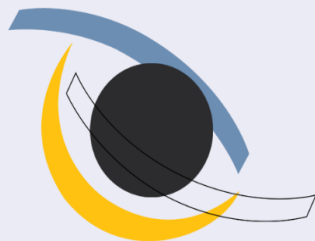
PROJETO DE PESQUISA - concluído

Autocompostagem: uma metodologia de pesquisa, leitura e escrita (sobre dissertação defendida em agosto de 2025)

Wallace Franco da Silva Fauth¹

A apresentação oral busca apresentar trabalho de mestrado concluído em agosto de 2025, cujo título é “Autocompostagem: leitura e escrita no Chthuluceno”. A pesquisa expandiu a noção de compostagem pensada por Donna Haraway e conceituou o termo autocompostagem como um método de pesquisa, de leitura e de escrita. Para tanto, fundamentou-se na ação dos seres ctônicos no Chthuluceno (Haraway, 2023) e nas ideias de Tim Ingold (2020) sobre atenção e correspondência, entrelaçando-as com a noção de zona de contato como espaço de encontros e tensões entre mundos, corpos e saberes. A investigação traça um percurso metodológico composteiro, assumidamente experimental e artístico, em que os próprios processos de escrita e de leitura estão comprometidos com as práticas de cultivo, decomposição e fertilização que dissolvem hierarquias e nutrem alianças interespecies e interdisciplinares. Com esse gesto, o trabalho estabelece diálogos entre ciências, artes e epistemologias múltiplas, abrindo respiros para a escuta do pensamento em transformação. A autocompostagem, nesse contexto, alinha-se à noção de "perceber-fazer floresta" (Dias, 2020) como prática ética-amorosa de resistência e invenção capaz de criar condições de leitura e de escrita para um enfrentamento potente dos fatores contrários à vida no Antropoceno. Pensando com Haraway e habitando a terra/Terra em um devir-com as minhocas, a pesquisa se tece como um jogo de barbante em zonas de contato, abrindo caminhos e criando bioporos em mundificações, (a)colhendo possibilidades em vez de certezas, preparando o terreno para o florescimento multiespécie em um mundo degradado. Para a apresentação no 12º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura, a ênfase estará na autocompostagem como metodologia não só de pesquisa, mas também de leitura e de escrita. Autocompostar é mergulhar corajosamente na pilha de composto para tornar-se húmus. Entrar nessa lama de compostagem é tornar-se também o próprio pesquisador uma ideia, uma ação, por isso escolhemos o prefixo auto na concepção da compostagem como metodologia. Nesse caso, o pesquisador é um produtor dos bioporos que ajudam a revigorar a universidade e, conseqüentemente, a sociedade, com a oxigenação das suas ações/ideias. Essa metodologia composteira de um devir-com as minhocas é a responsável por abrir espaços, abrir fendas, abrir túneis para a passagem de águas e ventos com toda a diversidade de seres que habitam o dentro e o fora desses subterrâneos. Uma metodologia, portanto, que busca deixar vazios disponíveis para a diversidade: de seres, de modos de existência, de pensamentos, de hipóteses, de

¹ Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas.
fauthwallace@gmail.com



experiências, de conclusões. Uma metodologia que – como as minhocas, que produzem húmus – produz ideias que são ações. Uma metodologia de pesquisa que faz da leitura um grande movimento – de escrita e de pensamento – a derramar-se em ações que se estendem pela sociedade, por intermédio, inclusive e por exemplo, dos programas universitários de extensão. O que importa em uma pesquisa com metodologia composteira é pensar a ideia de uma criação cósmica mais ligada a um mundo todo vivo e menos centrada no humano como núcleo de todos os processos. Como afirmou Susana Dias (2020) sobre perceber-fazer floresta, “o problema que nos interessa pensar é menos o de comunicar algo já dado e mais o de entrar em comunicação com um mundo todo vivo” (grifo meu). Não se trata, portanto, de narrar um resultado de pesquisa, mas de compostar, fazer-viver-pensar-com. Em um devir-com as minhocas, nessa metodologia composteira, criam-se fendas, abrem-se espaços, constroem-se vazios e produzem-se compostos orgânicos para alimentar vidas, raízes e sementes. E essas são algumas das certezas científicas que os pesquisadores deixamos: a abertura, a fenda, a passagem. Trata-se de um deixar em aberto, mas a partir de uma observação rigorosa e – por que não acrescentar? – vigorosa. Além de um rigor científico, uma metodologia composteira pressupõe um vigor científico, em que a pesquisa é vivida, faz parte da vida do pesquisador e com ele desce à terra e vira húmus. O resultado de pesquisa é a escrita de sua própria vivência com os respectivos autores que importaram, que foram escolhidos para pensar-com.

Palavras-chave: Autocompostagem, Leitura, Escrita, zona de contato, Chthuluceno.

REFERÊNCIAS

DIAS, Susana. **Perceber-fazer floresta**: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. Revista Climacom, ano 07, n. 17, "Florestas", 2020. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Tradução de Victor Emanuel Santos Lima e Leonardo Rangel dos Reis. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 4

Instituições, Memórias e Difusão Científica

Debatedor:

Silvio Chibeni

Autores:

Marcos Vinícius Ribeiro Ferreira

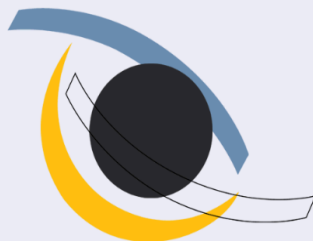
José Vinicio Archanjo Júnior

Felippe Fonseca da Silva Serra

Lívia Mendes Pereira

João Guilherme Souza dos Santos

Jade Gonçalves Castilho Leite

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Divulgando um centro de pesquisa junto a professores de ciências:
análise da ESPEM como estratégia de divulgação**Marcos Vinícius Ribeiro Ferreira¹Natasha Fioretto Agüero²

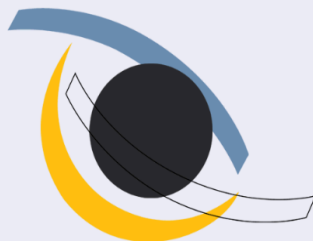
O objetivo deste relato de experiência é comunicar sobre uma iniciativa de divulgação científica ímpar que promove a ciência de ponta, produzida em um dos maiores centros de ciência brasileiros, junto a professores do ensino médio, que se tornam divulgadores do centro de pesquisa e de seu impacto. Essa iniciativa é a Escola Sirius para Professores do Ensino Médio (ESPEM), ofertada pelo Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM) em parceria com a Sociedade Brasileira de Física (SBF). A escola é destinada principalmente a professores do ensino médio público das áreas de Biologia, Física e Química (Oliveira, 2024).

A ESPEM promove a imersão desses professores no ambiente de ciência e inovação do CNPEM para que eles desenvolvam formas próprias de ensino e divulgação dos conhecimentos científicos e do Centro de pesquisa em suas regiões de origem, ampliando a conscientização sobre a relevância da ciência brasileira para o desenvolvimento da sociedade. O trabalho de divulgação científica alinhado ao ensino de ciências, por meio de educadores, é uma estratégia que tende a bons resultados em termos de ensino-aprendizagem, e também de popularização da cultura e instituições científicas, sendo amplamente explorada na literatura especializada (Lima; Giordan, 2017; Ferreira; Queiroz, 2012; Rosa; Goi, 2020).

Segundo dados compilados pela Assessoria de Comunicação (ACO) do CNPEM, em conjunto com o Comitê Organizador do referido evento, constata-se que a ESPEM tem recebido participantes de todas as unidades federativas do Brasil, com público atendido de 728 professores em sete edições, sendo duas dessas online, havendo participação internacional de professores de países vizinhos em sua 6ª edição, demonstrando seu alcance e impacto. Criada em 2019, a iniciativa vem crescendo a cada ano, sendo realizada sua 7ª edição em 2025, que contou com 60 participantes de ampla diversidade de idades, com esforços de equiparidade de gênero (29 mulheres e 31 homens) e de disciplinas lecionadas pelos docentes, como a Física (24 professores), Química (18) e Biologia (18). Dessa forma, a seleção de participantes preconizou a boa distribuição entre unidades federativas, gênero e áreas de atuação. As unidades federativas BA, CE, ES, MG, PA e SP contribuíram com três professores participantes na 7ª edição, enquanto as demais contribuíram com dois

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (PIEC-USP). marcos.vinicius.ferreira@usp.br.

² Assessoria de Comunicação, Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM). natasha.fioretto@cnpem.br.



participantes cada, evidenciando o alcance nacional do evento. Nesta edição, assim como em eventos anteriores, a Escola teve duração de cinco dias, ocorrendo entre 13 e 17 de janeiro de 2025. Os professores participantes chegaram à Campinas-SP de todas as regiões do país, sendo integralmente custeado pelo CNPEM os transportes de ida e volta para aqueles que não fossem no estado de SP, assim como toda a estadia em Campinas durante a semana, alimentação, transporte para o hotel e locais de realização do evento.

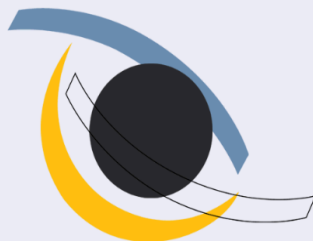
A 7ª edição obteve 670 inscritos, correspondendo a um aumento de 98% em relação à edição anterior, o que demonstra o interesse de professores de todo o país em fazer parte da ESPEM, tornando a concorrência na ordem de 11,2 professores por vaga, aproximadamente. Para ampliar o alcance e popularidade do evento, a ACO investiu em postagens e impulsionamento em redes sociais, envios segmentados de e-mails e divulgação em veículos de comunicação.

Quanto às formas de contato com a ESPEM 2025, os participantes indicaram contato majoritariamente orgânico, por meio de indicações pessoais de colegas professores (54% dos respondentes). As redes sociais do CNPEM (@cnpem) e grupos de WhatsApp também foram importantes, sendo os meios de comunicação indicados por 16% e 9% dos participantes, respectivamente. Métodos formais como e-mails enviados pelo CNPEM (5%) tiveram menor alcance, por mais que o site da ESPEM 2025 (indicado por 9% dos participantes) tenha sido o mais acessado dentre as páginas do Centro nesse período. Além disso, dentre os 60 participantes da última edição, 44 forneceram feedbacks para o aperfeiçoamento do evento de forma anônima, sendo a nota de satisfação média atribuída de 10, com desvio-padrão de 0 (em escala de 0 à 10 de satisfação), o que representa a ampla apreciação das atividades promovidas pela ESPEM.

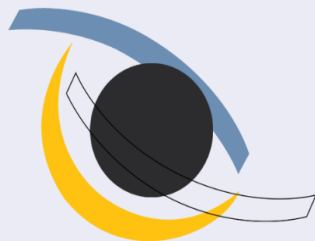
Dentre diversas estratégias de divulgação científica no Brasil, a ESPEM é singular ao incluir professores atuantes no ensino médio, pesquisadores vinculados a um centro de pesquisa avançada e especialistas em ensino e divulgação de ciências. Para os professores, essa vivência não só facilita a aplicação de conceitos em sala de aula, mas também os inspira a comunicar sobre o CNPEM em suas esferas de atuação. Para os especialistas em ensino e divulgação científica, a ESPEM representa uma oportunidade única de exercitar a transposição do conhecimento gerado em laboratórios de alta tecnologia para uma linguagem simples e acessível (Rigamonti, 2024; 2020; Silva; Ferreira; Lima, 2024). Essa prática não apenas fortalece a aproximação entre a ciência e a sociedade, mas ainda subsidia o desenvolvimento de novos materiais de ensino e divulgação científica, como por exemplo o livro “Desvendando o universo quântico” (Reis; Souza, 2023), de autoria de ex-participante da ESPEM, que aborda o acelerador Sirius.

Palavras-chave: Divulgação científica; Formação de professores; Ensino de ciências; Escola Sirius para Professores de Ensino Médio; Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais.

REFERÊNCIAS



- LIMA, G. DA S.; GIORDAN, M. Propósitos da divulgação científica no planejamento de ensino. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v. 19, p. e2932, 2017.
- FERREIRA, L. N. A.; QUEIROZ, S. L. Textos de divulgação científica no ensino de Ciências: uma revisão. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 1, p. 3–31, 2012.
- OLIVEIRA, Laís Estevão Moraes de. **Interação radiação-matéria: uma sequência didática sobre o Sirius**. 2024. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.
- REIS, G. A. J.; SOUZA, R. S. **Desvendando o universo quântico**: uma jornada pela física do infinitamente pequeno. Salvador: Física Contextualizada, 2023. 89p.
- RIGAMONTI JR., H. et al. ROLINHA: a beamline scale model for teaching physics at Sirius. **Proc. of SPIE**, v. 13128, p. 1–10, 2024.
- ROSA, A. P.; GOI, M. E. J. A utilização de textos de divulgação científica no ensino de Química. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, p. e123963480, 20 abr. 2020.
- SILVA, R. A. DA.; FERREIRA, H. S.; LIMA, J. R. T.. Maquete do acelerador de partículas Sirius: uma abordagem investigativa para explorar a geração da luz síncrotron. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 46, p. e20240099, 2024.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Teatro, Tecnologias e Sociedade: uma descrição do grupo QuiTrupe
pelo olhar da Teoria Ator-Rede**José Vinício Archanjo Júnior¹Adilson da Silva Melo²Jane Raquel Silva de Oliveira³

A popularização da ciência busca ampliar o acesso ao conhecimento e, nesse esforço, muitas vezes se vincula à extensão universitária para alcançar a comunidade externa ao ambiente acadêmico sob diversos formatos. Este trabalho investiga a rede sociotécnica da primeira década do grupo QuiTrupe, projeto de extensão da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), que promove apresentações teatrais com experimentos químicos para fomentar a educação científica. O objetivo é descrever e analisar as associações entre atores humanos (participantes, professoras e público) e não-humanos (experimentos, figurinos e organizações envolvidas) que possibilitaram a constituição e consolidação deste coletivo.

Dessa forma, o referencial teórico-metodológico que fundamenta esta pesquisa é a Teoria Ator-Rede (TAR) (Latour; Woolgar, 1997; Latour, 2012), que permite mapear as relações microssociológicas e transcender visões dicotômicas entre arte, ciência e educação. Por isso, o termo Cienciarte é discutido como uma proposta transdisciplinar (European Commission, 2024) e o fazer teatral se relaciona com as áreas de desenvolvimento e educação como tecnologias sociais que possibilitam a transformação a partir da realidade local (Dowbor, 2012; Freire, 2019; Boal, 2019).

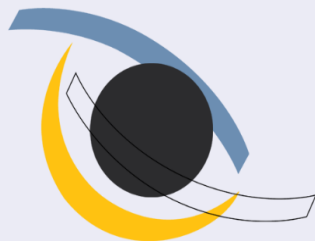
Esta investigação busca contribuir para a consolidação do fazer teatral no contexto da divulgação científica, se somando a trabalhos como o de Moreira (2013), que investiga a presença deste fenômeno em centros e museus de ciências, e a pesquisa de Weitkamp e Almeida (2022), que promovem o mapeamento mundial da área, evidenciando a ampla diversidade de formatos possíveis que aliam arte e ciência em sua concepção.

A metodologia exploratória, guiada pela TAR, se baseou na análise de documentos oficiais, registros digitais no Facebook e 12 entrevistas semiestruturadas com atores-chaves da rede, abrangendo membros e ex-membros do grupo. Os primeiros resultados são apresentados de forma textual e gráfica, evidenciando tendências do QuiTrupe ao longo do tempo. A constituição e consolidação do grupo são detalhados a partir da sua gênese no projeto “Show da Química”, iniciado em 2008, cujo formato de

¹ Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Estudante de Especialização em Jornalismo Científico pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). archanjo@unifei.edu.br;

² Docente na Universidade Federal de Itajubá. prof.adilsonmelo@unifei.edu.br;

³ Docente na Universidade Federal de Itajubá. janeraquel@unifei.edu.br



espetacularização dos experimentos é recorrente na extensão universitária em cursos de química.

O Show da Química da UNIFEI possuía centralidade na ação de um ator humano (Glauber, servidor técnico do único laboratório de química da universidade naquele momento), e permaneceu em atividade por vários anos, contando com visitas de escolas à Instituição e a participação anual no evento da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O primeiro ponto de virada do projeto acontece com a inauguração dos cursos de química na Universidade, em 2012, quando estudantes de graduação passam a integrar a equipe.

No ano seguinte, Glauber se afasta dos palcos e começa a atuar como consultor do projeto. Com isso, os novos participantes propõem a construção de um enredo teatral para integrar a demonstração dos experimentos químicos já realizada. Assim, surge a peça *O Aniversário da Sogra* (2013), onde um mágico/químico promove momentos de entretenimento para uma festa de aniversário. Os entrevistados apontam que esta foi a primeira produção do grupo QuiTrupe, devido a mudança estrutural das apresentações para um formato que aliasse arte e ciência.

O QuiTrupe se consolidou a partir da autonomia discente, com destaque para a atuação de Lucas César, que direcionava as ações criativas do projeto. Ele foi o responsável por propor o nome do grupo, em 2014, e embora o fazer teatral possua caráter coletivo, foi ele o principal autor das peças *O Mágico de O₂* (2014), *A Fantástica Fábrica da Química* (2016) e *Alice Cientificamente Comprovada* (2018).

A trajetória de *O Mágico de O₂*, em particular, consolida importantes características do projeto, como a inspiração na literatura infantojuvenil e o humor presente nos roteiros. É nesse período também que o grupo constrói uma cortina a partir de canos PVC, o que promove autonomia para suas apresentações em qualquer espaço escolar e evidencia o destaque para os atores não-humanos presentes na rede.

Embora esta investigação apresente análises parciais, ela busca contribuir para a compreensão da dinâmica de redes de divulgação científica e cultural. A trajetória do QuiTrupe revela um modelo de extensão que não consiste em estruturas formais ou grande financiamento, mas que acontece a partir da associação de diversos atores, humanos e não-humanos. Este estudo demonstra que a articulação entre arte e ciência promoveu uma rede robusta a partir da autonomia estudantil, cujo percurso é marcado por uma rica trajetória histórica e contínua transformação.

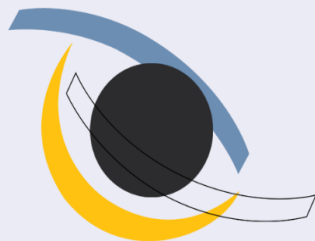
Palavras-chave: Tecnologia Social; Divulgação Científica; Teatro e Ciência; Teoria Ator-Rede.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Editora 34, 2019. 232 p. ISBN 978-8573267303.

DOWBOR, Ladislau. Democracia econômica: alternativas de gestão social. Petrópolis: Vozes, 2012. 131 p. ISBN 978-85-326-3611-9.

EUROPEAN COMMISSION; NEWMAN, A.; MCKEON, A.; PAOLINI, C.; SARMENTO, C.; BERGAUST, K.; HOCH, M.; PURG, P.; DOMINICI, P.; VAN



DEN AKKER, R.; GARCIA ROBLES, R.; GREAVES, S.; CHEMI, T.; DENIGOT, T. Science and art for transdisciplinary education. In: KOURTI, N. (ed.). European Commission, Ispra, 2024. Disponível em: <https://www.iscap.pt/cei/wp/wp-content/uploads/2024/05/Science-and-Art-for-Transdisciplinary-Education.pdf>. Acesso em 15 nov. 2024.

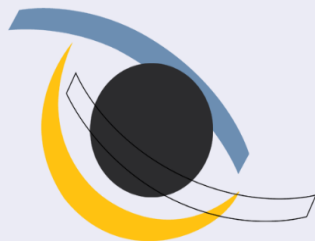
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 84. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019. 256 p. ISBN 978-8577534180.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. 310 p. ISBN 978-8573161236.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. 1 ed. Salvador: Edufba, 2012.

MOREIRA, Leonardo Maciel. **O teatro em museus e centros de ciências: uma leitura na perspectiva da alfabetização científica**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde- 04112013-114701. Acesso em: 2025-05-15.

WEITKAMP, Emma; ALMEIDA, Carla. **Science & Theatre: Communicating Science and Technology with Performing Arts**. Leeds: Emerald Publishing Limited, 2022. 236 p.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

A dimensão formativa do Ciência em cena: estudo de uma atividade de mediação preparatória para grupos escolares que assistem à peça "*É o fim da picada!*" no Museu da Vida Fiocruz.

Felippe Fonseca da Silva Serra¹
Carla da Silva Almeida²

Esta pesquisa de mestrado, vinculada ao Museu da Vida Fiocruz (MVF), investiga a potencialização da experiência teatral de crianças e adolescentes em visitas escolares ao espetáculo "*É o fim da picada!*", do setor Ciência em cena. O objetivo central é desenvolver e analisar um recurso pedagógico de mediação prévia à visita, aplicado em sala de aula, para ampliar a recepção do Teatro em contexto de Divulgação científica (TCDC). A proposta parte de inquietações sobre o lugar instrumentalizado do teatro em práticas museais, questionando como a mediação prévia pode enriquecer a interação entre museu e escola, além de contribuir para consolidar a interface ciência-teatro como campo epistemológico colaborativo.

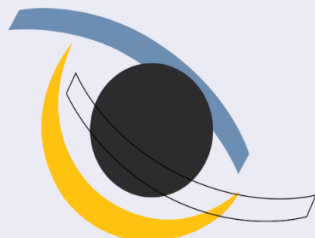
Ciência-teatro envolve o encontro de dois campos que mantêm uma relação prolífica desde a Grécia Antiga, com a construção do Epidauro e o advento do teatro grego, especialmente a tragédia e suas questões sobre o saber e o poder. A vida dos cientistas, seus dilemas éticos e morais, suas descobertas e seus impactos na sociedade têm inspirado dramaturgos há vários séculos, em diversos lugares, e já subiram aos palcos de muitos teatros ao redor do mundo (ALMEIDA et al., 2018).

Observa-se em anos recentes uma proliferação de iniciativas de divulgação científica mesclando ciência e teatro em várias partes do mundo. Elas ganham visibilidade por meio de redes e eventos que reúnem a comunidade de profissionais e pesquisadores da área, como a Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia para a América Latina e o Caribe (RedPop), a Rede Europeia de Centros e Museus de Ciência (Ecsite) e a Rede de Comunicação Pública de Ciência e Tecnologia (PCST) (ALMEIDA e LOPES, 2019). Embora os Estados Unidos e o Reino Unido se destaquem na produção teatral do campo, há registros delas em diversos países, de diferentes tamanhos e economias, em praticamente todos os continentes. Com base em uma enquête respondida por 108 profissionais que se dedicam ao teatro no contexto da divulgação científica, baseados em 24 países, de cinco continentes, Weitkamp e Almeida (2022) revelam um campo rico e experimental, marcado por uma grande diversidade, sobretudo em termos de temas e formatos explorados, locais de apresentação, profissionais envolvidos e públicos.

Para as considerações feitas nesse projeto, mais importante que tentar encerrar uma definição e sua melhor titulação é apontar as especificidades, diversidade de experiências, dissensos e consensos que ocorrem nas inúmeras práticas da interface ciência-teatro e, assim, situar o Ciência em Cena. A título de maior clareza discursiva, será utilizado o termo "interface ciência-teatro" para contemplar as experiências nas quais ciências e teatro (ou sujeitos associados a esses diferentes campos) ocorrem de maneira colaborativa, independente do

¹ Mestrando em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (PPGDC/COC-Fiocruz). E-mail: felippenf@edu.unirio.br.

² Pesquisadora do Museu da Vida Fiocruz. E-mail: carla.almeida@fiocruz.br



espaço físico-institucional, com justificativas e fins distintos. E mais especificamente as práticas de montagem teatral que possuem objetivos de Divulgação científica ou ocorrem em espaços institucionais com esses objetivos (como museus de ciências), podendo ou não ocorrer pela colaboração entre artistas e cientistas, nomeamos neste resumo - e ao longo da dissertação a ser escrita - como “Teatro em contexto de Divulgação científica” (TCDC). O ensaio de Almeida e Hamilton (2023) elabora detalhadamente essa questão das tentativas de definições e nomeações globalmente a partir dos mapeamentos - tanto de prática quanto de revisão da literatura - feitos mais atualmente.

Uma revisão bibliográfica apontou consensos e dissensos no campo. Entre os primeiros, destaca-se o avanço nos estudos de público e a natureza multiprofissional do TCDC. Contudo, persistem visões reducionistas que relegam o Teatro a ferramenta didática, sem reconhecer seu valor epistemológico. A maioria das publicações enfoca o “aprendizado significativo” em Ciências Naturais, negligenciando a natureza interdisciplinar e artística da prática. Além disso, há escassez de pesquisas sobre mediações e o papel de professores na formação de plateias.

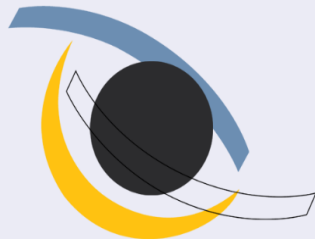
A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, estrutura-se em cinco etapas: A primeira, já realizada, consistiu na elaboração de material paradidático: um programa de peça para “*É o fim picada!*” e um plano de atividades para sala de aula; A etapa seguinte consiste na Testagem do material; As três etapas seguintes são: entrevistas com professores colaboradores na elaboração e testagem do material; Aplicação da versão final após testes em escola selecionada; e, por fim, entrevistas com professores participantes da aplicação após a visitação de suas turmas ao Museu.

Considerando a relevância que a relação museu-escola tem para a Divulgação científica (CABRAL; GUIMARÃES, 2020), parto do pressuposto de que professores podem ocupar papel fundamental na formação de plateia para e na recepção do TCDC. Além de gerar um material que pode ser integrado ao acervo educativo do MVF, a pesquisa busca fortalecer a interface ciência-teatro ao demonstrar colaborações horizontais entre campos, superando visões instrumentais; documentar práticas de TCDC, suprimindo a carência de registros sistemáticos que dificultam a reflexão acadêmica e a práxis; e ampliar o debate sobre mediação prévia, destacando o papel estratégico de professores na construção de plateias críticas e na integração museu-escola.

Palavras-chave: Divulgação científica; Teatro; Teatro em contexto de divulgação científica; Mediação; Museu da vida fiocruz.

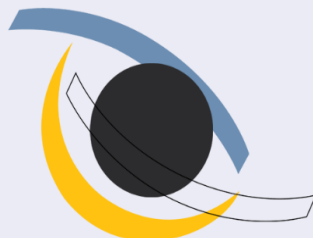
REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carla da Silva; FREIRE, Maíra; BENTO, Luiz., JARIDM, Gabriela; RAMALHO, Marina; DAHMOUCHE, Mônica. Ciência e teatro: um estudo sobre as artes cênicas como estratégia de educação e divulgação da ciência em museus. *Ciência & Educação*, v.24, n.2, p.375-393, 2018.
- ALMEIDA, Carla da Silva; HAMILTON, Wanda Susana. O Teatro no contexto da Divulgação científica: muito praticada, ainda pouco compreendido. *Revista Poiésis*, [s. l.], v. 24, n. 41, p. 105–126, 2023.
- ALMEIDA, Carla da Silva; LOPES, Thelma. Ciência, teatro e divulgação científica. In: ALMEIDA, Carla da Silva; LOPES, Thelma. (org.). *Ciência em Cena: teatro no Museu da Vida*. 1ed. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2019, p. 26-39.



CABRAL, Eliza da Cunha; GUIMARÃES, Vanessa Fernandes. O Público Potencial Escolar do Museu da Vida: um estudo exploratório em escolas da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. *Ciência & Educação* [Bauru], v. 26, p. e20050, 2020b.

WEITKAMP, Emma; ALMEIDA, Carla da Silva. *Science & Theatre: Communicating Science and Technology with Performing Arts*. [S. l.]: Emerald Publishing Limited, 2022.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

A antiguidade viva na difusão científica em Estudos Clássicos

Lívia Mendes Pereira¹

A realização da divulgação científica na área de Estudos Clássicos, uma área tradicionalmente voltada a um público restrito de especialistas, necessita de estratégias que aproximem as pesquisas da sociedade em geral. Nesse contexto, a experiência aqui relatada descreve ações desenvolvidas no âmbito do projeto Mídia Ciência/FAPESP, a partir dos trabalhos realizados pela bolsista de Jornalismo Científico IV, no Centro de Estudos Clássicos (CEC) e no Centro de Teoria da Filologia (CTF) da Unicamp, em parceria com o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/UNICAMP).

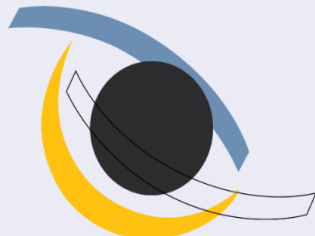
Levando em consideração que a missão da universidade pública inclui democratizar o conhecimento e ampliar o acesso da população aos resultados de suas investigações, fortalecendo o diálogo entre ciência e sociedade, o objetivo do trabalho é o de demonstrar como a articulação entre teoria e prática pode resultar em ações de divulgação científica eficazes, diversificadas e alinhadas às novas demandas comunicacionais. O projeto Mídia Ciência contemplou a criação e manutenção de três frentes principais de comunicação: a criação de um website institucional, a veiculação de uma Newsletter mensal e a produção de press releases para a mídia externa.

O website do Centro de Estudos Clássicos (CEC/UNICAMP) foi lançado em junho de 2024 e, ao longo de um ano, se consolidou como repositório de conteúdos de jornalismo científico produzidos pelo CEC e CTF. Seu desenvolvimento envolveu etapas como a obtenção do domínio junto ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, a contratação de designer e a configuração via wordpress. Para medir o impacto e orientar melhorias, o site conta com monitoramento via Google Analytics, permitindo acompanhar métricas como número de acessos, perfil demográfico dos visitantes e engajamento com as páginas.

A Newsletter mensal foi planejada em abril de 2024 e lançada em maio do mesmo ano, com edições mensais desde então. Seu conteúdo combina informações sobre eventos passados e futuros, além de reportagens aprofundadas sobre pesquisas em andamento. Cada reportagem é elaborada a partir de entrevistas com os pesquisadores. Além de ser enviada a uma lista de assinantes, que cresce a cada mês, parte do conteúdo também é publicada no Portal do Jornal da Unicamp e divulgada em redes sociais, atraindo novos leitores e fortalecendo o vínculo com o público.

Por fim, a produção de press releases ampliou o alcance da pesquisa para além dos canais institucionais. Um dos destaques foi a publicação de uma reportagem na revista Superinteressante, a partir de um press release que abordava o estudo, desenvolvido por uma estudante de Iniciação Científica, sobre as tabuletas de maldições

¹ Bolsista de Jornalismo Científico IV no Programa Mídia Ciência da FAPESP, processo nº 2023/11874-3. E-mail: liviamendesletras@gmail.com.



romanas. Essa ação demonstra o potencial do trabalho de assessoria de imprensa em levar temas dos Estudos Clássicos a públicos mais amplos, inclusive jovens leitores interessados em ciência, cultura e história.

A literatura sobre divulgação científica reforça a necessidade de diversificação de formatos, públicos e plataformas (Bueno, 2000; 2010; Fontoura, 2008). Ainda que o campo da comunicação pública de ciência tenha avançado no Brasil, as Humanidades permanecem à margem dos fluxos hegemônicos de divulgação, que tradicionalmente privilegiam as ciências exatas e biomédicas. Experiências como a relatada sinalizam um caminho possível para a divulgação de uma área com menor tradição de diálogo com a mídia.

Como apontou Bourdieu (2004), o campo científico também é um campo em que forças e lutas, tanto internas quanto externas, disputam espaços para conservar ou transformar os elementos internos das pressões externas de outros campos. Nesse sentido, é importante não ignorar os conflitos de interesse que são inerentes ao interior de cada campo e, também, externos a ele. Sendo assim, os campos científicos são validados socialmente e estão em constante questionamento, quanto à sua configuração, seus limites e possibilidades. Para Gonçalves (2013), apesar das inúmeras divergências, todas as análises atuais demonstram que é cada vez mais necessária a interação entre cientistas e não-cientistas, na gestão e na legitimação da pesquisa científica, na difusão e apropriação da informação científica e até mesmo, na produção do conhecimento.

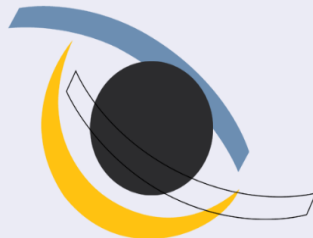
A experiência de divulgação dos Centros de Pesquisa voltados aos Estudos Clássicos mostra que a divulgação científica de pesquisas em Humanidades é não apenas possível, mas necessária para fortalecer o seu papel social. A combinação de estratégias aponta para um modelo de comunicação integrada, que respeita a complexidade do tema e as especificidades dos públicos. Além de aproximar a pesquisa acadêmica do público leigo, essas ações contribuem para dar visibilidade à universidade pública, potencializando parcerias, financiamentos e novas pesquisas. Mais do que relatar resultados, a prática de divulgação científica nesse contexto revela o compromisso ético com o compartilhamento de saberes, a valorização da diversidade cultural e a promoção do pensamento crítico. Assim, iniciativas como essa se tornam referência para outros projetos de divulgação em Humanidades, indicando caminhos para construir pontes entre o conhecimento especializado e a sociedade, em um movimento essencial para a ciência contemporânea.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Humanidades; Estudos Clássicos; Mídia Ciência.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2004.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação Científica e Divulgação Científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. espec., p. 1-12, 2010.

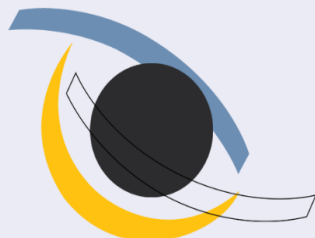


BUENO, Wilson Costa. Os novos desafios do jornalismo científico. **Anais**. VII Congresso Iberoamericano de Jornalismo Científico, Buenos Aires, 2000.

GONÇALVES, Jurandira Fonseca. Humanidades em revista: reflexões sobre a cobertura jornalística das ciências do homem. **Dissertação** (mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013.

FONTOURA, Paula Renata Silva da. Os avanços e desafios do jornalismo científico. **Monografia** (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, 2008.

MARTINS, Paulo. Estudos clássicos, um exemplo multi, inter e transdisciplinar. **Jornal da USP**, jun. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/estudos-classicos-um-exemplo-multi-inter-e-transdisciplinar/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

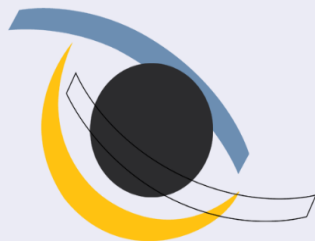
**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Difusão em arquivos: territorialidades narrativas e construção de memórias.**João Guilherme Souza dos Santos¹

Ao partir de uma proposta metodológica que busca refletir sobre os agentes privilegiados e marginalizados no processo de construção de uma narrativa histórica oficial, este projeto de pesquisa busca, em âmbito indisciplinar, intervir radicalmente no saber científico produzido nos espaços institucionalizados de memória. Seu objetivo é trazer para o centro da discussão classes sociais historicamente deixadas à parte do processo de memorialização e institucionalização de acervos documentais, discutindo de que forma os silenciamentos influem na manutenção de privilégios sociais e na continuidade de uma perspectiva única e hegemônica da História. Dessa forma, discutiremos como a divulgação científica, operação que atualmente adquire cada vez mais espaço nas rotinas de trabalho dos centros de documentação (nas quais é denominado como atividade de difusão) pode contribuir para aproximar dos espaços de memória públicos outros e também incluir narrativas outras no processo de construção partilhada de conhecimentos histórico-sociais.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa parte de uma crítica ao conceito de Arquivo. Problematisando as teorias que postulam uma suposta neutralidade dessas instituições, entendemos que nenhuma prática é destituída de uma dimensão política (STENGERS, 2023, p. 13), ainda que irrefletida. Estando em sua maioria institucionalizados, espaços de memória lidam com uma condição peculiar, na fronteira entre duas expectativas: a oficial, de reprodução da narrativa abalizada pelo exercício do poder; e a pública, de fomento e inclusão de realidades cada vez mais diversas. Frente a sua histórica desigualdade representacional, discordamos frontalmente de noções, que, a exemplo de Delmas (2010, p. 85), postulam que nenhuma animação estranha ao “ofício” deva animar o exercício profissional do arquivista. Situado historicamente, toda atividade documental deve estar consciente dos impactos que suas escolhas exercem para a autoafirmação das coletividades.

Nesse sentido, Trouillot (2024, p. 162) argumenta que a ideologia consciente pode desempenhar um papel secundário no julgamento daqueles temas que serão adjetivados como de relevância histórica para a posteridade, sendo que podemos pensar em algo maior do que escolhas individuais, a exemplo da corporatividade da profissão, as regras de validação do discurso científico e, principalmente, as raízes estruturais de

¹ Bacharel em Estudos Literários pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP; Bacharel em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UNICAMP; Mestre em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP. Profissional em Organização de Arquivos no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” – CEDAE/IEL/UNICAMP. E-mail: joao.guisantos17@gmail.com.



certos silenciamentos. No espaço dos Arquivos, esses atos de silenciamento ocorrem quando o poder é exercido sobre um indivíduo ou grupo, negando seu acesso à fruição cultural, à institucionalização da própria memória e ao fazer histórico. Profissionais de arquivo, assim, são constantemente confrontados com escolhas referentes ao que incluir e ao que excluir, permitindo que vozes sejam ouvidas ao mesmo tempo em que outras são silenciadas (CARTER, 2006, p. 219). Ao mesmo tempo, esses mesmos profissionais têm a oportunidade de se atentar aos processos de silenciamento e promover iniciativas que tornem documentos relativos à grupos sociais marginalizados visíveis a um público mais vasto.

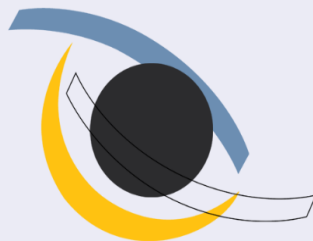
Schwartz e Cook (2002b, p. 172) argumentam que documentos e instituições arquivísticas refletem relações de poder, tanto em sua criação, quanto em seu uso pelos criadores ou gerenciamento por profissionais de arquivos. Também as práticas arquivísticas podem ser pensadas enquanto incluídas em dinâmicas de poder que determinam quais memórias deverão ser preservadas e quais serão marginalizadas e esquecidas. Ao admitir essa premissa, Barros (2025, p. 11) adverte que se deve refletir sobre todas as práticas que envolvem o trabalho documental, incluindo a política de aquisição, o processo de organização e classificação, a descrição e a difusão de informações. Quanto à atividade de difusão, ainda que tenha sua prática impactada pelo exercício de todas as demais funções arquivísticas, apresenta a possibilidade de ser realizada a partir de estratégias que busquem veicular informações em âmbitos de circulação cada vez maiores, inclusive através da utilização das novas tecnologias de comunicação. Ao se dar visibilidade às memórias custodiadas e criar espaços para o debate plural, cria-se condições para o reconhecimento da diversidade de histórias e experiências, ensejando uma possível revalorização, de parte dos grupos socialmente marginalizados, quanto à importância dos próprios documentos e da própria memória.

Assim, este projeto espera contribuir para uma crítica das instituições de memória, não mais entendidas como meras “guardiãs de relíquias”, mas tornando-se espaços de contestação, criatividade, de escuta e de transformação histórica e social (MALTA; CUNHA, 2025). Entendemos que Arquivos são espaços de escolha e questionamento, possibilitando o exercício de performances transgressivas, conforme apontam Schwartz e Cook (2002a, p. 177). Performances essas que admitam a própria historicidade e redesenhem práticas rumo à imaginação de outros futuros possíveis, nos quais, conforme aponta Gonçalves (2025, pp. 177-82), a ancestralidade esteja presente de modo a participar das escolhas realizadas no presente. Argumentamos que todas as atividades e funções envolvidas no trabalho de tratamento arquivístico poderão estar relacionadas a esse processo e que a divulgação científica pode contribuir substancialmente para aproximar a sociedade dos espaços de compartilhamento de memórias e histórias plurais.

Palavras-chave: Arquivos; Centros de documentação; Memória; Divulgação Científica; Difusão.

REFERÊNCIAS

BARROS, V. R. L. C. Entre silêncios e apagamentos: as razões para a escassez de arquivos de e sobre mulheres. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 37, nº 84, pp. 1-20, 2025.



CARTER, Rodney G.S. Of Things Said and Unsaid: Power, Archival Silences, and Power in Silence. *Archivaria*, Ottawa, vol. 61, p. 215-233, 2006.

CUNHA, N.; MALTA, J. Museus para novos tempos: conectando memórias com futuros inclusivos. *Revista Museu*, Rio de Janeiro, s.n., 2025. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2025/22519-museus-para-novos-tempos-conectando-memorias-com-futuros-inclusivos.html#nota01>>. Último acesso em: 7 jul. 2025.

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?**: Textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010

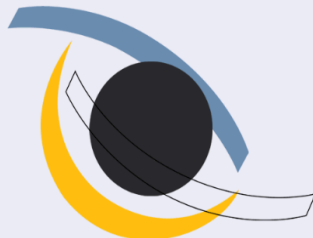
GONÇALVES, A. M.; GALO DE LUTA; CHAGAS, M. “Memórias em disputa: monumentos, acervos e museus nas políticas de reparação.” In.: IBIRAPITANGA; BRITO, L. C. **Reparação: memória e reconhecimento**. São Paulo: Editora Fósforo, 2025.

SCHWARTZ, J. M.; COOK, T. Archives, records, and power: The making of modern memory. *Archival Science*, Berlim, vol. 2, pp. 1–19, 2002a.

SCHWARTZ, J.; COOK, T. Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance. *Archival Science*, Berlim, vol. 2, pp. 171-185, 2002b.

STENGERS, I. **Uma Outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TROUILLOT, M.-R. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Do artigo científico ao público não especializado: relato de experiência do Fluxo Educação, da Fundação Carlos Chagas

Jade Gonçalves Castilho Leite¹

Brenda dos Santos Teixeira²

Luanne Caires de Souza³

O presente trabalho descreve e analisa o projeto de divulgação científica de pesquisas educacionais “Fluxo Educação”, realizado pelo Núcleo de Comunicação e pelo Núcleo de Documentação e Difusão Científica da Fundação Carlos Chagas (FCC). A iniciativa é um espaço dedicado à divulgação de ciência, especialmente de temas, conceitos e pesquisas na área de educação e ensino, e visa ampliar o acesso do público não especialista ao conhecimento científico.

O projeto possui dois eixos de trabalho de divulgação de ciência. O primeiro deles parte da elaboração de *releases*, a equipe de jornalistas, em diálogo com editores de revistas científicas e pesquisadores, divulgam estudos já publicados nos periódicos acadêmicos da Fundação Carlos Chagas, intitulados Cadernos de Pesquisa (CP)⁴ e Estudos em Avaliação Educacional (EAE)⁵. A publicação dos *releases*, de caráter jornalístico, é feita no site da FCC, com adaptação para as redes sociais da instituição, com linguagem clara, objetiva e acessível ao público em geral. O jornalismo de ciência pode ser definido, nesse sentido, como uma categoria de divulgação científica conforme preconizado por Bueno (1985; 2010), que considera o jornalismo científico como processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos situados no campo da ciência e da tecnologia, viabilizando-se por meio de diversos gêneros jornalísticos. No segundo eixo, as jornalistas do Núcleo de Comunicação divulgam pesquisas feitas pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da instituição ou,

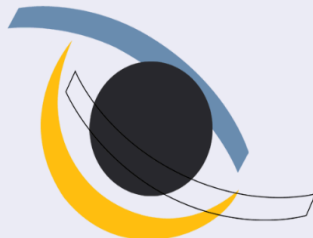
¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), licenciada em Educomunicação pela mesma universidade e formada em jornalismo pela PUC-Campinas. Atua como assessora de comunicação da Fundação Carlos Chagas. E-mail: jadegeleite@usp.br.

² Graduanda em Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM). Atua como assistente de comunicação da Fundação Carlos Chagas. E-mail: 241393@sou.fapcom.edu.br

³ Jornalista pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), especialista em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo e bacharela e licenciada em Ciências Biológicas pela mesma instituição. Atua como gestora do Núcleo de Comunicação da Fundação Carlos Chagas. E-mail: lcaires@fcc.org.br).

⁴ Cadernos de Pesquisa. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/difusao/cadernos>>. Acesso em 07 jul. 2025.

⁵ Estudos em Avaliação Educacional. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/difusao/estudos-em-avaliacao-educacional>>. Acesso em 07 de jul. 2025.



ainda, outros estudos e temáticas relacionados à educação, como políticas públicas recém-formuladas, novos dados de avaliações educacionais, entre outros.

O projeto da editoria “Fluxo Educação” surgiu no segundo semestre de 2022 e, até julho de 2025, foram publicadas 132 matérias nas categorias “Fluxo Educação: EAE”, “Fluxo Educação: CP” e “Fluxo Educação: Pesquisas Educacionais”. Os textos contabilizam 21.500 acessos no site, segundo métricas da plataforma Matomo⁶, utilizada para coleta de informações de tráfego digital. Mais de 10.654 usuários também foram alcançados pelos conteúdos nas redes sociais (*Instagram* e *LinkedIn*).

A divulgação científica realizada no “Fluxo Educação” se relaciona aos conceitos de mídia educação e educação midiática, a qual está prevista na epistemologia da educomunicação e se configura como o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos, dos impressos aos digitais (Ferrari; Machado; Ochs, 2020). Para tanto, o “Fluxo Educação” se ancora no papel do comunicador entendido a partir de quatro pilares: simplificar, condensar, escolher e sintetizar (Marcondes Filho, 2002), com o objetivo de capacitar sujeitos para uma análise crítica de informações sobre temas relevantes da atualidade e contribuir para uma formação de comunicação dialógica e democrática, como proposto na perspectiva da educação midiática (Almeida, 2024), tendo como foco o campo educacional.

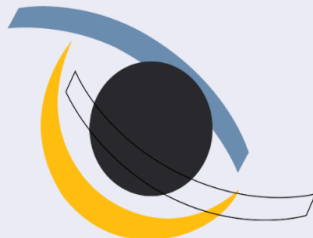
Entre temas de impacto para a discussão sobre as condições de trabalho e de estudo na educação básica e suas relações com as desigualdades presentes na sociedade brasileira, a editoria já abordou, por exemplo, como o nível socioeconômico e a profissionalização docente influenciam no abandono escolar no Ensino Médio⁷ e como as diferenças nas condições estruturais de escolas públicas e privadas afeta adolescentes de maneira desigual em termos de bem-estar e oportunidades educacionais *Desordem nas escolas afeta adolescentes paulistanos de maneira desigual*⁸. Ao apresentar os principais resultados da pesquisa de maneira acessível e com elementos que favorecem o engajamento do público, o conteúdo teve alta performance de compartilhamentos e salvamentos e contou com a participação ativa dos autores do estudo na divulgação dos achados. A mobilização conjunta entre pesquisadores e equipe de comunicação reforça a importância de uma produção colaborativa e o potencial da editoria para ampliar o alcance social das pesquisas educacionais.

Por fim, salienta-se a relevância da divulgação científica dos estudos publicados nos periódicos da Fundação Carlos Chagas, aliados aos objetivos da instituição e ao compromisso com a promoção do diálogo aberto e democrático sobre pesquisas educacionais no Brasil.

⁶ Matomo. Disponível em: <<https://matomo.org/>>. Acesso em 07 jul. 2025.

⁷ Nível socioeconômico e profissionalização docente influenciam abandono escolar no Ensino Médio. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fluxo-educacao/nivel-socioeconomico-profissionalizacao-docente-influenciam-abandono-escolar-no-ensino-medio/>>. Acesso em 07 jul. 2025.

⁸ Desordem nas escolas afeta adolescentes paulistanos de maneira desigual. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fluxo-educacao/desordem-nas-escolas-afeta-adolescentes-paulistanos-de-maneira-desigual/>>. Acesso em 15 jul. 2025.



Palavras-chave: divulgação científica; pesquisas educacionais; Fluxo Educação; educação midiática; redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação** [recurso eletrônico] Campina Grande: EDUFCG, 2024. 84 p.

BUENO, W. da C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985.

BUENO, W. da C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, PR, v. 15, n. especial, p. 1-12, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1>.

CADERNOS DE PESQUISA. Cadernos de Pesquisa. Página inicial. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/difusao/cadernos>>. Acesso em: 07 de jul. de 2025.

ESTUDOS EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL. Estudos em Avaliação Educacional. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/difusao/estudos-em-avaliacao-educacional>>. Acesso em 07 de jul. 2025.

EDUCAMÍDIA. Educação midiática: o que é. Educamídia, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://educamidia.org.br/educacao-midiatica>. Acesso em: 07 jul. 2025.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. 1a edição ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

JORGE, T. M. A notícia e os valores-notícia: o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia a dia da imprensa. **UNIrevista**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-14, jul. 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2002.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 5

Representações, Memórias e Política

Debatedora:
Greciely Costa

Autores:
Katia Helena Marchena
Isabela Pereira Andrade
Anna Clara Cypreste
Tayná Gonçalves Pinto
Crisllene Queiroz Custódio

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Título: Sentidos e silenciamentos da palavra “Golpe” no *Jornal Nacional*: uma análise de 2016 e 2023****Por Katia Helena Marchena (de Oliveira)¹**

A proposta deste projeto de pesquisa é analisar os sentidos e silenciamentos em torno da palavra golpe nas edições do Jornal Nacional durante dois momentos históricos distintos e politicamente decisivos no Brasil: o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e os eventos que marcaram a tentativa de golpe de Estado por apoiadores de Jair Bolsonaro, em 8 de janeiro de 2023. O trabalho parte da hipótese de que o discurso jornalístico, ainda que se afirme neutro e objetivo, constrói sentidos específicos sobre os fatos políticos e atua como instância de legitimação ou deslegitimação de determinadas narrativas, operando, inclusive, por meio do silenciamento de determinados termos, vozes e interpretações. Assim, investigar a presença, ausência ou reconfiguração do termo golpe em momentos tão distintos revela não apenas a posição enunciativa do maior telejornal brasileiro, mas também a correlação entre discurso midiático, poder e ideologia.

A justificativa para este estudo se ancora na centralidade que o discurso jornalístico possui na mediação da vida pública, na construção da opinião pública e na produção de sentidos sobre acontecimentos de grande impacto político. Considerando a, ainda, audiência massiva do Jornal Nacional e seu histórico de alinhamento com determinadas forças políticas, compreender como esse veículo aborda — ou evita abordar — o termo golpe pode iluminar mecanismos discursivos mais amplos de manutenção ou contestação da ordem vigente. Trata-se, portanto, de um estudo com relevância acadêmica, social e política.

A pesquisa se fundamenta teoricamente na Análise do Discurso, especialmente nas contribuições de Michel Pêcheux, que compreende o discurso como atravessado pela ideologia e pela memória discursiva. A noção de formação discursiva é central para esta análise, pois, como afirma o autor, “a formação discursiva é o que faz com que, de uma posição dada num aparato ideológico, se diga uma coisa e não outra” (PÊCHEUX, 1990, p. 63). É a partir desse enquadramento que se busca compreender os diferentes lugares de onde se pode (ou não) dizer golpe, e os efeitos de sentido que esse dizer — ou calar — produz. Também são fundamentais os aportes de Eni Orlandi (1999, 2007), que ressaltam a importância do não dito e dos silenciamentos como operadores de sentido.



Metodologicamente, o corpus da pesquisa é composto por 24 edições do Jornal Nacional, sendo 12 delas veiculadas entre março e maio de 2016, e outras 12 entre janeiro e março de 2023. A seleção se baseou em critérios de relevância temática e temporalidade próxima aos eventos em questão. A análise será qualitativa, com foco nos trechos das matérias que tratam diretamente ou indiretamente do impeachment de Dilma Rousseff e da invasão às sedes dos Três Poderes. Serão observadas as escolhas lexicais, a presença ou ausência do termo golpe, os modos de qualificação dos atores políticos e as estratégias de silenciamento ou deslocamento de sentido.

Como resultados parciais, já é possível identificar que, em 2016, o termo golpe é associado majoritariamente à fala de defensores de Dilma Rousseff, sendo apresentado como uma opinião controversa, marcada por aspas e, muitas vezes, neutralizada pela voz institucional do jornal. Em contrapartida, no caso de 2023, há uma oscilação no uso do termo, ora nomeando os atos de 8 de janeiro como tentativa de golpe de Estado, ora preferindo expressões como “ataques antidemocráticos” ou “invasões”. A análise preliminar aponta que o uso do termo golpe se torna mais aceitável quando vinculado à condenação da extrema-direita, enquanto é problematizado e neutralizado quando dirigido a um processo institucional como o impeachment. Esses movimentos discursivos indicam a atuação do telejornal na construção de sentidos alinhados a determinadas formações ideológicas, mesmo sob o manto da objetividade.

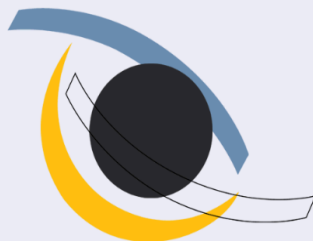
A discussão dos resultados, ainda em andamento, buscará aprofundar a análise dos efeitos de sentido produzidos pelas estratégias discursivas do Jornal Nacional, investigando como o silenciamento, o deslocamento e o enquadramento lexical contribuem para legitimar determinadas narrativas históricas e políticas. Pretende-se contribuir com o campo da Análise do Discurso e com os estudos sobre mídia e política no Brasil, oferecendo uma leitura crítica sobre os modos de funcionamento da linguagem nos grandes meios de comunicação.

Palavras-chave: Discurso jornalístico; Golpe; Jornal Nacional; Silenciamento; Ideologia.

Referências bibliográficas

- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

¹ Mestranda Em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

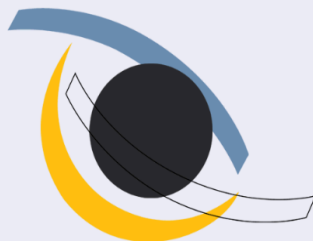
**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Discursos Messiânicos de Trump e Bolsonaro após ataques de 2018 e 2024**Isabela Pereira Andrade¹

O populismo de direita tem se consolidado como uma força política marcada por discursos ultraconservadores e de ódio, com líderes como Jair Bolsonaro e Donald Trump assumindo o papel de porta-vozes do "povo" contra inimigos comuns — no Brasil, o PT; nos EUA, os imigrantes. Ambos transformaram os atentados que sofreram durante campanhas eleitorais em símbolos de martírio, o que reforçou sua imagem messiânica, conforme analisa Filchelstein (2019). Esta comunicação propõe uma análise dos discursos desses candidatos após os ataques sofridos — a facada em Bolsonaro em 2018, em Juiz de Fora (MG), e o tiro de raspão em Trump em 2024, em Butler (Pensilvânia) — a partir da Análise de Discurso Materialista de Pêcheux (1981, 1982) e Orlandi (2017, 2020, 2023), além das reflexões históricas de Filchelstein (2019) e Rosavallon (2021, 2024).

De acordo com Filchelstein, o populismo representa uma forma autoritária de democracia eleitoral que recusa a diversidade e promove uma falsa unidade. Já Fassin (2019) interpreta a ascensão da direita populista como uma reação conservadora motivada por ressentimentos culturais, à medida que parte da população se vê ameaçada pela ampliação do debate em torno das minorias, como a comunidade LGBTQIAP+ e os latinos nos EUA. Essa “inclinação à direita” tem resultado em lideranças autoritárias que buscam legitimar-se por meio da vitimização e da polarização social.

Trump e Bolsonaro, mesmo com campanhas marcadas por discursos polêmicos e conservadores, conseguiram se comunicar diretamente com seus eleitores

¹ Mestrando(a/e) em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas). E-mail isabelapandrade29@gmail.com



por meio das redes sociais, criando uma ligação afetiva e nacionalista. As redes funcionam como vetores desses discursos, repetidos exaustivamente — o que Orlandi (2017) chama de “memória metálica”. A velocidade e o alcance dessas plataformas contribuem para amplificar mensagens simplificadas e ideologicamente carregadas, favorecendo o engajamento emocional em detrimento do debate racional e plural.

Além disso, os atentados funcionaram como catalisadores simbólicos para suas campanhas, transformando-os em figuras sacrificadas pela “verdade” que afirmavam defender. Esses episódios foram ressignificados como prova da existência de uma perseguição contra “o povo de bem”, reforçando o antagonismo entre povo e elite — um elemento central do discurso populista. Dessa forma, o sofrimento pessoal dos líderes foi convertido em capital político, usado estrategicamente para reforçar sua autoridade moral e política diante do eleitorado.

O objetivo central deste estudo é compreender as regularidades discursivas desses pronunciamentos pós-atentados e analisar como se constroem sentidos que os posicionam como líderes messiânicos, a partir do referencial teórico da análise de discurso, conectando essas estratégias ao avanço da nova direita global.

Palavras-chave: análise do discurso; populismo; atentados; presidentes; discurso materialista

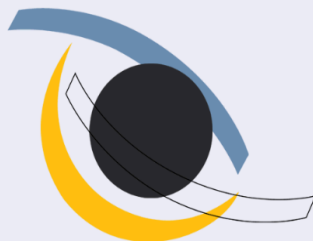
REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Érica A.; HAUBER, G.; ORLANDINI, M. **Despolitização e populismo: as estratégias discursivas de Trump e Bolsonaro**. *Media & Jornalismo*, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 105-119, 2022. DOI: 10.14195/2183-5462_40_5. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/10279>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CABRAL, A. L. T. et al. **L’articulation entre le descriptif et les émotions dans l’argumentation en faveur de Dominique Strauss-Kahn**. In: RABATEL, Alain; MONTE, Michèle; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (eds). *Comment les médias parlent des émotions l’Affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn*. Limoges, LambertLucas, 2015. 332 p. p.307-323.

CARTA CAPITAL - Um a cada três apoiadores de Biden acha que atentado contra Trump pode ter sido armado. Carta Capital, 2024. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/um-a-cada-tres-apoiadores-de-biden-acha-que-atentado-contra-trump-pode-ter-sido-armado/>> Acesso em: 25, ago. 2024.

FASSIN, E. 2019. *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 101.



FINCHELSTEIN, F. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019, p. 297.

MAGNOTTA, Fernanda; GRINBERG, Victor. **Trump**: mídia, opinião pública e a espiral do silêncio. Esboços: histórias em contextos globais, [S. l.], v. 24, n. 38, p. 396–409, 2017. DOI: 10.5007/2175-7976.2017v24n38p396. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n38p396>. Acesso em: 27 ago. 2024.

MAITINO, Martin Egon. **Populismo e bolsonarismo**. Cadernos Cemarx, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002, 2020. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva**: Por que Bolsonaro venceu. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: SCHWARCZ S.A., 2020.

NORRIS, P; INGLEHART, R. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ORLANDI, E. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes editores, 2017.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2020.

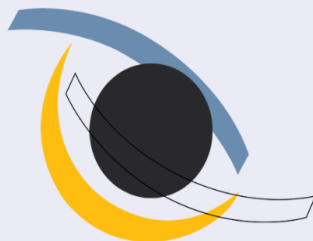
ORLANDI, E. **Argumentação e análise do discurso: conceito e análises**. Campinas: Editora Pontes, 2023.

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. **Textos selecionados**: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, M. et al. (2014). “Apresentação da análise automática do discurso (1982)”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 5ª ed., p. 251-279

ROSANVALLON, P. **O século do populismo**: história, teoria, crítica. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2021

ROSANVALLON, P. **A legitimidade democrática**: imparcialidade, reflexividade, proximidade. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2024.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Discurso entre pânicos morais: *Ghostface* legislativo

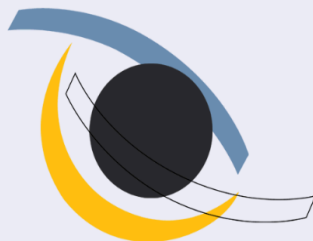
Anna Clara Cypreste¹

As narrativas jornalísticas, como ferramentas de transmissão e corroboração de discursos hegemônicos, interagem nas redes sociais com a *plataformização* (Poell; Nieborg; Dijck, 2020) e a lógica algorítmica (Gillespie, 2018) moldando a diversidade e o caráter do discurso ao ditar conteúdos relevantes. Através disso, explora-se a ideia de “sociedade de aquiescência à evidência” (Guilbert, 2020), na qual a ideologia do poder se impõe como senso comum, utilizando o implícito para disseminar uma concepção valorada dos acontecimentos. A pesquisa explora a influência dos meios jornalísticos na formação da opinião pública e suas consequências político-legislativas, com foco em períodos de pânico moral na era digital. O estudo investiga como a adaptabilidade das mídias às plataformas digitais afeta a construção simbólica e a permeabilidade de estratégias discursivas, impactando a politização, a apreensão da realidade e o discurso jurídico. Propõe-se investigar como os meios jornalísticos e suas interações com redes sociais influenciam a construção simbólica da realidade, moldando a opinião pública e impactando processos legislativos em contextos de pânico moral.

Os objetivos centrais da pesquisa são: a) analisar as consequências sociais e político-legislativas dos meios jornalísticos a partir de reações nas redes sociais, correlacionando-as às demandas da opinião pública frente à criação ou endurecimento de leis vinculadas à violência (Rodrigo, 2015) e aos mecanismos nômicos; b) compreender o caráter ideológico dos comentários nas redes sociais e as formulações narrativas e construções simbólicas através da Análise do Discurso; c) investigar leis criadas ou alteradas durante momentos de pânico moral, identificando temas recorrentes e interpretações sociais, agentes sociais envolvidos, estratégias discursivas e eventos catalisadores no processo legislativo, com foco na atuação do discurso hegemônico.

Parte-se da perspectiva da língua não como estrutura, mas como forma material e acontecimento, onde a discursividade é a inscrição dos efeitos da língua na história, ou seja, da materialidade da língua. A metodologia emprega a Análise do Discurso Digital (Dias, 2018) em comentários e manchetes de perfis de meios jornalísticos no *Instagram* e *Twitter* (atual *X*). Adota-se a Análise do Discurso, segundo Michel Pêcheux e Eni Orlandi, como referencial teórico principal,

¹ Bacharela em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia e Ciência Política (IFCH/Unicamp), mestranda em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo - Labjor (IEL/Unicamp), bacharelada em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia (IFCH/Unicamp) e integrante do grupo de pesquisa e-Urbano (LABEUB/NUDECRI). E-mail: anna.cypreste@outlook.com.



interligando-a com estudos da sociologia e da política. A coleta de dados inclui observações sobre o número de interações (curtidas, compartilhamentos, comentários), a linguagem e teor dos comentários e enunciações, a proposta de noticiamento de cada veículo e a temporalidade das interações.

Essas observações serão correlacionadas aos processos de formulação e alteração de quatro leis específicas, abrangendo casos notórios como a Lei da Ficha Limpa (Lei Complementar nº 135/2010); Lei de Delitos Informáticos, que dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos, com o caso Ana Hickmann (Lei nº 12.737/2012); Lei Kiss, que estabelece diretrizes gerais sobre medidas de prevenção e combate a incêndio e a desastres em estabelecimentos, com o incêndio da Boate Kiss (Lei nº 13.425/2017); e, a Lei Henry Borel, que cria mecanismos para a prevenção e o enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a criança e o adolescente, com o caso Henry Borel (Lei nº 14.344/2022). A metodologia também envolve a leitura bibliográfica e a análise documental legislativa, combinando-as com a Análise do Discurso Digital nos meios de informação.

Espera-se confirmar as hipóteses de que os períodos de pânico moral interagem com a (re)formatação de leis e que a permeabilidade dos discursos políticos nos veículos jornalísticos é um fator decisivo na alteração da opinião pública, funcionando como ferramenta de poder e controle. A pesquisa busca demonstrar que a reação social, catalisada pela imprensa e magnificada nas redes sociais, interfere na construção e alteração de leis. Por fim, antecipa-se identificar a atuação de agentes políticos, metaforizados *Ghostfacers*, que se beneficiam da permeabilidade social em conjunturas de pânico moral para influenciar a legislação. E, a partir disso, desvendar como a produção de sentidos e a construção simbólica no campo midiático contribuem para a construção ideológica do discurso jurídico nos meios jornalísticos digitais.

Palavras-chave: Análise do Discurso Digital; Veículos Jornalísticos; Discurso Jurídico.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: **Edições Graal**, 2.ed, 1985.

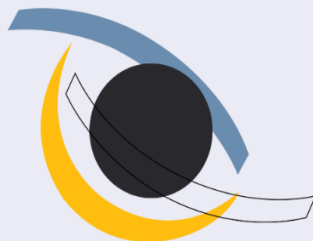
BARATA, Francesc et al. La devaluación de la presunción de inocencia en el periodismo. **Anàlisi: quaderns de comunicació i cultura**, 2009, p. 217-236.

BARATA, Francesc. Los medios, el crimen y la seguridad pública. **Violencia y medios**, v. 3, 2007, p. 23-42.

BARATA, Francesc Villar. De Ripper al pederasta: un recorrido por las noticias, sus rutinas y los pánicos morales. **Revista Catalana de Seguretat Pública**, 1999, p. 45-58.

BECKER, H. S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1977, pp.53-107.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em:



<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 27/08/2023.

BRITTOS, Valério C.; GASTALDO, Édison. Mídia, poder e controle social. **ALCEU**, v. 7, n. 13, 2006, p. 121-133.

CASTELLS, Manuel et al. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red (I). Los medios y la política. **Telos**, v. 74, n. 1-19, 2008.

CASTELLS, Manuel. ¿Comunidades virtuales o sociedad red. M. Castells, La Galaxia Internet: Reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad. Madrid: **Areté**, 2001.

COHEN, Stanley. Folk Devils and Moral Panics. New York: **Routledge**, [1972] 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. Corpo e discurso: Uma história de práticas de linguagem. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2023.

DAHLET, Patrick Alfred. (Re) produzir o inquestionável: nominalização, generalização e naturalização no discurso neoliberal. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 2015, p. 206-221.

DIAS, Cristiane Pereira. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: **Pontes Editores**, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: **Vozes**, 1999.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. § **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan./abr., 2018, p. 95-121.

GOODE, E. & BEN-YEHUDA, N. Moral Panics: Culture, Politics and Social Construction. **Annual Review of Sociology** 20., 1994, p. 149-71.

GUILBERT, Thierry. As evidências do discurso neoliberal na mídia. Campinas: **Editora Unicamp**, 2020.

HIGA, Gustavo Lucas. Entre caçadas e cruzadas: uma sociologia dos rumores e pânico morais. 43º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Caxambu: MG. 2019.

MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, Coimbra, v. 7, 2004, p. 60-80.

ORLANDI, E. Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: **Pontes Editores**, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. Campinas: **Pontes Editores**, 2012.

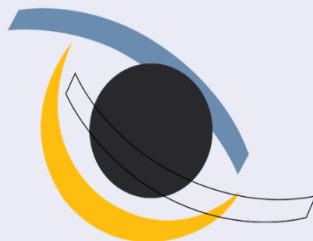
ORLANDI, Eni P. Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: **Pontes Editores**, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.], 2. ed., Campinas, SP: **Editora Unicamp**, 1995.

POELL, T.; NIEBORG, D.; DIJCK, J. van. Plataformização. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, jan./abr., 2020.

RODRIGO, María Luisa Jiménez et al. Derecho Penal de Emergencia: Medios de Comunicación y Adopción de Medidas Penales Excepcionales. **REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DA UFMG**, n. 67, 2015, p. 483-508.

VÁZQUEZ, Alejandro. Poder y transmedia en la sociedad red: el transpoder mediático. **Razón y palabra**, v. 83, 2013, p. 331-359.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Cartografia mutante: os processos de subjetivação LGBTQIAPN+ na arte brasileira contemporânea

Tayná Gonçalves Pinto¹

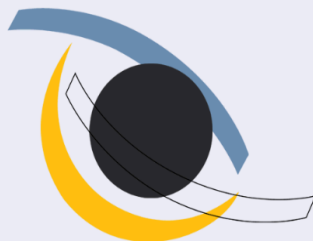
A partir dos conceitos de somateca de Paul B. Preciado e de micropolítica de Suely Rolnik, este trabalho tem como objetivo refletir como os processos de subjetivação dos corpos LGBTQIAPN+ se relacionam com questões políticas, sociais e psicológicas em um contexto de crise ecológica, capitalística e existencial. Para isso, serão analisadas as obras *Por enquanto 35* (2019-2021), *Memória do Retorno* (2021), *Vapor* (2021), *Migranta* (2020-2023) e *Building* (2021-2024) de Manauara Clandestina, uma artista travesti, nascida em Manaus, cujo tema central de seus trabalhos é a migração.

No primeiro movimento desta pesquisa, a ideia de somateca é articulada para desestabilizar o significado de corpo que, segundo Preciado (2023), foi criado pelo pensamento moderno. Para o filósofo, o corpo moderno foi construído como um objeto anatômico, natural e individual. Entretanto, com o avanço das tecnologias, da ciência e do conhecimento marginal, o corpo foi se tornando, ao longo do século XX, um “corpo mutante” que é construído e reconstruído histórica, cultural e coletivamente. Nesse sentido, o corpo não tem uma essência (natural, imutável), mas se transforma a partir dos movimentos de produção de subjetividade (Rolnik, 2016).

A produção de subjetividade, por sua vez, ocorre na relação do corpo com a diferença, seja essa diferença um outro corpo, as leis, os discursos históricos, as tecnologias. Essa relação contínua entre corpo e mundo não separa o sujeito do objeto e desestabiliza também outros binarismos estruturantes do pensamento moderno, que separam o feminino do masculino, o individual do coletivo, o humano do animal, a natureza da tecnologia, o público do privado, a periferia do centro, o orgânico do mecânico, a arte da política.

Com essa perspectiva da mutabilidade do corpo e da sua relação com a diferença se estabelecem as bases para pensar com a artista Manauara Clandestina. Para Suely Rolnik (2018), a arte é uma prática de trabalho micropolítico, que pode auxiliar na reapropriação do saber do corpo, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo. Em um contexto pós-pandêmico, em que diferentes corpos sobrevivem a várias crises, pensar com a arte permite articular quais são os fenômenos – ecológicos, econômicos, sexuais, legais, tecnológicos – que atravessam os processos de subjetivação contemporâneos.

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas.
taynagoncalvess@gmail.com.



Esse trabalho partiu de algumas questões amplas – de que maneira a mutabilidade do corpo é apropriada pelo capitalismo? Como os corpos LGBTQIAPN+ constroem mundos com a prática artística? Em que sentido essa prática se apropria dos avanços tecnológicos? – com o intuito de movimentar o pensamento. Não se trata aqui de encontrar alguma “verdade” acerca da existência travesti de Manauara Clandestina, nem de suas obras artísticas, mas de articular ideias através delas, com o objetivo de fazer uma cartografia que relampeja outras formas de viver, outras maneiras de compreender as relações e outros mundos para além do mundo em crise.

Dessa maneira, o segundo movimento deste trabalho foi estabelecer um diálogo com a artista Manauara Clandestina e suas obras *Por enquanto 35* (2019-2021), *Memória do Retorno* (2021), *Vapor* (2021), *Migranta* (2020-2023) e *Building* (2021-2024). Nas obras da artista há uma tendência de arquivar a história do seu corpo – com as viagens, as histórias de família, as roupas que usou – e de outros corpos que são atravessados por opressões de classe, raça, gênero e sexualidade. Manauara expõe as práticas de transição, em que o corpo se desloca por territórios marcados por fronteiras, questionando arquiteturas políticas e estéticas de poder que o estruturaram (Preciado, 2019). A artista está constantemente criando por meio de coletivos e em colaboração, mostrando uma forma de arte que apela para a transformação da sensibilidade.

É o que acontece na obra *Por enquanto 35* (2019-2021), por exemplo, em que a artista fotografa, com uma câmera Polaroid, 73 retratos de travestis com diferentes idades. O título da obra faz alusão aos dados sobre mortalidade de trans e travestis no Brasil. Ainda que os dados apontem para a morte de pessoas que dividem uma mesma identidade, com as fotografias de *Por enquanto 35*, Manauara cria um outro território para pessoas travestis. Um lugar no presente, onde esses corpos estão vivos, comemorando aniversário, servindo beleza e drinks, fazendo festa.

Por fim, espera-se que por meio do encontro do corpo com materiais que não obedecem um formato específico (imagens, vídeos, livros, entrevistas, músicas, objetos) sejam encontradas maneiras de renomear, sentir e perceber o mundo. Nesse sentido, a escrita dessa dissertação é um exercício ativo de reivindicar a experiência subjetiva enquanto motor da pesquisa.

Palavras-chave: Corpo; Arte; Subjetividade; LGBTQIAPN+; Diferença.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva. Cadernos Pagu, 5, 7-41, 1995.

GUATARRI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2024.



ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**: políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um Apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul. B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CLANDESTINA, Manauara. **Building**. 2021-2024. Vídeo.

CLANDESTINA, Manauara. **Memória do retorno**. 2021. Instalação.

CLANDESTINA, Manauara. **Migranta**. 2020-2023. Vídeo.

CLANDESTINA, Manauara. **Por enquanto 35**. 2019-2021. Instalação.

CLANDESTINA, Manauara. **Vapor**. 2021. Instalação coletiva.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA****Fortalecendo a memória, a valorização e a popularização do patrimônio científico e cultural: o conceito *upcycling* na produção de souvenirs da Biblioteca Antonio Candido/IEL/Unicamp**

Crisllene Queiroz Custódio¹
Dionary Crispim de Araújo²

A Biblioteca Antonio Candido do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tem um papel essencial no suporte acadêmico ao ensino e à pesquisa nas áreas de linguística, linguística aplicada, estudos literários e fonologia, sendo uma das principais bibliotecas da área de Estudos da Linguagem no país. Seu acervo é formado por aproximadamente 216 mil itens entre livros, periódicos, teses, dissertações, TCCs e materiais especiais, composto historicamente a partir do aceite de doação de bibliotecas de intelectuais que contém acervos valiosos dos séculos XIX e XX, o qual atende aos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto e fomentando atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Este trabalho fundamenta-se na produção de souvenirs sustentáveis a partir do reuso de materiais para serem distribuídos pela Biblioteca em suas atividades de extensão, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente ao objetivo 12 que propõe o consumo e produção responsáveis. Para essa finalidade, utiliza-se o conceito *upcycling* como método criativo na produção de souvenirs, trazendo uma abordagem de sustentabilidade que se conecta ao fortalecimento da memória, da valorização e da popularização do patrimônio científico e cultural.

Para esta ação, realizou-se um levantamento dos materiais sólidos disponíveis na biblioteca e foram selecionados papéis, disquetes, fitas K7 e CDs para a confecção de: porta lápis a partir de disquete e fita k7, chaveiro com Mini Fita K7, bloco de anotações com fichas e customização de fichários, todos personalizados com a logomarca da biblioteca. Todo o processo foi realizado pelos servidores da Biblioteca promovendo uma experiência diferente, enriquecedora, criativa, produtiva e coletiva, servindo também como um processo de conscientização das pessoas envolvidas proporcionando uma visão mais sustentável e holística, visando a circularidade dos materiais por muito mais tempo. Estes objetos personalizados, com baixo impacto ambiental e acessíveis, foram utilizados como souvenirs (brindes) nas ações de extensão da biblioteca, sendo elas: Universidade de Portas Abertas (UPA) em 2022, 2023 e 2024; Calourada em 2024; 70º Seminário GEL em 2024; 3º Eling GEL em 2025;

¹ Bibliotecária. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Biblioteca Antonio Candido. E-mail: cqcib@unicamp.br.

² Bibliotecária. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Biblioteca Antonio Candido. E-mail: dionary@unicamp.br.



II Semana do Livro e da Biblioteca em 2024; no “Vozes Ancestrais” em 2024. Além disso, estes objetos contribuem na atuação da Biblioteca como um elo entre o presente e a tradição intelectual, promovendo uma conexão histórica durante as visitas de grandes autores e intelectuais em eventos e lançamento de livros no IEL por meio de um gesto simbólico e marcante: o registro de dedicatória em obras pertencentes ao acervo, sendo que como parte deste ritual de acolhimento, os autores e intelectuais são presenteados com os souvenirs sustentáveis no ato do evento, carregando consigo a memória da passagem pelo Instituto, reforçando o vínculo entre criador e comunidade acadêmica, representando não somente uma homenagem à produção intelectual contemporânea, mas também a continuidade de uma tradição que valoriza o conhecimento, a troca e o legado cultural. A exemplo, citamos as visitas de Maria Clara Vergueiro (jornalista e neta de Antonio Candido), Lira Neto (escritor e jornalista) e Luis Alberto de Abreu (dramaturgo e roteirista) em 2024; Dominique Maingueneau (linguista e professor), Frederico Garcia Fernandes (escritor e professor) e Pascale Gillot (escritora e professora) em 2025. Esta ação também se estende em homenagens aos docentes do IEL, como durante a última aula do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel e na despedida do Prof. Dr. Francisco Hardman Foot, ambos eventos de anúncio para aposentadoria.

O início desta ação deu-se em 2022 e a produção perfaz um total de: 50 blocos de anotações em 2022; 72 porta-lápis de disquetes em 2023; 144 porta-lápis de fitas K7 e 15 porta-lápis de disquetes em 2024; e, em 2025, já foram produzidos 50 porta-lápis de fitas K7 e 20 porta-lápis de disquetes e 47 chaveiros de mini fitas K7 que foram utilizados em eventos no 1º semestre e serão utilizados na UPA (2025); e atualmente está em desenvolvimento a customização de fichários reaproveitados. Destacamos que esses souvenirs foram escolhidos por apresentarem utilidade, pensando que serão usados no dia-a-dia do usuário e/ou visitante que os receberão e servirão de estímulo para desencadear uma memória longínqua e afetiva da Biblioteca Antonio Candido.

Mesmo após superar a escassez de recursos e adquirido souvenirs convencionais, a Biblioteca continuou a confeccionar e oferecer os souvenirs sustentáveis, uma vez que tiveram boa receptividade entre os usuários e visitantes, mostrando a crescente conscientização e preocupação ambiental da sociedade, mas também revelando o valor afetivo que esses carregam, tornando-se marcas de pertencimento, cuidado e memória coletiva. Portanto, evidenciou-se que os souvenirs sustentáveis são uma importante ferramenta de divulgação do acervo bibliográfico da Biblioteca Antonio Candido, visto que além promover os seus serviços, torna a biblioteca presente em suas memórias, fortalecendo tanto a importância e o valor do patrimônio científico e cultural, bem como incentivando a responsabilidade social e preocupação com o meio ambiente.

Palavras-chave: Bibliotecas universitárias; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; Divulgação científica; Upcycling; Extensão universitária.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Dionary Crispim de; *et al.* Produção de brindes personalizados da Biblioteca Antonio Candido/IEL a partir de reuso de materiais. **SIMTEC – Simpósio**



dos Profissionais da UNICAMP, Campinas, SP, n. 9.Eixo 3, p. e0240107, 2024.

DOI: 10.20396/simtec.n9.11287. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/simtec/article/view/11287>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CUSTODIO, Crislene Queiroz *et al.* Atividades de extensão desenvolvidas pela Biblioteca Antonio Candido/IEL/UNICAMP para a popularização e a valorização do patrimônio científico e cultural. **SIMTEC – Simpósio dos Profissionais da UNICAMP**, Campinas, SP, n. 9.Eixo 2, p. e0240051, 2024. DOI:

10.20396/simtec.n9.11204. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/simtec/article/view/11204>. Acesso em: 8 jun. 2025.

CUSTODIO, Crislene Queiroz *et al.* O lúdico como ferramenta de comunicação e divulgação do acervo bibliográfico da Biblioteca Antonio Candido/IEL na UPA 2022.

SIMTEC – Simpósio dos Profissionais da UNICAMP, Campinas, SP, n. 8.Eixo 3, p. e02200758, 2023. DOI: 10.20396/simtec.vi8.Eixo 3.9513. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/simtec/article/view/9513>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES (FEBAB). GRUPO DE TRABALHO - Serviço de Bibliotecas para Pessoas Vulneráveis (GT-SBPV).

Bibliotecas & Agenda 2030: guia prático para promover ações alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). São Paulo: FEBAB, 2023.

Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6259>. Acesso em: 20 jun. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU**. [S.l.]: IFLA, 2019. Disponível em:

<https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/libraries-un-2030-agenda-toolkit-pt.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PAULI, Gunter. **Upsizing**: como gerar mais renda criar mais postos de trabalho e eliminar a poluição. Porto Alegre: Fundação Zeri Brasil, 1998. 356p.

SEBRAE. **Como montar uma fábrica de brindes**. 2025. Disponível em:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-uma-fabrica-de-brindes,75687a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD#apresentacao-de-negocio>. Acesso em: 26 maio 2025.

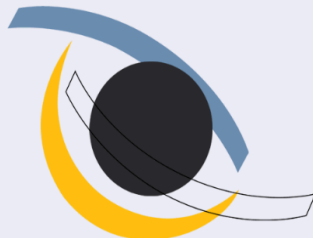


SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 6

Invisibilidades, Distâncias e Mudanças

Debatedora:
Suzana Dias

Autores:
Mariana Milani
Daniel Rangel de Souza
Maria Carolina Hernandez Ribeiro
Jayne Oliveira Mayrink
Graciele Almeida de Oliveira

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Uma reflexão sobre as atividades de observação do céu do Instituto
Principia em São Paulo**Mariana Milani¹Wellington Barbosa de Souza²

A contemplação do céu remonta aos primórdios da humanidade. Através da observação, foi possível construir métodos de representação do céu e de organização da vida coletiva. Observar as fases da Lua e o local de nascimento e ocaso do Sol, por exemplo, permitiu não apenas a sistematização de plantios, colheitas, pescas, locomoção e outros fatores práticos das comunidades (LANGHI, 2016). O espanto pelo cosmos influenciou também o nascimento da Filosofia, com o surgimento de questões complexas a respeito da origem das coisas, afastando explicações místicas e abrindo espaço para uma investigação racional do cosmos (CHAUÍ, 2000). Esse espanto filosófico proporcionado pela contemplação do céu pode ser uma pista para mobilizar a curiosidade epistemológica (MILANI, 2022) e abrir os horizontes das práticas de Divulgação Científica (DC).

Em uma cidade como São Paulo, com altos índices de poluição luminosa (RAAD et al., 2023), a observação dos astros encontra obstáculos. O Instituto Principia³ (IP), situado na região mais central da cidade, buscou enfrentar esses obstáculos proporcionando observações públicas gratuitas do céu. As observações entraram como parte da frente de DC do IP, que vem crescendo a cada ano. Neste relato de experiência buscamos refletir sobre como a observação do céu pode contribuir para disseminar o conhecimento científico.

Em maio de 2024, iniciamos uma programação mensal de observação do céu noturno com foco na Lua e suas crateras. Os 3 primeiros eventos, intitulados “Banho de Lua”, contaram com 147, 121 e 158 inscritos, respectivamente, indicando um forte interesse da população local por esse tipo de atividade. A partir do mês de agosto, passamos a realizar a observação do Sol. Esse evento, intitulado “Sr. Sol”, se tornou um apêndice do evento Física para Todos, um projeto de extensão do IFUSP⁴ que apresenta seu ciclo de palestras mensais junto aos experimentos do LD⁵. Os 4 últimos eventos do ano contaram com 43, 36, 68 e 134 inscritos, respectivamente. Com novas estratégias de comunicação para divulgar os eventos, conseguimos notar que a

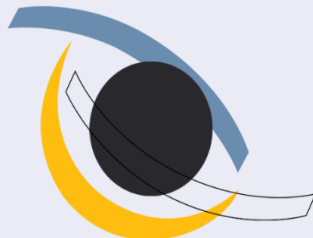
¹ Licenciada em Física. Unesp Campus Rio Claro. Email: mariana@institutoprincipia.org.

² Mestrando em Ensino de Física na Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: welington@institutoprincipia.org.

³ O Instituto Principia representa, desde 2017, a nova identidade da Fundação Instituto de Física Teórica (FIFT), instituição pioneira na pesquisa em física no Brasil, estabelecida em 1951.

⁴ Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

⁵ Laboratório de Demonstrações - Ernst Wolfgang Hamburger do IFUSP.



mensagem de que era possível olhar para o céu e se encantar na cidade de São Paulo foi alcançando novos interlocutores.

Em fevereiro de 2025, retomamos as atividades de DC do IP com uma programação de duas observações mensais, além do já estabelecido Cinema Científico e dos ciclos de palestras em parceria com o IAG-USP⁶ e com o IFUSP. Destacamos o evento “Uma noite de Eclipse!”, na noite de 13 para 14 de março, que contou com 372 inscritos, número convertido em mais de 100 “sonâmbulos” (NOVELLO, 2019) no IP, durante a madrugada, para um circuito de atividades que incluiu: visita guiada sobre a história do IP; oficina de cartas celestes; observação do eclipse com telescópios e exibição de documentário sobre a corrida espacial, finalizando com a transmissão ao vivo do eclipse lunar no telão do Domo Digital. A opção pela transmissão se deu por um dos principais obstáculos que se encontra na cidade de São Paulo: durante o ápice, a Lua estaria oculta atrás de um prédio próximo ao IP. Os eventos de observação seguintes, especialmente da Lua, contaram com alto número de inscritos, estabelecendo uma média de 176 inscritos por evento para o primeiro semestre de 2025. Neste ano, aperfeiçoamos o evento dividindo o ambiente em três estações: na primeira, o público é introduzido ao reconhecimento do céu com explicações sobre cartas celestes e sobre o funcionamento de telescópios com lentes e lasers; na segunda, o grupo é direcionado para a observação com os telescópios. A terceira estação é um ambiente com colchonetes e um convite para contemplação do céu a olho nu, com recomendação de uso de aplicativos como *Stellarium*. Também optamos por duas atividades substitutas para o caso de invisibilidade do céu: um mini workshop sobre telescópios e uma oficina de cartas celestes.

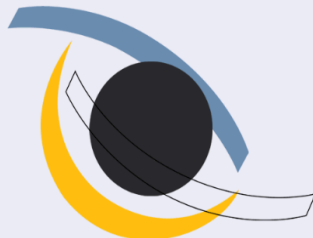
Durante os eventos, notamos alguns comentários do público indicando que as observações instigaram as pessoas desacelerar a rotina de trabalho para admirar uma beleza extraordinariamente comum; a perceber características antes ignoradas sobre a superfície da Lua e a se espantar com a possibilidade de enxergar tantos detalhes; a aprender um pouco sobre o universo e a se reconectar com perguntas fundamentais: do que são feitas as coisas? como conseguimos enxergar tão longe? existem outras formas de vida no universo? o que são as constelações? como podemos identificá-las? Além disso, esses eventos atuaram como núcleos de atração, em torno dos quais se formou um público cativo que passou a acompanhar também outras ações de DC - e o público de outros eventos passou a frequentar as observações. A atratividade da Astronomia reside em um encantamento que transborda o cotidiano e pode oferecer pistas para a mobilização da curiosidade epistemológica. Dessa forma, sua ampla capacidade de atração pode ser um recurso chave para engajar o público em atividades de DC.

Palavras-chave: Astronomia; Observação do céu; Instituto Principia.

REFERÊNCIAS

LANGHI, Rodolfo. *Aprendendo a ler o céu: pequeno guia prático para a astronomia observacional*. 2. ed - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2026.

⁶ Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.



CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed - São Paulo: Editora Ática, 2000.

MILANI, Mariana. *Sobre o encanto e a curiosidade pelo cosmos*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro – 2022.

RAAD, Rose; GALON, Rodrigo; GARCIA, Mariana Ferreira Martins; MONTEIRO, Leonardo Marques. *Iluminação pública e poluição luminosa na cidade de São Paulo*. Caracterização na escala municipal e distrital. *Arquitextos*, São Paulo, ano 23, n. 272.02, Vitruvius, jan. 2023. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.272/8705>> Acesso em: 01 ago. 2025.

NOVELLO, Mario. Os sonâmbulos. *Cosmos & Contexto*, Rio de Janeiro - nov. 2019. Disponível em: <<https://cosmosecontexto.org.br/os-sonambulos-2/>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Tornar o invisível compreensível: experiência de um projeto Mídia
Ciência em química medicinal**Daniel Rangel de Souza¹

O Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência), criado pela FAPESP em 1999, fortalece a conexão entre ciência, tecnologia e sociedade ao capacitar profissionais para comunicar o conhecimento científico de forma clara e acessível. O programa apoia projetos jornalísticos de divulgação científica em diversos meios de comunicação, sempre associados a um plano de estudos (FAPESP, 2023). Em janeiro de 2024, foi iniciado o projeto “Cobertura Jornalística dos Avanços, Processos e Potencialidades das Pesquisas em Química Medicinal”, financiado pela FAPESP por meio do Mídia Ciência e com base nas pesquisas realizadas no Centro de Química Medicinal da Unicamp (CQMED).

O Centro de Química Medicinal (CQMED) da Unicamp, vinculado ao Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética (CBMEG), dedica-se à pesquisa para a descoberta de novos fármacos e ao desenvolvimento de ferramentas para diagnósticos moleculares. Para isso, combina a expertise em diversas áreas, como biologia, química, farmácia e ciência de dados, e conduz estudos na fronteira do conhecimento. A química medicinal, principal área de atuação do centro, investiga como compostos biologicamente ativos interagem com o organismo em nível molecular, posicionando-se na interseção de disciplinas como química orgânica, farmacologia e biologia molecular (WERMUTH et al., 2015). Além de suas pesquisas, o CQMED atua como Unidade Embrapii e integra o programa INCT (Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia).

As atividades desenvolvidas durante o projeto (janeiro de 2024 a dezembro de 2025) complementaram a formação em Jornalismo Científico, colocando em prática conhecimentos adquiridos na especialização do Labjor e contribuindo para dar visibilidade ao trabalho do CQMED. As ações realizadas incluíram a produção de matérias jornalísticas em diferentes veículos de comunicação, a criação de conteúdo para redes sociais (LinkedIn e Instagram), a roteirização e produção de materiais audiovisuais, além da divulgação científica para tomadores de decisão, como parlamentares e representantes do setor público.

Além de atuar na divulgação externa dos avanços das pesquisas do CQMED, o projeto fortaleceu a comunicação interna e institucional do centro. Foram realizadas reuniões frequentes entre o comunicador e os pesquisadores, estabelecendo canais internos para facilitar o fluxo de informações no grupo. Também foram feitas coberturas e participações em eventos e feiras de ciência e tecnologia. Todo o

¹ Bolsista do Programa Mídia Ciência da FAPESP e Pesquisador Visitante do Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética da Unicamp (CBMEG). E-mail: d272553@dac.unicamp.br



trabalho de comunicação é feito em parceria com os pesquisadores, que fornecem informações e garantem a precisão científica dos materiais.

A química medicinal é fundamental para a inovação de fármacos. O desenvolvimento de novos medicamentos aumenta a expectativa e a qualidade de vida dos seres humanos (BARREIRO & FRAGA, 2015). Democratizar o conhecimento dessa área amplia a percepção pública sobre a importância da ciência e da inovação para o desenvolvimento social e econômico, legitimando o árduo trabalho da comunidade científica que opera com recursos públicos (LIMA & GIORDAN, 2021). A comunicação científica, como resalta Wilson da Costa Bueno (2007), é uma ferramenta indispensável para a democratização do conhecimento. Ela supre fragilidades do ensino formal de ciências e permite que a sociedade participe de forma crítica das decisões que envolvem ciência, tecnologia e inovação.

Divulgar ciência na área de química medicinal apresenta desafios específicos. A própria natureza dos temas, que envolvem fenômenos moleculares, invisíveis e altamente técnicos, dificulta a tradução em conteúdos acessíveis. Bueno (2007) já reconhecia a dificuldade de abordar temas complexos com pessoas não familiarizadas, sugerindo que a parceria entre jornalistas/divulgadores e cientistas/pesquisadores pode cumprir esse papel de forma satisfatória. Outro ponto crítico é a necessidade de adequar a comunicação a diferentes audiências. Enquanto a comunicação para o público geral exige simplificação sem perda de rigor, a interlocução com empresas, financiadores e tomadores de decisão demanda uma linguagem que combine clareza, precisão técnica e foco no impacto econômico e social das pesquisas.

Dar visibilidade a centros de pesquisa e pesquisadores brasileiros é de grande importância para o fortalecimento da ciência nacional e da educação científica. Segundo o último levantamento sobre a percepção pública em relação à ciência (CGEE, 2024), apenas 17,9% da população conhece alguma instituição de pesquisa, e uma fração ainda menor (9,6%) se lembra do nome de algum cientista importante. Programas como o Mídia Ciência contribuem para superar essa defasagem.

Bolsas de fomento ao jornalismo e à comunicação de ciência fortalecem a relação entre comunicadores, cientistas e sociedade. Elas formam recursos humanos altamente qualificados e facilitam o retorno e a legitimação do trabalho dos cientistas para os contribuintes. A experiência do CQMED indica que a presença ativa de profissionais de comunicação dentro de centros de pesquisa gera benefícios que vão além da divulgação externa. Ela contribui para criar uma cultura de comunicação científica entre os próprios pesquisadores, capacitando-os a interagir melhor com a imprensa, a sociedade e parceiros institucionais.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Química Medicinal; Mídia Ciência; Jornalismo Científico; Comunicação.

REFERÊNCIAS

BUENO, W. C. **Jornalismo Científico e a democratização do conhecimento**. Portal Imprensa, 09 nov. 2007. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/wilson+da+costa+bueno/110/>



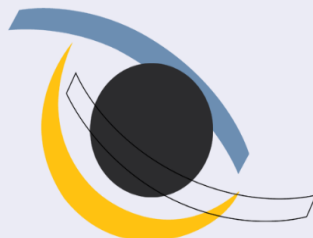
BARREIRO, E. J.; FRAGA, C. A. M. **Química Medicinal: As bases moleculares da Ação dos Fármacos**. 3a edição, Editora Artmed, Porto Alegre, 2015.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil - 2023**. Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Bolsa de Jornalismo Científico – Programa Mídia Ciência. FAPESP, 20 set. 2023. Disponível em: <https://fapesp.br/jornalismocientifico>

LIMA, G. S.; GIORDAN, M. **Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica**. Hist. cienc. saude-Manguinhos 28 (2), 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000200003>

WERMUTH, C. G. *et al.* **The Practice of Medicinal Chemistry**, 4th Edition, Academic Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/C2012-0-03066-9>



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Entre a ciência moderna e a indígena: arte e redes sociais como ferramentas estratégicas para a educação ambiental e a comunicação climática

Dra. Maria Carolina Hernandez Ribeiro^{1,2*}

Me. Adriana Meirelles Dias de Carvalho^{2♣}

Dr. Felipe de Oliveira Mateus^{2,3♥}

Profa Dra Bárbara Janet Teruel Mederos^{1,2♣}

Dra Danúsia Arantes Ferreira^{1♦}

Prof. Dr. Luiz Carlos Pereira da Silva^{2,4☼}

As inovações tecnológicas constituem os principais produtos da Ciência Moderna, representando não apenas avanços técnicos, mas também transformações profundas no modo como a informação é produzida, compartilhada e consumida. O advento da internet, e mais recentemente o fenômeno das redes sociais modificou substancialmente as dinâmicas de comunicação, abrindo novas possibilidades para a divulgação científica e o ensino de temas relevantes para a vida em sociedade, como a Educação Ambiental (Hajj-Hassan et al., 2024). Tais plataformas digitais, com alcance potencialmente global e capacidade de segmentar públicos específicos, têm permitido que conteúdos educativos e científicos circulem de maneira mais rápida, visualmente atraente e interativa. O contexto contemporâneo é marcado pela rápida circulação de informações e disputa constante pela atenção do público. Nessa conjuntura, a presença da Inteligência Artificial pode, paradoxalmente, gerar uma sensação de saturação informativa, ao facilitar a obtenção instantânea de respostas, enquanto desvaloriza a busca ativa pelo conhecimento. Refletindo-se na principal dificuldade enfrentada por divulgadores e comunicadores da ciência no ambiente digital: engajar diferentes audiências de forma consistente, sobretudo quando se trata de conteúdos que demandam reflexão crítica e aprofundamento (Lahlou, 2025).

¹ Centro Paulista de Estudos da Transição Energética (CPTEn), Unicamp

² Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI), Unicamp

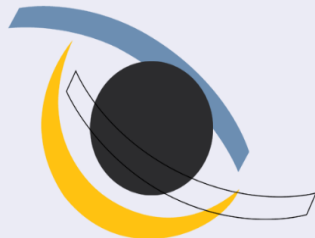
³ Secretaria Executiva de Comunicação (SEC), Unicamp

⁴ Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC), Unicamp

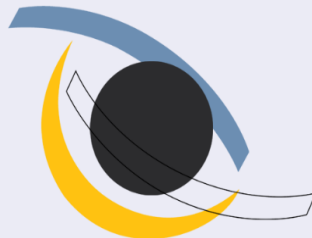
*Email autora correspondente: mariacar@unicamp.br (Pesquisadora de Pós-Doutorado em Gestão de Pesquisa, modalidade Educação e Difusão do Conhecimento/PRP-Unicamp). ♣Bolsista Treinamento Técnico (TT-4) FAPESP (adrianameirelles211@gmail.com). ♥Jornalista da Secretaria Executiva de Comunicação (SEC)-Unicamp/Gestor de Comunicação do CPTEn (felipeom@unicamp.br).

♣Professora Titular da FEAGRI/Coordenadora de Comunicação do CPTEn (barbarat@unicamp.br).

♦Pesquisadora de Pós-Doutorado FAPESP (drasol@unicamp.br). ☼Professor Titular FEEC/Diretor do CPTEn (lui@unicamp.br).



Dentro desse cenário, a arte desponta como estratégia para potencializar a comunicação científica, atuando como ponte entre o conhecimento técnico-acadêmico e o público leigo. Ao recorrer a recursos visuais criativos, a arte favorece a compreensão de temas complexos, ao mesmo tempo em que desperta a curiosidade e provoca emoções, tornando a mensagem mais memorável e acessível (Pandit et al., 2025). Um exemplo dessa integração entre ciência e arte é a iniciativa resultante da colaboração entre a artista Adriana Meirelles e o Centro Paulista de Estudos da Transição Energética (CPTEn). A proposta nasceu a partir de um período de vivência da artista junto ao povo indígena amazônico Kambeba (ou Omágua, no Peru), quando foram compartilhados saberes profundamente ligados à relação harmoniosa com a natureza. Essa experiência, aliada a entrevistas com pesquisadores da Unicamp e de outras instituições de pesquisa nacionais, bem como um levantamento bibliográfico consistente, influenciou a criação do projeto “Refloreste-se”. O primeiro produto desse projeto, que prevê desdobramentos futuros, especialmente no contexto escolar, foi o desenvolvimento das micro aulas do “Alfabeto da Educação Climática”. Elaboradas pela artista, e concebidas em formato enxuto, apresentam apelo visualmente impactante para divulgação no Instagram, tanto em seu perfil profissional (@meirelles7269) quanto no institucional do CPTEn (@cpten.unicamp). O objetivo é despertar a curiosidade de um público mais jovem – faixa etária que frequentemente consome conteúdo nessa rede social – para questões ambientais urgentes. A escolha do formato de micro aula responde a uma lógica de consumo rápido de informação típica da cultura digital, sem abrir mão da qualidade e da relevância científica do conteúdo apresentado (Nascimento et al., 2024). O povo Kambeba, fonte de inspiração para a proposta, está distribuído em cinco comunidades no território brasileiro, situadas nas regiões do médio e alto Solimões e ao longo do Rio Negro, dentro da Bacia Amazônica. No total, essas comunidades reúnem cerca de mil e quinhentas pessoas (somente no Brasil), estendendo-se também ao Peru, onde se encontra a maior parte de sua população, segundo levantamento disponibilizado pelo Instituto Socioambiental (ISA). A conexão desse povo com a água é um aspecto central de sua cultura, o que os torna particularmente vulneráveis aos extremos climáticos, como as secas severas registradas nos últimos anos. Esses eventos impactam diretamente sua subsistência e qualidade de vida, reforçando a urgência de abordagens comunicacionais que valorizem tanto a ciência moderna quanto o conhecimento tradicional. Mesmo quando quase tudo pode ser encontrado na internet, a ciência indígena e outros saberes tradicionais nos lembram que o conhecimento transmitido oralmente, de geração em geração, desempenha papel insubstituível na compreensão e gestão sustentável dos recursos naturais (Sousa; Amorim, 2022), não somente para os Kambeba, mas para todas as populações dependentes da Amazônia, bem como para a restauração desse bioma. Ao reconhecer a equivalência de valor entre saberes antigos e descobertas modernas, o projeto “Refloreste-se” reforça a importância de uma comunicação científica inclusiva, que não apenas difunde informações, mas também promove o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. A arte, nesse contexto, cumpre papel estratégico ao integrar expressão artística e rigor acadêmico, aproximando públicos diversos e fortalecendo a percepção social sobre a relevância da ciência. Tal abordagem interdisciplinar favorece a disseminação do conhecimento, a sensibilização para temas socioambientais e o estímulo à reflexão crítica, contribuindo para a construção de uma cultura científica



mais participativa e engajada. Em um ano emblemático como 2025, marcado pela realização da COP30 em Belém, o Brasil tem a oportunidade de se afirmar como liderança global no combate às mudanças climáticas. Iniciativas de aprendizagem e sensibilização como a relatada são, portanto, essenciais para mobilizar as novas gerações, reforçando a ideia de que qualquer atitude – seja individual ou coletiva – é significativa e pode contribuir para a mitigação dos impactos ambientais.

Palavras-Chave: Educação climática; Interdisciplinaridade; Engajamento digital; Amazônia.

REFERÊNCIAS

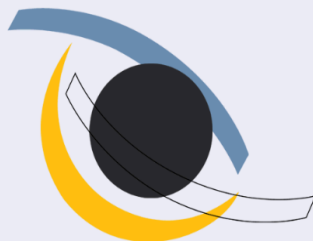
HAJJ-HASSAN, M.; CHAKER, R.; CEDERQVIST, A-M. Environmental education: A systematic review on the use of digital tools for fostering sustainability awareness. **Sustainability**, v. 16, n. 9, p. 3733, 2024.

LAHLOU, S. Mitigating Societal Cognitive Overload in the Age of AI: Challenges and Directions. **arXiv preprint arXiv:2504.19990**, 2025.

NASCIMENTO, M. S.; LUTZER, A. V. B.; MORAIS, V. A.; HOECKESFELD, L. ROSSETTO, R. A importância da educação ambiental digital: uma discussão sobre novas perspectivas e inovação. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 8, p. e6464-e6464, 2024.

PANDIT, M; MAGADUM, T.; MITTAL, H.; KUSHWAHA, O. Digital Natives, Digital Activists: Youth, Social Media and the Rise of Environmental Sustainability Movements. **arXiv preprint arXiv:2505.10158**, 2025.

SOUSA, J. L. C.; AMORIM, A. P. Sustentabilidade cultural numa comunidade indígena: análise à luz dos processos de conversão do conhecimento. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 16, n. 1, p. 1-24, 2022.



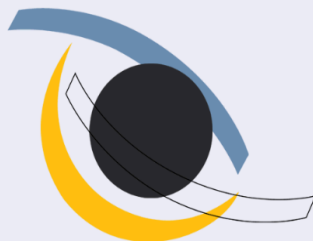
MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Diário de Janela: uma cartografia para divulgar vida e morte

Jayne Oliveira Mayrink¹

Esse trabalho apresenta a criação de um material autoral de Divulgação Científica e Cultural chamado Diário de Janela que tem por objetivo propor uma forma de divulgar atrelada a potência criativa da escrita como ferramenta capaz de criar meios de aproximação com a cultura e a ciência presentes em encontros cotidianos. Assim, a janela é percebida como um instrumento vivo possível de estabelecer diferentes relações com o mundo, se desfazendo de sua popular percepção como mero objeto arquitetônico (Ingold, 2012). Dessa forma, a janela é uma participante e comunicadora que cartografa afetos, sinais sensíveis, brechas por onde há passagem de vida e desejos que irão agir sob a constituição das relações sociais (Rolnik, 1989) e ambientais. Essa cartografia porosa que movimenta a escrita do Diário, não pretende se fixar, reproduzir o real, se fechar em um desenho acabado da paisagem, não é uma cartografia da ciência euclidiana que se prende às formas e medidas, ao contrário disso, é uma cartografia que escorre e se realiza por meio da escrita, revelando os encontros de culturas que se proliferam buscando sempre passagens e aberturas (Deleuze; Guattari, 1995). Com isso, o Diário de Janela propõe uma divulgação política, crítica e filosófica que também faz ver as convivências entre a Vida – potência de criação, resgate e continuação de saberes e conhecimentos – e a Morte – o extermínio, as fronteiras rígidas, as imposições de poder, de verticalizações, homogeneidades e silenciamentos. Com isso, o foco se dá na apresentação da *Língua da Rua*, um dos blocos da pesquisa. Aqui a janela se debruça sobre as dinâmicas da rua percebida como um corpo sensível e encantado que possibilita os encontros de diferentes filosofias e de afetos miúdos que muito foram violentados por controle, disciplina e ordem (Simas, 2019). A janela se envolve com a rua, tendo-a como expressão do mundo, realizando assim viagens sem sair do peitoril, fortalecendo no Diário uma característica deleuziana da escrita que é o vento, isso porque a escrita é agitação, ela busca extrair da vida sentidos, devires (Deleuze; Parnet, 1998), ou seja, transformações contínuas por contatos com as diferenças, com os diferentes. É nesse sentido que o Diário de Janela parte de acontecimentos cotidianos para se expandir fazendo ligações com outras epistemologias e produções culturais, evitando fingir não ver os movimentos de Vida e Morte que se cruzam na desterritorialização contínua de territórios físicos e existenciais. Dessa forma, a janela se abriu para essa língua lendo-a e ouvindo-a nas formas de manifestações religiosas e culturais

¹Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: jaymayrink@gmail.com



afrodescendentes; como um dos primeiros lugares de realização da criança; e como caminho de passagem da língua Crèole falada por imigrantes haitianos. Sendo assim, os trechos do Diário que compõem esse bloco da pesquisa comunicam três acontecimentos cartografados pela janela, sendo eles: **No meio do caminho, uma oferenda**, onde a presença de Exu se manifesta na árvore em frente a janela, provocando diferentes dizeres e comportamentos por aqueles que passam pela oferenda; **E assim sendo... a criança através da janela**, as crianças ainda habitam a rua e esta é um de seus primeiros lugares de realização. A criança é o som de fundo da paisagem da rua, grita, brinca, inventa no asfalto um mapa de diversões; **Eu falo francês, mas podemos falar também em Crèole**; imigrantes haitianos compõem os fluxos de movimentos da rua e oferecem aqueles que os escutam os sons do Crèole em contrapartida ao idioma colonial francês. O Haiti está na rua e evoca numa outra nação seu país nunca esquecido por aqueles que vivem a tentar um retorno às origens. Portanto, a língua da rua é, acima de tudo, a língua da resistência e a de um povo menor que não foi chamado a dominar o mundo (Deleuze, 2011), mas que insiste em falar, em criar sua própria linguagem.

Palavras-chave: Cartografia; Escrita; Divulgação; Cultura.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

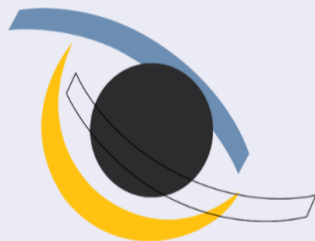
DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Ed. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.



PROJETO DE PESQUISA

A Bioquímica na mídia: as menções no Jornal Folha de S. Paulo

Graciele Almeida de Oliveira¹

A mitigação da desinformação tem como aliada a ampliação da circulação de conceitos e informações corretas, precisas e completas relacionadas às diversas áreas do conhecimento entre os diferentes públicos e é essencial para a promoção de tomada de decisão e pensamento crítico. Na área da saúde, as informações falsas e imprecisas podem impactar não só a saúde do indivíduo, mas também a saúde pública, a confiabilidade na ciência, e outras áreas, que incluem a social e a econômica. Compreender como as informações sobre áreas interdisciplinares, como a bioquímica, vem sendo disponibilizadas nas principais mídias pode contribuir na composição de um panorama de como as ciências ligadas à saúde são representadas na sociedade. A partir desse panorama, seria possível propor novas estratégias para o enfrentamento à desinformação.

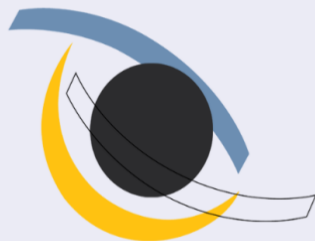
Neste trabalho, é apresentado alguns resultados, iniciais, da análise da presença do termo "bioquímica" nas publicações online do veículo de comunicação *Folha de S. Paulo*. O *Jornal Folha de S. Paulo* foi escolhido por ser um dos jornais de maior circulação no país (YAHYA, 2025). Este presente estudo segue uma abordagem tanto quantitativa - na avaliação das entradas, periodicidade de publicação e de autoria do conteúdo -, quanto qualitativa com análise dos textos publicados, de acordo com Bardin (2016).

Foram estudadas as 115 entradas relacionados à conteúdos publicados entre 2023 e 2025, em diferentes seções, ou Cadernos, do *Jornal Folha de S. Paulo* com a presença do termo bioquímica. Cada uma das entradas foi analisada e classificada de acordo com: data de publicação; seção (Caderno); tópicos sugeridos ao final de cada conteúdo; se publicação *Folha de S. Paulo*, ou republicação a partir de outra agência; e autores. Ademais, foram registradas a presença, ou ausência, de menção às instituições de pesquisas brasileiras. Nos casos em que o texto se relaciona a um artigo publicado em revista acadêmica, ou livro, foi avaliado se os autores incluíram fontes externas à pesquisa. Também foram coletadas, analisadas e classificadas as formas entradas do termo bioquímica em cada um dos textos publicados.

Observou-se que as publicações analisadas pertencem a 23 diferentes seções. Os Cadernos em que mais aparecem o termo bioquímica são *Ciência* (18%), *Equilíbrio e Saúde* (17%) e *Equilíbrio* (16%). De acordo com o site da *Folha de S. Paulo*, na página *Ciência*² o leitor encontra notícias sobre diversas áreas do conhecimento,

¹ Pesquisadora em BINGO Telescope, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba. Bolsista Paraíba Sem Fronteiras – Fapesq. E-mail: gracieleiq@gmail.com

² Link para a página *Ciência* na *Folha de S. Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/>



incluindo saúde, medicina e biologia. A página *Equilíbrio e Saúde*³ tem como foco depoimentos de pessoas que venceram ou lutam contra doenças, enquanto a da página *Equilíbrio*⁴ reúne notícias sobre saúde mental, física e emocional, com foco em bem-estar, assim como beleza, sexo, relacionamentos, família e pets.

No período analisado, a maioria das publicações (aproximadamente 82%) contam com autores que contribuíram com apenas uma publicação que continha o termo bioquímica no período. Dentre as 115 publicações, 24% são reproduções (ou republicações) de outros veículos, que incluem o *The Conversation*, *BBC News* e *Financial Times*. Também encontramos que apenas 38% das publicações fazem menção a um pesquisador, ou a instituição de pesquisa brasileiros.

Ao analisar os textos, observamos que, majoritariamente, o termo bioquímica foi usado para se referir a formação ou área de atuação de uma pessoa citada no texto (49%). Em 31% das publicações, bioquímica aparece como termo técnico, mas em apenas 13% dessas publicações (ou 4% do total), o uso do termo ou conceito é explicado ao longo do texto. Outras análises como os atores sociais relacionados às publicações, como as fontes usadas e os autores, o período de publicação e o conteúdo foram realizadas e serão discutidas durante a apresentação da pesquisa na 12ª EDICC.

A última pesquisa de Percepção Pública de Ciência e Tecnologia mostrou 88% das pessoas entrevistadas não sabiam citar o nome de uma instituição de pesquisa (CGEE, 2024). Os resultados iniciais deste trabalho mostram que, nas publicações relacionadas à bioquímica em um dos jornais de maior circulação no país, há uma baixa menção às instituições de pesquisa brasileiros. Ampliar a forma como as instituições de pesquisa estão presentes nos textos jornalísticos pode contribuir para o conhecimento e a compreensão da pesquisa brasileira, para o jornalismo local e mesmo para a ampliação das territorialidades. Nosso trabalho também encontrou que, apesar de presente, a bioquímica fica restrita ao nome de área de formação ou atuação, ou como termo técnico ou jargão.

Palavras-chave: bioquímica; mitigação da desinformação; jornal; Folha de S. Paulo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. (2016). Análise de conteúdo. Edições 70.
- CGEE. Percepção pública da C&T no Brasil - 2023. Resumo Executivo. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2024. Disponível em https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf
- YAHYA, H. "Estadão" e "Folha" puxam alta na circulação de jornais impressos. Poder360, 24 fev. 2025. Disponível em <https://www.poder360.com.br/poder-midia/estadao-e-folha-puxam-alta-na-circulacao-de-jornais-impressos/>

³ Link para a página Equilíbrio e Saúde da Folha de S. Paulo:

<https://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/>

⁴ Link para a página Equilíbrio da Folha de S. Paulo <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/>



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 7

Jornalismo e Divulgação Científica

Debatedora:

Sabine Righetti

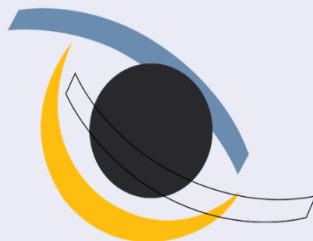
Autores:

Aurélio Bianco Pena

Cecília Mouta Guimarães

Roberto Vicente da Silva Filho

Jéssica Gotlib

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Fazendo BALBÚRDIA: enfrentando uma ausência da divulgação científica por meio de uma revista eletrônica**Aurélio Bianco Pena¹Marcos Vinícius Ribeiro Ferreira²

Este projeto tem como objetivo principal analisar as contribuições da revista BALBÚRDIA – Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (PIEC-USP) – para o campo da divulgação científica, particularmente no que concerne à divulgação da pesquisa em ensino e divulgação científicas. Busca-se compreender como o periódico articula a crítica social com a divulgação científica e promove a visibilidade de temas tradicionalmente marginalizados nesse campo.

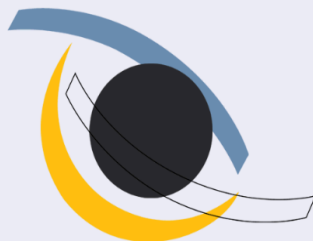
A divulgação científica concentra-se frequentemente em áreas como saúde e meio ambiente, raramente cobrindo ciências humanas e, paradoxalmente, a própria pesquisa em divulgação e ensino de ciências (Amorim; Massarani, 2008; Massola; Crochík; Svartman, 2015), criando uma ausência de conteúdos voltados à popularização e valorização dessas áreas. Esta invisibilidade limita a reflexão crítica sobre os métodos, limites e impactos da divulgação na construção de uma cultura científica democrática (Scheufele; Krause, 2019). Essa lacuna na divulgação justifica a análise de iniciativas que buscam superá-la, a fim de atingir um horizonte no qual tais áreas são mais valorizadas e compreendidas como estratégicas dentro da ciência, pois garantem o engajamento público, formação de cientistas e o financiamento de pesquisas, de forma crítica, reflexiva e inclusiva, ao fornecer acesso à públicos historicamente negligenciados pela cultura científica.

Sendo a divulgação científica um mecanismo de socialização de informações científico-tecnológicas para públicos não especializados (Vieira et al., 2023), é notório seu potencial alinhamento ao processo de ensino-aprendizagem de ciências (Gomes; Silva; Machado, 2016). Dessa maneira, parte-se do pressuposto de que a divulgação da pesquisa em ensino/divulgação científica é essencial para promover uma relação crítica e participativa entre sociedade e ciência.

A metodologia desta pesquisa se baseou na análise documental qualitativa (Bauer; Gaskell, 2002; Poupart, 2012) dos oito números publicados pela revista BALBÚRDIA entre agosto de 2020 e junho de 2025, bem como do seu projeto editorial. Complementarmente, foram analisados dados quantitativos e qualitativos provenientes de pesquisas de perfil de público e impacto realizadas pela própria

¹ Doutorando em Ensino de Ciências na Universidade de São Paulo. aurelio.pena@usp.br.

² Mestrando em Ensino de Ciências na Universidade de São Paulo. marcos.vinicius.ferreira@usp.br



revista (Barros et al., 2025; Faiad et al., 2024), abrangendo características demográficas dos leitores, meios de acesso e repercussões formativas.

A análise preliminar indica que a BALBÚRDIA, concebida como ato de resistência, tem respondido a urgências sócio-político-educacionais através de edições temáticas que abordam questões como negacionismo científico institucionalizado, desafios das mulheres pesquisadoras, impactos da pandemia na educação, reformas educacionais neoliberais, implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, e educação ambiental crítica. Os dados de público (Barros et al., 2025) revelam predominância de leitores jovens (21-30 anos, 43,4%), majoritariamente mulheres cis (56,6%) e autodeclarados brancos (57,9%), com significativa presença de profissionais da educação básica (34,3%) e não atuantes (35,5%). Identifica-se alcance significativo via site (mais de 100 mil acessos em 2024) e redes sociais, além de impacto formativo através de oficinas (mais de 120 inscritos) e programas de bolsas. Contudo, persistem disparidades raciais na representação de leitores pardos (28,9%) e pretos (3,9%), com ausência de indígenas.

Os resultados sugerem que a BALBÚRDIA cumpre um papel inovador ao tornar a pesquisa em ensino e divulgação científica objeto de divulgação, rompendo com silêncios históricos e promovendo uma educação científica mais plural e crítica. A revista demonstra potencial como ponte entre a produção acadêmica especializada e o debate público, articulando rigor científico com engajamento social. Contudo, os dados sobre o perfil de público e colaboradores evidenciam desafios significativos quanto à representatividade racial, especialmente a sub-representação de educadores e divulgadores científicos negros e indígenas. Este aspecto aponta para a necessidade de estratégias mais efetivas de inclusão e ampliação do alcance junto a esses grupos, visando superar as barreiras que perpetuam desigualdades no acesso e na produção da divulgação científica. A análise em curso busca aprofundar a compreensão do impacto da revista na democratização do conhecimento sobre ensino de ciências e na promoção de uma cultura científica reflexiva.

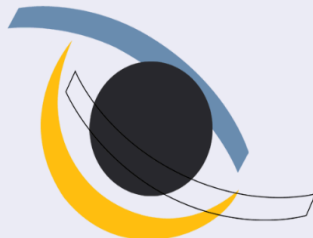
Palavras-chave: Divulgação científica; Revista eletrônica; Ensino de ciências;

REFERÊNCIAS

- AMORIM, L. H.; MASSARANI, L. M. Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 73–84, jun. 2008.
- BARROS, D. M. de et al. Balbúrdia nas redes: análise do perfil de público de uma revista de divulgação científica.. In: XV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Belém (PA), 2025. Anais... do XV ENPEC, Universidade Federal do Pará, 2025.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FAIAD, C. R. et al. BALBÚRDIA de quem? Um estudo sobre gênero e raça em uma revista de divulgação de pesquisas educacionais. *Educação Pública - Divulgação Científica e Ensino de Ciências*, v. 3, n. 3, p. 1-18, 2024.



- GOMES, V. B.; SILVA, R. R. da; MACHADO, P. F. L. Elaboração de textos de divulgação científica e sua avaliação por alunos de Licenciatura em Química. *Química Nova na Escola*, v. 34, p. 387-403, 2016.
- MASSOLA, G. M.; CROCHÍK, J. L.; SVARTMAN, B. P. Por uma crítica da divulgação científica. *Psicologia USP*, v. 26, n. 3, p. 310–315, dez. 2015.
- POUPART, Jean. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.
- SCHEUFELE, D. A.; KRAUSE, N. M. Science audiences, misinformation, and fake news. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 16, p. 7662–7669, jan. 2019.
- VIEIRA, B. G. E.; MENDONÇA, R. B. de; SOARES, A. C.; PASTORIZA, B. S. Mapeando o conceito de divulgação científica: o que diz a literatura?.. In: XXI Encontro Nacional de Ensino de Química, Uberlândia (MG), 2023. Anais... do XXI ENEQ, Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
- POUPART, Jean. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Escutando a ciência: podcasts como ferramentas de divulgação científica

Cecília Mouta Guimarães¹
Erica Mariosa Moreira Carneiro²

Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod, 2024), o podcast vem se consolidando como uma das mídias mais populares para produção de conteúdo no Brasil, com mais de 30 milhões de ouvintes.

No entanto, ainda há uma dificuldade notável para que os podcasts de ciência ganhem visibilidade frente a outras categorias mais ouvidas, como notícias e entretenimento — estas duas, inclusive, lideram a preferência do público, de acordo com os principais resultados da PodPesquisa 2024/2025 (ABPOD, 2024).

De acordo com o ranking dos 100 podcasts mais ouvidos no Brasil (SPOTIFY, 2025), o primeiro podcast de ciência a aparecer é o *Ciência sem Fim*, na 91ª posição, seguido do *Eslen Podcast*, na 93ª e estes são os únicos representantes da categoria científica no *Top 100* nacional (dados de 01/08/2025).

Diante desse contexto, em 2024, o Instituto Principia inaugura uma nova frente em sua atuação em divulgação científica ao lançar o podcast Ombros de Gigantes. A escolha pelo formato podcast se alinha à busca por ampliar o acesso à ciência e engajar novos públicos, reconhecendo que a DC é um campo conceitualmente plural e em constante desenvolvimento.

A proposta do podcast parte da compreensão de que divulgar ciência vai além de relatar resultados: é inserir o conhecimento científico no domínio público de forma acessível, instigante e crítica, permitindo que a sociedade compreenda, dialogue e se aproprie da ciência em seu cotidiano. Isso requer uma comunicação que ultrapasse os muros acadêmicos, aborde os processos e dilemas da ciência e valorize diferentes saberes, como defendem Valério e Takata (2025) e Carneiro, Sosa e Arnt (2023).

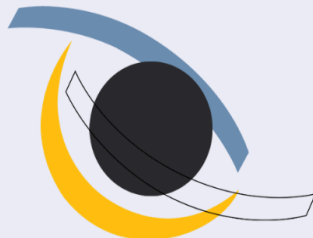
O podcast foi idealizado e produzido por Cecília Mouta³, construído a partir de 3 quadros de entrevista, que alternam semanalmente, acarretando uma frequência mensal de cada um:

O quadro Papo de Estudante tem como objetivo mostrar o que se tem pesquisado nas universidades. Dessa forma, estudantes de mestrado e doutorado, de diferentes áreas de atuação, são convidados a contarem sobre suas pesquisas e suas experiências como pesquisadores. Já o quadro *YouScience* — anterior ao Ombros de Gigantes e incorporado a este projeto — foi inicialmente concebido para o formato de

¹ Mestra em Filosofia da Ciência (USP). ceciliamouta@gmail.com

² Assessoria de Imprensa do Instituto Principia, Doutorando do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas. imprensa@institutoprincipia.org

³ Membro da equipe de DC do Instituto Principia



vídeo e, posteriormente, passou a integrar também a grade do podcast⁴. O quadro apresenta entrevistas com pesquisadores de carreira já consolidada, com o objetivo de oferecer orientação vocacional a jovens interessados em seguir a carreira científica.

Por fim, o último quadro é o Ciência Fora da Caixa, que tem como foco ser uma conversa sobre ciência a partir da perspectiva das ciências humanas, humanidades e arte. O objetivo do quadro é suscitar o pensamento crítico sobre a ciência, trazendo reflexões sobre o conhecimento científico. Na tentativa de inovar nos formatos de podcast de ciência, o quadro Ciência Fora da Caixa, que, por natureza, possui um teor mais filosófico, passou a adotar em seus episódios uma estrutura artística singular: narração poético-filosófica, ambientada com música, que aparece em três momentos ao longo da entrevista, costurando o conteúdo e conduzindo o ouvinte a uma imersão sensorial e reflexiva.

Como resultado, no dia 30 de julho de 2025, o podcast Ombros de Gigantes completou um ano de existência, crescendo de forma orgânica desde seu lançamento. Até o momento, acumula 1.941 streams e 314 inscritos (dados de 05/08/2025). Tomando como referência metodológica Figueira (2022), o quadro Ciência Fora da Caixa, do podcast Ombros de Gigantes, é, até o momento, a única iniciativa de divulgação científica em podcast no Brasil que adota essa estrutura narrativa.

Ao longo desse primeiro ano, foram publicados 33 episódios que contemplam uma diversidade de temas e instituições. No quadro *YouScience*, foram entrevistados professores de universidades como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

Já no quadro Papo de Estudante, participaram alunos de mestrado e doutorado da USP, Unicamp, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Viçosa (UFV), entre outras, compartilhando suas experiências na pós-graduação.

No quadro Ciência Fora da Caixa, foram promovidas conversas sobre temas como realismo científico, origem do misticismo quântico, valores na ciência, metafísica na física, ciência no teatro, entre outros assuntos que dialogam com a filosofia e a cultura científica contemporânea.

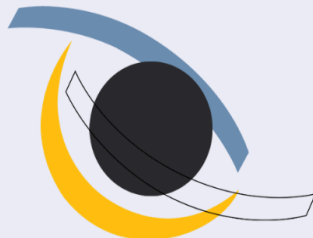
Por fim, é importante destacar três momentos de reconhecimento do projeto: a indicação na página do Instagram do CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas em Física); a indicação do episódio “Estamos todos sob o mesmo céu?” na página da Sociedade Brasileira de Física (SBF); e o convite da TV Câmara de Campinas para apresentar o mesmo episódio no programa “Estúdio Câmara”.

Palavras-chave: podcast; divulgação científica; instituto principia;

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). *PodPesquisa 2024/2025: principais resultados da pesquisa sobre ouvintes e produtores de podcast no Brasil*. São Paulo: ABPod, 2024. Relatório da associação.

⁴ O quadro continua sendo postado no YouTube do Instituto Principia

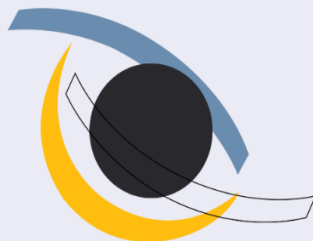


CARNEIRO, Erica Mariosa Moreira; SOSA, Maria Clara Rodriguez; ARNT, Ana de Medeiros. *A Ciência e os Conhecimentos da 'Cidade Invisível'*. Educação & Realidade, v. 48, p. e124635, 2023.

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto; BEVILAQUA, Diego Vaz. *Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros*. Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 120-138, jan.-mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i1.2458>. Acesso em: 5 ago. 2025.

VALÉRIO, Marcelo; TAKATA, Roberto. *Afinal, o que é divulgação científica? Explanação e proposição de uma definição plural*. Pro-Posições, v. 36, p. e2025c0502BR, 2025.

SPOTIFY. *Spotify Charts – Top 100 Brasil*. Disponível em: <https://spotifycharts.com/regional/br/daily/latest>. Acesso em: 01 ago. 2025.



PROJETO DE PESQUISA

Elementos transmídia no telejornalismo no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

Roberto Vicente da Silva FILHO¹
Mirna TONUS²

A década de 1990 foi marcada por inúmeras inovações tecnológicas, mas a chegada da *internet* às redações mudou a maneira como se fazia jornalismo. No caso do telejornalismo brasileiro, pode-se afirmar que ele vem experimentando e incluindo os novos modelos/formatos associados à difusão das plataformas digitais. Atualmente, o receptor também pode ser um emissor e veicular o conteúdo (Bozzetto; Piccinin, 2019) e, com isso, alterar a lógica do mercado até então existente.

No entanto, é importante entender de que maneira as emissoras do interior de Minas Gerais vêm lidando com os avanços tecnológicos e incorporando-os na rotina de produção. Partindo do que já se tem de conhecimento a respeito de telejornalismo e narrativa transmídia, buscamos, neste trabalho, responder: De que maneira o telejornalismo no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba utiliza a narrativa transmídia na construção de um telejornal? Entre os objetivos estão: apresentar um panorama do telejornalismo transmídia no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; além de investigar a maneira como o jornalismo transmídia altera o cotidiano de uma redação.

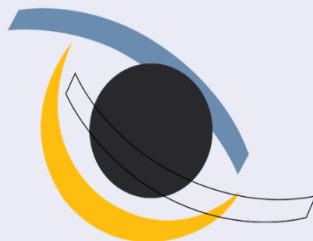
O texto se baseia em uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Os resultados obtidos até o momento foram apresentados na qualificação e serão usados como recursos para a elaboração de um plano de aplicação de um interprograma transmídia.

Em consequência da circulação dos conteúdos, é possível haver maior participação ativa dos usuários, além do interesse em procurar e realizar conexões com base no que se tem disponível na rede. Isso porque, a partir de 2000, a convergência midiática foi impulsionada pelos smartphones e pelo consumo de conteúdo on-line.

As mídias digitais aceleraram as interações entre os meios de comunicação e os consumidores, em consequência disso, esses espaços digitais permitem aos usuários navegar e acessar os conteúdos disponíveis. Renó e Flores (2018) ainda reforçam que o jornalismo transmídia aproveita essas possibilidades presentes na sociedade pós-moderna e desenvolve formas de envolver e atrair o receptor.

¹ Roberto Vicente da Silva Filho; mestrando do PPGCE UFU; vicentefilhosr@gmail.com

² Mirna Tonus; professora do curso de Jornalismo e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); mirnatonus@ufu.br



Uma vez que a narrativa transmídia tem como base a distribuição de conteúdos em diversas plataformas, deve respeitar as características de cada suporte e não pode ser redundante. Além disso, o produto deve fazer sentido ao se acessar o todo. *Henry Jenkins* (2006) exemplifica esse conceito a partir da ficção e como isso altera a participação do público, criando uma interatividade, mas estudos sobre jornalismo e transmídia têm se intensificado ao longo da última década.

Borges (2023) identificou, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, seis tipos de conteúdos transmídia, nas emissoras TV Paranaíba e TV Integração, entre os períodos de 22 de agosto de 2022 e 31 de abril de 2023. Os assuntos elencados pelo pesquisador demonstram que a cobertura transmídia na região vai desde o factual, como no caso do acidente em Carmo do Paranaíba – até a divisão para além da TV, no *YouTube* e site de notícias da emissora.

Posto isso, o presente trabalho tem uma aplicação prática, sendo os objetivos descritivos e exploratórios. A abordagem da pesquisa é tanto qualitativa quanto quantitativa, já a metodologia é mista, pois, para responder às questões, são necessárias diferentes abordagens.

Johnson e Onwuegbuzie (2004) ressaltam que “compreender os pontos fortes e fracos da pesquisa quantitativa e qualitativa coloca o pesquisador em posição de misturar ou combinar estratégias” (Johnson; Onwuegbuzie, 2004, p. 18, tradução nossa)³.

O corpus é composto por 24 edições dos anos de 2023 e 2024, dos telejornais das emissoras TV Integração, afiliada Globo; TV Paranaíba, afiliada Record; e TV Band Triângulo.

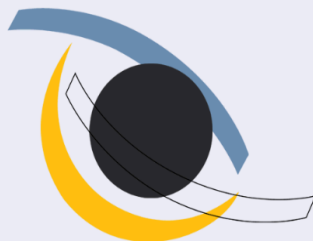
Os resultados iniciais demonstram que existem indícios de características transmídia no modo como os telejornais são produzidos e exibidos aos telespectadores. Nos programas das três emissoras, os apresentadores estimulam a participação do público por meio de recursos interativos, seja enviando fotos, comentários, seja por meio de sugestões de pautas.

Além do mais, a quantidade de informações enviadas via *Whatsapp* cresceu entre os anos de 2023 e 2024, sendo notável o uso de imagens fornecidas por telespectadores e a importância delas para a produção de conteúdo regional. Os desdobramentos dos assuntos abordados nos telejornais também são vistos nas mídias sociais; no caso da TV Integração e TV Paranaíba, mediante uso de site como outra ferramenta de propagação da informação divulgada no jornal.

Uma vez que a interatividade, a hipertextualidade, a multimídia, a integração e a contextualização são, segundo Canavilhas (2013), às quatro características centrais do jornalismo transmídia, reforçadas por Renó e Flores (2018), elas mostram como esse formato de jornalismo explora as possibilidades de envolver e engajar o público de maneiras inovadoras.

Os resultados iniciais se mostraram satisfatórios para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo com indícios de elementos transmídia, apenas uma análise mais aprofundada pode demonstrar o grau de transmediação e como os públicos reagem ao que está à disposição deles.

³ Do original: “Gaining an understanding of the strengths and weaknesses of quantitative and qualitative research puts a researcher in a position to mix or combine strategies”.



Palavras-chave: telejornalismo, narrativa transmídia e mídias sociais.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luan da Silva. **Jornalismo em convergência**: Uma análise da transmídia no telejornalismo de emissoras locais de Uberlândia, MG. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38716;Acesso?locale=pt_BR.

BOZZETTO, Vagner; PICCININ, Fabiana. Espécies Bastardas: Híbridismo e Transmidialidade em “Eu Sou Amazônia”. In: IRIGARAY, Fernando; GOSCIOLA, Vicente; PIÑEIRO-OTERO, Teresa (orgs.). **Dimensões Transmídia**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 213-234.

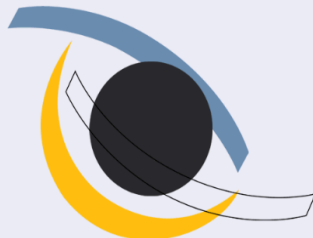
CANAVILHAS, João. El nuevo ecosistema mediático. **Index.comunicación**: Revista científica en el ámbito de la Comunicación Aplicada, v. 1, n. 1, p. 13-24, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3660767>.

CANAVILHAS, João. Jornalismo transmídia: um desafio velho ao ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis; CAMPALANS, Carolina; RUIZ, Sandra; GOSCIOLA, Vicente. **Periodismo Transmedia**: miradas múltiples. Colombia: Editorial Universadade del Rosario Editors, 2013. p. 53-68.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J. Mixed methods research: a research paradigm whose time has come. **Educational Researcher**, v. 33, n. 7, p. 14-26, oct. 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.3102/0013189X033007014>.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesús. **Periodismo Transmedia**. Aveiro: Ria Editorial, 2018.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Comunicando epidemias de arboviroses: um relato de experiência da assessoria de imprensa à reportagem**Jéssica Gotlib¹

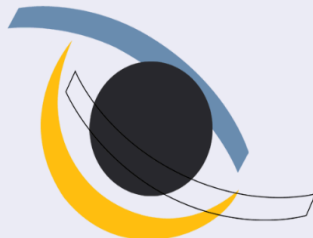
Minha experiência profissional na área de saúde começou durante a pandemia de COVID-19, um momento em que muitos de nós, jornalistas generalistas, fomos deslocados para a cobertura de saúde com uma interface política inescapável, sem termos conhecimento técnico aprofundado ou experiência na cobertura de epidemias. As dificuldades relacionadas àquele momento particular enfatizaram a complexidade de temas que, até então, eram distantes da minha rotina enquanto repórter.

Pouco tempo depois, tive a oportunidade de estar do outro lado da mesa, atuando como assessora de imprensa no Ministério da Saúde. Ali, na produção de conteúdo e no atendimento à imprensa, percebi que os desafios que enfrentei persistiam e aconteciam com muita frequência em outras redações. Além de sites e jornais impressos, notei como a falta de familiaridade com temas básicos de saúde afetavam também produtores de TV, de rádio e colegas que também cobriam o tema saúde como um dos outros tantos no dia a dia das redações. Ainda em 2022, o Brasil enfrentou o primeiro de uma série de anos epidêmicos para dengue consecutivos. Nesta situação, pude notar como uma série de perguntas e mal-entendidos que demonstravam a falta de um entendimento básico sobre o tema.

Acredito que, para uma boa cobertura de epidemias de arboviroses, é preciso compreender, ao menos, o básico sobre a vigilância epidemiológica. Essa falta de conhecimento básico se manifesta em perguntas recorrentes da imprensa sobre temas como: a contagem de óbitos — há uma falta de entendimento sobre como os óbitos são realmente calculados e, principalmente, sobre os prazos necessários para que os municípios verifiquem a causa e notifiquem o dado de forma oficial; a confirmação de casos — a dúvida sobre como são levantados os casos de suspeita de dengue e como eles são confirmados é constante. Nem todos sabem que a confirmação pode ser feita por meio de critérios epidemiológicos apenas, sem a realização de exames clínicos.

Essa desinformação básica, que se repete a cada surto, dificulta a cobertura precisa e a comunicação eficaz de riscos para a população. Além disso, para formular bons questionamentos, é importante ter boa noção sobre as informações básicas.

¹ Repórter do site JOTA e pós-graduanda em ciência e análise de dados em MBA do Esalq/USP. jferreiragotlib@usp.br.



Outro ponto crítico é a dificuldade de interpretar e comparar dados estatísticos. Na minha experiência, a imprensa e o público têm dificuldade em compreender a impossibilidade de comparar dados de cenários epidemiológicos diferentes. Não se pode, por exemplo, comparar um ano epidêmico com um ano não epidêmico como se fossem a mesma coisa. As condições de circulação do vírus e a dinâmica da doença são completamente diferentes, o que dificulta a real compreensão do cenário. Além disso, a análise e comparação de outliers, como o ano de 2024, deve ser feita com bastante cuidado e critério, sob pena de mascarar outros cenários epidêmicos.

A soma de casos também pode se transformar em uma armadilha quando os repórteres se sentirem tentados a somar casos confirmados e suspeitos, seja em um mesmo ano ou em diferentes momentos. Essa prática pode distorcer a realidade da epidemia, sobretudo em anos que circula mais de um arbovírus ou outras doenças com sintomatologia semelhante.

Entender o que são os indicadores mais relevantes é crucial. A taxa de mortalidade, por exemplo, não é apenas um número, mas um termômetro da qualidade do atendimento aos doentes. Uma leitura acurada desse indicador pode apontar se o sistema de saúde está aquém do esperado e guiar a adoção de medidas emergenciais para salvar vidas.

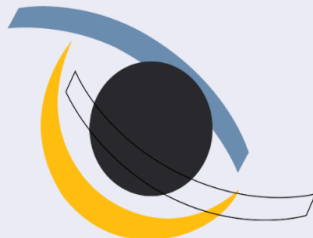
Do ponto de vista institucional, acredito que os órgãos públicos ainda pecam por focar a comunicação apenas durante a crise. Os mecanismos de vigilância são robustos e suficientes para identificar o problema antes que ele atinja o pico. Portanto, o grande desafio é desenvolver instrumentos de comunicação de risco antes da crise, informando e educando a população de forma contínua, para que, quando a epidemia chegar, a população e a imprensa estejam mais bem preparadas para entender e agir.

Em suma, a minha defesa é que, para uma boa cobertura e uma comunicação de saúde eficiente, a solução é mútua: o jornalismo precisa investir no entendimento básico da vigilância epidemiológica, e os órgãos públicos precisam ser mais proativos na comunicação de risco, pautados nas fontes oficiais e no conhecimento técnico. Somente assim, podemos construir uma cobertura mais responsável e uma sociedade mais consciente.

Palavras-chave: epidemia; arboviroses; dengue; comunicação de risco; comunicação de crise.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral de Vigilância de Arboviroses. **Diretrizes Nacionais para Prevenção e Controle das Arboviroses Urbanas**: Vigilância Entomológica e Controle Vetorial. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em:



https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_arboviroses_urbanas.pdf.

CAMPUS VIRTUAL FIOCRUZ. InfoDengue e InfoGripe: **Vigilância epidemiológica de doenças transmissíveis**. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=taxonomy/term/578>.

FIOCRUZ. Unidade 6 – Comunicação para Vigilância e Controle das Arboviroses. **Programa Educacional em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e de outras Doenças Virais**. Disponível em: https://cursos.matogrossodosul.fiocruz.br/mod/ppuunasus/webview.php/mod/ppuunasus/323/mod3_un6_sec2_pag4.html.

HARMITT, D. D. S. et al. Educação em Saúde sobre Arboviroses: Relato de Experiência. In: **7º Seminário Internacional sobre Carreira Docente nas Profissões da Saúde e II Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação na Saúde**. Even3, [s.d.]. Disponível em: <https://www.even3.com.br/7-seminario-internacional-sobre-carreira-docente-nas-profissoes-da-saude-e-ii-simposio-internacional-de-pesquisa-em-educacao-na-saude-520263/>.

JORNAL DA UNICAMP. **Elevação de temperatura amplia risco de dengue em Campinas**. 28 out. 2024. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/edicao/716/elevacao-de-temperatura-amplia-risco-de-dengue-em-campinas/>.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 8

Jornalismo, Comunicação Científica e Acessibilidade

Debatedor:

Fabiano Ormaneze

Autores:

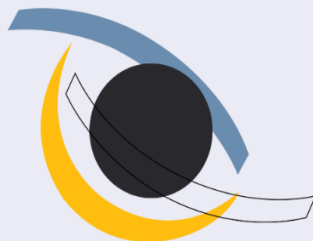
Mariana Ribeiro

Mariama Correia

Fernanda Menezes

Otávio Ítalo Matos Uzumaki

Beatriz Ortiz de Camargo Aleixo Lopes



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Divulgação de Humanidades: Uma investigação sobre como os pesquisadores da área se relacionam com a imprensa

Mariana Ribeiro¹

Sabine Righetti²

Este trabalho apresenta o projeto de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que visa entender o que pensam pesquisadores das áreas de Humanidades sobre a divulgação de seus trabalhos e da sua área de conhecimento na imprensa. Para atingir esses objetivos, será conduzida uma pesquisa com cientistas de Ciências Humanas por meio de formulário online e serão realizadas entrevistas em profundidade com parte dos respondentes.

O projeto, em estágio inicial, se alicerça em questionários aplicados com cientistas brasileiros e estrangeiros (Besley e Nisbet, 2011; Dudo e Besley, 2016; Oliveira, 2018; Righetti *et al.*, 2021) para tentar compreender um aspecto ainda pouco explorado pelo campo da percepção pública da ciência e pela divulgação científica em geral: como se dão as relações entre jornalistas e pesquisadores das áreas de Ciências Humanas.

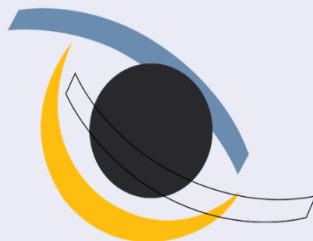
Em um artigo de revisão, Besley e Nisbet (2011) analisam pesquisas que tentaram compreender as opiniões dos cientistas sobre diferentes agentes envolvidos na divulgação científica e concluem que a maior parte delas se dedicou a entender as visões de pesquisadores sobre o público, e não sobre a mídia. Além disso, é possível perceber que essas pesquisas utilizam o termo cientistas normalmente para se referir a pesquisadores de Ciências Exatas ou Biológicas.

Esse tratamento diferenciado entre as áreas do conhecimento é abordado por Cassidy (2021). A autora afirma que a comunicação científica, tanto na pesquisa quanto na prática profissional, pode ser “irreflexiva” quanto à ciência que busca comunicar. Para ela, o campo tende a se referir às chamadas “ciências duras”, enquanto relativamente pouca atenção tem sido dada às Ciências Sociais ou às Artes, por exemplo. Cassidy avalia a literatura existente sobre comunicação pública das Ciências Humanas e Sociais, com foco em países do Norte global, e destaca que essas publicações seguem escassas e espalhadas por diferentes disciplinas, o que reforça a necessidade de mais estudos na área.

Pesquisas de análise da cobertura de ciências nos jornais nacionais revelam também uma menor participação dos conteúdos ligados às Ciências Humanas (CGEE,

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: m272569@dac.unicamp.br.

² Pesquisadora e professora no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: sabine@unicamp.br.



2024), sendo que essas reportagens frequentemente são publicadas em seções não ligadas diretamente à ciência. Em análise da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*, Gobi (2024) conclui que mais da metade dos conteúdos de História, por exemplo, aparecem em editoriais voltadas a temas culturais.

Nesse contexto, a pesquisa aqui apresentada optou por avaliar a relação de pesquisadores com jornalistas tanto pelo reconhecimento da importância da imprensa como canal de divulgação científica quanto pelo fato de o relacionamento entre os dois grupos ser permeado de desafios. Diversos estudos abordam essas dificuldades, embora com pouca ênfase em Humanidades. Em pesquisa da Agência Bori (Righetti *et al.*, 2021), sete em cada dez pesquisadores disseram não ter falado com nenhum jornalista sobre seus trabalhos no ano anterior ao estudo. Besley e Nisbet (2011) afirmam que cientistas tendem a crer que o público sabe pouco sobre ciência e que a imprensa tem responsabilidade sobre isso, apesar de admitirem que as interações com jornalistas são importantes.

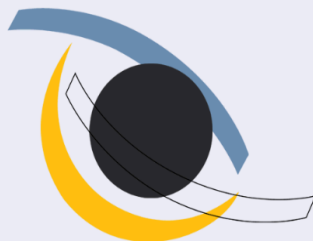
A coleta de dados deste estudo será feita por meio de um questionário online e autoaplicado que será enviado aos cerca de dois mil pesquisadores que já divulgaram pesquisa ou integram o banco de fontes da Agência Bori, iniciativa de disseminação de informação científica à imprensa. A pesquisa focará em duas áreas da Capes: Ciências Humanas (Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política e Teologia) e Linguística, Letras e Artes. Ela fará parte, no entanto, de uma investigação maior a ser realizada pela Bori e, por isso, espera-se realizar comparações entre áreas. Entre as hipóteses desta pesquisa, estão as de que pesquisadores de Humanidades falam com a imprensa com menos frequência do que os de Ciências Biológicas, por exemplo, e têm uma percepção mais negativa dessa relação. O questionário será submetido ao Comitê de Ética no segundo semestre e a ideia é que a aplicação seja feita no primeiro semestre de 2026. Já as entrevistas em profundidade devem ser realizadas na segunda metade do próximo ano.

Não é raro ouvir de pesquisadores e divulgadores que existem particularidades para a disseminação de pesquisas de Humanidades ou desafios adicionais para levar esses conteúdos até jornalistas. Apesar disso, ainda são escassos os dados que, de fato, poderiam embasar essas percepções. Assim, este estudo busca ajudar a reduzir as lacunas existentes na área, além de contribuir com a compreensão das especificidades das Ciências Humanas dentro do campo de divulgação científica e com o aprimoramento das relações entre jornalistas e pesquisadores. Essa análise se torna mais relevante diante de um contexto de desvalorização das Humanidades (Pecora, 2015; Silva e Fernandes, 2020), mas também de reconhecimento de sua relevância para construção do conhecimento científico e para a própria manutenção da democracia (Righetti e Gamba, 2019; Silva e Fernandes, 2020).

Palavras-chave: Divulgação Científica; Jornalismo Científico; Humanidades; Ciências Humanas; Percepção Pública da Ciência.

REFERÊNCIAS

BESLEY, J. C.; NISBET, M. How scientists view the public, the media and the political process. **Public Understanding of Science**, [s. l.], v. 22, n. 6, p. 644–659, 1



ago. 2011. <https://doi.org/10.1177/0963662511418743>.

CASSIDY, A. Communicating the social sciences and humanities. Specific challenges—and broader insights for research communication. **Routledge Handbook of Public Communication of Science and Technology**. 3. ed. [S. l.]: Routledge, 2021. Preprint (final unformatted draft), as sent to publishers on 24/06/20. Disponível em:

https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10871/125191/PCST_Chapter_14_Cassidy_revised%202020_final_preprint.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 mar. 2025.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **A ciência em diferentes arenas; análise dos discursos midiáticos na imprensa profissional e nas mídias sociais**. Brasília, DF: CGEE, 2024.

DUDO, A.; BESLEY, J. C. Scientists' Prioritization of Communication Objectives for Public Engagement. **PLOS ONE**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. e0148867, 25 fev. 2016.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0148867>.

GOBI, A. **A História noticiada: Historiadores e a História nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**. 2024. Dissertação (mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

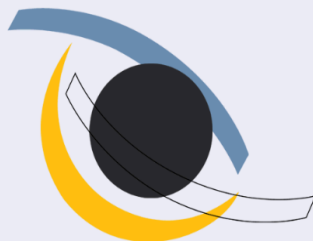
OLIVEIRA, C. C. G. de S. **A percepção dos pesquisadores sobre a importância de divulgar a ciência por meio da imprensa**. 2018. Dissertação (mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

PECORA, A. B. Letras e humanidades depois da crise. **Revista da Anpoll**, [s. l.], v. 1, n. 38, p. 41–54, 2015. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i38.833>.

RIGHETTI, S.; GAMBA, E. Ciências humanas levam Brasil à elite da produção científica. **Folha de S. Paulo**, [s. l.], , seq. Ilustríssima, 15 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/06/ciencias-humanas-levam-brasil-a-elite-da-producao-cientifica.shtml>. Acesso em: 29 maio 2025.

RIGHETTI, S.; MORALES, A. P.; GAMBA, E.; ANDRADE, F. Q. **O que pensam os jornalistas de ciência e os cientistas do Brasil?** A pesquisa nacional que fundamentou a criação da Agência Bori. Relatório técnico com resultados de pesquisa aplicada em 2019. 2021. Disponível em: <https://abori.com.br/wp-content/uploads/2021/05/BORI-O-que-pensam-os-jornalistas-e-os-cientistas.pdf>.

SILVA, S. D. e; FERNANDES, V. Humanidades: desencantamento e desafios. **Revista NUPEM**, [s. l.], v. 12, n. 27, p. 62–77, 14 dez. 2020. <https://doi.org/10.33871/nupem.2020.12.27.62-77>.



MODELO AMARELO - PROJETO DE PESQUISA

Desertos e quase desertos de notícias: novas fronteiras de produção e de distribuição do jornalismo nos estados do Nordeste

Mariama Correia¹

Sabine Righetti²

Sonia Virgínia Moreira³

O Nordeste é a região brasileira com a maior quantidade de desertos de notícias do país, segundo o último censo do Atlas da Notícia⁴. São 890 municípios sem presença identificada de jornalismo local. A mesma pesquisa mostra que a região tem 488 quase desertos de notícias, ou seja, municípios onde foram identificadas apenas uma ou duas iniciativas de jornalismo local em atividade. Esses locais correm grandes riscos de se tornarem vazios noticiosos.

Somados os desertos e os quase desertos, podemos afirmar que 76% dos municípios nordestinos apresentam um ambiente de notícias frágil. Por outro lado, as rádios e os veículos digitais demonstram uma trajetória consolidada de crescimento na região, segundo os levantamentos do Atlas. Na última edição, mais de 85% das 3.011 iniciativas jornalísticas mapeadas na região são rádios ou veículos nativos digitais.

É preciso contextualizar que o conceito de desertos de notícias foi elaborado pela jornalista e pesquisadora Penelope Muse Abernathy, no período em que atuou como pesquisadora no Centro de Inovação e Sustentabilidade de Mídia Local da Escola de Mídia e Jornalismo na Universidade da Carolina do Norte (EUA). Ela define esses locais como “comunidades com acesso limitado a notícias e informações abrangentes e de credibilidade” (COUTINHO, MARTINS e MOREIRA, 2022, p. 67).

Os estudos de Abernathy (2016) e também do *America's Growing News Deserts* (2017) na Universidade de Columbia (Nova York) são inspirações do censo brasileiro do Atlas da Notícia. Essas iniciativas apontam, de modo geral, que as comunidades

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: m291619@dac.unicamp.br

² Pesquisadora e professora no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: sabine@unicamp.br

³ Pesquisadora FUNDECT/CNPq do Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional (PDCTR) no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: soniavm@gmail.com

⁴ ATLAS DA NOTÍCIA. Nordeste reduz desertos de notícias, mas ainda enfrenta desafios. *Atlas da Notícia*, [s. l.], 10 jul. 2025. Disponível em: <https://atlas.jor.br/atlas-v-7/nordeste-reduz-desertos-de-noticias-mas-ainda-enfrenta-desafios/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

que não dispõem da presença do jornalismo local institucionalizado - ou contam com poucos veículos, como nos quase desertos - se tornam mais vulneráveis à desinformação.

Diante dessas considerações, o objetivo da pesquisa, em fase inicial, é analisar arranjos de produção e distribuição de notícias a partir de uma amostra de nove iniciativas jornalísticas em municípios classificados como quase desertos, nos nove estados do Nordeste, a partir da mais recente edição do Atlas da Notícia, publicada em julho de 2025. Com essa amostragem se pretende investigar como as iniciativas interagem com os desafios da produção noticiosa e o combate à desinformação em seus territórios, ampliando o olhar interdisciplinar com conceitos do campo teórico das Geografias da Comunicação (MOREIRA, 2009).

O estudo também pretende observar o jornalismo local no cruzamento de dados do Atlas com outras pesquisas de mídia, como o Projeto Oásis (SEMBRAMEDIA, 2024), e com contribuições teóricas como as pesquisas do historiador Albuquerque Júnior (2006) sobre representações midiáticas do Nordeste e os estudos da jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes sobre subjetividade jornalística (2023).

A fundamentação teórica baseia-se ainda nos conceitos do geógrafo Milton Santos sobre região jornalística (1995), essenciais para compreender as escalas de atuação e influência dos conteúdos informativos. Além disso, é importante destacar as distinções feitas entre regiões jornalísticas e regiões midiáticas apresentadas por Aguiar (2016).

A pesquisa espera contribuir com um aprofundamento da compreensão das dinâmicas do jornalismo na região Nordeste, bem como ampliar conhecimentos sobre a realidade do jornalismo local brasileiro, a partir das particularidades dos territórios nordestinos. Entre os resultados esperados, o projeto pretende analisar os desafios reais da produção jornalística nos quase desertos de notícias, incluindo o combate à desinformação, formas de distribuição, financiamento e independência editorial.

Na fase inicial do projeto, no primeiro semestre de 2025, foi realizado o levantamento dos dados de desertos e quase desertos de notícias no Nordeste, a partir da última edição da pesquisa do Atlas da Notícia. Na segunda fase serão selecionados veículos nativos digitais sediados em municípios quase desertos, nos nove estados nordestinos. Serão desenvolvidos questionários de entrevistas semiestruturadas (GUAZI, 2021) para um levantamento qualitativo com objetivo de mensurar arranjos de produção e distribuição, bem como os desafios dos veículos. As entrevistas serão feitas por e-mail, telefone e/ou videochamadas com comunicadores responsáveis pelos veículos.

A etapa seguinte será a categorização dos resultados da coleta para posterior exame e cruzamentos com os dados quantitativos já disponibilizados pelo Atlas, que serão atualizados durante as entrevistas, conforme as etapas de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Além de provocar reflexões contra o discurso midiático homogeneizante e estereotipado em relação aos territórios nordestinos, espera-se que este projeto contribua com dados qualitativos obtidos nas etapas de aplicação de questionários e entrevistas. Desse modo será possível entender melhor os arranjos viáveis de produção e distribuição de notícias; a utilização das plataformas digitais; os desafios da desinformação em seus territórios; suas formas de financiamento, distribuição de conteúdos e dinâmicas de produção. Com essas e outras informações, pretende-se oferecer uma maior compreensão sobre o jornalismo local no Brasil, que pode contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento de outras iniciativas, incluindo políticas públicas.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Local; Desertos de notícias; Produção de informação; Nordeste

REFERÊNCIAS

ABERNATHY, Penepole M. *The Rise of a New Media Baron and the Emerging Threat of News Deserts*. Chapel Hill (NC): University of North Carolina's Center for Innovation and Sustainability in Local Media, 2016.

AGUIAR, Sonia. *Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Ed. Massangana, 2006

COLUMBIA JOURNALISM REVIEW. *America's growing news deserts*. 2017. Disponível em: https://www.cjr.org/local_news/american-news-deserts-donuts-local.php. Acesso em: 30 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016

CAMPONEZ, C. Jornalismo regional: proximidade e distanciamos. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA, J. C. (Org.). *Ágora: jornalismo de proximidade – limites, desafios e oportunidades*. Covilhã: UBI, Livros LabCom, 2012. p. [incluir intervalo de páginas].

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate. A subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. 1.ed. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2023

COUTINHO, I. M. S.; MOREIRA, S. V.; MARTINS, C. F. S. *Desertos de notícias na produção científica brasileira: conceito, contextos e aplicações*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2022.

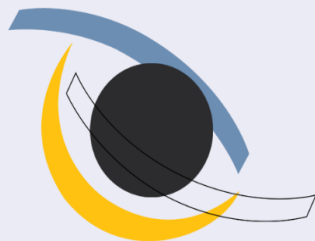
GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, [S. l.], v. 2, 2021.

MOREIRA, S. V. Sobre a invisibilidade da Geografia na Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Comunicação, educação e cultura na era digital*. São Paulo: Intercom, 2009. v. 1, p. 1–7.

PROJOR – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. *Atlas da Notícia: mapeando o jornalismo local no Brasil*. 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

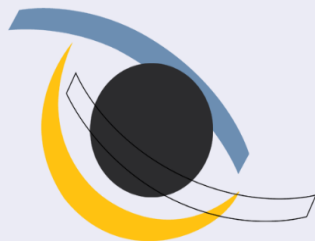
SEMBRAMEDIA. Global Project Oasis: mapping independent digital media around the world. SembraMedia; Global Project Oasis, 2024. Disponível em: <https://globalprojectoasis.org/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Princípios DEIA na comunicação científica: análise dos periódicos de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas indexadas na SciELO Brasil**Fernanda Menezes¹

O presente estudo tem como objetivo mapear e analisar os periódicos indexados na SciELO Brasil nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, a fim de verificar a adoção de políticas e práticas alinhadas aos princípios da Ciência Aberta e aos conceitos de Diversidade, Equidade, Inclusão e Acessibilidade (DEIA). Serão consideradas as tecnologias de acesso à informação no ambiente de periódicos científicos e as ações utilizadas para a divulgação científica (Medeiros; Barata, 2014). Nesse cenário, a Ciência Aberta vem se consolidando como um movimento essencial para promover transparência, acessibilidade e democratização do conhecimento (Albagli, 2017). Periódicos comprometidos com esses princípios não apenas mantêm alto padrão de qualidade, como também asseguram que a produção científica seja representativa, acessível e inclusiva, refletindo valores DEIA na comunicação científica (Menezes, 2023).

No contexto da Ciência Aberta, esses princípios constituem valores fundamentais para uma sociedade mais equitativa e inclusiva, alinhando-se ao propósito de gerar novos conhecimentos acessíveis a todos (Gomes, 2024). A redução da desigualdade digital e das barreiras de acesso ao conhecimento está no centro das discussões sobre Ciência Aberta, inclusão e acessibilidade, aspectos que este estudo pretende analisar. A produção e circulação colaborativa do conhecimento científico (Heinz; Miranda, 2024) têm relação direta com estratégias eficazes de divulgação. Conforme Beltrão (2013), o universo científico não pode ser um mistério para a sociedade, sendo fundamental criar estratégias que despertem interesse e aproximem a ciência do cotidiano. A democratização do conhecimento exige comunicação acadêmica aberta, acessível e inclusiva, com novas formas de compartilhamento e disseminação que garantam benefícios tangíveis à comunidade (Menezes, 2024). Nessa circunstância, os princípios DEIA configuram exigência para indexação em plataformas como a SciELO Brasil, cujo documento “Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos” estabelece a promoção de DEIA como um dos seis requisitos essenciais (Menezes, 2023; SciELO, 2022). A relevância desta pesquisa reside na importância dos princípios DEIA para ampliar o alcance e a efetividade da divulgação científica. Ao adotá-los, a comunicação científica alcança públicos tradicionalmente excluídos e fortalece o reconhecimento social da

¹Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: f219804@dac.unicamp.br.



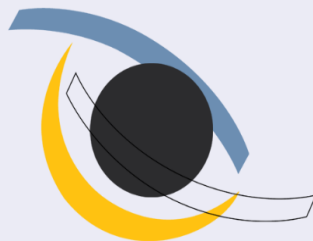
ciência e da cultura. O desenvolvimento científico está intrinsecamente ligado a fatores biológicos, econômicos, culturais e políticos, e a ciência, embora influenciada por interesses externos, mantém como meta a produção de conhecimento com impacto positivo na vida e no ensino. O filósofo australiano Chalmers (1994) alertou para os riscos de uma ciência fabricada e prejudicial à vida em “A fabricação da ciência”. Assim, a comunicação científica cumpre papel central na democratização do conhecimento, rompendo com a tradição isolacionista e tornando-o acessível a diferentes segmentos, o que fortalece o engajamento cidadão e o compromisso com o futuro (Muller, 2006; Beltrão, 2013).

A Ciência Aberta, busca tornar o conhecimento científico mais acessível, compartilhado e reutilizável, promovendo transparência, colaboração e sustentabilidade, com destaque para a maior disponibilidade e acessibilidade dos resultados de pesquisa (UNESCO, 2023). Os princípios DEIA no Brasil têm sido impulsionados pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), que criou o Espaço DEIA para discutir e divulgar ações alinhadas a esses valores (ABEC, [2024]). Diversidade refere-se à inclusão de diferentes raças, gêneros e culturas na produção científica; equidade assegura iguais oportunidades; e inclusão garante participação plena, independentemente de habilidades, no acesso e uso da informação científica. A metodologia da pesquisa envolve o levantamento de todos os periódicos das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas indexados na *SciELO* Brasil, registrando informações como título, ISSN, instituição editora e URL. Será elaborada uma planilha com indicadores como presença de política DEIA explícita, recursos de acessibilidade, linguagem clara, recursos multimodais, diversidade de autoria, práticas de Ciência Aberta, revisão por pares aberta, políticas de dados abertos e divulgação para não acadêmicos.

A coleta consistirá na análise individual dos sites dos periódicos, codificando cada critério como “Sim”, “Não”, “Parcial” ou “Não identificado”. A análise dos dados permitirá quantificar resultados por indicador, identificar boas práticas e barreiras e interpretá-los à luz da literatura sobre Ciência Aberta e DEIA. Espera-se obter um panorama atualizado sobre a adoção de práticas inclusivas e abertas nos periódicos analisados, revelando percentuais de adoção de políticas DEIA, grau de acessibilidade digital, e uso de práticas de Ciência Aberta. Os resultados deverão evidenciar lacunas e casos exemplares, subsidiando políticas editoriais mais inclusivas.

A análise crítica da pesquisa permitirá compreender como inclusão e acessibilidade têm sido abordadas na comunicação científica nas áreas de Humanas e Sociais Aplicadas. Embora avanços pontuais sejam esperados, é provável que muitos periódicos apresentem baixa aderência a práticas DEIA. Conclui-se que a promoção da equidade na comunicação científica exige ações coordenadas entre editores, pesquisadores e agências de fomento, indo além do Acesso Aberto para assegurar que o conhecimento seja efetivamente utilizável por diferentes públicos.

Palavras-chave: Princípios DEIA; Comunicação Científica; *SciELO* Brasil; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas.



REFERÊNCIAS

ABEC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CIENTÍFICOS. **Espaço DEIA**. ABEC Brasil. São Paulo, [2024]). Disponível em: <https://www.abecbrasil.org.br/novo/espaco-deia/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ALBAGLI, S. Ciência aberta como instrumento de democratização do saber. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 3, p. 659-664, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00093>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BELTRÃO, J. F. Comunicação de ciência: prática e necessidade de pesquisa. In: BELTRÃO, J. F. (org.). **Pesquisa em comunicação de ciência na Amazônia oriental brasileira**: experiência recente no Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013. p. 19-27.

CHALMERS, A. **A fabricação da ciência**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1994.

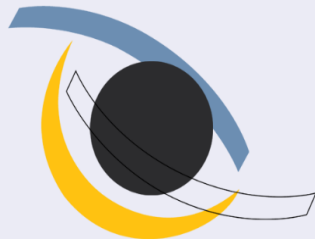
GOMES, S.S. Contribuições da Educação em Revista para o avanço da Ciência Aberta no Brasil [online]. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, 2024. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2024/06/03/contribuicoes-da-educacao-em-revista-para-o-avanco-da-ciencia-aberta-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

HEINZ, M.; MIRANDA, A. Ciência Aberta: argumentos e desafios para sua legitimação científica. **Em Questão**, 30, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.30.135618>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MEDEIROS, C. F.; BARATA, G. Em busca de maior visibilidade, periódicos científicos brasileiros investem nas redes sociais. In: WORKSHOP DE EDITORAÇÃO CIENTÍFICA, 8., 2014, Campos do Jordão, SP. **Resumos [...]**. Campos do Jordão, SP., 2014. p. 41-43. Disponível em: <http://ocs.abecbrasil.org.br/index.php/WEC/viiiwec/paper/viewFile/79/81>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MULLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento*. **Ciência da Informação**. Brasília-DF, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000200004>. Acesso em: 04 ago. 2025.

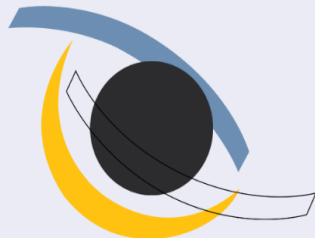
SCIELO - SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. **Crêterios, política e procedimento para a admissão e a permanência de periódicos na Coleção SciELO Brasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/media/files/20220900-criterios-scielo-brasil.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.



UNESCO. Ciência Aberta no Brasil. **Unesco Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasil/expertise/open-science-brazil>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MENEZES, F. K. G. **Análise diagnóstica e avaliação crítica da performance do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas (BMPEG. CH)** - (Relatório de Pesquisa para o Programa de Capacitação Institucional - PCI sob supervisão de Jimena Felipe Beltrão), 2023. (Relatório de pesquisa).

MENEZES, F. K. G. **Aprimorando a performance do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas (BMPEG. CH) através da Adesão aos Critérios SciELO para potencializar sua influência** - (Relatório de Pesquisa para o Programa de Capacitação Institucional - PCI sob supervisão de Jimena Felipe Beltrão), 2024. (Relatório de pesquisa).



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Imaginar e Figurar a Acessibilidade: Estratégias de Divulgação Científica do CMDTA

Otávio Ítalo Matos Uzumaki¹

Vera Lucia Messias Fialho Capellini²

Carlos Roberto Grandini³

O Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Tecnologias Assistivas (CMDTA) é uma iniciativa de cooperação interinstitucional, vinculada aos Centros de Ciência para o Desenvolvimento, com apoio da FAPESP. Constitui-se como uma rede de laboratórios e grupos de pesquisa que, por meio da multidisciplinaridade, visa ao desenvolvimento e à caracterização de produtos, dispositivos, estratégias e metodologias voltados para o atendimento das habilidades funcionais e sociais, bem como para a inclusão e participação de pessoas com transtornos, deficiências ou mobilidade reduzida. O Centro se organiza em quatro linhas de pesquisa que trabalham para a criação de materiais e tecnologias assistivas, atuando nos temas estratégicos propostos pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SDPD). Diante do apresentado, o presente relato busca compartilhar a experiência, as estratégias e as investigações exploratórias da proposta de jornalismo científico do CMDTA.

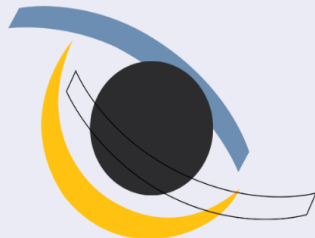
A cultura visual nos convida à compreensão de que a experiência visual se constitui como um fenômeno social (Foster, 1988). Mirzoeff (1999) aponta que a sociabilidade contemporânea é amplamente centrada e dependente do sentido da visão, sobretudo se pensarmos sobre a mediação dos processos sociais (Sodré, 2002). A dimensão imagética, por sua vez, torna-se um campo de articulações, visto que sua produção possui determinações culturais e antropológicas. A imagem, nesse sentido, exerce uma certa agência através de sua complexa interação com os aparelhos, instituições, discursos, corpos e figuração. Desta forma, a partir da imagem, torna-se possível aferir o imaginário social. No contexto da divulgação científica voltada às tecnologias assistivas, essa reflexão sobre cultura visual ganha contornos específicos.

Como comunicar visualmente sobre inclusão sem excluir? Quais visualidades são produzidas em torno do tema de acessibilidade? Como construir narrativas imagéticas dinâmicas que disputem a economia de atenção das redes sociais e que ampliem o conhecimento acerca dessa temática?

¹ Mestrando em Comunicação na Universidade Estadual Paulista. E-mail: otavio.uzumaki@unesp.br

² Profa. Titular do Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista. E-mail: vera.capellini@unesp.br

³ Prof. Titular, na Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. E-mail: carlos.r.grandini@unesp.br



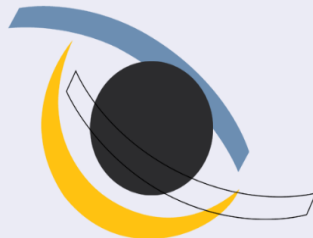
Em uma investigação exploratória, iniciou-se um mapeamento crítico das representações visuais predominantes sobre a palavra acessibilidade a partir das principais ferramentas de indexação de imagens (Google, Bing). A partir desse experimento de cartografia de imaginários, destacam-se algumas reflexões críticas sobre este conjunto imagético. Destaca-se uma iconografia reducionista onde se observa a predominância de símbolos ou imagens da cadeira de rodas ou de pessoas cadeirantes. Quando essas pessoas são representadas, estão inseridas em uma composição de contrastes com algum obstáculo arquitetônico, em certos enquadramentos, de costas observando este espaço que não se pode acessar, mobilizando uma dimensão afetiva do abandono e da exclusão. Outra dominância visual são os pictogramas de diversidade funcional que, em sua estética *flat design* e minimalista, revelam uma característica de assepsia do sensível. Essa ausência é constitutiva de uma gramática visual corporativo-institucional onde estes ícones têm como função de sinalizar. Tais análises revelam, em certa medida, um processo metonímico no qual uma única forma de deficiência passa a representar toda a complexidade e diversidade de sujeitos que têm a acessibilidade como direito fundamental garantido, além de reduzir a acessibilidade à sua dimensão urbana e arquitetônica e apresentar uma forma asséptica de representar o tema.

Frente a isso, foi produzido um conjunto de imagens que buscasse contrapor essa avaliação preliminar, constituindo elementos visuais para narrativas midiáticas que ampliassem o entendimento sobre acessibilidade enquanto direito fundamental. O processo envolveu uma dupla transposição da Lei Federal 10.098: didática - ao expandir o conceito legal para contemplar as cinco dimensões da acessibilidade (arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental e atitudinal) identificadas nas práticas contemporâneas de inclusão; e estética - ao reinterpretar o símbolo institucional do CMDTA através de um processo artístico que figura diferentes tipos de deficiência e mobilidade reduzida, superando tanto a redução metonímica quanto a assepsia afetiva dos pictogramas.

Tal experiência demonstra que a cultura visual oferece uma base teórica para se pensar estratégias de divulgação científica. Mais do que um recurso ilustrativo, o campo imagético constitui-se como arena de disputas simbólicas onde se constroem e desconstróem imaginários sociais sobre deficiência e inclusão. As redes sociais, com sua lógica de engajamento instantâneo e circulação viral, demandam uma sofisticação visual que dialogue com as sensibilidades contemporâneas sem, contudo, reproduzir estereótipos. Ao mobilizar as cinco dimensões da acessibilidade em composições que articulam forma, cor, movimento e afeto, buscou-se não apenas capturar a atenção fugaz do scroll infinito, mas provocar pausas reflexivas que possibilitem outros modos de ver e imaginar a inclusão.

Dessa forma, o relato vai além do registro de uma experiência, propondo um método em que a crítica visual se torna ponto de partida para a criação de novas visualidades. A divulgação científica, nesse contexto, assume um papel transformador ao disputar ativamente os regimes de representação (Hall, 2016) que moldam o imaginário coletivo sobre deficiência e inclusão.

Palavras-chave: Cultura visual; Divulgação científica; Acessibilidade.



REFERÊNCIAS

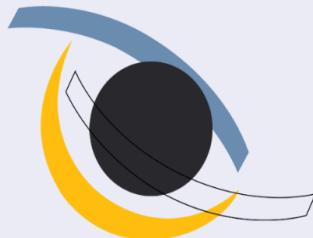
BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2000.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

FOSTER, Hal (org.). *Vision and visuality*. Seattle: Bay Press, 1988.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London: Routledge, 1999.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Formigas entre elefantes:

A produção de uma reportagem especial sobre o I Simpósio Internacional de Ficção Científica do Brasil

Beatriz Ortiz de Camargo Aleixo Lopes¹

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia²

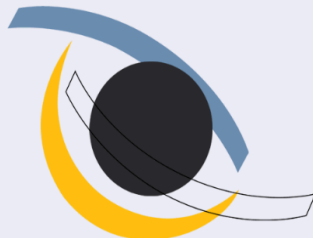
Em *SF Symposium/Simpósio FC*, livreto produzido após o I Simpósio de Ficção Científica do Brasil, o crítico José Sanz reuniu definições de Ficção Científica (FC) apresentadas no encontro. Entre elas, as do escritor Robert Heinlein, para quem “FC é uma especulação realista sobre acontecimentos possíveis, solidamente baseada num conhecimento adequado do mundo real e numa absoluta compreensão da natureza e significado do método científico” (Sanz, 1969, p. 8), e de Theodore Sturgeon, segundo o qual “FC é uma história edificada em torno de seres humanos, com problemas humanos e soluções humanas, que não teria lugar sem contexto científico” (Sanz, 1969, p. 8). Embora não haja consenso sobre o conceito de FC, entendemos-a como gênero literário e cinematográfico que elabora sentidos sobre Ciência e Tecnologia (C&T), articulando os campos da ciência e da cultura (Lopes, 2024).

A FC, como a compreendemos hoje, delineou-se a partir dos anos 1920, ganhando adesão popular em alguns países ocidentais, como Estados Unidos da América (EUA), mas enfrentando resistência da crítica erudita da literatura e do cinema. Por isso, encontros culturais e eventos acadêmicos foram importantes para consolidá-la enquanto gênero literário e cinematográfico. No Brasil, este foi o caso do I Simpósio de Ficção Científica, realizado no Rio de Janeiro em 1969. O evento reuniu dezenas de nomes nacionais e internacionais de FC, ganhou ampla repercussão na imprensa e influenciou o desenvolvimento do gênero no país nas décadas seguintes, além de inaugurar encontros semelhantes em países como Japão, Irlanda e EUA. Apesar de sua importância, há poucos materiais disponíveis sobre o Simpósio nos dias atuais, colocando sua memória em risco.

Por essa razão, produzimos uma reportagem especial sobre o I Simpósio de Ficção Científica, propondo-nos a reconstituir historicamente o evento. A reportagem *Formigas entre elefantes: O simpósio que reuniu intelectuais do exterior para discutir sobre ficção científica e futuro no Brasil do passado* foi apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Jornalismo Científico, oferecida pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), em parceria com o

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: beatrizortizcamargo@gmail.com.

² Livre-docente em História da Arte na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Livre-docente em História e Teoria do Cinema na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: asuppia@unicamp.com.



Instituto de Artes e o Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2024. O trabalho incluiu também um relatório de atividades, com a pormenorização das etapas de produção do trabalho (Lopes, 2024).

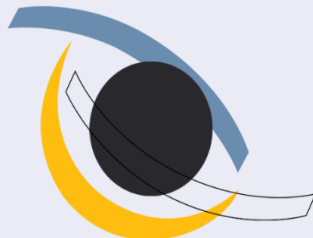
Para produzir a reportagem, adotamos o jornalismo científico, entendido como atividade profissional, modalidade discursiva e forma de produção com características próprias (Bertolli Filho, 2013), que desempenha funções econômicas, político-ideológicas e socioculturais (Bueno, 1985) ao abordar C&T por meio do jornalismo. Utilizamos, também, o jornalismo literário, que “aprofunda ou verticaliza o texto jornalístico através do recurso da literariedade e da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e narradores [...] e aposta no prazer da escritura e do texto” (Castro, 2010). Além disso, aproximamos jornalismo e história, entendendo o jornalismo tanto como repositório de memória para produção de relatos históricos quanto como meio de produção da memória (Palacios, 2010).

O desenvolvimento da reportagem dividiu-se em cinco etapas: levantamento bibliográfico, reunindo documentos produzidos durante e depois do evento e estudos científicos sobre ele e/ou sobre FC brasileira; entrevistas com fontes, sendo estas escritores e cineastas de FC e pesquisadores de subáreas como: FC no Brasil, literatura fantástica, festivais de cinema e divulgação científica durante a Ditadura Militar, todos eles com menção ao Simpósio de FC em suas pesquisas; organização e estruturação das informações; redação; e revisão da reportagem. Como resultado final, a reportagem somou aproximadamente 40 mil caracteres, imagem de abertura, imagens de apoio e consulta a 20 fontes, entre registros históricos, pesquisas científicas e entrevistas.

Na reportagem, reconstituímos o contexto histórico, político, social e cultural do país no final dos anos 1960, incluindo o surgimento de grandes inovações científicas e tecnológicas, os movimentos de efervescência intelectual como o Cinema Novo, a influência do regime militar e a censura às artes e à imprensa. Identificamos as figuras-chave que idealizaram e organizaram o Simpósio, bem como suas motivações e objetivos, e a programação do evento. Apresentamos os principais convidados do Simpósio e suas contribuições para o evento. Exploramos os temas mais relevantes discutidos no evento. Explicamos a rejeição à FC por parte dos críticos e a baixa familiaridade do público brasileiro com o gênero. E discutimos o impacto imediato do Simpósio na comunidade de FC brasileira, bem como o seu legado, analisando como o evento influenciou autores, obras e eventos posteriores.

Assim, a reportagem cumpriu o objetivo de aproximar C&T do público por meio do jornalismo, lançando reflexões concernentes aos papéis desenvolvidos pela C&T na sociedade em uma perspectiva histórica e cultural. Também exerceu a função jornalística de preservação e valorização da história, reconstituindo o contexto e as ideias que marcaram o evento e reativando debates e significados que continuam a dialogar com o presente, reforçando o papel do jornalismo como mediador entre passado e contemporaneidade.

Palavras-chave: I Simpósio de Ficção Científica; Ficção científica; Eventos acadêmicos; Jornalismo científico; Jornalismo literário.



Referências bibliográficas

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. 2013. Disponível em: arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. 1985. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.1985.tde-03052024-112905>. Acesso em: 1 nov. 2024.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

LOPES, Beatriz. **“Formigas entre elefantes”**: reportagem especial sobre o I Simpósio Internacional de Ficção Científica do Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Jornalismo Científico) - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória**: jornalismo, contexto e história. *MATRIZES*, v. 4, n. 1, p. 37-50, 2010.

SANZ, José, ed. **SF Symposium / Simpósio FC**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Cinema, 1969.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 9

Política, Redes Sociais e Representações

Debatedora:

Renata Carrion

Autores:

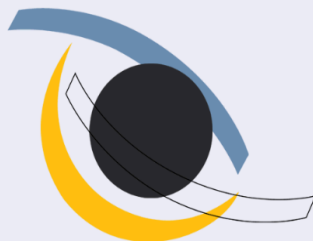
André Luiz de Moraes

Juliana Andina Batista

Roberta Padua e Silva

Clarissa Reche Nunes da Costa

Amanda de Oliveira Rodrigues

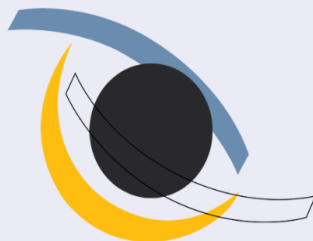
**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Título: A FÉ DA INTERNET: ANÁLISE DAS MUDANÇAS DO
DISCURSIVAS DO NEOPENTECOSTALISMO-COACHING**André Luiz de Moraes¹

O presente estudo investiga o processo de transformação discursiva no neopentecostalismo brasileiro contemporâneo, com ênfase na incorporação de elementos do coaching e da teologia da prosperidade, especialmente no contexto das mídias digitais. A análise adota uma perspectiva histórico-discursiva (ORLANDI, 2007), examinando a evolução do pentecostalismo desde suas origens no Brasil até a configuração atual, em que se observa a fusão entre discurso religioso, linguagem empresarial e lógica de mercado.

O pentecostalismo brasileiro desenvolveu-se em três ondas históricas (FREESTON, 1993): a primeira, o pentecostalismo clássico (1910-1950), caracterizado pelo ascetismo e pela ênfase nas manifestações espirituais; a segunda, o deuteropentecostalismo (1950-1970), que incorporou o uso sistemático da mídia; e a terceira, o neopentecostalismo (a partir da década de 1970), representado por igrejas como a Universal do Reino de Deus (IURD), que adotaram a prosperidade material como evidência de bênção divina (MARIANO, 1999).

O neopentecostalismo brasileiro foi influenciado por correntes estadunidenses, como o Movimento Palavra de Fé e o Novo Pensamento, que associam “confissão positiva” e poder da palavra à materialização de bênçãos (HAGIN, 1967). Conceitos como “batalha espiritual” (MALAFAIA, 2002) e “cobertura espiritual” (LINHARES, 2010) reforçam a autoridade pastoral e criam uma estrutura hierárquica centralizada, na qual o líder religioso atua como mediador exclusivo entre Deus e os fiéis.

¹ Mestrando em divulgação científica pelo labjor-Unicamp.

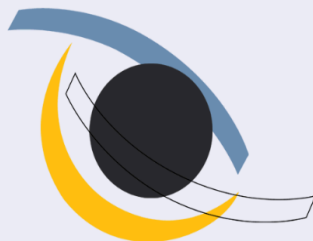


A expansão dessas igrejas esteve diretamente ligada à apropriação estratégica da mídia. A IURD, por exemplo, investiu no rádio e na televisão desde os anos 1970, culminando na aquisição da Rede Record em 1989, consolidando seu capital simbólico e influência política (BOURDIEU, 1997; MARIANO, 1999). Outras denominações, como a Igreja Batista da Lagoinha, a Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo, também desenvolveram redes próprias de comunicação, explorando a convergência entre doutrina, entretenimento e política.

A partir dos anos 1990, observa-se a adoção do modelo *seeker-sensitive*, inspirado em líderes como Bill Hybels e Rick Warren (2008), que adaptaram cultos às necessidades percebidas do público-alvo, com uso de iluminação, música contemporânea e mensagens motivacionais. No Brasil, igrejas como Lagoinha, Zion e Videira incorporaram essas estratégias, transformando o culto em evento de consumo simbólico e midiático. Essa ambientação favoreceu o surgimento da chamada “teologia do coaching” (AGUIAR, 2024), que integra elementos bíblicos, psicologia positiva e técnicas de desenvolvimento pessoal.

O coaching religioso apresenta-se em cinco modalidades principais (AGUIAR, 2024): (1) coaching autoidentificado como cristão, com ênfase na meritocracia e na autorresponsabilidade; (2) coaching de identidade denominacional, alinhado à doutrina de igrejas específicas; (3) coaching com foco eclesiológico, que combina ensino teológico e técnicas motivacionais; (4) coaching para nichos cristãos, direcionado a líderes e pastores; e (5) coaching via empreendedorismo de palco, que mescla discurso de prosperidade e retórica motivacional em eventos de grande porte.

Figuras como Paulo Vieira, Tiago Brunet e Pablo Marçal exemplificam diferentes apropriações dessa lógica. Vieira, fundador da Febracis, promove o Método CIS como ferramenta de “abundância prometida”. Brunet adota postura conciliadora e pedagógica, com foco em liderança e inteligência emocional, enquanto Marçal aposta na polêmica e na viralização algorítmica, utilizando redes de apoiadores e canais terceirizados para massificar cortes de seus conteúdos.



As estratégias comunicacionais dos pastores-coaches se apoiam na cultura da convergência (JENKINS, 2006), na qual conteúdos produzidos em eventos presenciais são registrados, publicados em formato longo no YouTube e fragmentados em cortes curtos para TikTok, Instagram e outras plataformas. O *storytelling* é central, com narrativas de superação que colocam o fiel como protagonista de sua trajetória, transformando a Bíblia em manual de desenvolvimento pessoal (MENDES, 2025).

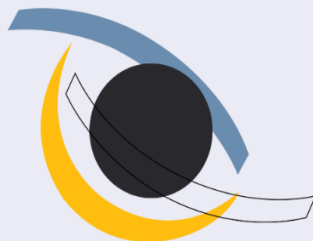
A estética do culto, o discurso pastoral e a figura do líder se tornam produtos midiáticos, moldados para consumo rápido e monetizáveis via infoprodutos, mentorias e cursos. O vocabulário mistura termos empresariais — como *mindset*, “gestão de propósito” e “ativar potencial” — com citações bíblicas, criando uma gramática híbrida que reforça o culto ao indivíduo e a promessa de alta performance espiritual (GONÇALVES, 2024).

Críticas a esse modelo apontam que a “teologia do coaching” pode deturpar o evangelho, reduzindo-o a plataforma de negócios e autoajuda (BALOUSSIER, 2023). Seus defensores, por outro lado, argumentam que essa adaptação é necessária para dialogar com novas gerações e aproveitar as possibilidades do ambiente digital.

Os resultados desta pesquisa indicam que a fusão entre neopentecostalismo e coaching não se resume a uma adaptação técnica, mas constitui uma reconfiguração ideológica e teológica que altera a experiência religiosa, as formas de sociabilidade e a estrutura de poder das igrejas. Esse processo reflete um deslocamento do eixo comunitário da fé para uma espiritualidade individualizada e orientada ao desempenho, compatível com a lógica neoliberal contemporânea.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Coaching religioso; Teologia da prosperidade; Mídias sociais; Comunicação religiosa.

REFERÊNCIAS



AGUIAR, João. *Teologia do coaching: fé e autoajuda no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2024.

BALOUSSIER, Anna Virginia. Teologia do coaching invade círculos evangélicos e divide pastores. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/12/teologia-do-coaching-invade-circulos-evangelicos-e-divide-pastores.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRESTON, Paul. *Evangelicals and politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

GONÇALVES, Pedro. *Coaching e fé: o novo discurso religioso brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

HAGIN, Kenneth E. *A autoridade do crente*. Tulsa: Faith Library Publications, 1967.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2006.

LINHARES, Antônio. *Cobertura espiritual e autoridade pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

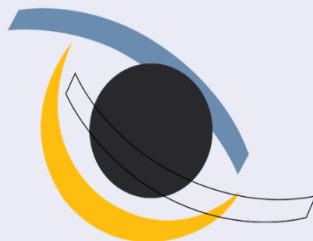
MALAFAIA, Silas. *Batalha espiritual*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDES, Laura. *Storytelling e fé: narrativas motivacionais no púlpito digital*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2025.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2007.

WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Vida, 2008.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Violência política de gênero nas redes: discurso de ódio no *Facebook* nas Eleições de 2022**

Juliana Andina Batista¹
Renata de Oliveira Carreon²

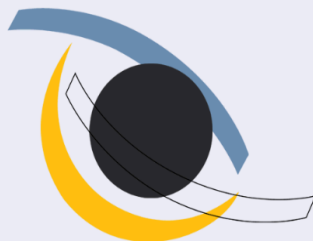
De acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF), o Brasil conta com 53% de eleitoras mulheres, mas apenas 18,2% são representantes do gênero nos cargos eletivos. Um dos principais fatores dessa sub-representação feminina nos espaços políticos é a violência política de gênero, que pode ser caracterizada como uma manifestação de poder que visa excluir, deslegitimar ou controlar a participação das mulheres na esfera política. Para a socióloga Flávia Biroli (2018) na sociedade patriarcal, na qual a mulher geralmente é descrita como sexo frágil, delicada e destinada aos cuidados da família, a divisão sexual do trabalho impacta diretamente no acesso a possibilidade de representação política.

Nesse trabalho, nossa proposta é analisar o funcionamento da ciberviolência política de gênero durante as Eleições de 2022. Para isso iremos examinar a ciberviolência considerando o viés de gênero, identificando desde a desproporção do foco na aparência física/idade das candidatas, até a forma como as plataformas corroboram para a disseminação desses dizeres violentos. Optamos pelo termo ciberviolência por entendermos que os mecanismos on-line favorecem o surgimento de discursos de ódio, além de reforçar e aprofundar padrões de exclusão feminina na política. Para tanto nos será de grande relevância observar: 1º) as condições de produção digital, não apenas o conteúdo dos comentários, mas onde, como, por quem é produzido e como circulam; 2º) a repetição que através da insistência, cria uma atmosfera de deslegitimação simbólica constante esvaziando o debate político; 3º) o apagamento da autoria, ou seja, sujeitos digitais reais ou programados (*bots*), que dificultam a responsabilização pelos dizeres violentos; e por fim 4º) a disputa de sentidos, modo de produção discursiva que visa manter o predomínio de gênero, excluindo corpos femininos da esfera pública digital.

A noção de interpelação ideológica é central para a Análise do Discurso Materialista. Michel Pêcheux (1990) defende que os sujeitos são interpelados pelas formações discursivas e posicionados dentro de estruturas ideológicas específicas. No contexto da ciberviolência política de gênero, essa interpelação ocorre através de enunciados que questionam a capacidade de liderança política das mulheres. Eni Orlandi (2001) acrescenta que a relação entre linguagem, ideologia e sujeito, destaca

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: juliana.andina@gmail.com

² Professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC). E-mail: renatacarreon@gmail.com



como os discursos interpõem e posicionam os indivíduos dentro de formações ideológicas. A autora sugere que os discursos não apenas refletem a realidade, mas também a constituem, ao produzir e reproduzir relações de poder. Essa abordagem permite evidenciar o papel do ambiente digital, entendido como uma exterioridade constitutiva (ORLANDI, 2004), na cooperação para a produção de sentidos que amplificam práticas discursivas violentas e que reforçam a exclusão da mulher na política.

No contexto da ciberviolência política de gênero, essa interpelação ocorre através de enunciados que questionam a capacidade de liderança política feminina se valendo de comportamentos agressivos para silenciar seus discursos. Apoiamo-nos também na Análise do Discurso Digital brasileira (DIAS, 2018), cujo objetivo é pensar o modo de produção dos sentidos e dos sujeitos em função da centralidade das tecnologias na organização da vida em sociedade, mas sobretudo, na ordem do mundo. Para compreender a ciberviolência política de gênero no processo eleitoral de 2022 nas redes sociais, precisamos considerar todo o aparato tecnológico para observar como o discurso da violência digital se sustenta nas interações da *Web*.

Para a realização do trabalho serão analisados comentários no primeiro *post* de campanha eleitoral no perfil do *Facebook* das candidatas Carla Zambelli, Marina Silva e Sâmia Bomfim. Com a análise pretendemos compreender de que maneira esses discursos minimizam ou ignoram as contribuições femininas na política, sendo o silenciamento utilizado como uma forma de violência simbólica (ORLANDI, 2007). Para entendermos a ciberviolência política de gênero, serão analisados além do conteúdo dos comentários (com diferentes materialidades: frases, vídeos, *memes*, *gifs*, montagens, *fake news*, *links*), a presença de perfis falsos ou *bots* que visam disparar conteúdos massificados com o objetivo de diminuir ou abalar a imagem das candidatas no campo político.

A seleção dos comentários utiliza os critérios de diferenciação entre Insulto e Ataque, proposto pelo *Relatório MonitorA* de 2022, projeto da *Revista AzMina* e *InternetLab*. A partir da proposta do relatório adotamos como ataques os comentários com conteúdos de desumanização, ofensas de cunho sexual, assédio, acusações sobre supostos defeitos morais, ataques à ideologia política ou religiosa, tentativas de desacreditização intelectual, racismo, gordofobia, xenofobia e demais tipos de violência. A partir das análises desses enunciados buscamos elucidar como essa prática discursiva nega reconhecimento e visibilidade às mulheres, perpetuando a ideia de que suas contribuições são menos importantes ou irrelevantes, reforçando o funcionamento ideológico da linguagem, onde sentidos são produzidos e disputados, mas sempre sob condições históricas marcadas por assimetrias de poder.

Palavras-chave: Ciberviolência política de gênero; Análise do Discurso; Análise do Discurso Digital; Discurso, gênero e desigualdade; Gênero, Discurso e Plataformas.

REFERÊNCIAS



BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e política: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

RUBIM, Linda Silva Oliveira; ARGOLLO, Fernanda (orgs.). O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Violência política. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/mais-mulheres-na-politica/violencia-politica>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

INTERNETLAB; REVISTA AZMINA; NÚCLEO JORNALISMO. MonitorA: relatório sobre violência política contra candidatas(os) online. Edição 2022. São Paulo: InternetLab, 2023. Disponível em:
https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2023/05/MonitorA-Relatorio-2022_Digital.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

TIBURI, Márcia Angelita. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Cartilha ajuda a identificar tipos de violência política contra a mulher e mostra como denunciar. Brasília: Ministério Público Federal, 2022. Disponível em:
<https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/cartilha-ajuda-a-identificar-tipos-de-violencia-politica-contra-a-mulher-e-mostra-como-denunciar>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Lei que tornou crime violência política de gênero completa dois anos com 124 casos monitorados pelo MPF. Brasília: Ministério Público Federal, 2023. Disponível em:
<https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr2/2023/lei-que-tornou-crime-violencia-politica-de-genero-completa-dois-anos-com-124-casos-monitorados-pelompf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

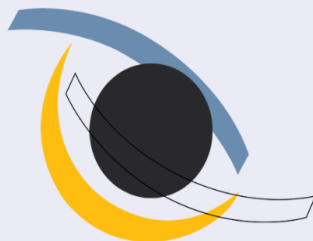
ORLANDI, Eni P. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.



ORLANDI, Eni P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PAVEAU, Marie-Anne. Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. Por uma análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Unicamp, 1990.



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

A campanha permanente de Nikolas Ferreira - O impacto dos vídeos formato *reels* de Nikolas Ferreira para sua construção como político.

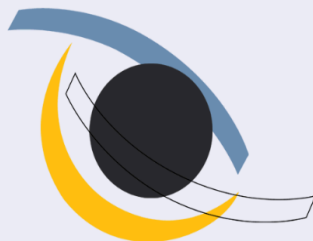
Roberta Padua e Silva¹

O presente artigo analisa a atuação do deputado federal Nikolas Ferreira no contexto da campanha permanente, com foco em sua performance em redes sociais. A análise se concentra no vídeo publicado em janeiro de 2025, no qual o parlamentar denuncia a suposta “taxação do Pix” pelo Governo Federal. A partir da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2006), o estudo examina as estratégias discursivas, visuais e emocionais utilizadas no vídeo, bem como seus efeitos políticos e comunicacionais. Com linguagem direta, apelo à indignação popular e forte presença estética, o conteúdo atingiu mais de 300 milhões de visualizações, contribuindo para a revogação da medida fiscal e impulsionando a imagem do deputado como defensor da população. O artigo associa esse fenômeno ao conceito de campanha permanente, demonstrando como a política digital contemporânea promove a fusão entre atuação institucional, autopromoção constante e espetacularização da informação.

Nikolas Ferreira, deputado federal eleito por Minas Gerais, foi o parlamentar mais votado do Brasil nas eleições de 2022, com 1,47 milhão de votos, além de ser o mais votado da história do estado de Minas Gerais. A partir de 2022, com Nikolas já exercendo sua função como parlamentar, pôde-se notar um crescimento ainda maior da construção de seu nome como político, devido ao seu posicionamento estratégico nas redes sociais. Nesse viés, tem-se o conceito de campanha permanente (Heclo, 2000), que define essa maneira de fidelizar eleitores de forma constante. O deputado Nikolas Ferreira, envolto em diversas polêmicas durante seu mandato, utilizou de estratégias online para autopromoção, estrelando vídeos minuciosamente preparados para instigar a curiosidade popular. Os temas tratados pelo deputado, sempre em tom de denúncia a outros políticos, partidos e mandatos, são comunicados de maneira simples e cativante, visando envolvimento e fidelização com o público.

A lei número 9.504, de 30 de setembro de 1997, conhecida como Lei das Eleições, regulamenta a campanha eleitoral no Brasil, estabelecendo regras necessárias para a propaganda política. Essa legislação prevê que as campanhas eleitorais podem começar apenas a partir do dia 16 de agosto do ano da eleição, sendo vedada qualquer forma de propaganda política que configure o pedido explícito de votos antes da data. Tem-se o conceito de campanha permanente, que apesar de não explicitamente pedir votos, recorre a diversas estratégias que mobilizam possíveis votos de futuros eleitores. Nikolas, por sua vez, une e dissolve em uma só, as ideias de

¹Graduada em Ciências Sociais e graduanda em Sociologia e Ciência Política, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail da autora: r202518@dac.unicamp.br.



governar e fazer campanha, sempre investindo na continuidade da sua carreira ao mesmo tempo em que a exerce. Por definição, a campanha permanente não acontece apenas em redes sociais, já que se trata de um conceito antigo e inclusive abordado anteriormente ao surgimento das redes. Contudo, contemporaneamente, com o crescimento da relevância das redes sociais graças ao alcance por elas permitido, o marketing político tem dado a devida importância às redes e utilizado de seus mecanismos para induzir a divulgação política.

No dia 14 de janeiro de 2025, Nikolas Ferreira publicou em sua página do Instagram, um vídeo denunciando o Governo Federal de aprovar uma medida que, em suas palavras, visava “monitorar seus gastos com cartão de crédito e Pix” (@nicolasferreiradm, 2025), se direcionando diretamente à população que o assistia. Em janeiro de 2025, a Receita Federal do Brasil editou uma norma, que passou a obrigar instituições financeiras a reportarem movimentações mensais superiores a R\$5 mil para pessoas físicas e R\$15 mil para pessoas jurídicas. A medida, de caráter eminentemente técnico e fiscal, carregava o objetivo de ampliar a capacidade do Estado de fiscalizar movimentações financeiras suspeitas, especialmente no que refere ao combate à sonegação fiscal e à lavagem de dinheiro. No entanto, a norma foi rapidamente apropriada politicamente por Nikolas, que, no vídeo publicado, insinuou que a medida abriria caminho para a taxação direta do Pix e afetaria principalmente trabalhadores informais. Em dados quantitativos, em junho de 2025 o vídeo conta com mais de 333 milhões de visualizações, 9 milhões de curtidas e 900 mil comentários. Apesar de ser impossível, devido às diretrizes do Instagram, consultar a quantidade de compartilhamentos de um vídeo, quem abriu o aplicativo no dia 14 de janeiro de 2025 provavelmente foi bombardeado com o vídeo sendo compartilhado nos stories de diversos usuários. Qualitativamente, em relação aos comentários feitos, a maioria demonstra, além de apoio, gratidão ao deputado, o parabenizando por compartilhar a informação de maneira explicativa. Boa parte dos comentários, geralmente feitos algum tempo depois da publicação do vídeo, solicita a atenção de Nikolas para medidas tomadas por outros governos, federal ou estaduais, visando que o deputado mobilize seu público e dê importância a tais atos. O artigo mostra como Nikolas Ferreira usa as redes sociais para intensificar a campanha permanente. Isso evidencia riscos à democracia, como desinformação e populismo digital, e aponta a urgência de marcos regulatórios, checagem de fatos e educação midiática.

Palavras-Chave: Campanha permanente; Nikolas Ferreira; Marketing político; Redes sociais; Desinformação.

Referencial teórico:

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.

BLUMENTHAL, Sidney. The Permanent Campaign. Boston: Beacon Press, 1980.

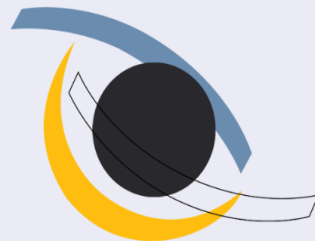


FOLHA DE S. PAULO. Vídeo de Nikolas Ferreira sobre fiscalização do Pix viraliza em meio a onda de fake news. Folha de S. Paulo, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2025/01/video-de-nikolas-ferreira-sobre-fiscalizacao-do-pix-viraliza-em-meio-a-onda-de-fake-news.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HECLO, H. (2000): “Campaign in Gand Governing: a Conspectus”, in Ornstein, N. J. e Mann, T. E. (eds.): The Permanent Campaign and Its Future. Washington D.C.: American Enterprise Institute and The Brookings Institution, pp. 1-37.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. O estado espetáculo. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 1999.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Revista Sangro: avaliação e divulgação científica na pós-graduação**

Clarissa Reche Nunes da Costa¹
Janaina de Araujo Moraes²
Daniela Tonelli Manica³
Cecilia Rustoyburu⁴

Neste relato de experiência apresentamos a Revista Sangro, produzida por discentes e docentes da disciplina “Estudos Sociais da Ciência e Tecnologias: Feminismos, Menstruações e Direitos Reprodutivos”, oferecida no primeiro semestre de 2025 pelos programas de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural e em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.

A disciplina teve como objetivo geral proporcionar uma compreensão das principais discussões no campo da menstruação e direitos reprodutivos, através de uma perspectiva feminista dos estudos sociais da ciência e tecnologia, dialogando também com outras áreas tais como a antropologia, sociologia, história, dentre outras. Realizamos um panorama das pesquisas que estão sendo desenvolvidas na América Latina sobre o tema, em especial no Brasil e na Argentina, com foco em abordagens que privilegiem perspectivas decoloniais e emancipadoras.

Nesta disciplina de internacionalização, a cada encontro uma pesquisadora latinoamericana das áreas da antropologia, sociologia e história teve a oportunidade de apresentar seu trabalho e dialogar com estudantes, em um ambiente que permitiu não só reflexões extremamente relevantes para o campo, como também foi capaz de promover transformações pessoais e coletivas importantes. Falamos sobre menstruações levando em conta sua diversidade, considerando experiências indígenas, afrocentradas, transreferenciadas, e problematizando as narrativas hegemônicas, científicas e biomédicas, que confinam a menstruação ao ciclo reprodutivo cisheterocentrado. Conversamos também sobre temas afins como amamentação, maternidades, aborto e contracepção.

A Revista Sangro é o transbordamento desses encontros, confluindo produções textuais e artísticas que tiveram como base a bibliografia do curso, e nasce do desejo de sublimar a menstruação e as experiências que envolvem ser um corpo que sangra em uma sociedade colonialista e capitalista, misógina, sexista, transfóbica, racista e capacitista, criando novas referências, tecendo histórias mais amorosas e resgatando conhecimentos apagados.

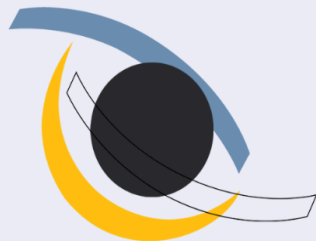
A revista é composta pelos seguintes trabalhos: um infográfico sobre a expectativa e a realidade da menopausa, desenvolvido por Cláudia Lima e Heloisa Bonatto; uma reportagem sobre a menopausa, escrito por Kátia Marchena; uma reportagem sobre cannabis e saúde da

¹ Cientista Social e Divulgadora Científica (LABJOR - FAPESP). Email: clari.reche@gmail.com

² Pesquisadora de pós-doutorado no Labjor/Unicamp. Email: janainajanis@gmail.com

³ Antropóloga e Pesquisadora do Labjor/Unicamp. Email: dtmanica@unicamp.br

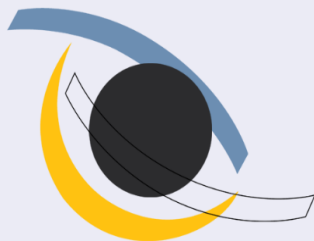
⁴ Professora na Universidad Nacional de Mar del Plata. Email: ceciliarustoyburu@gmail.com



mulher, por Thais Castilho; um audiopoema sobre as experiências menstruais transmasculinas, criado por Za Chacon; um artigo sobre menstruação e transgeneridade, escrito por Melina Antonucci; um ensaio sobre os modos de menstruar entre as mulheres indígenas do povo Karipuna, por Ana Manoela Karipuna; uma reportagem sobre o uso de plantas medicinais no cuidado com o ciclo menstrual, por Beatriz Ortiz; uma reportagem sobre a menstruação no Jarê, de Andressa Santos; um artigo sobre sangue menstrual e barro na perspectiva ameríndia do universo Kariri-Xocó, por Verena Barros; um ensaio sobre arte e sangue por Anna Cypreste; um conto sobre menstruação e ancestralidade, criado por Fernanda Menezes; uma imagem criada com caleidoscópio e menstruação, por Gabriela Paletta; um ensaio de especulação antropológica e menstruação, de Laura Nice; uma crônica sobre a chegada da menarca, por Larissa Pelúcio; colagens com temática feminista, problematizando a produção do conhecimento médico, feitas por Isabel Prado; um artigo sobre sexualidade e desejo feminino no Brasil, por Talita Azevedo; um texto que aborda a experiência da Cortina Menstrual, um mecanismo de sensibilização criado a partir de oficinas de educação menstrual, desenvolvido por Leticia Ferreira; um texto sobre experimentações com menstruação em laboratórios, desenvolvido por Fernanda Mariath; um artigo sobre o uso de implantes contraceptivos na Argentina, por Cecilia Rustoyburu; um glossário com os principais conceitos trabalhados durante a disciplina, elaborado por Poliana Martins; um ensaio gráfico sobre a menstruação, elaborado por Laura Lino; um quiz desenvolvido por Laura Nice e Marcelo Rodrigues para testar os conhecimentos dos(as) leitores(as) sobre menstruação; uma colagem, seguida de um texto intimista que aborda temas como ciclos e maternidade por Janaina Moraes; um experimento fotográfico de Clarissa Reche.

A Revista Sangro é, principalmente, um experimento de avaliação alternativo e criativo na pós-graduação e um exercício de divulgação científica. Apresentaremos o percurso de produção da revista, partindo dos processos editoriais coletivos, passando pela produção dos materiais e chegando ao lançamento e divulgação. Como conclusão, argumentamos que aliar avaliação ao desenvolvimento de atividades coletivas de divulgação científica é uma estratégia que se mostrou assertiva, criando engajamento da turma e possibilitando que discentes e docentes aprofundassem seus estudos em temas e formatos de seus interesses, sem perder de vista a necessidade de comunicação com um público mais amplo, o que produziu peças de divulgação científica inovadoras. Este movimento duplo de avaliação e divulgação possibilitou que o trabalho realizado contribua para a formação e repertório de discentes e, ao mesmo tempo, contribua para a circulação do conhecimento acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Revista; Avaliação; Pós-graduação; Antropologia; Menstruação

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Entre silêncios e seleções: a construção discursiva do preso negro na imprensa brasileira**

uma análise do discurso à luz da mídia e do racismo estrutural.

Amanda de Oliveira Rodrigues¹

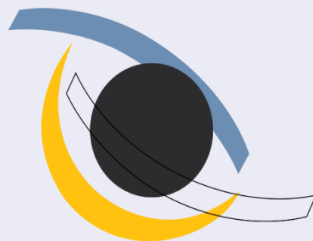
Marcos Barbai²

A mídia, especialmente a imprensa, não é apenas um canal de informação, mas um espaço de disputa simbólica. Orlandi (2022) afirma que todo texto é atravessado por múltiplas formações discursivas, e é a partir dessas disputas que os sentidos se estabilizam ou se deslocam. Quando se trata de matérias jornalísticas sobre o sistema prisional, as representações frequentemente se articulam com discursos de segurança pública, criminalização da pobreza e naturalização do encarceramento em massa da população negra. Assim, o jornalismo se torna um espaço em que o racismo estrutural se atualiza discursivamente, em conformidade com o que diz Mariani (1998, p.108): [...] “a parte que cabe ao discurso jornalístico é o seu assujeitamento a um já dito”.

O sistema prisional brasileiro é marcado por uma profunda seletividade racial e social, refletindo a permanência de estruturas de exclusão e marginalização que historicamente atingem a população negra. Embora os negros representem pouco mais da metade da população brasileira, são maioria absoluta nos presídios (Borges, 2021). Tal realidade não é apenas uma expressão do racismo estrutural, mas também resultado de uma série de discursos que sustentam, reproduzem e naturalizam esse encarceramento em massa. Nesse contexto, a imprensa ocupa lugar central na produção de sentidos sobre quem são os sujeitos criminalizados e como devem ser representados socialmente. Ao se debruçar sobre a cobertura jornalística relativa ao ambiente carcerário, é possível identificar a construção de imagens cristalizadas do preso, especialmente do preso negro, marcada por estigmas, generalizações e silenciamentos. A Análise de Discurso de linha francesa, com base nos estudos de Eni Orlandi e Michel Pêcheux, oferece ferramentas potentes para investigar essas formulações discursivas, uma vez que considera o discurso como atravessado pela ideologia, pelas formações sociais e pelas condições de produção.

¹ Mestrando(a/e) em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas). E-mail: a150175@dac.unicamp.br

² Pesquisador B do Laboratório de Estudos Urbanos, do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. É professor permanente do PPG - DCC (Programa de Pós- Graduação em Divulgação Científica e Cultural (Labjor/IEL). Psicanalista membro de Escola -EPFCL- Brasil. E-mail: barbai@unicamp.br.



Analisar os efeitos de sentido produzidos pela imprensa brasileira sobre o preso negro, com foco nos processos de silenciamento, seleção e naturalização do racismo é o objetivo dessa pesquisa. Mesmo com o crescente interesse acadêmico em temas relacionados ao racismo estrutural no sistema penal e às práticas discursivas da imprensa, nota-se uma lacuna nos estudos que articulem esses elementos sob a ótica da Análise de Discurso. Esta pesquisa propõe-se a preencher esse espaço, analisando os efeitos de sentido produzidos pela mídia na construção do sujeito negro encarcerado, considerando os mecanismos de silenciamento e apagamento do marcador racial no discurso jornalístico. Nesse cenário, importa observar como o sujeito negro, encarcerado, aparece (ou não) nos discursos midiáticos: quem fala sobre ele? Em que condições? Quais são os efeitos de sentido mobilizados por essas enunciações? Essas perguntas orientam a presente pesquisa e serão mobilizadas na análise do corpus, com base na materialidade linguístico-discursiva, a qual parte do entendimento de que o discurso é atravessado pela ideologia e pelas relações de poder que moldam o dizer e o não dizer em cada formação social. “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. [...] O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (Orlandi, 2015, p. 30).

A escolha pela Análise de Discurso de linha francesa se justifica pela potência do seu arcabouço teórico, que permite compreender os discursos não como simples enunciados, mas como materialidades atravessadas por histórias, memórias, ideologias e silenciamentos. “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Achard, 1999, p. 50). Os resultados parciais desta pesquisa apontam para a presença persistente de práticas discursivas que reforçam estereótipos racializados e naturalizam a seletividade penal no Brasil, especialmente nos grandes veículos de imprensa como *GI*, *Folha de S. Paulo* e *Revista Piauí*, analisados entre os anos de 2015 a 2025, ficando evidente que mesmo diante de avanços pontuais no debate sobre racismo e encarceramento, a grande imprensa brasileira ainda opera sob lógicas discursivas que reproduzem e legitimam o racismo estrutural.

Palavras-chave: Racismo; Imprensa; Sistema Prisional; Análise de Discurso.

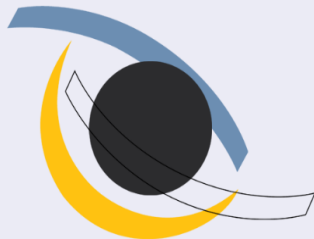
REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierri. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al] tradução e introdução: José Horta Nunes – Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.

BORGES, Juliana. Encarceramento em massa/ Juliana Borges – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaira, 2021.

ORLANDI, Eni P. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos/ Eni P. Orlandi. 5ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

_____. Análise de Discurso: princípios e procedimentos / Eni P. Orlandi



12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP: 2015.

MARIANI, Bethania. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989) /Bethania Mariani – Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 10

Ciências, Artes e Práticas Institucionais

Debatedor:

Raphael Alves Silva

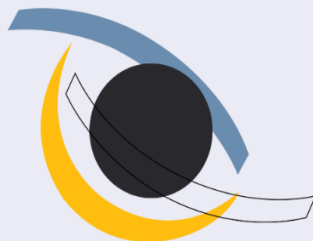
Autores:

Carlos Alberto Alves de Araújo Júnior

Kelly Naomi Matsui

Mariana Ferreira Gomes

Kenia Naara Parra

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Tecnologias de Informação e Comunicação da Pesquisa em Química:
estratégias e impactos no IFMA, Campus São Luís Monte Castelo**

Carlos Alberto Alves de Araújo Júnior¹
Kiany Sirley Brandão Cavalcante²
Claudio Antonio Amaral Moraes³

A comunicação dos resultados científicos é parte essencial do fazer acadêmico, sobretudo em instituições públicas comprometidas com a formação de cidadãos críticos e com a democratização do conhecimento. No entanto, a realidade de muitos espaços educacionais ainda revela um distanciamento entre a produção científica e seu acesso por parte dos estudantes e da sociedade. A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo principal desenvolver e avaliar estratégias de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) voltadas à divulgação científica de pesquisas em Química no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus São Luís Monte Castelo. Parte-se do reconhecimento de que tornar a ciência compreensível e acessível é um passo fundamental para sua valorização e para a ampliação do impacto social das instituições de ensino.

A justificativa do trabalho apoia-se na constatação de que, embora o IFMA desenvolva importantes projetos científicos e tecnológicos, os resultados dessas pesquisas nem sempre se traduzem em ações de divulgação que atinjam o público estudantil de forma eficaz. A ausência de canais específicos de comunicação científica, somada à pouca familiaridade dos discentes com textos acadêmicos, contribui para uma percepção limitada sobre a pesquisa desenvolvida no próprio campus. Desse modo, a proposta visa fortalecer a visibilidade das ações de iniciação científica, estimular o engajamento dos estudantes e promover uma cultura institucional que reconheça a divulgação científica como parte integrante do processo formativo.

A fundamentação teórica baseia-se em autores como Barata (2007), que destaca a importância da divulgação científica como elemento de mediação entre ciência e sociedade. Também são mobilizadas discussões sobre o papel das TIC na educação e na popularização da ciência, especialmente por meio das ferramentas digitais da chamada Web 2.0, que permitem uma comunicação mais interativa, acessível e dinâmica (Kaplan & Haenlein, 2010; Barbosa & Moraes, 2022). A

¹ Discente do curso de Licenciatura em Química. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São Luís Monte Castelo. E-mail: carlosj@acad.ifma.edu.br..

² Docente EBTT, Departamento Acadêmico de Química, IFMA – Campus São Luís Monte Castelo. E-mail: kiany.cavalcante@ifma.edu.br.

³ Técnico-administrativo, Assessoria de Comunicação (ASCOM), Reitoria do IFMA. E-mail: claudio.moraes@ifma.edu.br.



valorização das mídias sociais como espaços de produção e circulação de conhecimento torna-se central na busca por novas linguagens e formatos mais adequados ao perfil dos estudantes.

A metodologia utilizada foi organizada em duas etapas complementares. Inicialmente, foi aplicado um questionário online a discentes dos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação em Química, com o objetivo de identificar os meios mais utilizados para o recebimento de informações institucionais, as dificuldades enfrentadas para acessar conteúdos sobre pesquisa e as preferências em relação ao formato e linguagem desses conteúdos. Com base nesses dados, foi elaborado um plano de comunicação digital voltado especificamente à divulgação científica, utilizando como principais plataformas o Instagram, o Spotify e o Google Forms para interação com o público e coleta de feedbacks. A produção incluiu textos curtos, vídeos informativos, stories interativos, entrevistas com pesquisadores e episódios de podcast.

Os resultados parciais apontam que 70 % dos 60 respondentes consideraram a divulgação das pesquisas no campus insuficiente e 50 % a descreveram como pouco clara ou inacessível. O canal mais utilizado para o recebimento de informações institucionais foi o WhatsApp, enquanto o site oficial do IFMA raramente foi citado como fonte de consulta. Diante disso, foi criado o perfil Cientificamente no Instagram, com identidade visual própria e linguagem acessível. A página passou a divulgar conteúdos sobre projetos de iniciação científica, eventos acadêmicos, publicações recentes, editais abertos e relatos de experiências de alunos e docentes. Uma das postagens, por exemplo, sobre a aplicação de óxidos metálicos, alcançou mais de 10.230 visualizações e 165 interações, sendo 95,6 % do público composto por não-seguidores. Esses dados revelam o potencial das redes sociais para alcançar novos públicos e fortalecer o interesse pela ciência.

Além disso, foi criado o podcast Cientificamente, com episódios temáticos que abordam temas da Química, trajetórias acadêmicas e bastidores de projetos de pesquisa. O formato oral, com linguagem leve e entrevistas informais, favoreceu o engajamento de ouvintes e o compartilhamento espontâneo entre estudantes. As ações também repercutiram fora do ambiente virtual, com destaque em programa da Rádio Universidade FM, ampliando a visibilidade externa do projeto.

A discussão dos dados mostra que a adoção de estratégias de divulgação científica baseadas em TIC é eficaz para promover a aproximação dos estudantes com a produção acadêmica e para consolidar uma cultura institucional mais participativa. A formação discente torna-se mais crítica, engajada e informada, assim que tais canais sejam consolidados e integrados às rotinas do campus. Além disso, a produção colaborativa dos conteúdos contribui para o desenvolvimento de competências comunicacionais e digitais entre os envolvidos.

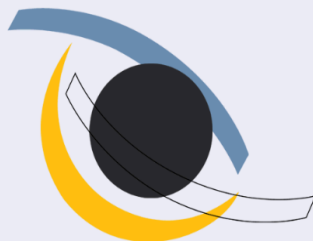
Conclui-se que a utilização das TIC como aliadas na divulgação científica pode fortalecer a imagem institucional, valorizar os pesquisadores e fomentar o interesse dos alunos pela ciência. O projeto prevê, como próximos passos, a ampliação dos formatos utilizados, a realização de eventos presenciais de divulgação em escolas públicas e a institucionalização de um painel de métricas para subsidiar a gestão da comunicação científica no IFMA.



Palavras-chave: Divulgação científica; Tecnologias da Informação e Comunicação; Química; Mídias sociais; Produção acadêmica.

REFERÊNCIAS

- BARATA, R. B. A divulgação científica e a divulgação da ciência. *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 3, p. 40–41, 2007.
- BARBOSA, E. H. S.; MORAES, C. R. B. Gestão da informação e mídias sociais para o engajamento dos estudantes nas instituições de ensino superior. *Em Questão*, v. 28, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245282.108569>
- KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, v. 53, n. 1, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>



MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA

Zine: arte e divulgação científica e cultural na astronomia

Kelly Naomi Matsui ¹

O presente trabalho busca compreender de maneira ampla a potencialidade do formato de publicação independente chamado “*zine*”, muitas vezes também chamado de “*fanzone*” como meio de Divulgação Científica e Cultural (DCC) e mais especificamente, porque ele pode ser um meio muito relevante a ser aplicado na Astronomia.

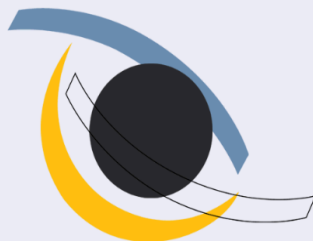
Os *zines* são um formato de publicação independente que carrega uma vasta história de comunicação de pensamentos de forma crítica, uma mídia alternativa, carregada de arte e literatura sendo material de estudo em diversas áreas. Segundo Branco (2014), atualmente, são poucos os estudos existentes sobre os *zines* que em sua maioria são feitos como trabalho de conclusão de curso de graduação, mantendo-se inéditos. Portanto, entendemos que há uma necessidade de compreendermos e utilizarmos dessa forma de mídia que é pouco abordada na academia. Como afirma Robinson (2018), a partir da década de 1990, arquivistas e professores perceberam as possibilidades de usar *zines* em seus trabalhos e mais recentemente, houve um crescimento do trabalho sobre a história do *zines* e o uso de *zines* como fontes históricas.

A Astronomia é uma ciência na qual ainda possuímos grandes barreiras no entendimento público e imaginário popular. Como destaca Belisário (2010) comerciais de TV, ou até mesmo diretores e produtores de filmes de ficção científica, que fazem parte de um conjunto de mídias hegemônicas, comumente apelam a uso de termos científicos seja para fazerem produtos parecerem mais confiáveis ou pela tentativa em dar uma verossimilhança ao criar mundos imaginários.

Porém, notavelmente, as temáticas de Física Moderna e Contemporânea estão quase ausentes no currículo do Ensino Médio, conforme destacado por Brockington (2006). Além disso, atualmente, o ensino da Física tem sofrido reduções nas escolas brasileiras, diminuindo o contato de estudantes a poucos conceitos avançados (ALMEIDA, 2022). Sendo assim, a DCC tem um papel de demasiada importância em tornar esses conhecimentos científicos para o público geral de forma a compensar a lacuna deixada pelas estruturas hegemônicas de comunicação e ensino de física.

A divulgação da Astronomia é uma importante ferramenta de inclusão social, conforme afirma Moreira (2006), ela proporciona à população a capacidade de compreender melhor o ambiente em que vive, além de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e possibilitar uma atuação política informada. Por isso, no projeto, buscamos abordar diversas questões da Astronomia por uma visão alternativa,

¹Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: k247544@dac.unicamp.br.



que não resume esse conhecimento vasto e rico que tem potencial transformador na sociedade.

Como resultado da pesquisa envolvendo a coleta e a revisão bibliográfica de diversos trabalhos na área, será criada uma coletânea de *zines* que abordam a Astronomia. Comportando temáticas diversas da Física Moderna e Contemporânea, tratando também de muitas questões, entre elas, a existência no cosmos até complexas teorias de funcionamento do Universo. A coleção de *zines* utilizará diversas mídias, buscando conscientizar e transformar a percepção sobre o trabalho científico, unindo arte e ciência de forma significativa e acessível.

Os *zines* serão disponibilizados em acesso livre por meio de plataforma digital (digitalizando os *zines*, que poderão ser impressos), por fim, coletamos dados da percepção do público sobre as temáticas e o uso desse formato de mídia. Será feita uma pesquisa de campo, qualitativa e quantitativa, em que os leitores possam compartilhar suas opiniões e assim tentarmos entender melhor as reações do público sobre esse formato de mídia.

Dadas as referências de trabalhos com resultados positivos do uso dos *zines* em diversas iniciativas que aplicam a criação e o estudo sobre os *zines* na educação e em diversas áreas (Uso de *fanzines* em aulas de Ciências: uma revisão sistemática de literatura (Rodrigues, 2023); O uso do *fanzine* como recurso pedagógico para a produção de conhecimento e divulgação científica do tema água (Vasconcelos, 2023); *Zine*: arte, resistência e ações pedagógicas (Souza, 2022). E como tem-se mostrado como um ótimo material de estudo, espera-se uma boa percepção por parte do público e a criação de um vínculo com as temáticas abordadas na coleção.

Palavras-chave: Divulgação científica; *Zine*; Ciência e arte; Astronomia; Divulgação em Astronomia.

REFERÊNCIAS

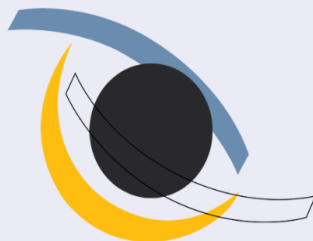
ALMEIDA, J. R. de; SOLTAU, S. B. Interstellar movie and Flipped Classroom: a proposal for teach general relativity and black holes in High School. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e40911528437, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i5.28437. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28437>. Acesso em: 1 jun. 2024.

BELISÁRIO, Roberto. A relação íntima entre física, cultura e estilo de vida. Agência iberoamericana para la difusión de la ciencia y la tecnología, Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em:

<https://www.dicyt.com/noticia/a-relacao-intima-entre-fisica-cultura-e-estilo-de-vida>. Acesso em: 5 de setembro de 2024.

BRANCO, Edwar de A. C.. Mídias táticas: os *fanzines* como fontes para a pesquisa histórica. *Diálogos* (Maringá. Online), v. 19, n.2, p. 741-762, mai.-ago./2015. DOI 10.4025/dialogos.v19i2.1014a



BROCKINGTON, G.; PIETROCOLA, M. Serão as regras da transposição didática aplicáveis aos conceitos de física moderna? Investigações em Ensino de Ciências, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 387–404, 2016. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/512>. Acesso em: 2 jun. 2024.

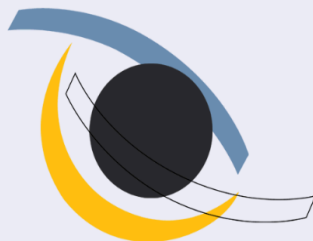
MOREIRA, Ildeu de Castro. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. Inclusão Social, [S. l.], v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1512>. Acesso em: 5 set. 2024.

ROBINSON, Lucy. Zines and history: zines as history. The Subcultures Network, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://doi.org/10.7765/9781526120601.00010&sa=D&source=docs&ust=1725540047937624&usg=AOvVaw2hCIH-YY8RF46aj2mqY4L7>. Acesso em: 29 de Abril de 2024.

RODRIGUES, J.; LEITE, R. Uso de fanzines em aulas de Ciências: uma revisão sistemática de literatura. Revista Insignare Scientia - RIS, v. 6, n. 6, p. 336-356, 26 dez. 2023.

SOUSA, Diego El Khouri. ZINE: ARTE, RESISTÊNCIA E AÇÕES PEDAGÓGICAS. 2022. 53 páginas. Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), 2022.

VASCONCELOS, Emanuella Silveira; RIZZATTI, Ivanise Maria; MACHADO, Ana Carolina Ferreira; SANTOS, Verônica Soares dos; RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida; SANTOS, Miqueias Ambrósio dos; SILVEIRA, Elda da Silva. O uso do fanzine como recurso pedagógico para a produção de conhecimento e divulgação científica do tema água. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 8, 7 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/8/o-uso-do-fanzine-como-recursopedagogico-para-a-producao-de-conhecimento-e-divulgacao-cientifica-do-tema-agua>

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Unindo versos: conexões entre formação planetarista e narrativas sob o domo**Mariana Ferreira Gomes¹

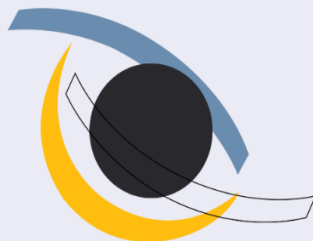
Dentro das sessões de planetário, para além de estrelas, constelações e constelações projetadas, há um convite implícito as trocas: conectar cosmo percepções, narrativas e aprendizagens, que diversificam-se e remodelam-se a cada território ocupado e aos públicos que o acolhem. Na itinerância, tal processo exige da pessoa mediadora, chamada planetarista, não apenas domínio técnico e científico, mas sensibilidade para dialogar com múltiplos repertórios culturais.

Este projeto de pesquisa busca explorar como diferentes moldes de formação de mediadores, discutidos e observados por Marandino (2008) e Massarani (2022), se manifestam e se transformam nas práticas de mediação realizadas em planetários itinerantes, influenciando a construção das sessões sob o domo. Considerando que essas sessões vão além da simples apresentação de conteúdos astronômicos, sendo também espaços de narrativa, diálogo e troca cultural, investiga-se de que forma os percursos formativos, sejam eles estruturados curricularmente ou adquiridos na prática, moldam as interações entre mediadores e público e as narrativas que ali emergem.

A motivação do estudo inicialmente emerge da experiência da autora em dois contextos distintos de planetários: o planetário itinerante da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) e o planetário fixo da Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro. Essas vivências despertaram questionamentos acerca das especificidades de cada espaço no contexto das ações de divulgação científica dentro dos planetários. A partir da comparação entre esses espaços espera-se identificar como a formação planetarista nestas especificidades influenciam a forma como a astronomia é comunicada e experienciada pelo público.

A exploração desta temática se faz importante, visto que, embora a literatura da educação em astronomia tenha avançado em aspectos como práticas pedagógicas e uso de recursos em planetários (Langhi, 2009), a mesma também aponta os baixos índices de produção teórica sobre a formação de educadores em espaços não formais de astronomia, especialmente no recorte específico da itinerância. No contexto itinerante, as sessões abarcam não apenas roteiros predefinidos, mas também

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas). E-mail: m269814@dac.unicamp.br



narrativas construídas coletivamente, atravessadas por improvisações, negociações e por um constante movimento de escuta.

A atuação nos planetários itinerantes, como argumentam Rocha e Marandino (2020), exige competências que transbordam a dimensão técnica, envolvendo sensibilidade para captar as especificidades culturais e sociais de cada território visitado. González e Guimarães (2021) ressaltam que o caráter itinerante aproxima esses espaços das fronteiras, não apenas geográficas, mas também simbólicas, criando diferentes oportunidades no processo de mediação e divulgação.

A lacuna de estudos que atentem-se para as especificidades da itinerância, como apontado por González (2021), abrem espaço para questionar quais tipos de formação favorecem práticas mais dialógicas e diversas também no contexto dos planetários móveis, e como isso repercute na experiência do público, no seu engajamento e no possível desenvolvimento de um senso de pertencimento ao conteúdo científico e a espaços científico-culturais.

A pesquisa, em andamento, adota abordagem qualitativa, combinando observação participante, análise documental e entrevistas abertas com mediadores atuantes em contextos itinerantes e fixos. As observações serão voltadas a identificar práticas de adaptação narrativa, uso de referências locais e estratégias de engajamento, considerando como essas dimensões se articulam com o tipo de formação recebido. As entrevistas e análises de documentos institucionais permitirão mapear os percursos formativos e cotejá-los com as práticas observadas.

Como resultados esperados, pretende-se identificar padrões que indiquem como determinadas modalidades de formação contribuem para mediações mais dialógicas e responsivas, capazes de integrar saberes locais e construir experiências que coloquem em foco os princípios JEDI (justiça, equidade, diversidade, inclusão) nas mediações.. Considerando a hipótese em que a itinerância, pela necessidade de constante adaptação, favorece práticas mais flexíveis e criativas, enquanto a estabilidade dos planetários fixos proporciona condições para aprofundar conteúdos e desenvolver projetos de longo prazo, espera-se buscar caminhos possíveis para repensar como a divulgação científica dentro dos planetários itinerantes pode ser potencializada.

Palavras-chave: Astronomia; Divulgação científica; Espaços não-formais; Mediação; Planetário móvel.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, A.C.S., GUIMARÃES, M.C.S. **Um novo framework teórico para estudar museus itinerantes: o olhar para as fronteiras.** ACTIO: Docência em Ciências, v. 6, n.2, 2021.

LANGHI, R., NARDI, R. Ensino da astronomia no Brasil: educação formal,



informal, não formal e divulgação científica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**. São Paulo, v. 31, n. 4, p. 1-10, 2009.

MARANDINO, M. (org.). **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: GEENF/FEUSP, 2008

MASSARANI, L. et al. Mediadores em museus de ciência: um estudo sobre profissionais que atuam no Brasil. **ACTIO**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2022.

ROCHA, J.N.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. **JCOM América Latina**, v. 3, n. 2, 2020.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Palestras interativas: divulgação científica no IQSC-USP

Kenia Naara Parra¹

Ana Cláudia Kasseboehmer²

A precariedade do ensino público (CHAUÍ, 2003), somada à limitada veiculação de acontecimentos científicos (PECHULA, 2007) e à baixa atuação de cientistas no diálogo público, tem provocado distorções sobre a imagem da Ciência e cientista, baixa compreensão sobre a Natureza da Ciência e desinteresse pela Ciência e carreira científica (VAN GRIETHUIJSEN et al., 2015).

Mesmo as comunidades e escolas próximas às universidades públicas podem desconhecer o que essas instituições representam, desenvolvem e deveriam socializar (PARRA; SILVA; KASSEBOEHMER, 2015). São Carlos, uma cidade do interior de São Paulo, por exemplo, é conhecida como Capital Nacional da Tecnologia e “cidade dos doutores”, entretanto, a população, especialmente os estudantes das escolas públicas, sentem-se distante dessa realidade, mostrando que a complexidade das relações estabelecidas dentro e fora das universidades é refletida nas percepções e sentimentos da sociedade sobre elas e evidenciam a urgência em mudanças providas de diferentes esferas e sujeitos, inclusive do docente-pesquisador-extencionista a partir do compromisso com a divulgação científica.

Assim sendo, cabe a universidade pública, desenvolver atividades que permitam o contínuo diálogo com a sociedade, em especial com os estudantes. Intervenções que levem em consideração a formação para o exercício da cidadania e a promoção da motivação para formas mais autodeterminadas (PARRA; SENTANIN; KASSEBOEHMER, 2024).

Desse modo, o projeto Palestras Interativas de Divulgação Científica da Química apresentado em escolas públicas, universidades, centros e museus de ciências da cidade de São Carlos, visa divulgar as pesquisas científicas desenvolvidas no Instituto de Química de São Carlos-USP.

Para Santos (2011), para aprender Química não basta ter atividades experimentais, aulas interativas e livros didáticos bem escritos, é preciso que os estudantes compreendam também como o conhecimento químico tem sido produzido nos laboratórios. Assim, busca-se por meio das palestras, desenvolver nos estudantes uma visão mais crítica e madura sobre a ciência e, mais especificamente, sobre a Química, além de discutir sobre a importância das pesquisas nessas áreas e aproximar a comunidade da universidade pública.

¹ Doutora em Ciências pelo Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. E-mail: keniaparra8@gmail.com

² Docente do Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. E-mail: claudiaka@iqsc.usp.br



O projeto foi iniciado como pesquisa de doutorado da autora com o desenvolvimento de seis palestras interativas em 2016, a partir da parceria com pesquisadores e envolvendo temas da Química Medicinal, Química Analítica, Eletroquímica Ambiental e Química dos Plásticos.

Em 2025, completaram-se nove anos de apresentação das palestras interativas, que já ocuparam diferentes espaços de São Carlos, como o museu da Ciência Professor Mario Tolentino no centro da cidade, escolas públicas e, principalmente, o saguão da biblioteca da USP campus 2.

Como exemplo, no último ano, considerando o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025, o IQSC recebeu, por meio do Grupo Educação/IQSC/USP, 1373 estudantes de escolas públicas de São Carlos e região em 44 visitas.

O projeto tem contribuído como atividade de formação inicial de graduandos que participaram tanto da elaboração quanto da apresentação das palestras, de modo que já passaram pelas palestras graduandos do Programa Aprender com Cultura e Extensão, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa de Educação Tutorial (PET) e de alunos de iniciação científica do Laboratório de Investigações em Ensino de Ciências Naturais (LINECIN).

As palestras interativas também foram incorporadas como uma das atividades de Divulgação Científica vinculadas ao Projeto Temático FAPESP (Processo: 2022/05934-0, 2022/12895-1 e 2024/12834-8), Projeto CNPq (Processo: 304087/2021-1) e do grupo Educação que é um grupo de Desenvolvimento Profissional formado por professores e promove atividades para aproximar as escolas públicas da universidade, em especial, do IQSC.

Dentre as pesquisas realizadas, tem-se estudos quanto à promoção da interatividade, promoção da motivação dos estudantes participantes, segundo a Teoria da Autodeterminação (PARRA; SENTANIN; KASSEBOEHMER, 2024), conceitos científicos envolvidos (SENTANIN et al., 2021) e contribuições para a Crença na Autoeficácia (PARRA; KASSEBOEHMER, 2018).

Destaca-se, por fim, os aspectos das palestras que contribuem ao longo de anos para os resultados, como as dinâmicas das apresentações, temas das pesquisas, experimentação, espaços não formais utilizados e formação dos apresentadores.

Palavras-chave: Extensão; Divulgação científica; Química, Palestras Interativas; Escola pública.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, 2003.

PARRA, K. N.; SILVA, D. M.; KASSEBOEHMER, A. C. Percepções sobre a universidade pública: o que pensa a população da cidade dos doutores? In: CONGRESO DE LA REDPOP. *Arte, tecnología y ciencia: nuevas maneras de conocer?*, 2015, Medellín/Colômbia. *Anais do XIV Congreso de la RedPOP*, 2015



PARRA, K. N.; SENTANIN, F. C.; KASSEBOEHMER, A. Palestras de Divulgação Científica de Química: Contribuições para a Crença na Autoeficácia de Estudantes do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 1, p. 205-237, 2018.

PARRA, K. N.; SENTANIN, F. C.; KASSEBOEHMER, A. Motivation to learn through interactive lectures: a chemistry research popularization. **Química Nova na Escola**, v. 46, p. 135-146, 2024.

PECHULA, M. R. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social? *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 13, n. 2, 2007.

SANTOS, W. L. P. Popularização do ensino de química para a vida e para a justiça social. **ComCiência** [online], n. 130, 2011.

SENTANIN, F. C.; ROCHA, A. C.; PARRA, K. N.; LANZA, M. R. V.; KASSEBOEHMER, A. Interactive Lecture in Redox Chemistry: Analysis of the Impact of the Dissemination of University Scientific Research among High School Students. **Journal of Chemical Education**, v. 98, p. 2279-2289, 2021.

VAN GRIETHUIJSEN, R. A.; VAN EIJCK, M. W.; HASTE, H.; DEN BROK, P. J.; SKINNER, N. C.; MANSOUR, N.; BOUJAOUDE, S. Global patterns in students' views of science and interest in science. *Research in science education*, v. 45, n. 4, p. 581-603, 2015.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 11

Meio Ambiente e Sociedade

Debatedora:

Ana de Medeiros Arnt

Autores:

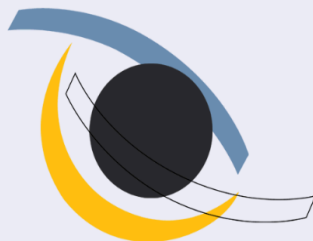
Diana Zatz Mussi

Lucas Marquioni de Jesus

Cayo Matheus de Amorim Scot

Talita Gantus-Oliveira

Mariana Ceci de França e Silva



PROJETO DE PESQUISA

Segurança hídrica e comunicação científica: Reflexões a partir de uma experiência interdisciplinar no INCT ONSEAdapta

Diana Zatz Mussi¹

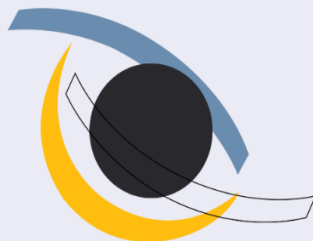
Este trabalho é uma reflexão sobre experiências e resultados obtidos durante uma pesquisa de Jornalismo Científico (Programa Mídia Ciência / FAPESP), no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Observatório Nacional de Segurança Hídrica e Gestão Adaptativa (INCT ONSEAdapta). Com a participação de mais de 100 pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, o ONSEAdapta visa integrar esforços de diferentes grupos e disciplinas para contribuir com o enfrentamento dos desafios contemporâneos relacionados à sustentabilidade e conservação dos recursos hídricos, além de projetar cenários futuros que considerem as mudanças climáticas e a necessidade de uma gestão adaptativa.

O ONSEAdapta foi estruturado por meio de grupos de trabalho, chamados Unidades Científicas (UCs). As atividades deste projeto de Jornalismo Científico acontecem na Unidade Científica de Comunicação, Arte e Cultura, em interface com a Revista ClimaCom, publicação eletrônica coordenada pelo Labjor-Unicamp. Em diálogo com outras UCs, como as de Educação e Capacitação; Economia; Resiliência e Desastres; Qualidade da Água; Segurança Hídrica e Desigualdade Social, foram produzidos vídeos e reportagens multimídia que exploram narrativas, imagens e áudios para além da lógica informativa tradicional de emissor-receptor.

Apostando no encontro entre heterogêneos (Dias, 2020), buscamos aprofundar o debate sobre formas de comunicação que não apenas alimentem o medo e a ansiedade climática (Loose, 2024), mas que inspirem ação e engajamento diante dos desafios da segurança hídrica, agravados pelas mudanças climáticas.

A segurança hídrica é um tema urgente e complexo, especialmente no contexto da crise climática. As águas atravessam fronteiras políticas e limites territoriais, transbordam e escapam às estruturas da engenharia. A própria ciência tem revisto suas abordagens e ampliado o entendimento sobre as dinâmicas hídricas e seus modos de gestão. Ainda assim, as comunicações sobre o tema seguem sendo, em geral, massivas, abstratas ou tecnocráticas. Explicações fragmentadas, de difícil assimilação pelo público (Lázaro, 2023) e uma cobertura centrada em fatos consumados, como desastres (Loose, 2024), podem intensificar a ansiedade nos públicos sem promover engajamento. É crucial refletir sobre a forma de comunicar os desafios específicos da segurança hídrica no Brasil, que incluem secas, enchentes,

¹ Mestre em Divulgação Científica e Especialista em Jornalismo Científico na Universidade Estadual de Campinas. Email: dianazatz@gmail.com.



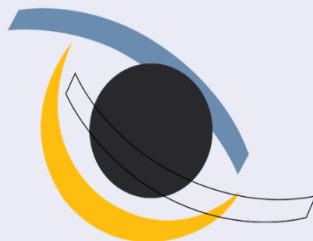
exploração inadequada de reservatórios, salinização de aquíferos e impactos da urbanização no ciclo da água.

A comunicação é frequentemente reconhecida como ferramenta para promover mudanças sociais e ampliar a conscientização. No entanto, ao buscar formas de engajar o público, nos deparamos com a dificuldade de conectar os problemas científicos com os quais estávamos trabalhando à vida. Muitas vezes, as pesquisas apareciam desterritorializadas, centradas em questões técnicas como modelagens e índices, dificultando vínculos com os territórios e os públicos. Mesmo tratando de questões urgentes, essas pesquisas seguem uma lógica que privilegia a objetividade e exclui afetos e contextos como subjetivos ou irracionais (Stengers, 2015). Além disso, persiste a ideia de que a divulgação científica deve apenas preencher uma lacuna de conhecimento ou linguagem, tratando o público como passivo e desinformado (Oliveira, 2017).

Diante desse cenário, buscamos experimentar outras formas de comunicar. No artigo *Artistic Practices in the Anthropocene* (2024), Marina Guzzo e colaboradores argumentam que o Antropoceno não é apenas uma crise material, mas também uma crise da imaginação e da sensibilidade. As descrições científicas, sozinhas, têm se mostrado insuficientes para transformar padrões de comportamento. Os autores argumentam que a ciência precisa dialogar com outros setores sociais e políticos, fortalecendo pontes entre laboratórios, comunidades e práticas artísticas. Essas práticas não visam uma beleza formal, mas operam como formas de engajamento ético e político, comprometidas com a transformação dos regimes de sensibilidade (Rancière, 2005). Em diálogo com Susana Dias (2020), seriam capazes de “restituir a vitalidade do pensamento” e, por vias imaginativas e transdisciplinares, criar outros desfechos para a crise que não sejam, necessariamente, a catástrofe.

Inspirados por essas abordagens, adotamos uma metodologia interdisciplinar que combinou entrevistas, revisão de literatura e experimentações artísticas. Nas entrevistas com coordenadores como José Antonio Marengo, Mário Mendiondo e Suzana Montenegro, observamos narrativas institucionais, que buscamos tensionar por meio da montagem audiovisual, propondo pequenas alterações (Rancière, 2012) capazes de abrir brechas para outras formas de ver. Nas reportagens multimídia, criamos encontros entre diferentes materiais, saberes e atores em torno de um mesmo campo de problemáticas. Como no caso da aproximação entre uma economista, que trabalha com matriz insumo-produto para pensar a economia do mar, e um artista caçara que transforma resíduos coletados nos manguezais em arte. Esses cruzamentos buscaram provocar diálogos incomuns e especular formas de escuta e reflexão coletiva.

Partimos da ideia de que comunicar ciência, em tempos de crise, não é apenas informar ou traduzir, mas abrir espaço para outras formas de comunicação, novas relações e sentidos, diferentes do original (Rancière, 2012). É isso que gostaríamos que a comunicação sobre segurança hídrica pudesse promover: a transformação da condição social de impotência e paralisia (Guzzo, 2024) diante da degradação ambiental dos recursos hídricos.



Palavras-chave: Comunicação científica; Segurança hídrica; Jornalismo científico; Divulgação científica; Arte e ciência.

REFERÊNCIAS

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom – Florestas* [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas> (acesso em 01/08/2025)

GUZZO, Marina S.L., DIAS Susana O., MORAES Alana, FAGUNDES Guilherme M., RIBEIRO, Walmari, ALVES Kidawane R., TADDEI Renzo. Artistic Practices in the Anthropocene. *Annual Review of Environment and Resources*, v. 49, p. 223–247, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-112922-112400> (acesso em 01/08/2025)

LAZARO, L. L. B. et al. Assessing water scarcity narratives in Brazil – Challenges for urban governance. *Environmental Development*, [S. l.], v. 47, p. 100885, jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.envdev.2023.100885>. (acesso em 01/08/2025)

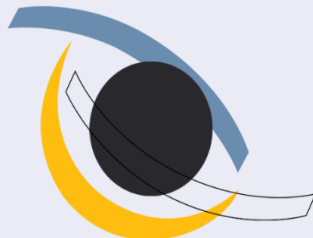
LOOSE, Eloisa Beling. *Jornalismo e crise climática: um estudo desde o Sul Global sobre os vínculos do jornalismo com a colonialidade*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/276113> (acesso em 01/08/2025)

OLIVEIRA. Renato Salgado de Melo Oliveira. Percepção e política na divulgação científica: em busca de um público-alvo. *ClimaCom* [online], Campinas, ano. 4, n. 9, Ago. 2017. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288> (acesso em 01/08/2025)

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. São Paulo: EXO/34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O Destino das Imagens*. Tradução Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STENGERS, Isabelle. *No Tempo das Catástrofes*. São Paulo: Cosac Naif, 2015.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****O que comemos: a contribuição da divulgação científica na relação biocultural entre fauna e alimentação**

Lucas Marquioni de Jesus¹
Juliana Schober Gonçalves²

A relação entre os seres humanos e os animais utilizados na alimentação transcende aspectos fisiológicos e nutricionais (Rozin, 1976). Trata-se de uma construção biocultural complexa, em que dimensões evolutivas, anatômicas, culturais e simbólicas se entrelaçam (Jacob, 2021; Kerna et al. 2021). A diversidade alimentar das espécies é revelada, em parte, por suas adaptações morfológicas, como o formato e características de bicos, dentes, estômagos e intestinos, que revelam hábitos desde os mais estritamente herbívoros, aos mais carnívoros, passando por espécies onívoras com distintas proporções de fontes alimentares animais e vegetais (Dyce, Wensing, Sack, 2019; Kardong, 2012). Desta forma, o presente trabalho disserta sobre a construção de um ensaio crítico a respeito da relação entre fauna e alimentação humana e como a divulgação científica pode contribuir sobre a temática.

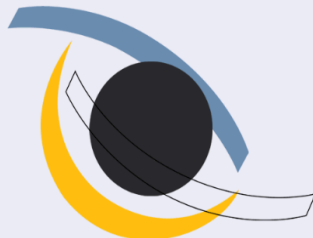
Tratando do grupo de animais onívoros, que inclui a espécie humana, podemos observar o fenômeno descrito como “paradoxo da onivoria” (Rozin, 1976). Pela possibilidade de maior variação de fontes alimentares, ao passo que temos a tendência diversificar e explorar novos alimentos - neofilia -, também possuímos comportamentos mais conservadores ao explorá-los - neofobia -, conferindo maior proteção a possíveis problemas como intoxicações (Fischler, 1993). Desta forma, a onivoria nos torna biologicamente versáteis, mas, culturalmente, podemos ser seletivos, uma vez que nossos hábitos alimentares refletem a interação entre necessidades fisiológicas e valores sociais.

O modo como classificamos os animais - que reflete nossas perspectivas sobre eles - interfere diretamente em como nos relacionamos com eles (Fischler, 1993). Uma mesma espécie pode ser percebida como alimento, símbolo de afeto, animal de estimação, ou objeto de repulsa, dependendo do contexto cultural e histórico. Essa seleção alimentar está relacionada tanto a fatores objetivos quanto a critérios subjetivos, como tradição, moralidade, religião ou experiências coletivas.

Pescadores, marisqueiras e comunidades tradicionais, por exemplo, estabelecem relações com a fauna que ultrapassam a nutrição, envolvendo memórias, identidades e práticas herdadas. Um exemplo claro dessa distinção cultural pode ser

¹ Mestrando em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. Email: marquioni.lucas@gmail.com

² Pesquisadora Associada do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp e Professora Associada do Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura da UFS. E-mail: jsgrima@gmail.com



observado no estudo de Mattos et al. (2012), que registra o relato de um pescador do manguezal do Rio Grande do Norte: “Crustáceo é crustáceo e animal é animal, são coisas diferentes”. Da mesma forma, tradições religiosas influenciam a aceitação ou recusa de determinados alimentos, como o tabu do consumo de carne suína entre algumas religiões, assim como em muitas culturas ocidentais, insetos são inconcebíveis como fontes alimentares, mesmo quando nutricionalmente vantajosos (Kellert, 1993). Essas escolhas não se baseiam apenas em aspectos biológicos, mas em construções morais e simbólicas que definem o que é considerado comestível (Fischler, 1995).

Além da dimensão cultural, a forma como produzimos e consumimos alimentos tem impacto direto na biodiversidade. O uso intensivo de recursos naturais, a destruição de habitats e a introdução de espécies exóticas são exemplos de como escolhas alimentares podem gerar desequilíbrios ecológicos (Silva e Arbilla, 2018; Clavero-Pineda e Garcia-Berthou, 2005). A atual perda de espécies é apontada como um processo de sexta extinção em massa, impulsionada por ações humanas (Ceballos e Ehrlich, 2018). O crescimento populacional, o avanço urbano e o modelo de produção insustentável ampliam os desafios para equilibrar segurança alimentar e conservação ambiental (Silva e Arbilla, 2018).

Nesse cenário, a divulgação científica - que é uma ferramenta que possibilita ao pesquisador deslocar-se de seu espaço habitual de comunicação entre pares acadêmicos para estabelecer diálogos significativos com leitores não especializados (Da Silva, 2007) - pode cumprir um papel essencial: conectar saberes científicos e tradicionais, promover o debate público e fomentar práticas alimentares mais sustentáveis e inclusivas (Quintanilla, 2009). Ao integrar conhecimentos acadêmicos com contextos locais, a divulgação científica pode contribuir para uma sociedade mais consciente, tolerante à diversidade cultural e comprometida com a conservação da fauna e do planeta.

Palavras-chave: Fauna; Cultura alimentar; Meio ambiente; Comunicação.

REFERÊNCIAS

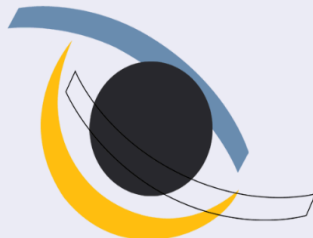
CEBALLOS, G.; EHRLICH, P. R. The misunderstood sixth mass extinction. *Science*, v. 360, n. 6393, p. 1080-1081, 2018.

CLAVERO-PINEDA, M.; GARCÍA-BERTHOU, E. Invasive species are a leading cause of animal extinctions. *Trends in Ecology and Evolution*, v. 20, n. 3, p. 110, 2005.

DA SILVA, H. C. O que é divulgação científica?. *Ciência & Ensino*, v. 1, n. 1, 2007.

DYCE, K. M.; WENSING, J. G.; SACK, W. O. *Tratado de anatomia veterinária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

FISCHLER, C. Man the omnivore and the social construction of food. In: *Food and nutrition policy in Europe*. [S. l.]: [s. n.], p. 55-60, 1993.



FISCHLER, C. *El (h)omnivoros*. Barcelona: Anagrama, 1995.

JACOB, M. C. M. *Alimentação e Cultura para a nutrição*. Recife: NUPEEA, 2021. Recurso eletrônico.

KARDONG, K. V. et al. *Vertebrates: comparative anatomy, function, evolution*. New York: McGraw-Hill, 2006.

KELLERT, S. R. Values and perceptions of invertebrates. *Conservation Biology*, v. 7, n. 4, p. 845-855, 1993.

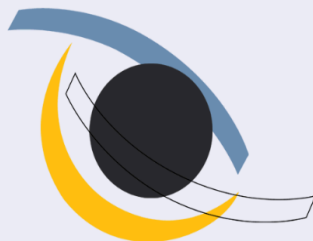
KERNA, N. A. et al. The truth: are humans vegetarian, carnivore, or omnivore? A review based on the anatomy and physiology of the human digestive tract. *EC Nutrition*, v. 16, n. 8, p. 78-86, 2021.

MATTOS, P. P. et al. Etnoconhecimento e percepção dos povos pesqueiros da Reserva Ponta do Tubarão acerca do ecossistema manguezal. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 10, n. 4, p. 481, 2012.

QUINTANILLA, M. A. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). Foro Campinas: Las dos culturas: una perspectiva cívica, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GDdCdM0Qptw>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ROZIN, P. The selection of foods by rats, humans, and other animals. In: *Advances in the Study of Behavior*. New York: Academic Press, p. 21-76, 1976.

SILVA, C. M.; ARBILLA, G. Antropoceno: os desafios de um novo mundo. *Revista Virtual de Química*, v. 10, n. 6, p. 1619-1647, 2018.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Divulgação científica e percepção da ciência: estudo de caso da quarta edição do curso de extensão “Meliponicultura e Ciência Cidadã”**Cayo Matheus de Amorim Scot¹Celso Barbiéri²Tiago Mauricio Franco²

A meliponicultura, prática de criação racional de abelhas sem ferrão, configura-se como uma atividade multidimensional promotora da sustentabilidade e envolve vários domínios, dentre os quais podemos destacar quatro: econômico, social, ambiental e cultural. O domínio cultural, em particular, representa conexões entre saberes tradicionais e inovações contemporâneas, articulando ainda a educação ambiental e o desenvolvimento científico. Esse espectro evidencia a pluralidade de atores e conhecimentos mobilizados pela meliponicultura, os quais coexistem em meio a tensionamentos e (des)articulações (BARBIÉRI; FRANCOY, 2020).

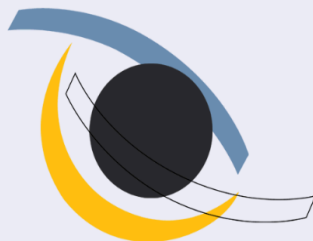
Grandes expressões de inovação neste campo são protagonizadas pelos meliponicultores, que desenvolvem empiricamente técnicas e ferramentas para enfrentar os desafios cotidianos de manejo, considerando a diversidade e especificidade de espécies e comportamentos das abelhas sem ferrão. Essas inovações, habitualmente compartilhadas em redes sociais e eventos sobre meliponicultura, recebem, contudo, pouca ou nenhuma atenção por parte do universo acadêmico-científico. Ciência e inovação representam, portanto, tensões entre cientistas e meliponicultores (BARBIÉRI; FRANCOY, 2020).

Buscando superar estes descompassos, a 4ª edição do curso de extensão universitária “Meliponicultura e Ciência Cidadã” dedicou-se a aproximar a ciência dos demais públicos, por vezes chamados de “não especializados”. Esse projeto, realizado em 2022, foi uma parceria entre a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do ABC (UFABC), que contou com 25h de aulas assíncronas, 8h de encontros síncronos para dúvidas e discussões e ainda, por fim, a aplicação de um protocolo de ciência cidadã. Em linhas gerais, o protocolo consistia na geração de dados de monitoramento de voo de abelhas sem ferrão (BARBIÉRI *et al.*, 2023).

A 4ª edição do “Meliponicultura e Ciência Cidadã” foi objeto de estudo de Barbiéri *et al.* (2023), que analisaram a influência do perfil dos participantes em seus

¹ Mestrando em Sustentabilidade, Laboratório de Abelhas, Biotecnologia e Estudos em Sustentabilidade (LABBEES), Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: cayoscot@usp.br ou cayoscotprofssional@gmail.com

² Laboratório de Abelhas, Biotecnologia e Estudos em Sustentabilidade (LABBEES), Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: tfrancoy@usp.br e celso.barbieri@gmail.com



processos de aprendizagem. Contudo, novas compreensões podem ser engendradas a partir da divulgação científica, campo teórico-prático interdisciplinar, cuja vocação é promover encontros entre ciências e públicos diversos (MASSARANI; MOREIRA, 2009; VALÉRIO; TAKATA, 2025).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar as percepções dos participantes da 4ª edição do referido curso de extensão em relação aos atores associados ao processo científico. Como rota metodológica, após debruçar-se sobre a base de dados construída pelos questionários pré e pós-curso (n=889), quatro asserções (em Likert 1-5) foram analisadas por meio de estatística descritiva (variação de média e frequência relativa).

Destaca-se que, para esta escala Likert 1-5, 1 é “discordo totalmente” e 5 é “concordo totalmente”. As asserções analisadas foram: para que um projeto seja considerado científico, ele deve (1) envolver cientistas profissionais; (2) buscar responder a uma pergunta feita por um cientista ou grupo de cientistas; (3) buscar responder a uma pergunta de interesse da sociedade; e (4) somente cientistas profissionais devem monitorar a atividade de voo das abelhas sem ferrão.

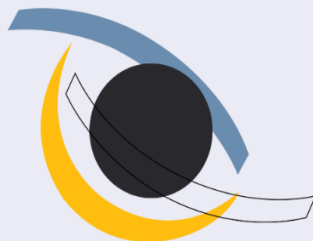
A média geral pré-curso para cada item é de, respectivamente: 2,58; 2,00; 4,21; e 1,74. A média pós-curso é de: 2,62; 2,12; 4,23; 1,29. O item (4) foi o que denotou maior variação de média. Como é a única asserção das analisadas que refere-se diretamente ao protocolo de monitoramento de voo, há forte indicativo de que os participantes reconheceram o protocolo e o curso corroborou para a percepção da viabilidade da ciência cidadã em meliponicultura.

Mesmo que para os demais itens as médias gerais não tenham variado significativamente após o curso, observou-se, em todos os casos, alterações das frequências relativas. Para a asserção (1), o pico de frequência relativa foi deslocado de 3 (espectro da neutralidade) para 2 (espectro da discordância). A frequência em 3 diminuiu também para as demais asserções. Para o item 4, destaca-se ainda o intenso incremento de frequência relativa em 1. Essas variações indicam que o curso fortalece e legitima perspectivas prévias.

Esta nova abordagem analítica possibilita também resgatar asserções outrora descartadas por Barbiéri *et al.* (2023), como os itens (1) e (2), que não integraram nenhum constructo de aprendizagem no estudo anterior. Na ocasião, tais respostas foram excluídas por não se alinharem à lógica esperada, uma vez que se projetava concordância dos participantes, mas as médias pré e pós-curso situaram-se no espectro da discordância.

Na atual conjuntura, a análise dessas asserções permite afirmar que a discordância não diz respeito à exclusão de cientistas profissionais do processo científico, mas sim à percepção de que outros atores também devem participar de suas dinâmicas. Tal interpretação é sustentada pela alta média (concordância) no item (3) e pelas baixas médias (discordâncias) no item (4). Os participantes compreendem, portanto, que a ciência não deve se restringir aos cientistas e que um projeto científico deve estar vinculado aos interesses da sociedade.

Por fim, a divulgação científica revelou-se crucial não apenas para a análise dos dados, como ainda para reconectar ciência e meliponicultores em convergência a práticas sustentáveis, trocas de experiências e uma aproximação saudável entre academia e sociedade civil.



Palavras-chave: Meliponicultura; Divulgação científica; Percepção da ciência; Curso de extensão; Sustentabilidade.

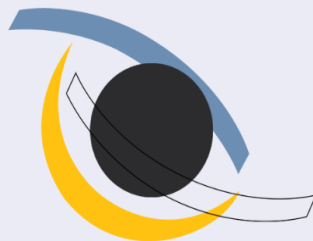
REFERÊNCIAS

BARBIÉRI, C. *et al.* Evaluation of a Bee-Focused Citizen Science Training Process: Influence of Participants' Profiles on Learning. **Sustainability**, v. 15, n. 18, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su151813545>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BARBIÉRI, C; FRANCOY, T. Modelo teórico para análise interdisciplinar de atividades humanas: a meliponicultura como atividade promotora da sustentabilidade. **Ambiente & Sociedade**, v.23, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20190020r2vu2020L4AO>. Acesso em: 26 jul. 2025.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. Ciência e público: reflexões sobre o Brasil. **Redes**, Argentina, v. 15, n. 30, p. 105-124, 2009. Disponível em: <https://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/416>. Acesso em: 20 jul. 2025.

VALÉRIO, M.; TAKATA, R. Afinal, o que é divulgação científica? Explanação e proposição de uma definição plural. **Pro-Posições**, v. 36, p. e2025c0502BR, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2024-0047BR>. Acesso em: 20 jul. 2025.



PROJETO DE PESQUISA

Podcast jornalístico no contexto do Projeto CacauClima: comunicação climática e divulgação científica para uma cacauicultura resiliente

Talita Gantus-Oliveira¹
Claudia Castellanos Pfeiffer²
Simone Pallone de Figueiredo³

O presente trabalho tem como objetivo discutir o papel da comunicação climática e da divulgação científica no âmbito do projeto Solução de Monitoramento Inteligente Climático nas Esferas Produtiva e Ambiental da Cacauicultura (Projeto CacauClima), que busca desenvolver soluções inovadoras para monitoramento climático em sistemas agroflorestais de cacau no Sudeste da Bahia. Assim, a fundamentação teórica deste trabalho integra resiliência climática, agroecologia, comunicação pública da ciência e educomunicação.

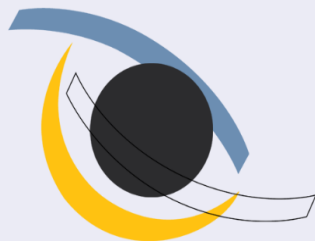
A relevância do CacauClima se apoia nos impactos crescentes das mudanças climáticas sobre a agricultura familiar e os sistemas agroflorestais tropicais, onde a variabilidade hídrica e térmica afeta a produtividade e resiliência dos ecossistemas e das comunidades. A metodologia do projeto é interdisciplinar e integradora, combinando sensores climáticos de baixo custo, inteligência artificial aplicada a imagens de satélite, grupos focais e mobilização da ciência cidadã, envolvendo diretamente os agricultores no monitoramento ambiental. Em vista disso, o escopo da proposta de popularização da ciência do CacauClima discutida neste trabalho é o de ampliar o acesso de agricultores e da sociedade a informações científicas sobre os riscos climáticos e as estratégias de adaptação e resiliência por meio de sistemas agroflorestais de baixo carbono.

Para tanto, o CacauClima realizará ações de divulgação científica, como a produção de uma série de episódios para o podcast Oxigênio, iniciativa do Labjor/Unicamp, que abordarão impactos das mudanças climáticas na cacauicultura, estratégias de adaptação, saberes tradicionais e o papel da ciência cidadã, realizando entrevistas com fontes diversas – incluindo agricultores, técnicos locais, pesquisadores e lideranças comunitárias. Dessa maneira, a comunicação climática deve ultrapassar a

¹ Pós-doutoranda da Faculdade de Engenharia Civil e Arquitetura da Universidade Estadual de Campinas. tgantus@gmail.com

² Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas. claupfe@unicamp.br

³ Pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas. spallone@unicamp.br



mera transmissão técnica de dados, assumindo uma função educativa, crítica e dialógica, especialmente junto a públicos não especializados.

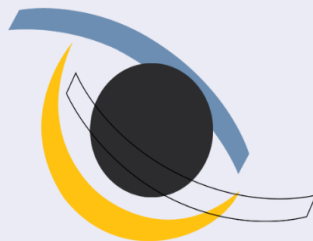
Entre os resultados esperados com essa proposta destacam-se a ampliação do acesso dos agricultores e da sociedade a informações científicas sobre riscos climáticos e estratégias de adaptação e resiliência, o fortalecimento do letramento científico e climático, o fomento a práticas agrícolas sustentáveis e o suporte a decisões informadas em níveis comunitário e institucional. O podcast visa romper a bolha acadêmica – pela possibilidade de circular nos ambientes dos atores entrevistados –, valorizar saberes locais e promover um diálogo entre ciência e sociedade, com potencial para engajar ouvintes em práticas políticas, pesquisa-ação e valorização da ciência como ferramenta de transformação social.

A proposição de divulgação científica do CacauClima através do podcast com esses objetivos expostos anteriormente se dá justamente porque a discussão levantada no presente trabalho aponta barreiras na divulgação climática. Nota-se que há uma desconexão entre as narrativas midiáticas convencionais e a realidade das populações afetadas, que enfrentam abordagens tecnicistas e descontextualizadas das mudanças climáticas. Além disso, essas abordagens desconsideram os diferentes níveis de compreensão, além de não levarem em conta linguagens acessíveis aos públicos mais vulneráveis. Com isso, o podcast jornalístico narrativo surge como possibilidade de resposta, assumindo um posicionamento político que reconhece a subjetividade e historicidade dos processos comunicativos, desafiando a suposta neutralidade científica e jornalística.

Ao incorporar elementos do jornalismo literário e da linguagem radiofônica, o podcast Oxigênio se torna instrumento formativo e afetivo, construindo sentidos e engajamento. A divulgação científica é, assim, compreendida como uma mediação crítica entre ciência, sociedade e políticas públicas, permitindo desnaturalizar discursos hegemônicos, como o do agronegócio, e oferecer narrativas pautadas na justiça ambiental, agroecologia e valorização dos saberes populares. A pauta jornalística, longe de ser neutra, deve ser usada como ferramenta de responsabilização socioambiental. O podcast, nesse sentido, torna-se um território simbólico e político para disputar narrativas, visibilizar saberes plurais e mobilizar ações coletivas em defesa de um futuro mais justo e sustentável.

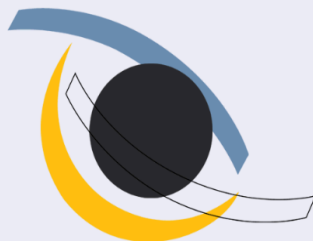
A experiência do CacauClima buscará demonstrar que é possível comunicar ciência de forma engajada, integrando pesquisa, extensão e comunicação para contribuir na construção de um bem-viver coletivo. Por fim, conclui-se que divulgar ciência sobre mudanças climáticas exige compromisso ético, político e social, usando a pauta jornalística como ferramenta de responsabilização socioambiental. Após o desenvolvimento da proposta de divulgação científica do Projeto CacauClima, abre-se espaço para reflexões futuras que podem envolver o mapeamento e a análise dos impactos dessa iniciativa de popularização da ciência.

Palavras-chave: Cacaucultura; Podcast de ciência; Popularização da ciência; Educomunicação; Sistemas agroflorestais.



REFERÊNCIAS

- BUENO, W. C. (2010). “Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais”. *Informação & Informação*, v. 15, n. 1esp, p. 1–12.
- GATEAU-REY, L. *et al.* (2018). “Climate change could threaten cocoa production: effects of 2015–16 El Niño-related drought on cocoa agroforests in Bahia, Brazil”. *PLoS One*, v. 13, n. 7, p. e0200454.
- HEMING, N. M. *et al.* (2022). “Cabruca agroforestry systems reduce vulnerability of cacao plantations to climate change in southern Bahia”. *Agronomy for Sustainable Development*, v. 42, n. 3, p. 48.
- IPCC. (2019). “Climate change and land”. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/srccl/>. Acesso em: 23/07/2025.
- LITRE, G. *et al.* (2017). “O desafio da comunicação da pesquisa sobre riscos climáticos na agricultura familiar: a experiência de uso de cartilha educativa no Semiárido nordestino”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 40, p. 207–228.
- MENDES, L. B. (2019). “Contribuições da linguagem radiofônica em podcast de divulgação científica: o caso do programa ‘Oxigênio’”. 2019. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1095525>. Acesso em: 12/07/2025.
- MORAES, F. (2022). “A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza”. São Paulo: Arquipélago Editorial.
- QUINTEROS, C. C. (2023). “A comunicação pública do clima e riscos de desastres: imbricações comunicacionais sobre as políticas públicas em Curitiba, Brasil”. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27062023-160431/en.php>. Acesso em: 23/07/2025.
- TRINCA, M. D. (2024). “Podcasts narrativos de ciência: análise de público e interesse”. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2024.1407601>. Acesso em: 12/07/2025.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Universidades latino-americanas e mudanças climáticas:
uma investigação sobre a comunicação e as práticas institucionais**Mariana Ceci de França e Silva¹

O aquecimento global é amplamente reconhecido pela comunidade científica, com fortes evidências do papel central das atividades humanas nesse processo (ORESQUES, 2004). As respostas globais têm sido pontuais e desiguais, limitadas por falta de recursos, baixo engajamento social e político, escassez de financiamento e percepção insuficiente da urgência climática. Embora responsável por cerca de 11% das emissões globais de GEE, a América Latina é especialmente vulnerável aos impactos do aquecimento, como eventos extremos, escassez hídrica e insegurança alimentar, que afetam de forma desproporcional as populações mais vulneráveis (IPCC, 2023). Diante disso, é urgente a adoção de medidas integradas e eficazes para mitigar os efeitos da crise e evitar o agravamento de indicadores de saúde na região.

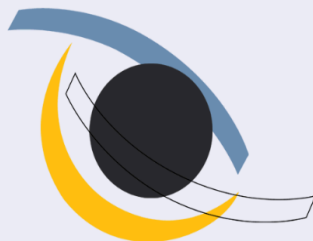
Kekäle e Pinheiro (2025) destacam que a implementação de ações eficazes contra a crise climática depende do reconhecimento de sua urgência por quatro grupos-chave: políticos e legisladores, com poder regulatório; o setor produtivo, responsável por adotar e difundir inovações sustentáveis; os cidadãos, como força de pressão social; e as instituições de ensino superior.

A contribuição mais evidente das instituições de ensino superior está na produção de conhecimento científico, fundamental para compreender e superar os desafios ambientais. No entanto, sua atuação vai além da pesquisa: elas também promovem o engajamento social, formam lideranças comprometidas com a causa climática e incentivam mudanças de comportamento na sociedade que se tornam cada vez mais necessárias. (LEAL FILHO, 2023). Além disso, podem funcionar como um elo importante, capaz de conectar os demais atores (sociedade, políticos e setor produtivo) necessários para o enfrentamento efetivo da crise.

O papel das universidades na crise climática tem ganhado reconhecimento, refletido na inclusão de critérios de sustentabilidade em sistemas de avaliação nacionais e internacionais, como os rankings universitários (BURMANN et al., 2021). No entanto, estudos apontam que essas métricas podem representar de forma limitada a integração real de práticas sustentáveis, favorecendo a construção de imagem institucional e, em alguns casos, práticas como greenwashing ou SDG-washing (BAUTISTA-PUIG, ODUÑA-MELEA e PEREZ-ESPARRELLS, 2022).

Embora estudos indiquem avanços na incorporação de questões ambientais no ensino superior latino-americano desde as décadas de 1970 e 1980, quando esses

¹Mestranda em Divulgação Científica e Cultural Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
E-mail: marianacecif@gmail.com



temas ganharam destaque no debate acadêmico, ainda há uma lacuna significativa na literatura quanto à evolução desse debate institucional ao longo do tempo na região (SÁENZ e BNAYAS, 2011), o que reforça a importância de pesquisas que analisem esse fenômeno sob diferentes perspectivas.

O objetivo desta pesquisa é investigar a prioridade dada pelas instituições de ensino superior da América Latina à comunicação de suas ações relacionadas ao enfrentamento da crise climática. A hipótese é que, embora muitas universidades desenvolvam ações pontuais sobre o tema, essas iniciativas tendem a ter baixa visibilidade e são, frequentemente, conduzidas de forma fragmentada, sem a interdisciplinaridade e a intersectorialidade necessárias à incorporação institucional efetiva.

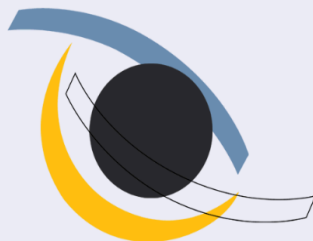
A metodologia adotada consiste na análise sistemática das informações públicas disponíveis nas páginas iniciais dos sites institucionais. A escolha por conteúdos de fácil acesso baseia-se na literatura que reconhece a comunicação eficaz como instrumento essencial no enfrentamento à crise climática (BADULLOVICH, 2025). A homepage funciona como vitrine institucional, refletindo seus valores e objetivos (MEYER, 2008).

Foram analisadas as instituições mais bem posicionadas nos rankings SCImago Institutions Rankings e Times Higher Education, em onze países latino-americanos selecionados por população e presença nos rankings: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Ambos os rankings consideram critérios ligados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

As iniciativas foram classificadas em cinco categorias: (1) Educacional – cursos e pós-graduação sobre mudanças climáticas; (2) Ensino – inserção do tema nos currículos e na formação docente; (3) Estudantil – comitês ou ações reconhecidas institucionalmente; (4) Institucional – planos, comitês ou departamentos voltados à questão climática; (5) Pesquisa – apenas centros multidisciplinares oficiais com títulos relacionados a mudanças climáticas, ambientais ou sustentabilidade, excluindo iniciativas pontuais de departamentos.

Na primeira etapa, foram analisadas 24 instituições de ensino superior presentes no SCImago Institutions Rankings, sendo 23 universidades e uma escola politécnica. Identificaram-se 51 iniciativas, majoritariamente da categoria Institucional (54,9%), seguidas de Pesquisa (25,4%), Educacional (11,7%), Ensino (5,8%) e Estudantil (1,9%). Das iniciativas, 34 não estavam diretamente na página inicial, mas foram localizadas por meio de planos institucionais ou estratégicos ali disponíveis. Apenas uma instituição, o Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey, apresentou um plano integrado com metas, avaliações periódicas e ampla divulgação na homepage.

A próxima etapa do estudo consistirá na análise das instituições presentes no THE. Em seguida, será feita uma análise comparativa entre os resultados obtidos na primeira e na segunda etapa. Os dados preliminares corroboram a literatura ao indicar que a principal fragilidade na resposta das universidades à crise climática reside na dificuldade de articular ações de forma sistemática, coordenada e interdisciplinar, integrando estruturas organizacionais, currículo, pesquisa e comunicação institucional.



Palavras-chave: Ensino superior; Mudanças climáticas; Divulgação científica; Rankings universitários; Comunicação científica.

REFERÊNCIAS

BADULLOVICH, N.; KOTCHER, J.; MYERS, T. A.; et al. Understanding six “key truths” about climate change predicts policy support, discussion, and political advocacy. *Climatic Change*, v. 178, n. 89, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10584-025-03934-3>.

BAUTISTA-PUIG, Núria; ORDUÑA-MALEA, Enrique; PEREZ-ESPARRELLS, Carmen. Enhancing sustainable development goals or promoting universities? An analysis of the Times Higher Education Impact Rankings. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, v. 23, n. 8, p. 211–231, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJSHE-07-2021-0309>.

BURMANN, Christoph; GARCÍA, Fernando; GUIJARRO, Francisco; OLIVER, Javier. Ranking the performance of universities: The role of sustainability. *Sustainability*, v. 13, n. 23, p. 13286, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su132313286>.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. Summary for policymakers. In: *CLIMATE CHANGE 2023: synthesis report*. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. LEE, H.; ROMERO, J. (eds.). Genebra: IPCC, 2023. p. 1-34. Disponível em: <https://doi.org/10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001>.

KEKÄLE, Jouni; PINHEIRO, Rómulo. Climate change, higher education and the wicked problem of time. In: KEKÄLE, J.; PINHEIRO, R. (Ed.). *Higher education policy for tackling climate change*. Cham: Palgrave Macmillan, 2025. cap. 1. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-78479-8_1.

LEAL FILHO, Walter; AINA, Yusuf A.; DINIS, Maria Alzira Pimenta; PURCELL, Wendy; NAGY, Gustavo J. Climate change: Why higher education matters? *Science of The Total Environment*, v. 892, 2023, p. 164819. ISSN 0048-9697. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2023.164819>.

MEYER, Katrina A. The “virtual face” of institutions: What do home pages reveal about higher education? *Innovative Higher Education*, v. 33, p. 141–157, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10755-008-9071-2>.

ORESQUES, Naomi. The scientific consensus on climate change. *Science*, v. 306, p. 1686, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1103618>.



SÁENZ, Orlando; BENAYAS, Javier. II. 6 Higher Education, Environment and Sustainability in Latin America and the Caribbean. 2011.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 12

Cultura, Representações e Narrativas

Debatedora:

Denise Carvalho

Autores:

Andrea Penteado

Fernanda Baruffaldi Lemos

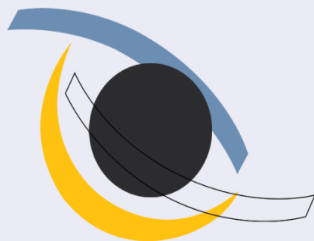
Maiara Rodrigues dos Santos Silva

Denise Westphalen de Souza Ramalho

Ana Carolina Alves Vicente

Camille Vitória Unger

Marcelle Pita de Sousa do Carmo



Arte como experiência na formação de professores de arte: investigação da prática artística ontológica.

Andrea Penteado (De Menezes)¹

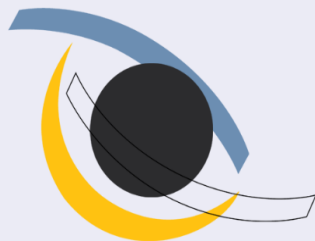
Apresentamos uma investigação pedagógica realizada com estudantes de licenciatura em artes visuais e expressão gráfica em uma Universidade Federal, realizada nos períodos de 2022.1 a 2023.2, no componente curricular Arte e Educação.

Atuando no contexto da formação de professores para o ensino das artes, partimos da hipótese de que a prática artística regular é dotada de processo cognitivo próprio, que opera com potencialidades humanas não necessariamente racionais, e que é instauradora de saúde psíquica, de modo que o exercício regular da arte pode contribuir para o amadurecimento saudável dos sujeitos. Assim, ao pensarmos o curso de formação desses futuros docentes, nos aproximamos dos estudos da psicologia junguiana e de outros horizontes teóricos já investigados em pesquisas anteriores, pautados na sociologia e antropologia (DURAND, 1988;), na psicologia da arte como experiência (DEWEY, 2010), na filosofia da educação (DUARTE JUNIOR, 1981) e em escritos de artistas. Esses pensadores apresentam ora pontos de encontro ora disputas na compreensão da arte para o desenvolvimento humano, mas valorizam, geralmente, a produção de fazeres artísticos sensíveis, bem como a possibilidade de pensar essas experiências para além dos paradigmas contemporâneos e hegemônicos que atribuem à arte uma funcionalidade pragmática. Esse pragmatismo contemporâneo objetifica a natureza subjetiva da experiência estética conformando seu caráter criador e subversor. Na perspectiva empreendida, portanto, não era uma investigação sobre arte, mas sobre o que nominamos por arte e sobre todas as possibilidades que excluímos ao tratar por arte apenas um recorte específico dado pelas relações de mercado.

Cada curso teve 15 encontros, com duas horas e meia de duração, divididos em três partes: o *Eu com a Arte* – a experiência de cada um com a arte; *Meu Pequeno Artista na escola* – experiências de representação das memórias de infância e adolescência em relação às práticas artísticas durante a escolarização e Avaliação do processo e *Eu como professor de arte*: possibilidades e investigações.

Nos cursos, propusemos a aprendizagem da arte a partir da promoção de experiências artísticas com objetivo principal de explorar a dimensão do fazer, em que a arte se aprende e apreende pela experiência estética sensível (DEWEY, 2010). Em cada encontro, uma ou mais práticas foram realizadas e buscamos amplificar os sentidos possíveis atribuídos àquelas experiências para além dos determinantes

¹ Docente de Arte e Educação, Didática e Prática de Ensino das Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail andrapenteado65@hotmail.com.



culturais eurocêntricos a que estamos habituados, observando suas dimensões culturais, antropológicas, ontológicas e psicológicas.

À elaboração realizada através da produção de trabalhos de arte, alguns individuais, outros coletivos, seguia-se a partilha dos sentidos e significados pessoais ecoados por cada participante através da amplificação oral ou da escrita poética. Cabe destacar que a amplificação não tinha a pretensão de justificar e objetificar a experiência, mas explorar sua significância simbólica, única para cada pessoa. Como Jung, entendemos que não é possível *explicar* a obra de arte por meio de sua racionalização, apenas é possível *compreendê-la* como produção de *si mesmo*, pela qual podemos conhecermo-nos mais e melhor (JUNG, 2013). Entendemos que é através dessa potencialidade que a prática artística instaura saúde psíquica, uma vez que abre possibilidades para o autorreconhecimento.

Como resultado dessas experimentações são diversos os relatos dos licenciandos, as e os, apontando para o deslocamento e a potência transformadora de praticar as experiências artísticas, ao invés de falar sobre arte. Não há espaço nesse breve resumo para muitos compartilhamentos, mas gostaríamos de trazer o relato de um estudante: “[foi] uma cura da criança interior. É um desafio a nunca sermos descuidados com os modos como tratamos o presente e o futuro de uma criança”, dando indícios da transformação de sua compreensão acerca das futuras crianças com quem trabalhará, tendo a arte como prática pedagógica que permite a consciência de si.

Após essas experiências, conseguimos apontar algumas conclusões sobre a premissa de favorecer a prática artística regular às pessoas, crianças, jovens e adultos como ferramenta de autocuidado e não apenas trazer a arte na perspectiva de produção e consumo dada pelo mercado de trabalho.

Como apontado por Jung (2013), a alma humana precisa do processo criativo para alimentar-se e crescer, e a criatividade, com aponta Dewey (2010), tem a arte por excelência como melhor meio de existir.

Ainda que não possamos – e nem desejemos – descartar a multiplicidade de entendimentos sobre a arte e sobre o papel que exerce na sociedade, destacamos a importância ontológica da experiência estética e sensível como instauradora de saúde psíquica humana, afinal, a natureza do sentido artístico é uma permissão para a expressão material do imaginário, promovendo no interior dos sujeitos a possibilidade de crescimento de suas próprias almas, de suas próprias psiques, de suas próprias imagens.

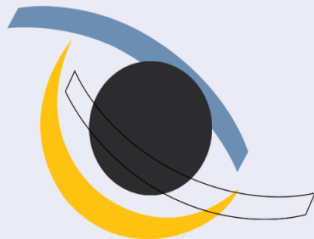
Palavras-chave: Arte como Experiência; Pedagogias da Arte; Arte como Educação.

REFERÊNCIAS

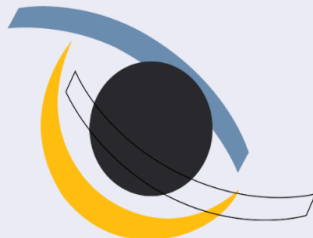
DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados [Uberlândia, MG, Universidade de Uberlândia], 1981.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.



JUNG, Carl G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 2013.



Divulgação científica no universo da gemelaridade: relato de experiência como bolsista do Painel USP de Gêmeos

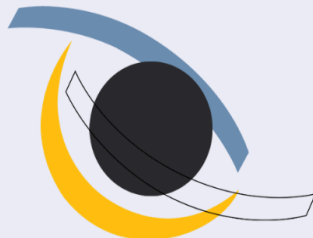
Fernanda Baruffaldi Lemos¹

O presente relato apresenta minha experiência como aluna de psicologia e bolsista de divulgação científica do projeto Painel USP de Gêmeos, um temático FAPESP desenvolvido no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em parceria com a Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e a Faculdade de Odontologia da USP (FOUSP), sob orientação da professora Emma Otta. Criado em 2017, o Painel é um projeto interdisciplinar que produz e divulga pesquisas sobre comportamento, saúde e bem-estar de gêmeos, reunindo diversas áreas. Meu papel foi atuar na comunicação e na extensão, aproximando o público dessas pesquisas, sem apenas informar resultados, mas conectando estes às experiências cotidianas das famílias e dos próprios gêmeos, traduzindo para uma linguagem acessível tanto ao público leigo, quanto ao público academicista.

Realizar a divulgação científica é sempre marcante e desafiador, mas um dos momentos que gostaria de destacar, em que então vi o propósito dessa atuação, foi durante a criação do projeto “Conexão gêmeos: refletindo a pesquisa na prática”, o qual visa aproximar estudos científicos de assuntos que atravessam o cotidiano de gêmeos e seus familiares. O ponto de partida foi a dissertação de mestrado de Isabela França (2020), que investigou perspectivas maternas sobre a separação ou permanência conjunta de gêmeos na escola, o qual pautou o podcast a respeito do assunto “Gêmeos na escola: juntos ou separados?” e a posterior roda de conversa sobre esse dilema tão comum nas escolas e nas casas de gêmeos. O desafio era transformar um estudo acadêmico, denso e rigoroso em termos metodológicos e conceituais, em um diálogo ativo e compreensível para pais, educadores e os próprios gêmeos. Nesse processo, aprendi que traduzir ciência não é “simplificar”, é reorganizar e aplicar a informação para que faça sentido no contexto de quem a recebe, mantendo o rigor que os estudos científicos pedem. O episódio reuniu a pesquisa de Isabela, a experiência clínica de Liana Kupferman e o relato pessoal de Elisa Sheibe, mãe de gêmeos e fundadora da primeira plataforma do Brasil para mães de Gêmeos, a “Gêmeos Me Two”. O resultado foi um espaço onde teoria e prática se entrelaçaram, permitindo que dados científicos fossem interpretados à luz das histórias e desafios reais que os participantes compartilharam. Pensar em um roteiro para o podcast foi uma tarefa desafiadora, mas gratificante.

Essa mesma lógica se repetiu em outras frentes do meu trabalho. Ao atualizar o site do Painel, percebi que não bastava listar pesquisas concluídas: era preciso oferecer resumos claros, contextualizar resultados, incluir links de acesso aberto e, sempre que possível, transformar dados em narrativas. No Instagram e Facebook, postagens sobre descobertas científicas ou curiosidades sobre gemelaridade exigiam escolhas cuidadosas: quais termos usar? Qual tom adotar para que a informação fosse atraente, sem perder a precisão? Todos esses fatores são comuns e de extrema importância na prática do jornalismo científico.

¹Graduanda em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do Programa Unificado de Bolsas – Pró-Reitoria de Graduação (USP). E-mail: fernanda_bl@usp.br



A cobertura do documentário “Entre Dois Mundos” e a divulgação da mesa-redonda sobre a HQ “Gêmeos” mostraram outro desafio: lidar com formatos e públicos diferentes. O documentário, produzido por estudantes de jornalismo da ECA-USP, sob orientação do professor Renato Levi Pahim, acompanha o trabalho do Painel USP de Gêmeos em suas múltiplas frentes, desde os objetivos da criação do projeto até a coleta e análise de dados em pesquisas acadêmicas, com o contato direto com famílias, por exemplo. Com entrevistas, imagens de bastidores e relatos, ele já nasce como produto de divulgação científica, apresentando de forma audiovisual e acessível a atuação do projeto. Já a HQ “Gêmeos” (Monticelli, 2025) conta a história de Tomaz e Gabriel escrita por Cordeiro de Sá, irmãos separados na infância que se reencontram anos depois. Apesar de não ser uma pesquisa científica, a obra se tornou, na mesa redonda organizada em Ribeirão Preto, um ponto de partida para discutir questões investigadas pelo Painel, como identidade, laços afetivos e impacto da separação na vida de gêmeos, fatores retratados no livro “A história dos irmãos gêmeos Tomaz e Gabriel” (Martinez, 2024). A mesa redonda sobre a HQ funcionou como mediador entre pesquisadores e o público. Em ambos os casos, meu papel foi criar pontes entre ciência, arte e mídia, reforçando a noção de que divulgação científica é, antes de tudo, composta por escuta, por observação e por escolha de linguagens e ferramentas capazes de engajar diferentes públicos.

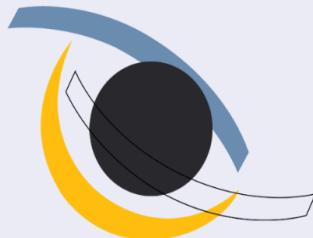
Essas experiências evidenciaram que a divulgação científica é parte importante do processo de construção de conhecimento. No Painel USP de Gêmeos, isso se traduz em abrir canais que aproximam pesquisa e comunidade, permitindo que famílias, profissionais e gêmeos se reconheçam nos estudos, participem deles e percebam que a ciência não é restrita, ela também fala a sua língua.

Palavras chave: Divulgação científica; Gemelaridade; Extensão universitária; Comunicação digital; Desafios.

REFERÊNCIAS

- MARTINEZ, Wanise; OTTA, Emma.** *A história dos irmãos gêmeos Tomaz e Gabriel contada por Wanise Martinez*. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2024. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1355>. Acesso em: 08 ago. 2025
- MONTICELLI, Patrícia Ferreira.** *A história de Tomaz e Gabriel contada por Cordeiro de Sá*. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2025. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1502>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- PAINEL USP DE GÊMEOS.** Conexão Gêmeos: Refletindo a Pesquisa na Prática – Episódio 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1uMX8Fk5skE>. Acesso em: 9 ago. 2025.
- PAINEL USP DE GÊMEOS.** Perfil oficial no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/paineluspdegemeos/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

¹Graduanda em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do Programa Unificado de Bolsas – Pró-Reitoria de Graduação (USP). E-mail: fernanda_bl@usp.br



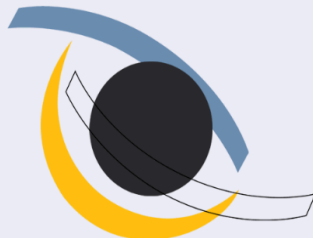
PAINEL USP DE GÊMEOS. Postagem no Instagram sobre a estreia do documentário *Entre Dois Mundos*. Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DL-wLwPSzTz/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

PAINEL USP DE GÊMEOS. Postagem no Instagram sobre a mesa-redonda da HQ *Gêmeos*. Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKGOajANgn/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

PAINEL USP DE GÊMEOS. Site institucional. Disponível em: <https://www.paineluspdegemeos.com.br/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

PEREIRA, Isabela França. Perspectivas maternas sobre separar ou não os gêmeos na escola: uma abordagem psicoetológica das causas e consequências. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

¹Graduanda em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do Programa Unificado de Bolsas – Pró-Reitoria de Graduação (USP). E-mail: fernanda_bl@usp.br

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Título: Os fanzines são (um) horizonte para a divulgação científica?
Relato de uma experiência de comunicação contra-hegemônica

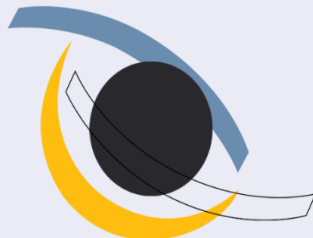
Maiara Rodrigues dos Santos Silva¹

A proposta desta comunicação é demonstrar de que maneira os fanzines podem funcionar como plataformas de divulgação científica e cultural a partir de um experimento com a publicação de dois materiais: o METAZINE #1 e o METAZINE #2, cujo objetivo principal era apresentar as discussões de minha pesquisa de mestrado de forma acessível para um público externo à universidade. Para tanto, foram utilizados elementos visuais e verbais para a construção de sentidos sobre o tema de minha dissertação - o discurso sobre o aborto presente em fanzines anarcofeministas brasileiros e argentinos dos anos de 1990 -, bem como foram divulgadas cópias impressas do material na estante do IEL-UNICAMP e publicados alguns de seus recortes na página do instagram do grupo de pesquisa Mulheres em Discurso. Ambas as formas de circulação permitiram um maior intercâmbio com pessoas de diferentes contextos sociais.

Os fanzines são publicações amadoras de baixo (ou nenhum) custo produzidas principalmente por fãs de arte e por militantes de alguma causa (anarquistas, feministas, punks, rappers etc.) que buscam debater ideias a partir de diferentes gêneros (poesia, artigo, ensaio etc.) e materialidades (visual, verbal etc.). Ora denominados como revistas alternativas (MAGALHÃES, 1994), ora como literatura marginal, é comum a esse tipo de publicação o desejo de comunicar e de intercambiar ideias que não costumam circular nas mídias mais tradicionais. Imersa nas análises de fanzines, decidi usá-los como forma de comunicação de meu próprio trabalho.

A primeira publicação do METAZINE aconteceu durante o meu exame de qualificação de mestrado, em novembro de 2024, e contou com a impressão de 15 cópias do material distribuídas entre amigos, banca e pessoas interessadas em folheá-lo. Essa primeira publicação consistiu na exposição de meu percurso de pesquisa e de discussões teóricas e analíticas acerca de meu corpus de análise, como, por exemplo, o modo como a ironia era utilizada para questionar a criminalização do aborto no Brasil e na Argentina durante o período de redemocratização em ambos os países. A recepção do material foi bastante positiva, tanto por parte da banca quanto des leitores externos que o leram. Passado o exame de qualificação, a versão digital do zine foi publicada na conta do instagram do grupo Mulheres em Discurso, o que aumentou ainda mais a sua circulação entre o público externo à UNICAMP. Na semana seguinte à qualificação, fui convidada pela minha então orientadora, Mônica

¹ Doutoranda em Linguística no IEL-UNICAMP. E-mail: m247261@dac.unicamp.br.



Zoppi, a falar sobre a produção do zine em uma de suas aulas. Nesse momento, es discentes da disciplina deram sugestões importantes que contribuíram para a melhoria do próximo METAZINE: o da versão final da dissertação.

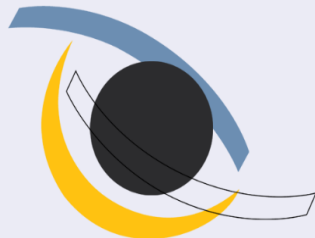
O METAZINE #2, elaborado para a minha defesa de meu mestrado, foi editado de acordo com as sugestões dos leitores e com os novos resultados da pesquisa, que contaram com a interlocução de um personagem chamado *Michito*, cujo papel era formular questões “cotidianas” sobre o meu trabalho. Ademais, a diagramação desse material foi inspirada na estética dos fanzines produzidos nos anos de 1990, compostos por folhas em preto e branco e colagens de imagens e letras retiradas de diferentes revistas/jornais. Assim como o primeiro zine, este também foi publicado no instagram do grupo de pesquisa e contou com a participação de diferentes leitoras/es.

Dada a receptividade do material, bem como as possibilidades que a materialidade dos fanzines me deram de pensar a comunicação de minha pesquisa não apenas em termos de adaptação linguística/comunicativa, mas também estética, pretendo, com esta comunicação, suscitar o questionamento se a produção desse tipo de mídia poderia nos apresentar um horizonte à divulgação científica. Nesse sentido, almejo pensar, junto com o público presente, modos de circulação e recepção de pesquisas acadêmicas a partir de uma comunicação contra-hegemônica.

Palavras-chave: Fanzines; Comunicação Contra-hegemônica; Relato de Experiência; Divulgação Científica.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Palhaçaria direcionada à pessoa idosa**Denise Westphalen de Souza Ramalho¹

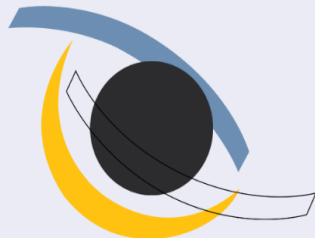
A palhaçaria direcionada à pessoa idosa, enquanto linguagem artística, configura-se como uma forma sensível de comunicação. Aplicada em instituições de longa permanência e no contexto da saúde, contribui para um envelhecimento mais saudável e significativo. Essa arte atua como ferramenta de escuta, presença, simbolização e expressão de afetos por meio do riso. Mais do que entreter, a palhaçaria cria vínculos, valoriza trajetórias de vida e reconhece a singularidade de cada pessoa, respeitando seu tempo, suas histórias e suas memórias.

Desde 2017, o Projeto atua com o propósito de levar a arte da palhaçaria a pessoas idosas residentes em instituições de longa permanência, transformando encontros em experiências de escuta, acolhimento e presença genuína. Idealizado pelo palhaço Kiko Tinto de Sá Pato e, atualmente, realizado por ele em parceria com a palhaça Mar de Sá Pato, ambos com sólida trajetória na palhaçaria hospitalar, o projeto constrói uma poética do cuidado que transcende o riso, alcançando memórias, afetos e subjetividades.

As visitas não se limitam ao entretenimento: constituem exercícios de escuta sensível, nos quais o improviso se ancora nas histórias de vida, nos gestos e nas expressões de cada residente. O nariz vermelho, nesse contexto, funciona como um mediador simbólico capaz de dissolver barreiras e criar um espaço seguro para a expressão emocional. Ao longo dos anos, observou-se que a presença dos palhaços promove não apenas momentos de alegria, mas também favorece a resignificação de vivências e a reconstrução de vínculos sociais. Em um cenário em que o isolamento e a invisibilidade frequentemente marcam o envelhecimento, a palhaçaria se apresenta como dispositivo de humanização e acolhimento psíquico, reafirmando a dignidade e a singularidade de cada pessoa idosa.

Composta por artistas profissionais, a direção artística do projeto é construída de forma colaborativa, por meio de reuniões que alinham a linguagem a ser trabalhada, a construção de repertório, os jogos direcionados ao público idoso, bem como a definição de figurinos e maquiagens específicas da palhaçaria. As escolhas estéticas e éticas são orientadas não apenas por fundamentos artísticos, mas também por referências teóricas oriundas da gerontologia e das artes do cuidado. Além disso, as decisões se apoiam em pesquisas científicas estudadas e debatidas por ambos os integrantes.

¹ Pós-graduanda do curso de Palhaçaria Hospitalar (EPAH) em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: denise_ramalho@yahoo.com.br



As visitas e intervenções artísticas acontecem semanalmente em dois lares da cidade de Curitiba: o Asilo São Vicente de Paulo, que abriga cerca de 150 moradoras, e o Recanto Tarumã, com aproximadamente 120 moradores, além de suas respectivas equipes técnicas. Nas atuações não há roteiro fixo ou fórmula predeterminada. As visitas são guiadas pela escuta sensível, pela atenção ao grupo e pelas necessidades emocionais, físicas e psicológicas dos idosos. A conexão é o que mais importa e ela pode se manifestar em risos, abraços ou silêncios cheios de significado.

Essa flexibilidade metodológica torna a palhaçaria uma potente ferramenta para resgatar memórias, valorizar histórias de vida e estimular a expressão pessoal. Para muitos idosos, os encontros representam uma oportunidade de reafirmar sua identidade e autonomia, frequentemente fragilizadas em instituições de longa permanência.

O projeto está alinhado ao Estatuto do Idoso, especialmente ao artigo 20, que garante o direito à cultura, ao esporte e ao lazer. Mais do que entretenimento, o projeto reafirma a arte como direito fundamental e componente essencial de um envelhecimento digno. Além dos residentes, a presença dos artistas impacta positivamente cuidadores, profissionais e familiares, contribuindo para um ambiente mais humanizado nos espaços de cuidado. A arte, nesse contexto, transforma relações, estimula afetos e favorece um envelhecer mais ativo, sensível e significativo.

Relatos de moradoras indicam que a presença dos artistas desperta alegria e vontade de participar, rompendo a monotonia cotidiana dos lares. A palhaçaria, mais que uma forma de entretenimento, revela-se mediadora de emoções complexas, como o luto, a ansiedade e os conflitos de convivência. O projeto colabora para a construção de um ambiente mais acolhedor, pautado pela escuta, pelo afeto e pelo respeito.

O humor emerge, nesse contexto, como ferramenta essencial para um envelhecimento com dignidade e leveza. Como afirmam os próprios artistas: “O riso abre espaço para o afeto, para o diálogo, para uma vida mais leve. Nosso trabalho é lembrar a importância disso.”

Palavras-chaves: *Clown Terapêutico*¹; Direitos dos Idosos²; Felicidade³; Medicina nas Artes⁴; Riso⁵.

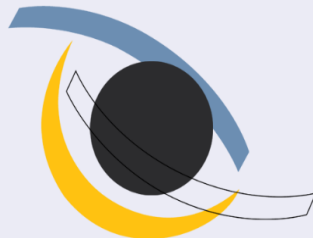
REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Pessoa Idosa. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Alterada pela Lei nº 14.423, de 2022. Brasília: Presidência da República, 2022.

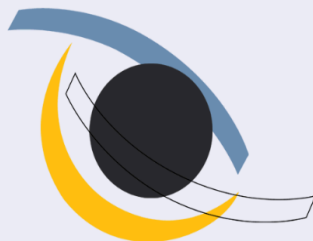
CASTRO, Lili. Multiplicidade, performance e hibridismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Morula, 2019.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre o significado do cômico (*Le rire: essai sur la signification du comique*). Lisboa: Relógio d'Água, 2019.

BOLOGNESI, Mário Fernando. "O corpo como princípio." Revista de Filosofia, Marília, SP, v. 24, n. 1, p. 101–112, 2001



ANTONIO, Flávia Marco. *Una bella visita. Interazione con gli anziani affetti da demenza, Trento, Italia, Erickson. 2024*

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Como chegamos até aqui?: um panorama histórico dos museus e centro de ciência itinerantes brasileiros**Ana Carolina Alves Vicente¹Jessica Norberto Rocha²

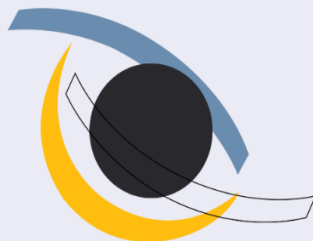
Este trabalho busca contribuir com a construção do panorama histórico dos museus e centros de ciência itinerantes no Brasil. Esta pesquisa insere-se nas reflexões da pesquisa de mestrado da primeira autora, feita a partir de uma revisão narrativa de literatura de publicações e estudos da área de divulgação científica, museologia, história da ciência, e educação, escolhidos com base na sua disponibilidade.

Esta pesquisa surge da necessidade de entender o desenvolvimento dessa prática, que se tornou uma forma popular de divulgar ciência no país ao longo século XXI (De abreu et al., 2022). Essa popularidade dá-se pela característica portátil das suas exposições e atividades: por possuírem um veículo próprio, no qual transportam sua coleção, os museus e centros de ciência itinerante podem montá-las ao redor ou dentro do próprio veículo (Bose, 1983; Xavier, 2012; Norberto Rocha, 2018; Gonzalez, 2022). Assim, suas exposições podem ser transportadas facilmente a áreas distantes dos centros urbanos ou regiões violentas, onde os equipamentos culturais são escassos (Xavier, 2012; Rees, 2016; Massarani; Norberto Rocha, 2021). No Brasil, essa torna-se uma valiosa modalidade, uma vez que os equipamentos científico-culturais são distribuídos desigualmente ao longo do território brasileiro (Massarani et al., 2015), são uma forma de interiorizar a divulgação científica, democratizando o acesso à ciência e cultura. Todavia, ainda são poucos os estudos versando-se sobre a história dos museus e centros de ciência itinerante no país (e.g. Xavier, 2012; Norberto Rocha, 2018), sendo um deles publicado pela segunda autora, e orientadora da pesquisa de mestrado, no EDICC em 2017 (Norberto Rocha; Marandino, 2017).

A mais antiga experiência encontrada neste estudo se dá com o Museu Nacional no século XIX. Internacionalmente, o museu representou o Brasil nas exposições universais e internacionais nas cidades de Londres (1862), Paris (1867), Viena (1873), Filadélfia (1876), Paris (1878 e 1889) (Ferreira, 2011; Sily, 2012). Já nacionalmente, o museu levava seu acervo além dos portões através de empréstimos a escolas. Ainda que alguns empréstimos tenham sido realizados entre 1822 e 1839 para a Academia Militar da Corte, a Escola de Medicina da Corte e ao Colégio Pedro II (Pereira, 2010; Sily, 2012), essa só é oficialmente institucionalizada em 1890, quando

¹ Mestranda em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde na COC/Fiocruz. anavicente@id.uff.br

² Fundação CECIERJ

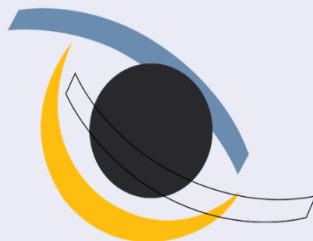


o Museu Nacional é então encarregado de fornecer materiais didáticos à escolas da Corte (Sily, 2012). A prática foi intensificada nas décadas de 1910 a 1930, tendo documentos que indicam seu encerramento já em 1942 (Sily, 2012). Uma personagem importante nesse período é Bertha Lutz, que em seu relatório “A função educativa dos museus”, de 1933, defende o empréstimo de coleções como uma ação educativa para o público escolar (Sily, 2012). Os estudos de Grola (2014) trazem indícios que o Museu Paulista também pode ter contribuído para a construção de museus escolares, ao comprar dez kits de taxidermia com destino a escolas paulistas em 1897.

Ao longo do século XX, identificamos a discussão da itinerância sendo trazida por diversos atores. Solon Leontsinis, educador do Museu Nacional, propôs um serviço de exposições circulantes em escolas (Costa, 2021). José Reis, entre os anos 1940 e 1950, como membro na comissão executiva da criação de um Museu de Ciência na cidade de São Paulo, propôs a itinerância como uma das atividades do museu (Reis, 2018). Já Trigueiros (1958) publicou a obra “Museu e Educação”, o qual dedica um de seus capítulos para a itinerância e os museus-ônibus. Na revista *Museum*, encontramos também outras citações a itinerância no Brasil, como Bardi (1948), apontando o desejo do MASP de montar um caminhão para itinerar com exposições pelo estado; Camargo-Moro (1982) mencionando sobre um projeto integrado entre 12 museus do Rio de Janeiro para a circulação de exposições dentro do estado; Oliveira e Chagas (1983), comentando os planos do departamento de museologia do Museu do Homem do Nordeste em organizar uma unidade móvel para possibilitar que o museu vá a outros museus no norte e nordeste; e Novaes (1989), relatando sobre a unidade móvel do Museu do Índio, no qual uma unidade móvel que circulava escolas de diversos estados brasileiros com materiais educativos sobre a questão indígena (Novaes, 1989).

Nesse período, também encontramos atividades de itinerância, como: a exposição “o átomo”, de 1954, e o Laboratório Itinerante, de 1962, organizados pelo IBECC (Abrantes, 2008; Norberto Rocha, 2018); A exposição “Átomos em ação”, da Comissão Nacional de Energia Nuclear em 1961 (Norberto Rocha, 2018); As ações extramuros do Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro, nos anos 1980 (Gaspar, 1993; Almeida, 2004; Cavalcanti; Persechini; 2011). O projeto “O Museu vai à Praia”, do Museu de Astronomia e Afins, realizado entre 1987 e 1989, no Rio de Janeiro (Novaes, 1989; Mingues, 2014), sendo também foi realizada nas praias paraenses, por uma parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (Santos; Rodrigues; Silva, 2024); As reuniões da SBPC Jovem, em 1993 (Roitman, 2018); A criação da Praça da Ciência Itinerante, em 1997, da fundação CECIERJ (Enne, 2010).

A primeira experiência de um veículo adaptado para receber exposições (Norberto Rocha, 2018) foi o museu itinerante José Hidas, criado em 1965 em Goiânia, funcionando por quase duas décadas (Perrotti, 2005). Em nosso estudo, encontramos outras experiências de museus itinerantes no período, nomeadamente: o Trem da Cultura (1975-1978) (Matos, 2015; Silveira, 2014); o Trem do Centenário (1984) no Paraná (Correio do Povo, 1984; Martins, 2015); o “Trem da Integração” (1986-1987) em São Paulo (Matos, 2015; Museu Ferroviário, 2017); e o Museu Itinerante Memória Carris (1988-2017), em Porto Alegre. A partir do século XXI, observamos um aumento no número de museus de ciência itinerantes (Massarani et al., 2009; Massarani et al., 2015; Norberto Rocha, 2018). Entre 2009 e 2018, o país já



havia contado com 46 projetos no total, concentrados na região sul-sudeste do país, refletindo o mesmo cenário dos museus estacionários. Planos futuros desta pesquisa é realizar um levantamento atualizado dos museus itinerantes do país, dado as mudanças políticas e econômicas ocorridas no Brasil desde 2018.

Palavras-chave: Divulgação Científica; museus e centros de ciência; museus itinerantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla. Brasiliana Fiocruz. Portal Fiocruz. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start1413.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Exposição virtual “Caminhos dos Arquivos – Nossas Histórias, Nossas Heranças” - 10ª edição. Porto Alegre: APERS, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/exposicao-virtual-caminhos-dos-arquivos-nossas-historias-nossas-herancas-10-edicao>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BARDI, P. M. L'expérience didactique du musée de arte de Sao Paulo. Museum International (Edition Française), v. 1, n. 3-4, p. 138-142, 1948.

BOSE, A. Mobile Science Exhibition. Calcutta, India: Unesco Regional Office of Science and Technology for South and Central Asia, 1983.

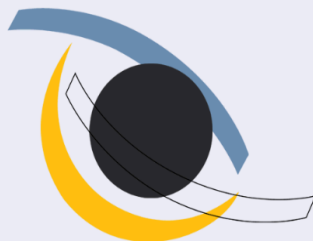
CAVALCANTI, Cecília C. B.; PERSECHINI, Pedro Muanis. Museus de Ciência e a popularização do conhecimento no Brasil. Field Actions Science Reports [online], Special Issue 3. p. 1-10. 2011.. Disponível em: <http://journals.openedition.org/factsreports/1085>. Acesso em: 21 jul. 2025

CORREIO DO POVO. Rede traz o Trem do Centenário. Correio do Povo. 1984. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiodopovo/1984/CDP19843306.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

COSTA, A. F. Solon Leontsinis e a proposta de criação do serviço de exposições circulantes de empréstimo do Museu Nacional (1959). ACTIO, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2021.

DALLAGO, Henrique Palaver; ECKERT, Cornelia. Cultura do trânsito em Porto Alegre: etnografia da Companhia Carris Porto-Alegrense nas narrativas de seus trabalhadores e habitantes da cidade. Iluminuras, Porto Alegre, v. 10, n. 24, p. 29-57, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30184>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DE ABREU, W. V.; NORBERTO ROCHA, J.; MASSARANI, L.; PEÇANHA, C. C. Divulgação Científica Itinerante E Os Editais De Popularização Da Ciência: Análise De Projetos Submetidos Ao Conselho Nacional De Desenvolvimento Científico E Tecnológico (CNPQ) (2003-2015). Investigações em Ensino de Ciências, v. 27, n. 1, p. 478-502, 2022.



Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2628>. Acesso em: 7 ago. 2025

DE ALBUQUERQUE, Lidiamar Barbosa; DE SOUZA PERRELLI, Maria Aparecida; GOMES DE MIRANDA, Newton Raymundo; KASHIMOTO, Emília Mariko; QUEIROZ, Dáugima Santos. Museu Dom Bosco após 50 anos. *Multitemas*, [S. l.], n. 30, 2016. DOI: 10.20435/multi.v0i30.765. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/765>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ENNE, Oneida. Praça da Ciência Itinerante: avaliando 12 anos de experiência. 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4058>. Acesso em: 08 ago. 2025

FERREIRA, Cristina Araripe. Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

FERREIRA, Cristina Araripe. Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

GASPAR, Alberto. Museus e centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico. 1993. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000737968>. Acesso em: 7 ago. 2025

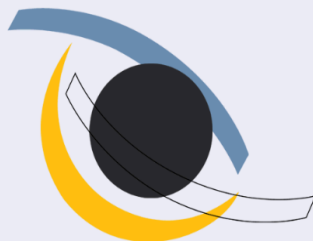
GONZALEZ, Ana Carolina de Souza. Museus que aprendem? : A itinerância e a coprodução de conhecimentos na fronteira entre Ciência e Sociedade. 2022. 271 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

GROLA, Diego Amorim. Coleções de história natural no Museu Paulista, 1894-1916. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-22102014-185744. Acesso em: 2025-08-07.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus em Números: Volume 2. Brasília, 2011. 362 p. Disponível em: <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/museus-em-numeros-volume-2a-1-compressed.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LOURENÇO, Maria Cecília França. Guia de museus brasileiros. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. 501 p.

MASSARANI, L. (org.). Centros e museus de ciência do Brasil 2009. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência: UFRJ; FCC; Casa da Ciência: Fiocruz; Museu da Vida, 2009. 232p. Disponível em:



https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaCentroseMuseusdeCiencia2009.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

MASSARANI, L. et al. (Org.) Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: RedPOP; Montevideu: Unesco, 2015.

MASSARANI, Luisa; ROCHA, Jessica Norberto. Science museums: the Brazilian case. In: Science cultures in a diverse world: knowing, sharing, caring. 2021. p. 311-324. DOI: 10.1007/978-981-16-5379-7_17

Matos, Lucina Ferreira. Memória ferroviária: da mobilização social à política pública de patrimônio. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2015. Orientadora: Luciana Quillet Heymann. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/84b5cead-f541-4e1e-8ac7-982a4228a082/content> . Acesso em: 7 ago. 2025

MEMÓRIA CARRIS. História do Museu Itinerante Memória Carris. 2014. Disponível em: https://memoriacarris.blogspot.com/2014/06/historia-do-museu-itinerante-memoria_4.html. Acesso em: 7 ago. 2025.

MINGUES, Eliane. "O museu vai à praia": análise de uma ação educativa à luz da alfabetização científica. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.48.2014.tde-08122014-130944

MORO, Fernanda de Camargo e Almeida. New directions in museum organization. Museum, Paris, v. XXXIV, n. 2, p. 86–89, 1982. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000049848>. Acesso em: 08 ago. 2025

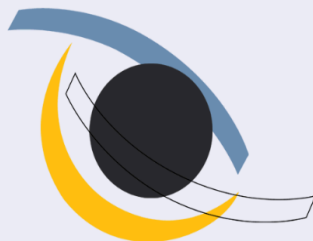
MUSEU FERROVIÁRIO REGIONAL DE BAURU. Aniversário da NOB terá "Trem da Integração". Museu Ferroviário Regional de Bauru, 2018. Disponível em: <https://www.projetomuseuferroviario.com.br/aniversario-da-nob-tera-trem-da-integracao/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NORBERTO ROCHA, J. Museus e centros de ciências itinerantes: análise das exposições na perspectiva da Alfabetização Científica. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018

NOVAES, Lourdes do Rego. Education in Brazilian museums: a constant concern. Museum, Paris, v. XLI, n. 1, 1989. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000084383>. Acesso em: 16 jul. 2025.

OLIVEIRA, Aécio de; CHAGAS, Mario de Souza. A tropical experiment: the Museu do Homem do Nordeste, Recife. Museum, Paris, v. XXXV, n. 3, p. 181–185, 1983. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000056729>. Acesso em: 7 ago. 2025.

OYADOMARI, Larissa; OLIVEIRA, Maria de Fátima. As coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paulista na gestão de Herman Von Ihering (1895-1916): algumas



reflexões. In: CURY, Marília Xavier (coord.). Questões indígenas e museus: enfoque regional para um debate museológico. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014. p. 159–170. (Coleção Museu Aberto).

PEREIRA, M. R. N. Entre Dimensões e funções educativas: A trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010.

PEROTTI, Rosangela Terezinha. José Hidasi e os naturalistas no “coração bárbaro” do Brasil. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/2307>. Acesso em: 07 ago. 2025.

Prefeitura de Porto Alegre. Museu da Carris atrai centenas de pessoas no Largo Glênio Peres. 2017. Disponível em: https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/carris/default.php?p_noticia=192106. Acesso em: 7 ago. 2025

QUEIROZ, Dáugima Santos; DE SOUZA PERRELLI, Maria Aparecida; GOMES DE MIRANDA, Newton Raymundo. O Museu Dom Bosco como espaço educativo. Multitemas, [S. l.], n. 30, 2016. DOI: 10.20435/multi.v0i30.766. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/766>. Acesso em: 7 ago. 2025.

REES, J. A Brief History of the Mobile Museum: What it is, what it was, and what it can be. Museum Studies Program Final Products. USA: University of Kansas, 2016.

REIS, J. Museus de história da ciência (1984). In: MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana. José Reis: reflexões sobre a divulgação científica. 2018. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC. 199-221 p.

ROCHA, Jessica Norberto; MARANDINO, Martha. Museus e centros de ciências itinerantes: possibilidades e desafios da divulgação científica. Revista do EDICC, Campinas, v. 3, p. [sem numeração], abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5220>. Acesso em: 7 ago. 2025.

RODRIGUES, Galtieri. Húngaro empalhou sucuri, onça, canguru, pinguim e até bezerro de 2 cabeças em GO. Metrôpolesl. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/hungaro-empalhou-sucuri-onca-canguru-pinguim-e-ate-bezerro-de-2-cabecas-em-go>. Acesso em: 7 ago. 2025

ROITMAN, Isaac. Fatos e vivências na SBPC: da ética na política à educação científica. Ciência & Cultura, São Paulo, v. 70, n. 3, jul./set. 2018. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/jc-impresso-especial-celebra-os-70-anos-da-sbpc/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS, Sabrina Silva; RODRÍGUEZ, Iván Borroto; SILVA, Ana Claudia dos Santos da. Uma análise sobre a constituição do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi



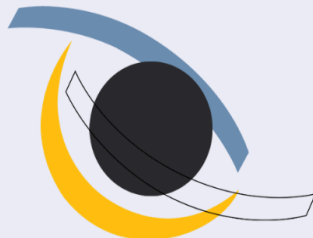
(Belém-Pará). Educação, Ciência e Cultura, v. 29, n. 3, ano 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/recc.v29i3.11497>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SILVEIRA, Andrea Reis da. Fazer crer, fazer sentir: o Museu Júlio de Castilhos na imprensa porto-alegrense (1974-1980). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102327>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SILY, Paulo Rogério Marques. Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935). 2012. 401 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TRIGUEIROS, F. dos S. Museu e Educação. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958, 228p.

XAVIER, D. Museus em Movimento. Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Explorando A Ciência Através De Oficinas De Experimentos De Óptica: A Iniciativa Do UFPR OPTICA *Student Chapter*

Camille Vitória Unger¹
Monique Aparecida Roscamp²
Bruna Marcelle Gohl³
Helena Newton Araujo⁴
Ana Cristina Sprotte Costa⁵
Emerson Cristiano Barbano⁶

A divulgação científica desempenha um papel fundamental na aproximação da ciência com a sociedade, contribuindo para o esclarecimento de conceitos e a valorização do conhecimento científico. No contexto atual, a integração entre pesquisa, ensino e extensão se torna essencial para a formação de cidadãos críticos e conscientes, além de promover a democratização do saber. Nesse cenário, o UFPR OPTICA *Student Chapter* desenvolve ações de extensão universitária com foco na divulgação da óptica e fotônica, áreas que têm impacto significativo no cotidiano e nas tecnologias atuais (Benetti, 2024). As atividades realizadas pelo capítulo incluem oficinas práticas de experimentos de física e óptica, com o objetivo de apresentar de forma acessível e interativa os principais conceitos da óptica. As oficinas mostram esses conceitos do nosso dia a dia, estimulando o interesse pela ciência e contribuindo para o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a ciência e a tecnologia na sociedade.

Uma oficina é uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseadas no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina vai além da aprendizagem tradicional, que foca na cognição, incorporando também a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorre a apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos de forma ativa e reflexiva (Paviani, 2009).

O público envolvido abrange principalmente estudantes de escolas públicas, com ênfase em atividades direcionadas a jovens do ensino fundamental e médio, além da participação de familiares, comunidade externa, estudantes universitários e

¹ Graduanda em Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail da autora: camillevunger@gmail.com

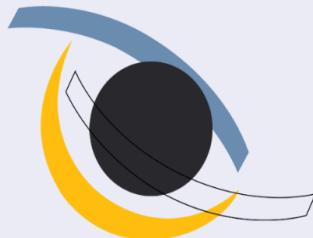
² Graduanda em Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: monique.ap.roscomp@gmail.com

³ Graduanda em Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: brunagohl@ufpr.br

⁴ Graduanda em Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: helenilde04@gmail.com

⁵ Docente e vice-coordenadora do projeto. Universidade Federal do Paraná. E-mail: ana@fisica.ufpr.br

⁶ Docente e vice-coordenadora do projeto. Universidade Federal do Paraná. E-mail: emerson.barbano@ufpr.br



membros do capítulo. Os objetivos dessas ações incluem o incentivo à curiosidade científica, a inclusão, o fortalecimento da relação entre a universidade e a comunidade externa, e a valorização da universidade pública como transformação social e educacional. Essas atividades estão diretamente vinculadas à pesquisa acadêmica, uma vez que a divulgação de conceitos científicos se dá por meio da utilização de experimentos práticos que ilustram fenômenos frequentemente abordados em pesquisas avançadas e em tecnologias utilizadas no cotidiano. Além disso, as ações de extensão reforçam a importância do ensino como ferramenta de promoção de conhecimento e transformação social, alinhando-se aos princípios da formação integral dos estudantes.

As oficinas de experimentos promovidas pelo projeto alinham-se a abordagens pedagógicas contemporâneas que valorizam a aprendizagem ativa e significativa. As oficinas pedagógicas são estratégias que conciliam teoria e prática, proporcionando aos alunos experiências que facilitam a compreensão de conceitos científicos de forma contextualizada e interativa. Essa metodologia permite que os estudantes se envolvam diretamente no processo de construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades críticas e reflexivas (Monteiro, 2019).

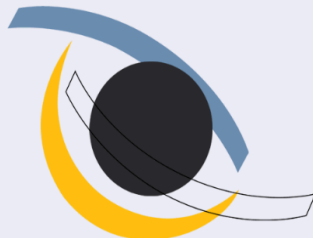
Os experimentos selecionados são, em sua maioria, de baixo custo, seguros e fáceis de reproduzir, permitindo que os participantes tenham contato direto com os fenômenos físicos relacionados à óptica, como refração, reflexão, difração, polarização e dispersão da luz. Esses experimentos são sempre apresentados de forma lúdica, com linguagem acessível e exemplos que dialogam com o cotidiano e com referências culturais populares, como filmes, séries e jogos. A proposta é aproximar o conteúdo científico da realidade dos participantes, despertando curiosidade e promovendo uma experiência significativa.

Durante as oficinas, os integrantes da equipe atuam como mediadores do conhecimento, incentivando a interação, a formulação de hipóteses, a observação crítica e o debate. A participação ativa dos estudantes é estimulada desde o início, valorizando suas perguntas, interpretações e relações com o que já conhecem. Ao utilizar oficinas pedagógicas no ensino de ciências, é possível estimular o interesse dos estudantes e promover uma aprendizagem mais dinâmica e participativa. Essas atividades também contribuem para a formação de professores, ao permitir que futuros educadores experimentem e reflitam sobre práticas pedagógicas inovadoras (Souza, 2016).

As atividades desenvolvidas pelo UFPR OPTICA *Student Chapter* ao longo do período de extensão tiveram resultados tanto qualitativos quanto quantitativos significativos, refletindo o impacto das ações de divulgação científica em óptica e fotônica na sociedade e na formação acadêmica dos estudantes envolvidos.

Entre 2024 e 2025, as atividades do capítulo alcançaram diretamente mais de 1700 pessoas, incluindo estudantes, professores e familiares. O número de participantes nas oficinas foi expressivo, com uma média de 150 a 200 alunos por evento, demonstrando o impacto das ações na promoção da ciência e no engajamento com o público-alvo.

Os resultados qualitativos podem ser observados no *feedback* dos participantes, que expressaram grande interesse pelos temas abordados e a importância da aplicação prática dos conceitos científicos. Muitos alunos relataram que as oficinas ampliaram



sua compreensão sobre a ciência e sua relevância no cotidiano, além de despertar curiosidade por áreas da física, em especial a óptica. Para os estudantes envolvidos, as atividades de extensão proporcionaram uma experiência prática aplicando conhecimentos adquiridos em sala de aula com uma formação acadêmica e profissional, além do desenvolvimento de liderança, comunicação, trabalho em equipe, e gestão de projetos, fortalecendo a conexão entre pesquisa, ensino e extensão.

Palavras-chave: Experimentos de física; Educação científica; Óptica; Fotônica.

REFERÊNCIAS

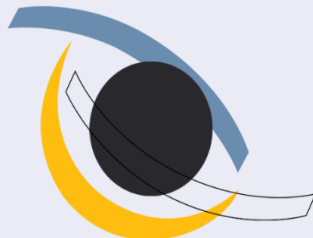
BENETTI, J. G. et al. Análise das ações de extensão e divulgação científica do UFPR Optica Student Chapter nas redes sociais. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 42., 2024, Porto Alegre. Anais do 42.

SEURS: a extensão que queremos [recurso eletrônico]. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2024. p. 821.

MONTEIRO, Heloíza Ribeiro de Sena; SOUSA, Andressa Ingrid da Silva Ramos de; MARTINS, Hellen Neves Fontineles; FARIAS, Patrícia Pilar. A importância das oficinas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. Educação Pública em Debate, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/epeduc.v2i2.8915>.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

SOUZA, Valdeci Alexandre de. Oficinas pedagógicas como estratégia de ensino: uma visão dos futuros professores de Ciências Naturais. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) – Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF, 2016.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Clube de ciências como estratégia lúdica para o letramento científico em Maricá/RJ

Marcelle Pita de Sousa do Carmo¹

O clube de ciências é um espaço de educação, geralmente associado ao espaço escolar, no qual, de maneira livre, os estudantes, professores e outros interessados se organizam como grupo, compartilhando o interesse pela ciência e seus processos (TOMIO; HERMANN, 2019; SCHMITZ; TOMIO, 2019).

Há registros da existência de clubes de ciências em toda a América Latina já na década de 1950, e são conhecidos atualmente mais de 500 clubes de ciências registrados no Brasil (TOMIO; HERMANN, 2019; SCHMITZ; TOMIO, 2019).

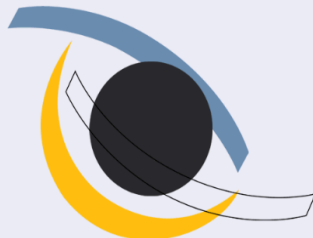
Como estratégia lúdica de desenvolvimento e de criação de um espaço social de convivência extracurricular, os clubes de ciências têm sido importantes por permitir práticas diversas de divulgação científica e educação não formal no espaço escolar, fomentando o pensamento científico e a aprendizagem por investigação (LORENZI FILHO; ROSÁRIO LIMA, 2022).

O letramento científico está associado à alfabetização e à divulgação científica, sendo considerados termos bastante próximos por alguns autores (SASSERON; CARVALHO, 2011; ROCHA; MASSARANI; PEDERSOLI, 2017), e implica a aquisição de habilidades leitura, interpretação e produção de textos científicos, bem como a aplicação desses conhecimentos na vida cotidiana.

O clube de ciências é uma ferramenta interessante para o letramento científico, estando em acordo com um dos objetivos do ensino de ciências na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Assim, a criação de um clube de ciências no ensino fundamental permite o desenvolvimento de uma postura investigativa. As atividades permitem que a aprendizagem vá além da memorização de informações, envolvendo a capacidade de questionar, experimentar e refletir sobre os fenômenos naturais, formular hipóteses e analisar e discutir resultados, consolidando o aprendizado por meio da vivência prática.

O presente relato de experiência tem como objetivo, portanto, traçar o caminho percorrido para a criação do clube de ciências do CEMJBR (Centro Educacional de Maricá Joana Benedicta Rangel), localizado no município de Maricá, RJ, e apresentar a vivência enquanto professora-orientadora no ano de 2024.

¹ Doutoranda em Ciências (Educação, Difusão e Gestão em Biociências), Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Ensino de Ciências e Biologia, Colégio Pedro II. Docente I – Ciências Físicas e Biológicas, Secretaria de Educação de Maricá. Membro do INCT de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Fiocruz, RJ. E-mail: marcelle.pita@gmail.com.



A criação do clube de ciências se deu pela disponibilidade de materiais de laboratório fornecidos pela rede municipal para as escolas. O projeto esteve ainda amparado pela meta institucional de “Implementar ações de integração e de práticas curriculares e pedagógicas que fortaleçam o ambiente escolar como espaço acolhedor, colaborativo, estimulador da aprendizagem e inclusivo para fortalecer o vínculo do estudante e a unidade de ensino” (CEMJBR, 2024).

As atividades do clube de ciências ocorreram por adesão voluntária, com até 15 vagas por grupo. Os encontros, semanais, reuniam dois grupos multiseriados no contraturno escolar. Selecionei temas conforme o interesse dos estudantes e preparei previamente experimentos e aulas práticas para encontros de duas horas, com dois a quatro experimentos, análise e discussão dos resultados em interação horizontal e colaborativa. Entre setembro e novembro de 2024, os temas abordados foram: - Vidrarias e material de laboratório; Microscopia e citologia; Cromatografia e densidade; Circuitos elétricos; Ondas e luz; Reações químicas e pH; Seres vivos e cadeia alimentar; Nutrição e alimentação.

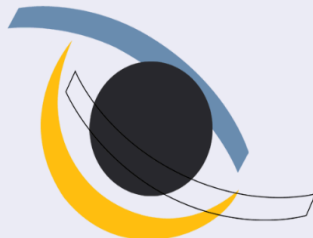
Os clubistas eram estudantes de sexto a nono ano e cada atividade considerou os conceitos previamente conhecidos ou que pudessem ser compreendidos a partir de seus conhecimentos prévios. A mediação entre alunos foi frequente, com estudantes mais experientes auxiliando os mais novos.

Entre as principais observações, posso citar que: 1) os estudantes demonstraram grande interesse e participação crescente nas atividades, convidando colegas para participar do grupo; 2) as visitas ao espaço do laboratório foram constantes, mesmo dos estudantes que não faziam parte do clube, sempre repletas de curiosidade; 3) os estudantes mostraram maior autonomia na realização das atividades, e os clubistas mais antigos passaram a mediar algumas atividades, como a atividade de microscopia que foi realizada duas vezes durante o período; 4) os estudantes com deficiência do turno passaram a visitar o espaço e demonstrar interesse pelos equipamentos; 5) os clubistas passaram a se referir à aprendizagem em sala de aula, conectando seus conhecimentos às observações e atividades realizadas, além de trazerem questões de seu cotidiano para a discussão do tema; 6) os clubistas criaram vínculos com os colegas, provenientes de outras turmas e séries, o que gerou uma noção de pertencimento ao espaço e ao grupo.

Ao final das atividades, os clubistas demonstraram o desejo de continuar a participar das atividades no ano seguinte e de convidar novos integrantes para fazer parte do clube.

A experiência enquanto professora-orientadora foi bastante empolgante e desafiadora, visto que foi necessária uma postura horizontal que desenvolvesse habilidades proativas nos estudantes, evitando dar respostas, e proporcionando meios para que pudessem eles mesmos respondê-las.

Além disso, pelos diferentes problemas enfrentados na educação contemporânea na escola pública, ver estudantes motivados e engajados no conhecimento científico e levando esse conhecimento aos seus pares na educação



formal foi um dos maiores ganhos enquanto docente.

Palavras-chave: Clube de Ciências; Divulgação Científica; Ensino de ciências; Educação Formal; Experimentação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. [S.l]: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>.
- CEMJBR. Plano de Metas institucional - Direção 2023-2024. Maricá, Rio de Janeiro, Centro Educacional de Maricá Joana Benedicta Rangel, 2024.
- LORENZI FILHO, Luiz Alberto; DO ROSÁRIO LIMA, Valderez Marina. Um olhar contemporâneo para os clubes de ciências. **Revista Interdisciplinar Sulear**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 9–23, 2022. DOI: 10.36704/sulear.v1i12.6784.
- ROCHA, M.; MASSARANI, L.; PEDERSOLI, C. La divulgación de la ciencia en América Latina: términos, definiciones y campo académico. 2017. In: MASSARANI, L.; ROCHA, M.; PERDESOLI, C.; ALMEIDA, C.; AMORIM, L.; CAMBRE, M.; NEPOTE, A. C.; AGUIRRE, C.; NORBERTO ROCHA, J.; GONÇALVES, J. C.; CARDIOLLI, L. A.; FERREIRA, F. B. Rio de Janeiro: Fiocruz – COC. **Aproximaciones a la investigación en divulgación de la ciencia en América Latina a partir de sus artículos académicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2017.
- SASSERON, L.H.; CARVALHO, A.M.P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, Rio Grande do Sul, v.16, n. 1, p. 59-77, 2011.
- SCHMITZ, Vanderlei; TOMIO, Daniela. O CLUBE DE CIÊNCIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ACERCA DE SUA IDENTIDADE EDUCADORA. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 305–324, 2019. DOI: 10.22600/1518-8795.ienci2019v24n3p305.
- TOMIO, D.; HERMANN, A. P. MAPEAMENTO DOS CLUBES DE CIÊNCIAS DA AMÉRICA LATINA E CONSTRUÇÃO DO SITE DA REDE INTERNACIONAL DE CLUBES DE CIÊNCIAS. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 21, p. e10483, 2019.



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 13

Saúde, Meio Ambiente e Comunicação Pública

Debatedor:

Marcelo Knobel

Autores:

Camila Vieira de Sousa Gurjão

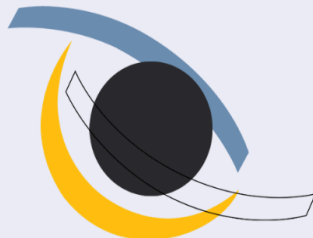
Cristina Almeida Santos

Luis Felipe do Nascimento Rodrigues

Lorenzo Alves Mascarenhas de Almeida

Jocinete Silva Ribeiro

Juliana de Oliveira Vicentini

**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Projeto Abelhas do Semiárido na Mídia: Análise da Comunicação
Visual da Ciência do Projeto do INSA nas redes sociais**

Camila Vieira de Sousa Gurjão¹
Ricardo da Cunha Correia Lima²

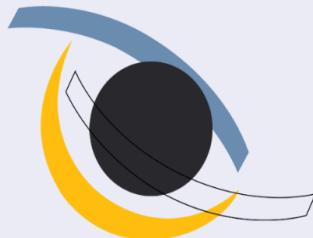
A divulgação científica, em um contexto de crescente desinformação, exige estratégias de comunicação que garantam visibilidade, engajamento e acessibilidade ao público não especializado. A emergência das mídias digitais e redes sociais transformou a maneira como a ciência se relaciona com a sociedade, tornando a Comunicação Visual da Ciência uma subárea de pesquisa crucial e ainda pouco explorada no cenário brasileiro. A fotografia, como elemento central nesses canais, é mais do que um adorno: é uma ferramenta estratégica que molda a percepção e o entendimento do público. Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a análise do uso da fotografia pelo projeto de pesquisa "Abelhas do Semiárido", buscando compreender como suas práticas visuais contribuem para a eficácia da sua divulgação científica em plataformas como o Instagram e em matérias jornalísticas online.

O projeto "Abelhas do Semiárido" atua na pesquisa e na preservação de abelhas nativas na Caatinga do Instituto Nacional do Semiárido - INSA. Ele foi escolhido como estudo de caso por sua baixa presença virtual e posteriormente uma crescente visibilidade em veículos de imprensa e interações no Instagram. A experiência relatada consistiu em um estudo de caso com abordagem mista. Na etapa qualitativa, foi aplicada a Gramática do Design Visual (GDV) de Kress & van Leeuwen (1996) e as metodologias de análise visual de Gillian Rose (2001) para examinar o corpus de fotografias publicadas no perfil do Instagram e nas reportagens sobre o projeto nos anos de 2024 e 2025. A análise focou em como elementos como composição, enquadramento, cor e ponto de vista foram utilizados para representar o universo da pesquisa. Paralelamente, na etapa quantitativa, foram coletadas métricas digitais (curtidas, comentários, compartilhamentos) por meio do Meta Business Suite e um levantamento de menções em sites de busca foi realizado para mensurar o impacto do projeto, conforme a teoria da Almetria (Haustein & Priem, 2011).

A experiência de análise revelou uma intencionalidade nas escolhas visuais do projeto, que se alinham com os princípios da divulgação científica. As fotografias do projeto, por exemplo, frequentemente utilizam close-ups de abelhas e de pesquisadores em campo (estratégia de distância social da GDV), o que humaniza a pesquisa e cria uma sensação de proximidade e intimidade com o público,

¹ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: gurjaocv@gmail.com.

² Tecnologista Sênior do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: ricardo.lima@insa.gov.br.



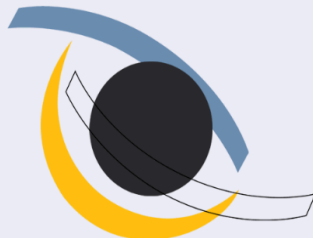
contrastando com a percepção de uma ciência inacessível. O uso consistente de cores e enquadramentos focados na beleza da natureza reforça o aspecto de estética científica, conforme defendido por Felice Frankel (2001), e facilita a comunicação de conceitos complexos. Essa prática se mostra como uma resposta eficaz à necessidade de comunicar a ciência em um contexto de "cibercultura e inteligência coletiva", como teorizado por Pierre Lévy (2000), onde a informação circula de forma dinâmica. A análise dos dados de impacto digital, por sua vez, demonstrou uma correlação direta entre picos de engajamento e publicações com narrativas visuais fortes, corroborando a teoria da Altimetria. Isso sugere que o sucesso na divulgação digital não se limita ao conteúdo textual, mas é profundamente influenciado pela qualidade e intencionalidade da comunicação visual.

A experiência de análise do projeto "Abelhas do Semiárido" evidenciou que a fotografia é uma ferramenta poderosa e subutilizada na divulgação científica. A aplicação da Gramática do Design Visual permitiu ir além da mera observação, revelando como a intencionalidade por trás de cada imagem contribui para o engajamento e a visibilidade do projeto. Concluímos que a Comunicação Visual da Ciência é uma área fundamental para o sucesso da divulgação científica digital, e a aplicação de metodologias de análise visual pode servir como um modelo para que outros projetos de pesquisa aprimorem suas estratégias de comunicação. A ausência de estudos semelhantes na literatura brasileira reforça a relevância deste trabalho e a necessidade de mais pesquisas que explorem o potencial da imagem na conexão entre a ciência e a sociedade.

Palavras-chave: Comunicação Visual; Divulgação científica; Popularização da Ciência; Abelhas do Semiárido; Mídias sociais.

REFERÊNCIAS

- BUENO, W. de O. *Divulgação científica e ciência popular: uma questão de abordagem*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Paulo, v. 24, p. 17–26, 2001.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANKEL, F. *Visual Strategies: A Practical Guide to Graphics for Scientists and Engineers*. New Haven: Yale University Press, 2012.
- HAUSTEIN, S. *Altimetrics for Research Evaluation: Challenges and Opportunities*. Scientometrics, v. 108, p. 395–411, 2016.
- JORDAN, K. *Exploring the ResearchGate Score as an academic metric: Reflections and implications for practice*. Frontiers in Research Metrics and Analytics, v. 6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/frma.2021.614145>
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.



KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. *Comunicação pública da ciência: perspectivas da América Latina*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Fiocruz, 2021.

MASSARANI, L.; TONI, F.; MOREIRA, I. C. *O perfil dos divulgadores de ciência no Brasil nas redes sociais*. Revista Brasileira de Jornalismo Científico, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2021.

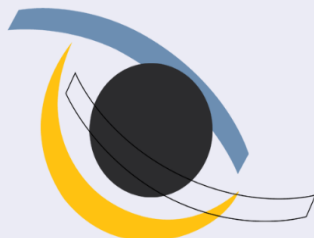
MILLER, T.; DINAN, W. *Thinker, Faker, Spinner, Spy: Corporate PR and the Assault on Democracy*. London: Pluto Press, 2008.

NERLICH, B.; HELLSTEN, I. *Visualizing the invisible: Visual metaphors in popular science texts*. Social Semiotics, v. 15, n. 1, p. 77–91, 2005.

PRIEM, J.; GROTH, P.; TARABORELLI, D. *The altmetrics collection*. PLOS ONE, v. 5, n. 11, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0012438>.

ROSE, G. *Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials*. 4. ed. London: SAGE, 2016.

SÁ, C. P. de. *A divulgação científica como estratégia de popularização do saber*. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 17, n. 2, p. 165–171, 2001.



PROJETO DE PESQUISA

Literacia em saúde como competência do jornalismo e da comunicação em saúde

Um exercício para o desenvolvimento
de capacidades à promoção da saúde

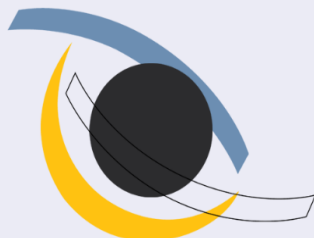
Cristina Almeida Santos ¹

A pesquisa buscava identificar competências/núcleos de saber em literacia em saúde (LS) para a proposição de um Plano de Ensino e Aprendizagem (PEA) que pudesse aproximar jornalistas e comunicadores de saúde às evidências sobre o desenvolvimento de capacidades para a literacia em saúde e suas possíveis aplicações nos seus fazeres profissionais.

Apesar do avanço de conceitos e dimensões da LS e da sua importância para a saúde pública e a promoção da saúde pouco se conhece sobre ela entre profissionais da comunicação, notadamente os jornalistas e comunicadores de saúde. A origem do conceito de LS se relaciona a um conjunto de estratégias utilizadas para avaliação do conhecimento que a população possui sobre ciência e saúde para solucionar problemas surgidos em situações onde a saúde, a educação e a cultura se entrelaçam (Zarcadoolas, Pleasant & Greer, 2005). O advento da pandemia da Covid-19, as mudanças climáticas e seus efeitos, além do enorme avanço da desinformação e das *fake news* no âmbito da saúde nas últimas décadas não só aumentaram o reconhecimento do valor da LS na promoção da saúde, como levaram a uma nova onda de interesse pelo tema que tem sido guiada em direção a ações capazes de atender às demandas da atualidade. Se a saúde não se faz somente nos hospitais e com medicamentos, e é construída em nossas casas, diariamente (García, *apud* Tabakman, 2013, p.25), os comunicadores e jornalistas [de saúde] podem confundir enquanto desejam informar e educar. A LS pode ser um elemento chave para reduzir os ruídos dessa comunicação, e isso pode ser obtido por meio de oportunidades de treinamento e educação.

A fundamentação teórica apresentada buscou abranger textos seminais, intermediários e recentes para a construção de uma linha do tempo onde pudessem ser expostos os primeiros escritos sobre LS, até a proposição de vários conceitos, dimensões e modelos (Simonds *apud* Parnell, 2014; Nutbeam, 2000; Rudd *et al.*, 2012; WHO (2021). Discute-se o impacto da inadequada LS (Sørensen *et al.*, 2015); como se dá o aprendizado em saúde e as políticas voltadas para a educação nesse contexto (Rowlands *et al.*, *apud* Okan *et al.*, 2019, p. 186-187; OMS, 2021; PNPS 2017; PNEPS, 2013). Além disso destaca-se o noticiar a saúde e as mudanças no fazer jornalístico (Fígaro, Nonato, 2017, p. 49; Fígaro *et al.*, 2016, p.147), além do papel do

¹ Vínculo institucional: Mestre em Ciências pela FSP-USP (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo). crisalmeida@alumni.usp.br



jornalista na educação em saúde de sua audiência (Winch, 2018; Cordeiro, 2007, p. 21). Conceitos de competências e capacidades foram analisados, assim como competências para a saúde pública, promoção da saúde e para a LS.

Escolheu-se como método a revisão de escopo, cuja metodologia envolveu pesquisa eletrônica nas plataformas Pubmed (Medline), Scopus, WOS (*Web of Science*), Lilacs (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scielo. A inclusão dos estudos se deu após a análise dos descritivos *Health literacy* e *Journalism* ou *Media* e *Health promotion* ou *Public Health* e *Competenc**, considerando conceitos, variáveis, estratégias, resultados e evidências considerados chaves para o estudo.

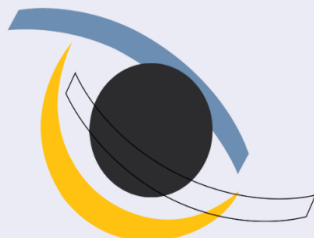
A partir da revisão de literatura, constatou-se que mídia e os produtores de conteúdo de saúde integram estratégias e iniciativas de comunicação para ações de saúde pública e promoção da saúde, mas não são contemplados em programas de capacitação para a LS. Mesmo entre profissionais da área da saúde, competências e estratégias a ela relacionadas não são claras. Dentre as competências associadas à melhoria de capacidades, destacaram-se os seguintes domínios: Habilitar para a mudança; Defesa da Saúde; Competência profissional; Comunicação; Liderança. Capacitar e dar maior visibilidade ao tema permite ligar os pontos que faltam para os fins buscados pela literacia em saúde.

Concluiu-se que iniciativas de capacitação em literacia em saúde para jornalistas e comunicadores de saúde a partir da Academia têm o potencial de ser uma poderosa abordagem para adensar iniciativas de saúde pública e promoção da saúde. Integrar ou aumentar a participação de tais profissionais em estratégias já criadas por políticas de saúde voltadas à literacia em saúde tem o potencial de colaborar para a melhoria dessa capacidade entre os próprios comunicadores e, de consequência, da coletividade.

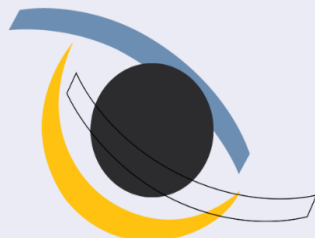
Palavras-chave: Literacia em saúde; Jornalismo; Comunicação; Saúde pública; Competências5.

REFERÊNCIAS

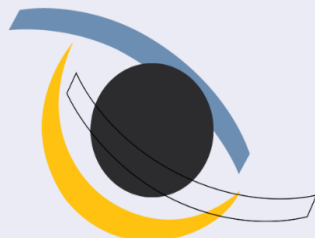
- ALVAREZ-GALVEZ, J., SUAREZ-LLEDO V., ROJAS-GARCIA, A. ***Determinants of Infodemics During Disease Outbreaks: A Systematic Review***. Front. Public Health. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.603603>. Acesso em 14 Jun 2024.
- AMERICAN OPINION RESEARCH. ***Study of American Journalism and Public Issues***. Princeton, NJ: Foundation for American Communications. 2002, in Institute of Medicine. *The Future of the Public's Health in the 21st Century*. Washington, DC: The National Academies Press. 2003. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK221239/>. Acesso em 17 Maio 2024
- APOLINARIO, D., MANSUR L.L. *et al.* ***Detecting limited health literacy in Brazil: development of a multidimensional screening tool***. Health Promotion International. 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/dat074>. Acesso em 21 fev 2023.
- ARKSEY, H. & O'MALLEY. L. ***Scoping studies: towards a methodological framework***. International Journal of Social Research Methodology, 8:1, 19-32, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>. Acesso em 25 jan.2024.



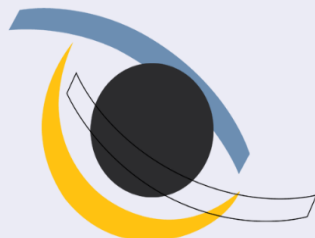
- ARRIAGA, Miguel, *et al.* **Health Literacy in Portugal: Results of the Health Literacy Population Survey Project 2019–2021.** International Journal of Environmental Research and Public Health. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph19074225>. Acesso em 21 jun 2024.
- BALA, MM., STRZESZYNSKI, L. TOPOR-MADRYMadry, R. **Mass media interventions for smoking cessation in adults.** Cochrane Database Syst Rev. 2017, v. 21;11(11). Disponível em <https://doi.org/10.1002/14651858.cd004704.pub4>. Acesso em 13 Jun 2024.
- BALBINO, A.C. *et al.* **Educação permanente com os auxiliares de enfermagem da Estratégia Saúde da Família em Sobral, Ceará.** Trabalho, Educação e Saúde [Internet]. 2010. Jul;8(2):249–66. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1981-77462010000200005>. Acesso em 14 Jun 2024.
- BARRY M.M., BATTEL-KIRK, B., DEMPSEY, C. **The CompHP core competencies framework for health promotion in Europe.** Health Educ Behav, 39(6):648-62. 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1090198112465620>. Acesso em 21 Jun 2024.
- BAUDER, L., GIANGOBBE, K., ASGARY, R. **Barriers and Gaps in Effective Health Communication at Both Public Health and Healthcare Delivery Levels During Epidemics and Pandemics; Systematic Review.** Disaster Med Public Health Prep. 2023 May 19;17:e395. Disponível em <https://doi.org/10.1017/dmp.2023.61>. Acesso em 14 Jun 2024.
- BIEHL, V., GERLINGER, T., WIEBER, F. **Professional Characteristics of Health Promotion: A Scoping Review of the German and International Literature.** Int J Public Health. 2021 66:1603993. Disponível em <https://doi.org/10.3389/ijph.2021.1603993> Acesso em 14 Jun 2024.
- BIJGOVIC-MIKANOVIC V. *et al.* **Education for public health in Europe and its global outreach.** Glob Health Action. 2014 Feb 13;7:23570.. Disponível em <https://doi.org/10.3402/gha.v7.23570>. Acesso em 14 Jun 2024.
- BIMBER, B. & Gil DE ZÍÑIGA, H. **The unedited public sphere.** New Media & Society, 22 (4), 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1177/14614448198939> Acesso em 22 fev 2023.
- BISHWAJIT, Ghose *et al.* **Role of Health Journalism in Promoting Communication among Stakeholders in Healthcare Sector.** Journal of Healthcare Communications. V. 1, n. 3, 2016. Disponível em <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:54036368>. Acesso em 20 Jun 2024.
- BLISS, K., MARSH, S. **A Backward Design Approach to Health Communication: Developing Health Literacy Skills During COVID-19.** Pedagogy in Health Promotion. 2021;7(3):198-203. <https://doi.org/10.1177/23733799211011493> Acesso em 14 Jun 2024.
- BRACH, J. **AHRQ Health Literacy Universal Precautions Toolkit.** Agency for Healthcare Research and Quality. 3rd Edition. Rockville, MD. 2024. Disponível em <https://www.ahrq.gov/health-literacy/improve/precautions/toolkit.html>. Acesso em 24 Jul 2025.
- BRENNEN, J. **Science in pieces - public science in the deformation age.** Tese de doutorado. Universidade da Carolina do Norte. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.17615/j3wm-tv18>. Acesso em 20 Jun 2024.



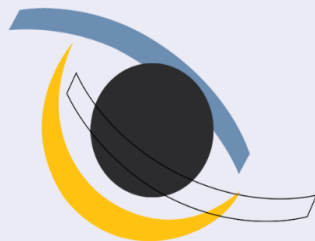
- BRIGGS, Asa; BURKE, P. *Uma história social da mídia – De Gutenberg à Internet*. Ed. 2ª. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2006, p. 192.
- BRODER, J. *et al. Health literacy in childhood and youth: a systematic review of definitions and models*. BMC Public Health v. 17, n. 36. 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4267-y>. Acesso em 14 Jun 2024.
- BROMMEYER, M., LIANG, Z. *A Systematic Approach in Developing Management Workforce Readiness for Digital Health Transformation in Healthcare*. Int J Environ Res Public Health. 2022 19(21). Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph192113843>. Acesso em 14 Jun 2024.
- BRUNDAGE, M. *et al. The Malicious Use of Artificial Intelligence: Forecasting, Prevention, and Mitigation*. Apollo - University of Cambridge Repository. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.17863/CAM.22520>. Acesso em 20 Jun. 2024.
- BUSS, Paulo M. *et al., Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008)*. Ciência da Saúde Coletiva. 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000600039>. Acesso em 22 fev 2023.
- BUSS, Paulo M. *Uma introdução ao conceito de promoção da saúde*. Promoção da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (Org.).
- CALLEJA, J. M. R. *Os professores deste milênio nas abordagens atuais da didática*. Revista da Faculdade de Educação, v. 4, n. 2, p. 108–127, 2019. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3560>. Acesso em: 3 maio. 2024.
- CARSON, K.V. *et al. Mass media interventions for preventing smoking in young people*. Cochrane Database Syst Rev.. 2;6(6) 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1002/14651858.CD001006.pub3>. Acesso em 14 Jun 2024.
- CDC. Centers for Disease Control and Prevention. *Communication Strategies*. 2023. Disponível em <https://www.cdc.gov/healthliteracy/researchevaluate/comm-strategies.html> Acesso em 15 jul 2024.
- CHADWICK, A.; STANYER, J. (2021). *Deception as a Bridging Concept in the Study of Disinformation, Misinformation, and Misperceptions: Toward a Holistic Framework*. Communication Theory, 1-24 Disponível em <https://academic.oup.com/ct/article/32/1/1/6406430>. Acesso em 21 fev 2023
- CHEN, X. *et al.. Health Literacy and Use and Trust in Health Information*. J Health Commun. 2018;23(8): p. 724-734. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10810730.2018.1511658>. Acesso em 14 Jun 2024.
- CLAR, C. *et al. Just telling and selling: current limitations in the use of digital media in public health: a scoping review*. Public Health. 2014 Dec;128(12):1066-75. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2014.09.009>. Acesso em 14 Jun 2024.
- COLETTI, Vittorio; SABATINI, Francesco. *Dizionario Italiano Sabatini Coletti*. Ed. 1a., Milão/Florença, Giunti Gruppo Editoriale, 1997, pp. 1341 e 1393.
- COLLEMAN, C. A, HUDSON, S., MAINE, L. L. *Health Literacy Practices and Educational Competencies for Health Professionals: A Consensus Study*. J Health Commun. 2013;18 Supl. 1 :82-102. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10810730.2013.829538>. Acesso em 16 Jun 2024.
- CONNELL, L., FINN, Y., SIXSMITH, J. *Health literacy education programmes developed for qualified health professionals: a scoping review*. BMJ Open. 2023, 13(3). Disponível em <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-070734>. Acesso em 14 Jun 2024.



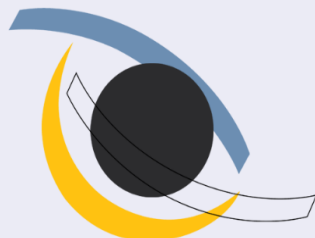
- CORDEIRO, Jaime. *Didática*. Ed. 1ª, São Paulo, Contexto, 2007 pp. 18, 21, 148.
- CORDEIRO, L. e SOARES, C. B. *Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa*. Boletim do Instituto de Saúde - BIS, v. 20, n. 2, p. 37-43, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1021863/bis-v20n2-sintese-de-evidencias-qualitativas-37-43.pdf> Acesso em 25 jan. 2024.
- COTTA, R.M., da COSTA, G.D., MENDEONÇA, E.T. *Portfólio reflexivo: uma proposta de ensino e aprendizagem orientada por competências*. Cien Saude Colet. 2013;18(6):1847-56. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23752550/>
- CRUZ, Pedro J. S. C. et al. *Educação Popular e Saúde nos processos formativos – desafios e perspectivas*. Dossiê, Educação Popular em Saúde • Interface 24. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/Interface.200152>. Acesso em 21 fev 2023.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. *Crítica e contexto: acerca do auditório de John Dewey*. Revista Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v.5, n. 9, p. 165-178, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/6598>. Acesso em 26 nov. 2022.
- CURY, L. *Revisitando Morin – os novos desafios para os educadores*. Revista Comunicação&Educação, ano XVII, n. 1. p. 39-47. 2012. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v17i1p39-47>. Acesso em 21 jun 2024.
- CZERESNIA, D. *The concept of health and the difference between prevention and promotion*. Cad Saúde Pública. 1999. V. 15 n. 4, p.701–9. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1999000400004>. Acesso em 20 jun 2024.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (org.). *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p.39-53.
- DA SILVA, L. J. C., & JÚNIOR, A. E. V. P. *Os saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística*. Revista FAMECOS, 26(1), e31212. 2019. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.31212> Acesso em 20 Jun 2024.
- DADACZYNSKI, K. et al. *Digital Health Literacy and Web-Based Information-Seeking Behaviors of University Students in Germany During the COVID-19 Pandemic: Cross-sectional Survey Study*. J Med Internet Res. 2021, 23(1):e24097. Disponível em <https://doi.org/10.2196/24097>. Acesso em 14 Jun 2024.
- DAGNONI, J.A., SANTINI, P. V. ., & DALMAU, M. B. L. *Competências do profissional jornalista na perspectiva da indústria 4.0*. Revista De Ciências Da Administração, 22(58), 22–38. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2020.e78232>. Acesso em 20 Jun 2024.
- DAUDT, H.M., VAN MOSSEL, C. & SCOTT, S.J. *Enhancing the scoping study methodology: a large, inter-professional team's experience with Arksey and O'Malley's framework*. BMC Med Res Methodol 13, 48 (2013). Disponível em <https://doi.org/10.1186/1471-2288-13-48>. Acesso em 25 jan 2024.
- DAVÓ, C. M.A. et al. *Common competencies and contents in public health in graduate program*. Gaceta sanitária. 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2011.06.004>. Acesso em 14 jun 2024.
- DAWKINS-MOULTIN, L., McKYER, L., McDONALD A. *Health Literacy Competence of Health Education Students in Three Universities*. Pedagogy in



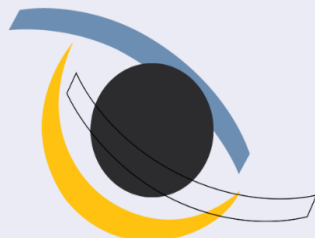
- Health Promotion, 2019; 5 (2): p. 99-106. Disponível em <https://doi.org/10.1177/237337991879293>. Acesso em 14 Jun 2024.
- DeCORBY-WATSON, et al. *Effectiveness of capacity building interventions relevant to public health practice: a systematic review*. BMC Public Health. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5591-6>. Acesso em 14 Jun 2024.
- DEGENER, Sophie. *Making sense of critical pedagogy in adult literacy education*. Org. J. Comings, B. Garner, C. Smith. The annual review of adult learning and literacy. São Francisco CA, Jossey-Bass Publishers, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/2409967_Making_Sense_of_Critical_Pedagogy_in_Adult_Literacy_Education. Acesso em 26 nov. 2022.
- DIALOGOS. *O papel do jornalista e da imprensa (Cremilda Medina)*. TV Unesp no Youtube JORNALISMO E IMPRENSA subtítulo (se houver). 23 Ago 2012. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7GWsyuqJKtA&t=183s&ab_channel=TVUnesp. Acesso em 30 maio 2024.
- DOAK, C.; DOAK, L. G. & ROOT, J. H. *Teaching patients with low literacy skills*. American Journal of Nursing. 96(12). 1996. Disponível em https://journals.lww.com/ajnonline/citation/1996/12000/teaching_patients_with_low_literacy_skills.22.aspx. Acesso em 16 Jun 2024.
- EPPE, E. V. et al. *Engagement With and Acceptability of Digital Media Platforms for Use in Improving Health Behaviors Among Vulnerable Families: Systematic Review*. J Med Internet Res. 2023. Disponível em <https://doi.org/10.2196/40934>. Acesso em 14 Jun 2024.
- EYSENBACH, Gunther. *Infodemiology: the epidemiology of (mis) information*. The American Journal of Medicine. Disponível em [https://doi.org/10.1016/S0002-9343\(02\)01473-0](https://doi.org/10.1016/S0002-9343(02)01473-0). Acesso em 21 fev 2023.
- FATTAHI, H., ABOLGHASEM, G., H. & BAYAT, M. *Core competencies for health headquarters: a systematic review and meta-synthesis*. BMC Public Health. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08884-2>. Acesso em 24 Jun 2024.
- FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. *Novos arranjos econômicos alternativos para a produção jornalística*. Contemporânea Comunicação e Cultura. V. 15., n. 01, 2017, p. 47-63. Disponível em <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002853900.pdf> Acesso em 23 fev 2023.
- FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN. *Los cambios en el mundo del trabajo del periodista*. Ed. 1ª. Editorial UOC inCOM-UAB. Barcelona. 2016, p. 147.
- FONDATION OVIDE DECROLY. *Ses principes pedagogiques*. 2022. Disponível em: <http://fondationdecroly.be/ovide-decroly-ses-principes-pedagogiques/>. Acesso em 25 nov. 2022.
- FRAGELLI, T. B., SHIMIZU, H.E. *Competências profissionais em Saúde Pública: conceitos, origens, abordagens e aplicações*. Rev Bras Enferm. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000400017>. Acesso em 24 Jun 2024.
- FRAGELLI, T. B., SHIMIZU, H.E. *Prospections for development of public policies for health professionals training from the analysis of the Brazilian scenario of competencies*. Revista de Saúde Coletiva. 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-733120130001000111>. Acesso em 14 Jun 2024.



- FRATI, A., LUZI, A. M., COLUCCI, A. *Communication for health promotion: history and identification of effective methods*. Ann Ist Super Sanità. 2010;46(4):422-6. Disponível em https://doi.org/10.4415/ann_10_04_10. Acesso em 14 Jun 2024.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Ed. 81ª, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022, p. 120, 164.
- _____. *Pedagogia da autonomia*, Ed. 67ª, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2021, p. 126.
- GARCÍA, Ginés Gonzalez. *O estado a saúde e a mídia*, apud TABAKMAN, Roxana. A saúde na Mídia – Medicina para jornalistas Jornalismo para médicos. Ed. 1a. São Paulo. Summus Editorial. 2013, p. 25-26.
- GHAHALAVAND, H., PANAHI, S., SEDGHI, S. *Opportunities and challenges of social media for health knowledge management: A narrative review*. J Educ Health Promot. 2020 Jun 30;9:144. Disponível em https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_754_19. Acesso em 14 Jun 2024.
- GIORDAN, André; DE VECCHI, Gerard. *As origens do saber – das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos*. Ed. 2ª. Porto Alegre. Artes Médicas. 1996, p. 9.
- GREPMEIER, E. M. *et al. Health Literacy in Health Professionals Two Years into the COVID-19 Pandemic: Results From a Scoping Review*. JMIR Med Educ. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.2196/39023>. Acesso em 14 Jun 2024.
- GUGGLBERGER, L. *The multifaceted relationship between health promotion and health literacy*. Health Promotion International, V., n. 5, 2019, p. 887–891. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/daz093>. Acesso em 16 Jun 2024.
- HADDAD, Sérgio. *O educador – Um perfil de Paulo Freire*. Ed. 1ª, São Paulo. Todavia, 2019.
- HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Ed., Rio de Janeiro, Objetiva. 2001, pp. 1627 e 1747.
- INSTITUTE OF MEDICINE (IOM). *Health Literacy: a prescription to end confusion*. Washington, National Academies Press. 2004. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK216032/>. Acesso em 20 fev 2023.
- INSTITUTE OF MEDICINE (IOM). *The Future of the Public's Health in the 21st Century. Committee on Assuring the Health of the Public in the 21st Century*. Washington (DC): National Academies Press (US); 2002. Disponível em <https://doi.org/10.17226/10548>. Acesso em 25 jul 2024.
- ISLAM, M. S. *et al., Covid – Related infodemic and it impact on public health: a global social media analysis*. The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene, vol. 103, n. 4, p. 1621-1629, 2020. Disponível em: <https://www.ajtmh.org/view/journals/tpmd/103/4/article-p1621.xml>. Acesso em 22 fev 2023.
- JAFARI, A., TAVAKOLI SANY, S. B., PEYMAN, N. *The Status of Health Literacy in Students Aged 6 to 18 Old Years: A Systematic Review Study*. Iran J Public Health. 2021; 50(3): p. 448-458. Disponível em <https://doi.org/10.18502/ijph.v50i3.5584>. Acesso em 14 Jun 2024.
- JONGEN, C. S., MCCALMAN, J., BAINBRIDGE, R. G. *The Implementation and Evaluation of Health Promotion Services and Programs to Improve Cultural Competency: A Systematic Scoping Review*. Front Public Health. 2017; v. 5, p. 24. Disponível em <https://doi.org/10.3389/fpubh.2017.00024>. Acesso em 14 Jun 2024.



- KAPER, M. S. *et al.* **Outcomes and Critical Factors for Successful Implementation of Organizational Health Literacy Interventions: A Scoping Review.** *Int J Environ Res Public Health.* 2021;18(22). Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph182211906>. Acesso em 14 Jun 2024.
- KARNOUSKOS, S. **Artificial Intelligence in Digital Media: The Era of Deepfakes.** *IEEE Transactions on Technology and Society*, vol. 1, no. 3, p. 138-147. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1109/TTS.2020.3001312>. Acesso em 20 Jun 2024.
- KEMPPAINEN, V., TOSSAVAINEN, K. & TURUNEN, H. **Nurses' roles in health promotion practice: an integrative review.** *Health Promotion International*, V. 28, n. 4, 2013, p. 490-501. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/das034>. Acesso em 20 Jun 2024.
- KICKBUSCH, I. **Health Literacy Politically reloaded.** *Health Promotion International*. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/daab121>. Acesso em 20 fev. 2023.
- _____. **The Lancet and Financial Times Commission on governing health futures 2030: growing up in a digital world.** 2021. Disponível em <https://www.thelancet.com/commissions/governing-health-futures-2030>. Acesso em 14 Jun 2024.
- KIM, S., OH, J. **The Relationship between E-Health Literacy and Health-Promoting Behaviors in Nursing Students: A Multiple Mediation Model.** *Int J Environ Res Public Health.* 2021;18(11). Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph18115804>. Acesso em 14 Jun 2024.
- KIM, Y. **Outbreak news production as a site of tension: Journalists' news-making of global infectious disease.** *Journalism*, 23(1), 171-188. (2022). Disponível em <https://doi.org/10.1177/1464884920940148>. Acesso em 20 Jun 2024.
- KORNGIEBEL, D.M., Mooney, S.D. **Considering the possibilities and pitfalls of Generative Pre-trained Transformer 3 (GPT-3) in healthcare delivery.** *npj Digit. Med.* 4, 93. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1038/s41746-021-00464-x>. Acesso em 21 fev 2023.
- KOSIR, U., SORENSEN, K. **COVID-19: the key to flattening the curve is health literacy.** *Perspect Public Health.* 2022 Sep;142(5):259-260. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1757913920936717>. Acesso em 14 Jun 2024.
- KREPS, G. L. **The Relevance of Health Literacy to mHealth.** *Stud Health Technol Inform.* 2017;240:347-355. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28972527/> Acesso em 14 Jun 2024.
- KUHN L. *et al.* (2022) **Health Literacy Among University Students: A Systematic Review of Cross-Sectional Studies.** *Front. Public Health.* 2022. Disponível em <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.680999>. Acesso em 14 Jun 2024.
- KUTNER, M. *et al.* **The Health Literacy of America's Adults: Results From the 2003 National Assessment of Adult Literacy** (NCES 2006-483). U.S. Department of Education. Washington, DC: National Center for Education Statistics. Disponível em <https://nces.ed.gov/pubsearch/pubsinfo.asp?pubid=2006483> Acesso em 17 maio 2024.
- LEE, J. N, HICKMAN, A. C. **Keyword Essay: Health Literacy.** *Community Literacy Journal.* V 12, n. 2. p. 72-83. 2018. Disponível em <https://dx.doi.org/10.25148/CLJ.12.2.009103>. Acesso em 16 Jun 2024.



LEVIN-ZAMIR, D., BERTSCHI, I. **Media Health Literacy, eHealth Literacy, and the Role of the Social Environment in Context.** Int J Environ Res Public Health. 2018 Aug 3;15(8):1643. Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph15081643>. Acesso em 16 Jun 2024.

LI, J. & SU, M-H. (2020). **Real Talk About Fake News: Identity Language and Disconnected Networks of the US Public's "Fake News" Discourse on Twitter.** Social Media + Society, 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305120916841>. Acesso em 29 nov. 2022.

LOPES, F., ARAÚJO, R.; **Power to Health Reporters: Health Literacy as a Tool to Avoid Pressures from News Sources.** Port J Public Health.2018; 35 (3): 193–201. Disponível em <https://doi.org/10.1159/000486977>. Acesso em 16 Jun 2024.

LOPEZ, Claude *et al.* **Health Literacy in the United States: Enhancing Assessments and reducing disparities.** Milken Institute. 2002. Disponível em: <https://milkeninstitute.org/report/health-literacy-us-assessments-disparities>. Acesso em 26 nov. 2022.

MACAY, M. *et al.* **Developing public health competency statements and frameworks: a scoping review and thematic analysis of approaches.** BMC Public Health. 2023 Nov 13;23(1):2240. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12889-023-17182-6>. Acesso em 16 jun 2024.

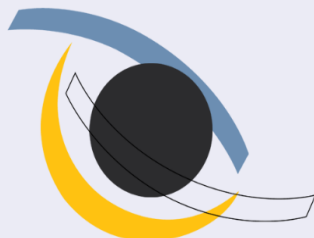
MCCLELLAND, D. C, BOYATZIS, R.E. **Opportunities for Counselors from the Competency Assessment Movement.** The Personal and Guidance Journal. V. 58, n. 5, 1980, *apud* NAGARAJAN, R., PRABHU, R. **Competence and capability – a new look.** International Journal of Management (IJM), v. 6, n. 6. P. 8-12. 2015. Disponível em <http://www.iaeme.com/IJM/issues.asp?JTypeIJM&VType=6&IType=6>. Acesso em 21 Jun 2024.

MAKSIMAINEN, Heini. **Improving the quality of health journalism: when reliability meets engagement.** Reuters Institute Fellowship Paper University of Oxford. 2017. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-09/Maksimainen%2C%20Improving%20the%20Quality%20of%20Health%20Journalism_0.pdf. Acesso em 26 nov. 2022.

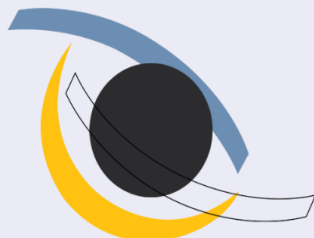
MALTA, D.C. *et al.* **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): capítulos de uma caminhada ainda em construção.** Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2016Jun;21(6):1683–94. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07572016>. Acesso em 20 Jun 2024.

MARTINEZ IGLESIA, M. I., IGLESIAS MONTERO, G., DÁVILA LORENZO, M. **Educación Popular y comunicación para la promoción de salud.** Revista Conrado, 2020 V. 16(77), p. 87-.92 Disponível em <https://conrado.ucf.edu.cu/index.php/conrado/article/view/1571>. Acesso em 16 Jun 2024.

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista: responsabilidade social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



- MEDINA, Cremilda et al. **Cremilda Medina: pedagogia dos afetos na universidade**. RICI : Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 13, n. 2, p. 583-591, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n2.2020.30889> Acesso em: 13 out. 2024.
- MERY, G. et al. **Evaluating investment in quality improvement capacity building: a systematic review**. BMJ Open. 2017 Feb 20;7(2):e012431. Disponível em <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-012431>. Acesso em 16 Jun 2024.
- MINKLER M, Cox K: **Creating critical consciousness in health: Applications of Freire's philosophy and methods to the health care setting**. Int J Health Services 10:311-322. 1980. Disponível em <https://doi.org/10.2190/023K-58E7-6TM8-3RRM>. Acesso em 21 fev 2023.
- MITIC W., ROOTMAN I. **An intersectoral approach for improving health literacy for Canada; a discussion paper**. Vancouver, Public Health Association of British Columbia, 2012. Disponível em <https://phabc.org/wp-content/uploads/2015/09/IntersectoralApproachforHealthLiteracy-FINAL.pdf> Acesso em 23 fev 2023.
- MORIN, Edgar. **Complexidade e ética da solidariedade**. In G. Castro. (Coord.), Ensaios de complexidade (3a ed., p. 11-20). Porto Alegre, RS: Sulina. 2002.
- _____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21ª Ed.. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2014.
- MOSDOL, A. et al. **Targeted mass media interventions promoting healthy behaviours to reduce risk of non-communicable diseases in adult, ethnic minorities**. Cochrane Database Syst Rev. 2017;2(2). Disponível em <https://doi.org/10.1002/14651858.cd011683.pub2>. Acesso em 16 Jun 2024.
- MUSCAT, D.M. et al. **Seeking a deeper understanding of 'distributed health literacy': A systematic review**. Health Expect. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1111/hex.13450>. Acesso em 16 jun 2024.
- NEWMAN, N. **Reuters Institute Digital News Report 2024**. Reuters Institute for the Study of Journalism. 2024. Disponível em [DOI: 10.60625/risj-vy6n-4v57](https://doi.org/10.60625/risj-vy6n-4v57) Acesso em 21 jul 2024.
- NUTBEAM, D. **Health literacy as a population strategy for health promotion**. JJHEP 25 (3) p. 210-222. 2017. Disponível em https://www.jstage.jst.go.jp/article/kenkokyoiku/25/3/25_210/_pdf. Acesso em 16 Jun 2024.
- _____. **Health Literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century**. Health Promotion International, 15 (3), 2000, p.259-267. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/15.3.259>. Acesso em 26 nov. 2022.
- NUTBEAM, D., LEVIN-ZAMIR, D., ROWLANDS, G. **Health literacy and health promotion in context**. Global Health Promotion. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1757975918814436>. Acesso em 13 Jun 2024.
- OKAN, O. et al. **Health Literacy as a social vaccine in the Covid-19 Pandemic**. Health Promotion International. 2022. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35022721/>. Acesso em 20 fev 2023.
- _____. **International Handbook of Health Literacy – Research, practice and policy across the lifespan**. Ed. 1a., Great Britain, Policy Press, 2019. Disponível



em:

<https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/24879>. Acesso em 26 nov. 2022.

OLAOYE, A., ONYENANKEYA, K. ***A systematic review of health communication strategies in Sub-Saharan Africa-2015-2022***. Health Promot Perspect. 2023 Apr 30;13(1):10-20. Disponível em <https://doi.org/10.34172/hpp.2023.02>. Acesso em 16 Jun 2024.

OLIVEIRA-COSTA, M. *et al.* ***De que alimentação estamos falando? Discursos de jornalistas e análise de conteúdo de notícias populares***. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/Interface.180093>. Acesso em 16 Jun 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). As funções essenciais de saúde pública nas Américas - uma renovação para o século 21. Marco conceitual e descrição. Washington, D.C. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.37774/9789275722657>. Acesso em 28 out 2024.

PAACKARI, L; Okan, O. ***Covid-19: health literacy is an underestimated problem***. 2020. Disponível em <https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-26672030086-4/fulltext> Acesso em 20 fev 2023.

PANTOJA, T. *et al.* ***Implementation strategies for health systems in low-income countries: an overview of systematic reviews***. Cochrane Database Syst Rev. 2017, 9(9). Disponível em <https://doi.org/10.1002/14651858.CD011086.pub2>. Acesso em 16 Jun 2024.

PARNELL, T. A. ***Health Literacy – History, definitions and models***. 2014. Disponível em <https://connect.springerpub.com/content/book/978-0-8261-6173-4/part/part01/chapter/ch01> Acesso em 20 fev 2023.

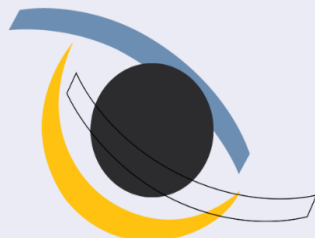
PASHAEI ASL, Y. *et al.* ***Integrated operations for natural disaster management: A systematic Review***. Health Promot Perspect. 2022 Dec 10;12(3): p. 266-272. Disponível em <https://doi.org/10.34172/hpp.2022.33>. Acesso em 13 jun 2024.

PASSAMAI, M. P. B, *et al.* (2012). ***Functional Health Literacy: Reflections and concepts on its impact on the interaction among users, professionals and the health system***. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. 16. 301-314. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-2832012005000027>. Acesso em 16 Jun 2024.

PAVÃO, A. L. B., WERNECK, G. L. ***Literacia para a saúde em países de renda baixa ou média: uma revisão sistemática***. Ciência & saúde coletiva, 2021-09, Vol.26 (9), p.4101-4114. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.05782020>. Acesso em 17 Maio 2024.

PRAHALAD, C. K., HAMEL, G. ***The Core Competence of the Corporation***. Harvard Business Review, V. 68, N. 3, p. 79–91, 1990, *apud* NAGARAJAN, R., PRABHU, R. ***Competence and capability – a new look***. International Journal of Management (IJM), v. 6, n. 6. P. 8-12. 2015. Disponível em <http://www.iaeme.com/IJM/issues.asp?JTypeIJM&VType=6&IType=6>. Acesso em 21 Jun 2024.

PEDRO, A. R., AMARAL, O., ESCOVAL, A. ***Literacia em saúde, dos dados à ação: tradução, validação e aplicação do European Health Literacy Survey em Portugal***. Revista Portuguesa de Saúde Pública, V. 34, tomo 3, 2016, p. 259-275, ISSN 0870-9025. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2016.07.002>. Acesso em 16 Jun 2024.



PERES, F. *Alfabetização, letramento ou literacia em saúde? Traduzindo o conceito de health literacy no Brasil*. Cien Saude Colet (internet). 2022. Disponível em <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/alfabetizacao-letramento-ou-literacia-em-saude-traduzindo-e-aplicando-o-conceito-de-health-literacy-no-brasil/18567?id=18567>. Acesso em 16 Jun 2024.

PERES, Frederico; RODRIGUES, K. M.; SILVA, T. L. *Literacia em Saúde*. Ed. 1ª, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2021.

PETERS, MDJ *et. al. Scoping Reviews*. In JBI Manual for Evidence Synthesis 2020. Disponível em <https://synthesismanual.jbi.global> Acesso em 25 Jan. 2024.

PELICIONI, M. C. F.; PELICIONI, A. F. *Educação e promoção da saúde: uma retrospectiva histórica*, apud PINHEIRO, D. G. M. *et. al. Competências em Promoção da Saúde – desafios da formação*. Saúde Soc. São Paulo, v.24, n.1, p.180-188, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000100014>. Acesso em 21 fev 2023.

POLANCO-LEVICÁN, K.; SALVO GARRIDO, S. *Understanding Social Media Literacy: A Systematic Review of the Concept and Its Competences*. Int. J. Environ. Res. Public Health 2022, 19, 8807. Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph19148807>

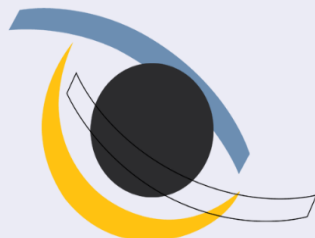
QUANDT, T. (2018). *Dark Participation*. *Media and Communication*, 6 (4): 36-48. Disponível em <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/1519>. Acesso em 28 nov. 2022.

RODRIGUEZ D. *et al. Identificación de las competencias actuales y futuras de los profesionales de la salud pública*. Gac Sanit. 2013 27(5):388-97. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2012.10.005>. Acesso em 16 Jun 2024.

ROTHBERG, D. *et al. Qualidade da comunicação promotora da saúde: como avaliar? Proposta de instrumento de avaliação de campanhas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)*. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 26, p., 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1590/interface.220004>. Acesso em 16 jun 2024.

RUDD Rima E., Comings JP. *Learner developed materials: an empowering product*. Health Educ Q. 1994. Disponível em <https://sci-hub.st/10.1177/109019819402100304>. Acesso em 21 fev 2023.

RUDD, R. E.; COMINGS, J. P.; HYDE, J. N. *Leave no one behind: improving health and risk communication through attention to literacy*. Journal of health communication, v. 8, n. S1, p. 104-115, 2003. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/10810730390224947>. Acesso em 16 Jun 2024.



RUDD, R. E.; MCCRAY, A.T.; NUTBEAM, D. *Health literacy and definition of terms*, in BEGOREAY,D; GILLIS, D & ROWLANDS, G. (Eds). *Health Literacy in Context: international perspectives*. New York: Nova Science Publishers, 2012. Disponível em <https://cdn1.sph.harvard.edu/wp-content/uploads/sites/135/2015/05/Health-Literacy-and-Definition-of-Terms.pdf> Acesso em 20 fev 2023.

SABOGA-NUNES, L.; LEVIN-ZAMIR, D. *et al. A Health Promotion Focus on COVID-19: Keep the Trojan horse out of our health systems. Promote health for ALL in times of crisis and beyond!* EUPHA-HP, IUHPE, UNESCO Chair Global Health & Education. 2020. Disponível em <https://www.iuhpe.org/index.php/en/iuhpenews/1366-covid19-%20health-promo>. Acesso em 22 fev 2023.

SALEHINEJAD, S., JANGIPOUR AFSHAR, P., BORHANINEJAD, V. *Rumor surveillance methods in outbreaks: A systematic literature review*. Health Promot Perspect. 2021 Feb 7;11(1):12-19.. Disponível em <https://doi.org/10.34172/hpp.2021.03>. Acesso em 16 jun 2024.

SANTOS, L.P., FRACOLLI, L. A. *O agente comunitário de Saúde: possibilidades e limites para a promoção da saúde*. Rev Esc Enferm USP. 2010 Mar;44(1):76-83. Portuguese.. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100011>. Acesso em 16 Jun 2024.

SEGADO FERNANDEZ, S. *et al. Health Literacy and Critical Lecture as Key Elements to Detect and Reply to Nutrition Misinformation on Social Media: Analysis between Spanish Healthcare Professionals*. Int J Environ Res Public Health. 2022 Dec 20;20(1):23. Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph20010023>. Acesso em 16 Jun 2024.

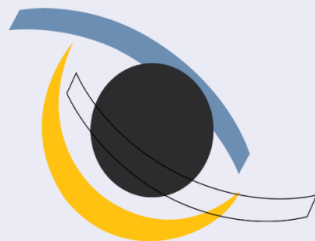
SERBIM A. K.; PASKULIN, L.M.G.; NUTBEAM D.; MUSCAT D.M. *A qualitative study to explore health literacy skills in older people from a disadvantaged community in Brazil*. Global Health Promotion. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1177/17579759211073327> Acesso em 21 fev 2023.

SILK, K.J. *et al. Strategies to increase health literacy in the infant feeding series (TIFS): a six-lesson curriculum for low-income mothers*. Health Promot Pract. 2010 Mar;11(2):226-34.. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1524839908326380>. Acesso em 16 Jun 2024.

SIMONDS, S. K. *Health Education as Social Policy*. Health Education Monographs. 1974;2(1_suppl):1-10. Disponível em <https://doi.org/10.1177/10901981740020S102>. Acesso em 16 Jun 2024.

SNYDER, J. *Social media, online learning, and its application in public health in Effective Use of Social Media in Public Health*, Academic Press, 2023, p.277-292. Disponível em <https://doi.org/10.1016/B978-0-323-95630-7.00013-5>. Acesso em 16 Jun 2024.

SOARES, G.; TEIXEIRA, P. S. *Google anuncia Bard, robô inteligente para competir com ChatGPT*. Folha de S. Paulo. 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/02/google-anuncia-bard-robo-inteligente-para-competir-com-chatgpt.shtml> Acesso em 22 fev 2023.



SORENSEN, K. *Defining Health Literacy Exploring differences and commonalities*, in International Handbook of Health Literacy. Bristol, UK: Policy Press. Retrieved Jun 14, 2024. P. 5-20. Disponível em <https://doi.org/10.51952/9781447344520.ch001>. Acesso em 14 Jun 2024.

_____ *Health literacy is a political choice – A health literacy guide for politicians*. Ed. 1a. Global Health Literacy Academy. 2016.

SORENSEN, K. *et al. Police and Practice Transforming health systems and societies by investing in health literacy policy and strategy*. Research Gate. 2019. Preprint. Disponível em <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.35365.45285>. Acesso em 14 Jun 2024.

_____ *Consortium Health Literacy Project European. Health literacy and public health: A systematic review and integration of definitions and models*. BMC Public Health 12, 80, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-80>. Acesso em 16 Jun 2024.

_____ *Health literacy in Europe: comparative results of the European health literacy survey (HLS-EU)*. European journal of public health. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckv043>. Acesso em 21 fev 2023.

_____ *Health literacy: from a silent epidemic to a social movement*. LinkedIn: Kristine Sorensen. Dinamarca, 28 Jul 2025. Disponível em: <https://abrir.link/NDGoe>. Acesso em: 28 Jul 2025.

STORMACQ, C. *et al. Effects of health literacy interventions on health-related outcomes in socioeconomically disadvantaged adults living in the community: a systematic review*. JBI Evid Synth. 2020 Jul;18(7):1389-1469. Disponível em <https://doi.org/10.11124/jbisrir-d-18-00023>. Acesso em 16 Jun 2024.

SUAREZ CONEJERO, J. *Core Competencies for Public Health: A Regional Framework for the Americas*. Revista Panamericana de Salud Publica. 2013. Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/28439>. Acesso em 16 Jun 2024.

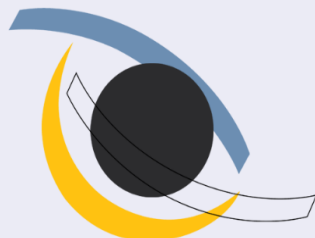
SUMM, A. & VOLPERS, AM.. *What's science? Where's science? Science journalism in German print media*. Public Understanding of Science 2016. Vol. 25(7): 775–790, *apud* MAKSIMAINEN, H. *Improving the quality of health journalism: when reliability meets engagement*. Reuters Institute Fellowship Paper University of Oxford. 2017. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-09/Maksimainen%2C%20Improving%20the%20Quality%20of%20Health%20Journalism_0.pdf. Acesso em 26 nov. 2022.

SVENDSEN, M. T. *et al. Associations of health literacy with socioeconomic position, health risk behavior, and health status: a large national population-based survey among Danish adults*. BMC Public Health. 2020 20(1):565. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08498-8>. Acesso em 16 jun 2024.

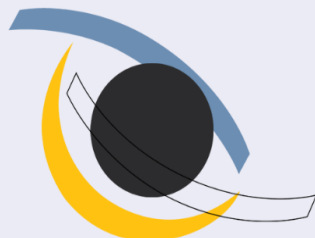
SYKES, S. *et al. Understanding critical health literacy: a concept analysis*. BMC Public Health 13, 150 (2013). Disponível em <https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-150>. Acesso em 16 Jun 2024.

TABAKMAN, Roxana. *A saúde na Mídia – Medicina para jornalistas Jornalismo para médicos*. Ed. 1a. São Paulo. Summus Editorial. 2013, p. 12.

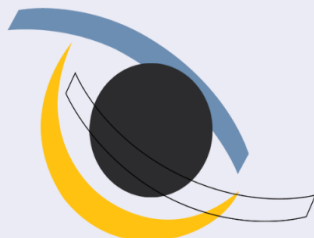
TANDOC Jr., E.; LIM, Z. W; LING, R. (2018). *Defining “Fake News”*. Digital Journalism. 6 (2), 137-153. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>



- TAO, D. *et al.* **Educating the Public Health Workforce: A Scoping Review.** Front Public Health. 2018 Feb 19;6:27. Disponível em <https://doi.org/10.3389/fpubh.2018.00027>. Acesso em 16 Jun 2024.
- TEITELBAUM, Kenneth, APPLE, Michael. **John Dewey.** Currículo sem fronteiras n. 2, v.1. jul/dez. 2001 p. 199. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf> Acesso em 22 fev 2023.
- TRUMAN, E., BISCHOFF, M., ELLIOT, C. **Which literacy for health promotion: health, food, nutrition or media?** Health Promot Int. 2020 ;35(2):432-444. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/daz007>. Acesso em 16 Jun 2024.
- TUDOR CAR, L., KYAV, B.M., ATUN, R. **The role of eLearning in health management and leadership capacity building in health system: a systematic review.** Hum Resour Health. 2018 Sep 3;16(1):44. Disponível em <https://doi.org/10.1186/s12960-018-0305-9>. Acesso em 14 Jun 2024.
- UBERT, T. *et al.* **Community Capacity Building for Physical Activity Promotion among Older Adults-A Literature Review.** Int J Environ Res Public Health. 2017;14(9). Disponível em <https://doi.org/10.3390/ijerph14091058>. Acesso em 24 Jun 2024.
- UCHIMURA, K.Y., BOSI, M.L.M. **Habilidades e competências entre trabalhadores da Estratégia Saúde da Família.** Interface (Botucatu) 2012;16(40):149–60. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000006>. Acesso em 16 Jun 2024.
- UNITED STATES. **Department of Health and Human Services, Office of Disease Prevention and Health Promotion. National Action Plan to Improve Health Literacy.** Washington, DC. 2010. Disponível em https://health.gov/sites/default/files/2019-09/Health_Literacy_Action_Plan.pdf. Acesso em 21 fev 2023.
- URBINA LAZA, O. **Metodología para la evaluación de las competencias laborales en salud.** Rev Cubana Salud Pública, Ciudad de La Habana, v. 36, n. 2, p. 165-174, jun. 2010. Disponível em <http://ref.scielo.org/34dy7s>. Acesso em 16 Jun 2024.
- URSTAD, K.H. *et al.* **Definitions and measurement of health literacy in health and medicine research: a systematic review.** BMJ Open. 2022 Feb 14;12(2). Disponível em <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2021-056294>. Acesso em 16 Jun 2024.
- VAN DEN BROUCKE S. **Why health promotion matters to the COVID-19 pandemic, and vice versa.** Health Promotion International. V. 35, n. 2, 2020, p. 181. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/daaa042>. Acesso em 16 jun 2024.
- _____. **Capacity building for health literacy in OKAN, O. et al. International Handbook of Health Literacy – Research, practice and policy across the lifespan.** Ed. 1a., Great Britain, Policy Press, p. 705-719. 2019. Disponível em <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/24879>. Acesso em 16 Jun 2024.
- _____. **Capacity building for health literacy,** European Journal of Public Health, v. 28, n. supl_4, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1093/eurpub/cky213.649>. Acesso em 16 Jun 2024.
- _____. **Health literacy: a critical concept for public health.** Arch Public Health. 2014;72(1):10. Disponível em <https://doi.org/10.1186/2049-3258-72-10>. Acesso em 16 Jun 2024.



- VENTOLA, C.L. *Social media and health care professionals: benefits, risks, and best practices*. P T. 2014; 39(7):491-520. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4103576/>. Acesso em 14 Jun 2024.
- VOCABOLARIO ETIMOLOGICO DELLA LINGUA ITALIANA. **Francesco Bononi** - *Dizionario etimológico, verbete lettera*, s/d. Disponível em <https://www.etimo.it/?term=lettera&find=Cerca>. Acesso em 07 jul 2024.
- VOSS, M. *Checking the pulse: Midwestern reporters' opinions on their ability to report health care news*. American Journal of Public Health 92(7):1158–1160, in Institute of Medicine. 2003. The Future of the Public's Health in the 21st Century. Washington, DC: The National Academies Press. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK221239/>. Acesso em 17 Maio 2024.
- WARREN, R. et al. *Public health competencies for pharmacists: A scoping review*. Pharmacy Education, v. 21, p. 731–758, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.46542/pe.2021.211.731758>. Acesso em 13 Jun 2024.
- WATSON, Peter. *The modern mind; an intellectual history of the 20th Century. The pragmatic mind of América*. New York: Perennial, 2002. p.5.
- WEISS, BD. et al. *New Directions for Health Literacy Research*. Health Lit Res Pract. 2023 Oct;7(4):e225-e228. Disponível em <https://doi.org/10.3928/24748307-20231119-01>. Acesso em 24 Jul 2025.
- WHITE, F. *The Imperative of Public Health Education: A Global Perspective*. T Med Princ Pract. 2013;22(6):515-29. Disponível em <https://doi.org/10.1159/000354198>. Acesso em 16 Jun 2024.
- WINCH, R. R. *Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo*. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa v.5, n.2, p.89-105, Jul/Dez 2018. Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12277> Acesso 2 maio de 2024.
- WORLD ECONOMIC FORUM. *Future of Jobs Report*. 2023. Disponível em https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2023.pdf. Acesso em 01 maio 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Health Literacy the solid facts*. Geneva. 2013. Disponível em <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/128703/e96854.pdf> Acesso em 16 Jun 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Health promotion glossary of terms*. Geneva. 2021. Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/9789240038349>. Acesso em 16 Jun 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Infodemics*. S/d. Disponível em https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1 Acesso em 22 fev 2023.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Jakarta Declaration on Leading Health Promotion into de 21st century*. Geneva. 1997. Disponível em <https://www.who.int/teams/health-promotion/enhanced-wellbeing/fourth-conference/jakarta-declaration> Acesso em 21 fev 2023
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Nairobi Call to Action*. Geneva. 2009. Disponível em <https://www.who.int/teams/health-promotion/enhanced-wellbeing/seventh-global-conference> Acesso em 21 fev 2023.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Shangai Declaration on Promoting Health in the 2030 Agenda for Sustainable Development*. Geneva. 2016. Disponível



em <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-NMH-PND-17.5> Acesso em 21 fev 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *The Ottawa Charter for Health Promotion*. Geneva, 1986. Disponível em <https://www.who.int/teams/health-promotion/enhanced-wellbeing/first-global-conference> Acesso em 21 fev 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *7th Global Conference on Health Promotion Promoting Health and Development: Closing the Implementation Gap*. Nairobi, Kenya, 26-30 October 2009. Disponível em <https://www.who.int/teams/health-promotion/enhanced-wellbeing/seventh-global-conference>. Acesso em 25 jan 2024.

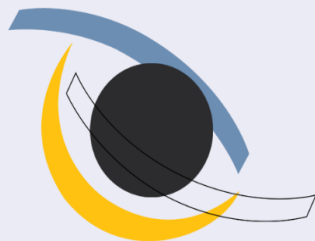
WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Classifying health workers: mapping occupations to the international standard classification*. Geneva. 2019. Disponível em <https://www.who.int/activities/improving-health-workforce-data-and-evidence>. Acesso em 02 Maio 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Health literacy development for the prevention and control of noncommunicable diseases*, V.1. Overview. Geneva:. 2022. Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/9789240055391>. Acesso em 02 Maio 2024.

ZANOBINI, P. *et al. Empowering Sustainable Healthcare: The Role of Health Literacy*. Sustainability, v. 16, 3964. 2024. Disponível em <https://doi.org/10.3390/su16103964> . Acesso em 21 Jun 2024.

ZARCADOOLAS, C. *et al. Understanding health literacy: an expanded model*. Health Promotion International, 20 (2). 2005, p. 195-203. Disponível em <https://doi.org/10.1093/heapro/dah609>. Acesso em 26 nov. 2022.

ZIELINSKI C. *Infodemics and infodemiology: a short history, a long future*. Rev Panam Salud Publica. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.40>.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Produtores de conteúdo sobre saúde: o combate à disseminação de *fake news* e a influência e manipulação do produtor de conteúdo do *Instagram* sobre o uso de Tadalafila**

Luis Felipe do Nascimento Rodrigues¹
Sabine Righetti²

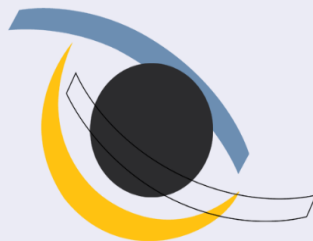
A divulgação da saúde no espaço digital passou a ser reconhecida como um novo determinante social da saúde, dada a crescente influência das redes sociais na construção de comportamentos, percepções e decisões sobre saúde e bem-estar (MORLEY *et al.*, 2020; KICKBUSCH *et al.*, 2021). Um campo de pesquisa emergente vem analisando a interseção entre redes sociais e saúde pública, com atenção à disseminação de desinformação e à atuação de produtores de conteúdo digitais (SIQUEIRA *et al.*; 2024; VOGEL *et al.*, 2021; RICHARDS *et al.*, 2015). Estudos indicam que a mídia social, não regulada e pela predominância de conteúdo gerado por usuários, tem potencial para ampliar o acesso à informação como propagar mensagens enganosas e prejudiciais (SUAREZ-LLEDO *et al.*, 2021). No Brasil, esse cenário se torna ainda mais complexo por conta da popularidade massiva de plataformas como o *Instagram*, que concentra cerca de 141 milhões de usuários ativos (OPINION BOX, 2024).

A presente pesquisa se propõe a analisar o fenômeno da promoção, no *Instagram*, da tadalafila — medicamento aprovado pela Anvisa para disfunção erétil, hiperplasia prostática benigna e hipertensão pulmonar — por produtores de conteúdo sem formação médica e de forma *off label*, sobretudo como recurso para melhora do desempenho sexual e como pré-treino. Essa prática, frequentemente divulgada em tom humorístico ou de recomendação direta, representa risco sanitário, pois estimula a automedicação e banaliza os efeitos colaterais do fármaco. A decisão por abordar esse tema se justifica pela alarmante popularização da prática: a tadalafila está entre os três medicamentos mais vendidos no Brasil, evidenciando o impacto das mídias digitais no comportamento de consumo de medicamentos e na medicalização da vida cotidiana.

O estudo está sendo conduzido por meio de uma análise de doze perfis do *Instagram*, entre janeiro e junho de 2025, a partir da busca pelo termo "tadalafila" e de *hashtags* relacionadas (#academia, #fitness, #dieta, #suplementação, entre outras). A seleção seguiu critérios de elegibilidade que permitiram categorizar os perfis entre aqueles que condenam o uso *off label* do medicamento, os que promovem diretamente seu consumo

¹ Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail do autor: luisfelipenr@hotmail.com

² Pesquisadora e professora no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: sabine@unicamp.br.



indevido, os profissionais de saúde que participam do discurso com endosso indireto, produtores com viés humorístico e perfis comerciais que comercializam derivados ou manipulados da substância.

A metodologia inclui observação dos indicadores de engajamento (curtidas, comentários, visualizações, compartilhamentos, número de seguidores), natureza dos comentários (aceitação ou rejeição das informações), avaliação da informação compartilhada (informativa ou persuasiva) e análise do tipo de técnicas de convencimento. Também é observado o uso do selo de verificação, que pode reforçar a percepção de autoridade mesmo sem respaldo científico. Chama atenção o viés de gênero presente nas postagens, direcionadas exclusivamente ao público masculino, com ênfase em *performance* sexual e corporal.

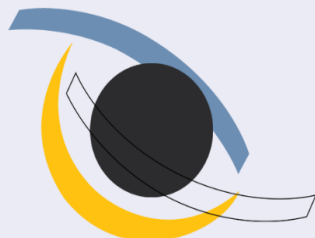
Autores como FREBERG *et al.* (2011) e ZOU *et al.* (2021) já haviam apontado o crescente papel dos produtores de conteúdo digitais na definição de comportamentos de consumo. No contexto da saúde, a confiança atribuída a essas figuras, muitas vezes mais do que a profissionais ou órgãos reguladores, deriva da construção de vínculos simbólicos baseados em autenticidade percebida e engajamento emocional. O estudo de LOU *et al.* (2019) demonstrou que a eficácia da influência digital não depende apenas do conteúdo, mas também das características pessoais do produtor de conteúdo e da estética da comunicação. No caso da tadalafila, a linguagem utilizada, a repetição dos conteúdos e o apelo visual das postagens contribuem para normalizar o uso inadequado do medicamento.

A discussão se amplia para a responsabilidade das plataformas digitais diante da circulação de *fake news* em saúde. Enquanto iniciativas legislativas como o PL 2630/2020 (chamado de PL das *Fake News*) e o Marco Civil da *Internet* avançam em debates regulatórios, ainda há lacunas na responsabilização dos aplicativos e na garantia de mecanismos eficazes de checagem e contenção da desinformação. Além disso, a ausência de educação midiática e científica da população amplia a vulnerabilidade a esse tipo de conteúdo. A literatura aponta que o letramento digital e científico pode fortalecer a autonomia crítica dos usuários, diminuindo o impacto da desinformação em saúde.

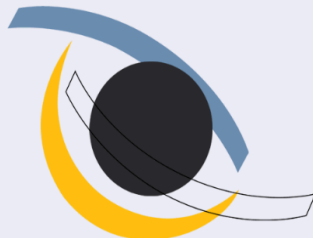
Conclui-se, até o momento, que a influência dos produtores de conteúdo na área da saúde, especialmente quando promovem o uso indevido de medicamentos, representa um desafio para a saúde pública, para a comunicação científica e para a regulação digital. A banalização do uso da tadalafila no *Instagram* reflete um fenômeno mais amplo de medicalização guiada por discursos de *performance*, estética e virilidade. O estudo alerta para a necessidade de uma atuação conjunta entre profissionais de saúde, pesquisadores, legisladores e plataformas digitais, de modo a proteger a população da desinformação e promover práticas comunicacionais éticas e baseadas em evidência.

Palavras-chave: Saúde; Tadalafila; Redes Sociais; *Instagram*; *Fake News*.

REFERÊNCIAS



- FREBERG, K. et al. Who are the social media influencers? A study of public perceptions of personality. *Public Relations Review*, 2011.
- KICKBUSCH, I. et al. The Lancet and Financial Times Commission on governing health futures 2030: growing up in a digital world. *The Lancet*, 2021.
- LOU, C.; KIM, H. Fancying the new rich and famous? Understanding the roles of influencer content, credibility and parasocial relationship in purchase intentions. *Journal of Interactive Advertising*, 2019.
- MORLEY, J. et al. Health Data Ecosystems: Challenges and Opportunities. *The Lancet Digital Health*, 2020.
- OPINION BOX. Relatório Instagram no Brasil 2024. Belo Horizonte: Opinion Box, jan. 2024. Disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/relatorio-instagram-no-brasil>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- RICHARDS, D. et al. The impact of social media on children, adolescents, and families. *Pediatrics*, 2015.
- SIQUEIRA, L. F. et al. Impacto Das Mídias Sociais Na Saúde Mental De Adolescentes E Jovens Adultos. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 1384–1390, 2024.
- SUAREZ-LLEDO, V.; ALVAREZ-GALVEZ, J. Prevalence of health misinformation on social media: Systematic review. *Journal of Medical Internet Research*, 2021.
- VOGEL, E. A. et al. Social media's impact on health behavior: A literature review. *Health Psychology Review*, 2021.
- ZOU, L. X. et al. Health-related digital content from influencers: A content analysis of Instagram posts. *Journal of Health Communication*, 2021.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Popularizando a Biologia Evolutiva: o impacto do programa de extensão “Evolução para Todos” na divulgação científica sobre Eco-Evo-Devo

Lorenzo Alves Mascarenhas de Almeida¹

Jocinete Silva Ribeiro²

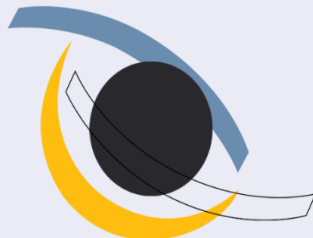
Luciana Aguilar-Aleixo³

A Biologia Evolutiva é considerada o eixo integrador das Ciências Biológicas, uma vez que o conhecimento dessa área é imprescindível para a compreensão dos demais campos da Biologia. Desde que a teoria da evolução por seleção natural foi proposta no século XIX, novos conhecimentos têm sido agregados a ela. No século XX, com os avanços da Genética, mediante a redescoberta dos trabalhos de Gregor Mendel, foi proposta a Síntese Moderna Evolutiva que uniu os conhecimentos da Evolução com os princípios da Genética Populacional. Mais recentemente, a Biologia Evolutiva do Desenvolvimento Ecológico, também conhecida como Eco-Evo-Devo surgiu como um campo que estuda a interação entre a Ecologia (Eco), a Evolução (Evo) e a Biologia do Desenvolvimento (Devo), investigando como as mudanças ambientais podem levar a variações que impactam na capacidade adaptativa das populações a determinados ambientes, ampliando a compreensão da teoria evolutiva já consolidada. Diante das aceleradas mudanças ambientais globais, torna-se crucial entender como os organismos se adaptam através de processos evolutivos e de desenvolvimento. Essa compreensão é vital para prever e mitigar os impactos na biodiversidade. Nesse cenário, a Eco-Evo-Devo se apresenta como um arcabouço teórico fundamental para desvendar a complexidade dessas respostas e suas importantes implicações para a conservação da biodiversidade. No entanto, apesar da importância, tanto para o meio acadêmico, quanto para o social, há alguns desafios no que se refere à divulgação do conhecimento evolutivo devido a fatores como crenças, ideologias e concepções distorcidas. Diante disso, as mídias sociais, como o *Instagram*, são importantes ferramentas que podem ser utilizadas para a divulgação do conhecimento científico e combate ao negacionismo, uma vez que através delas é possível alcançar um público diversificado. Nesse sentido, o programa de extensão “Evolução para Todos” completou cinco anos, realizando divulgação científica no *Instagram* e na rádio universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

¹ Graduando em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. lorenzomascarenhas2003@gmail.com.

² Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. jocinetesilva5@gmail.com.

³ Professora do Departamento de Ciências Naturais (DCN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. lucianaaleixo@uesb.edu.br.



(UESB FM), utilizando uma linguagem acessível. Com o intuito de aproximar o conhecimento evolutivo do cotidiano das pessoas, são realizadas postagens variadas, contando com *posts* informativos, curiosidades, indicações e entrevistas. Além disso, o programa também realiza eventos on-line e presenciais, como palestras e mesas-redondas. Entre os dias 30 de julho e 3 de agosto de 2024, o “Evolução para Todos” abordou a temática de Eco-Evo-Devo. Para tanto, foram realizadas três postagens no *Instagram* abordando esse tema, sendo um *post* principal em formato de carrossel, contendo informações explicativas sobre o assunto, um *podcast*, publicado em formato de *reels* e também veiculado na UESB FM e um *reels* de uma entrevista com um professor especialista na área no quadro “Kikiki evolutivo”, que busca trazer informações por meio de vídeos curtos de maneira descontraída. Os resultados constataram que, no geral, houve um amplo alcance através do *Instagram*. Foram 2.176 visualizações e 104 curtidas ao *post* principal, 802 visualizações e 42 curtidas ao *podcast* e 1.138 visualizações e 42 curtidas ao “Kikiki evolutivo”. Portanto, o programa conseguiu abordar a temática utilizando uma linguagem inteligível e observou-se que a publicação do *post principal* foi a que obteve uma maior visibilidade. Em síntese, o programa “Evolução para Todos” demonstra o imenso potencial das mídias sociais, como o *Instagram*, na democratização do conhecimento científico. Ao abordar temas complexos como a Eco-Evo-Devo de forma acessível e engajadora, o programa não apenas amplia a compreensão da Biologia Evolutiva entre um público diversificado, como evidenciado pelo alcance das publicações, mas também reforça o papel da extensão universitária no combate ao negacionismo e na promoção de uma sociedade mais informada. A experiência com a temática Eco-Evo-Devo ressalta a relevância de estratégias comunicacionais inovadoras para conectar a academia com as necessidades sociais e ambientais urgentes de nosso tempo.

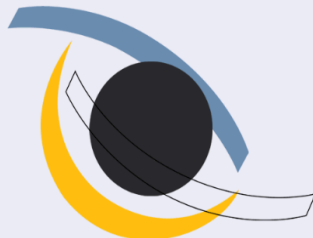
Palavras-chave: Biologia Evolutiva; Democratização da Ciência; Ecologia; Evolução Biológica; Mídias Sociais.

REFERÊNCIAS

ABOUHEIF, E.; FAVÉ, M.-J.; IBARRARÁN-VINIEGRA, A. S.; LESOWAY, M. P.; RAFIQI, A. M.; RAJAKUMAR, R. Eco-Evo-Devo: The Time Has Come. In: LANDRY, C. R.; AUBIN-HORTH, N. (orgs.). **Ecological Genomics: Ecology and the Evolution of Genes and Genomes**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2014. p. 107–125. DOI 10.1007/978-94-007-7347-9_6.

ARÁUJO, L. A. L. **Evolução Biológica: da pesquisa ao ensino**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

OLIVEIRA, T. B. *et al.* Eco-Evo-Devo: uma (re) leitura sobre o papel do ambiente no contexto das Ciências Biológicas. **Filosofia e História da Biologia**, v. 11, n. 2, p. 323-346, 2016. Disponível em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-11-2/FHB-v11-n2-09.html>. Acesso em: 2 jul. 2025.

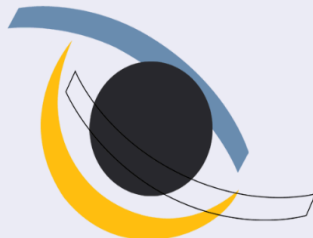
**MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA****Epigenética e Evolução em diálogo no programa de extensão
“Evolução Para Todos”**

Jocinete Silva Ribeiro¹
Luciana Aguilar-Aleixo²

O termo “epigenética” deriva do grego “epi”, que significa “acima” ou “sobre”. Essa área das Ciências Biológicas é responsável por estudar as alterações no genoma que não modificam a sequência do DNA, mas que podem ser transmitidas para as próximas gerações. Essas alterações se devem a mecanismos epigenéticos, como a modificação das histonas, que são proteínas que atuam na compactação do DNA, a metilação do DNA e a atuação de microRNAs que regulam a expressão gênica sem provocar modificações no código genético. Por muito tempo acreditou-se que as características que são transmitidas de uma geração para outra eram determinadas somente pela sequência nucleotídica dos genes. No entanto, hoje se sabe que fatores não genéticos também podem exercer influência e serem transmitidos para gerações futuras, tornando mais ampla a compreensão acerca dos processos de herança biológica. No contexto da Evolução, a epigenética é um mecanismo importante, uma vez que, conforme indicam pesquisas, aspectos ambientais podem causar mudanças epigenéticas, as quais influenciam a expressão dos genes sem alterar a sequência nucleotídica, gerando novas variações fenotípicas. Essas alterações podem influenciar a capacidade de adaptação dos organismos a determinados ambientes, tendo em vista que contribuem para o surgimento de novas variações sobre as quais a seleção natural atua. Desse modo, a epigenética não anula a teoria da evolução por seleção natural proposta por Charles Darwin, mas sim fornece um entendimento mais amplo acerca dos mecanismos que causam variações fenotípicas. Entretanto, apesar de ser um tema atual e de extrema importância, muitas vezes, ainda é pouco abordado no contexto educacional. Além disso, o ensino dessa área enfrenta desafios devido ao alto nível de abstração exigido para sua compreensão. Nesse contexto, as redes sociais emergem como ferramentas importantes na disseminação do conhecimento, inclusive o científico, alcançando um público diverso. Tendo isso em vista, o programa de extensão “Evolução Para Todos”, criado em 2020, tem como objetivo principal tornar o conhecimento evolutivo mais próximo da realidade das pessoas. Isso é feito por meio de publicações no *Instagram* e da veiculação de *podcasts* na rádio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB FM). A dinâmica do programa funciona mediante a divisão da equipe em grupos, sendo que

¹Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. jocinetesilva5@gmail.com.

²Professora do Departamento de Ciências Naturais (DCN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. lucianaaleixo@uesb.edu.br.



cada grupo fica responsável pelas produções publicadas em uma semana. Uma temática norteadora é escolhida pela equipe a cada mês e diferentes aspectos são explorados semanalmente. Diante disso, no período de 16 a 21 de julho de 2024, o referido programa dedicou suas atividades à divulgação de conteúdos sobre epigenética. Foram realizadas três postagens no *Instagram*, sendo um *post* explicativo, contendo informações científicas sobre a temática, um *podcast* em formato de *reels* e também veiculado na UESB FM e um “Kikiki evolutivo”, quadro do programa que busca trazer informações por meio de vídeos curtos de forma descontraída ou mediante entrevistas com profissionais, também em formato de *reels*. O *kikiki evolutivo* consistiu em uma entrevista com uma professora especialista na área. Os resultados demonstraram que as publicações da referida semana tiveram um amplo alcance no *Instagram*. O *post* explicativo obteve 3.926 visualizações e 100 curtidas. O *podcast* registrou 697 visualizações e 35 curtidas, porém mais pessoas foram alcançadas com esse conteúdo, haja vista a sua veiculação na UESB FM. E o vídeo do “Kikiki evolutivo” obteve 700 visualizações e 36 curtidas. Tais dados demonstram a eficácia da estratégia de comunicação utilizada, uma vez que ao combinar diferentes formatos de conteúdos no *Instagram* e promover também a veiculação do *podcast* na rádio universitária, foi possível ampliar de maneira significativa o acesso à informação. Dessa forma, nota-se a importância do programa “Evolução para Todos” na divulgação do conhecimento científico para além dos muros da universidade, tendo em vista a grande quantidade de pessoas alcançadas, evidenciando o papel da extensão universitária como ponte entre a universidade e a sociedade. Iniciativas como essa tornam o conhecimento acessível, promovem a participação popular e contribuem para a formação acadêmica e pessoal dos estudantes de graduação envolvidos.

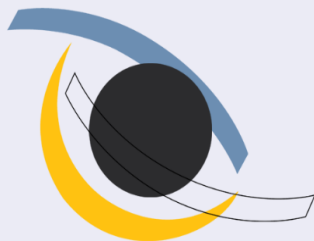
Palavras-chave: Conhecimento evolutivo; Expressão gênica; Interação gene-ambiente; Popularização da Ciência.

REFERÊNCIAS

CAMILLONI, G. The Evolutionary Reasons of Epigenetics. **DNA**, v. 5, n. 1, p. 6, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-8856/5/1/6>. Acesso em: 20 jul. 2025.

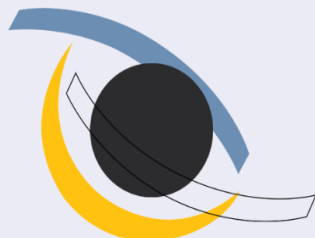
SOUZA, R. C. *et al.* @Univestudar: uso do Instagram para aprender mais e melhor. **Expressa Extensão**, v. 27, n. 1, p. 17-30, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/21533>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SPADAFORA, C. The epigenetic basis of evolution. **Progress in Biophysics and Molecular Biology**, v. 178, p. 57-69, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0079610723000111>. Acesso em: 18 jul. 2025.

**MODELO AMARELO – PROJETO DE PESQUISA****Os rastros da ciência no debate midiático sobre o petróleo na
Amazônia**Juliana de Oliveira Vicentini¹

Historicamente, a Amazônia tem sido explorada para atender aos interesses econômicos, como drogas do sertão, borracha, madeira, minério, agronegócio e produção energética (Ioris; Ioris, 2022). A Foz do Amazonas é o novo alvo do Estado e do setor petrolífero para a extração de mais de seis bilhões de barris (Empresa de Pesquisa Energética, 2024). Diante das controversas em torno da exploração de petróleo naquela bacia sedimentar, a ciência é fundamental para auxiliar as pessoas a se posicionarem a respeito do tema a partir de dados confiáveis. Um dos contextos que fontes científicas ganham projeção nacional é o midiático. A Folha de S. Paulo (FSP) é de propriedade do Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil (Fernandes; Pasti, 2022). O jornal é uma mídia multiplataforma que pode ser acessado impresso e *online* (versão digital, redes sociais, aplicativos e sites). A organização de conteúdos pela mídia não ocorre de maneira aleatória, uma vez que ela carrega consigo posicionamentos e motivações variadas. A forma como a mensagem é organizada exerce influência sobre o entendimento das pessoas sobre determinados acontecimentos. Estas escolhas são investigadas pela teoria do enquadramento. Enquadrar é “selecionar alguns aspectos de uma realidade [...] e torná-los mais salientes em um texto [...], de modo a promover uma definição do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação” (Entman, 1993, p. 52). O objetivo geral é analisar o tipo de enquadramento científico (como a ciência é apresentada nas reportagens e notícias, o que envolve a maneira como os dados e informações são disponibilizados) nos conteúdos publicados pela FSP sobre a exploração de petróleo na Amazônia. A metodologia utilizada baseou-se na análise de conteúdo. Esta é composta por “procedimentos sistemáticos [...] para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos [...], buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos” (Sampaio; Lycarião, 2021, p. 6). O recorte temporal selecionado começou em 19 de maio de 2025 - data em que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) autorizou a Petrobras a realizar a Avaliação Pré-Operacional (simulações reais de vazamento de petróleo com testes de resgate de fauna) na bacia da Foz do Amazonas - e perdurou até o dia 31 do referido mês, a fim de verificar a continuidade da pauta. O critério de seleção dos conteúdos considerou a presença de uma das seguintes palavras-chave no título da publicação da FSP: Foz do Amazonas; Margem Equatorial; Petróleo na Amazônia. Esses termos foram definidos para garantir que o conteúdo tivesse como foco o tema em questão. O levantamento de dados foi operacionalizado na plataforma *online* do enunciador. A amostra foi composta por notícias e reportagens, cuja selecionadas foram arquivadas em formato PDF para posterior tabulação em planilha do Excel. No período de 12 dias, três conteúdos foram publicados pela FSP e integraram a amostra. Cada reportagem trouxe uma fonte científica, apenas, totalizando três ocorrências. Os enquadramentos identificados foram:

¹ Pós-doutorado na Universidade de São Paulo. E-mail: ju_vicentini@yahoo.com.br



tecnocientífico (ênfase em dados técnicos) quando o Observatório do Clima afirma que a expansão da extração de petróleo no Brasil tem ocorrido sem análise de consequências ambientais; econômico (foco em dados sobre investimentos) ocasião em que o Instituto de Estudos Socioeconômicos menciona que menos de 1% da renda do petróleo é revertida em soluções ambientais; político-institucional (destaque para decisões governamentais), quando o Observatório do Clima critica a pressão política existente para reduzir o prazo de avaliação de órgãos ambientais para emitir a licença de autorização para exploração de petróleo na Amazônia. Os respectivos enquadramentos trazem argumentos que não são favoráveis ao empreendimento petrolífero e disputam espaço com o restante do conteúdo que traz informações positivas sobre a extração na Foz do Amazonas. As fontes científicas apareceram de maneira pontual e são tímidas se comparadas a presença de fontes oficiais (associadas ao governo), as quais tiveram 13 ocorrências, com destaque para Petrobras, Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás, e Ministério de Minas e Energia. Os resultados demonstram que a pouca representatividade da ciência nos conteúdos analisados indica que a exploração de petróleo na Foz do Amazonas foi abordada pela FSP de uma maneira mais política do que técnica, o que reforça viés econômico e interesse de determinados segmentos. Ao mesmo tempo, acaba enfraquecendo o papel dos cientistas, sobretudo, quando contradizem narrativas de fontes oficiais. Para garantir uma informação orientada por evidências que contemple a complexidade socioambiental que essa pauta exige, é essencial que a mídia disponibilize mais espaço para especialistas, promovendo maior equilíbrio entre os tipos de fontes. Isso é importante para fortalecer o diálogo entre ciência e sociedade sobre uma atividade em um dos biomas mais relevantes para o planeta, e principalmente, para informar as pessoas com argumentos que ultrapassem interesses imediatistas.

Palavras-chave: Jornalismo científico; Análise de conteúdo; Enquadramento; Amazônia; Folha de S. Paulo.

REFERÊNCIAS

Empresa de Pesquisa Energética. *Estimativa volumétrica da foz do rio Amazonas*. 2024. Disponível em: https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-846/AP-EPE-DPG-SPG_16-2024-Volumetria%20da%20FZA_publica%201.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

Entman, R. M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

Fernandes, I. V.; Pasti, A. Territórios da mídia no Brasil: a notícia e os círculos globais, nacionais e regionais-locais de informações. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 108, 2022, p. 113-131.

Ioris, A. A. R.; Ioris, R. R. (orgs.). *Amazônia no século XXI: trajetórias, dilemas e perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2022.

Sampaio, R. C.; Lycarião, D. *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília: Enap, 2021.